

SÉRIE LIVIO THY

LIVRO II

A romantic close-up of a young man and woman about to kiss. The man is on the left, looking down at the woman on the right. The woman has her hand near her chin. The background is a soft-focus green outdoor setting.

*Quando a
paixão vira*
AMOR

DANIELA GATI



*Quando a
paixão vira*
AMOR

SÉRIE LIVIO THY

LIVRO II

DANIELA GATI

Copyright© By Daniela Gati

Capa por: Angel Designer
Diagramação por: Gabriela Servo E Thais Oliveira
Revisão por: Shintya C. Peres

Dados internacionais de catalogação (CIP)

Gati, Daniela

Quando a paixão vira amor

1ª Ed

São Paulo, 2019

1.Literatura Brasileira. 2. Literatura Erótica. 3. Romance. Título I.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Está é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela autora.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Sumário

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

BÔNUS – BRENO E GIULIA

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

BÔNUS – LAURA E HEITOR

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

BÔNUS – LAURA E HEITOR

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

BÔNUS – BRENO E GIULIA

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

BÔNUS – LAURA E HEITOR

<u>CAPÍTULO 27</u>	
<u>CAPÍTULO 28</u>	
<u>CAPÍTULO 29</u>	
<u>CAPÍTULO 30</u>	
<u>CAPÍTULO 31</u>	
<u>CAPÍTULO 32</u>	
<u>CAPÍTULO 33</u>	
<u>CAPÍTULO 34</u>	
CAPÍTULO 35	
.....	349
<u>CAPÍTULO 36</u>	
<u>EPÍLOGO</u>	



JOHN LIVIOETHY

É engraçado como só nos damos conta que fizemos uma merda, quando já não tem mais volta. Eu sempre repudiei homens estúpidos e que só pensam com a cabeça de baixo, mas por ironia ou burrice, acabei fazendo o mesmo. Meu pai, Lucas Liviothy, vive dizendo que um erro não justifica o outro e que tenho que ser justo e tratar as pessoas, com respeito acima de tudo. Ele é um homem sábio e estou sempre buscando seus conselhos. Errei feio, em não o ouvir sobre como lidar com Hannah.

Hannah tem um gênio dos infernos, posso até dizer que nossa relação é baseada em Tom e Jerry, metade do dia ou estamos discutindo por algo banal ou estamos na maior pegação, em minha sala ou na dela.

— Burro! — exclamo. — Você é burro, John. — Esmurro minha mesa de trabalho, tentando descontar minha raiva em um pedaço de madeira.

Eu ainda não havia percebido, mas, Hannah Parker é bem mais que uma foda, é bem mais que uma simples auxiliar administrativa. Hannah sempre me respeitou e foi sincera comigo. Coisa que Amanda e Diana não foram.

Hannah é dona do meu coração, ela é a dona da porra toda.

Cresci com meu pai dizendo que na hora certa, eu saberia quem era a mulher da minha vida. Meu coroa me ensinou, que muitas mulheres iam passar por minha vida, mas que somente uma ia mexer comigo, mais uma vez ele estava certo.

Passei correndo pela porta do meu escritório, ignorando meu pai, que está segurando algo em suas mãos, tentando me entregar a qualquer custo.

— John, eu estou falando com você. Volta aqui garoto.

— Agora não, pai. — Paro por um instante, apenas para olhar nos olhos dele. — Ela apareceu.

Ele sorri e me olha como se tivesse nascido um terceiro olho bem no meio da minha testa.

— Quem apareceu?

— A mulher da minha vida, pai. Foi ela quem apareceu. Agora entendo quando o senhor dizia que eu saberia reconhecer a garota certa.

— Hannah. — Meu pai murmura com um sorriso maroto. Deixando claro sua satisfação. — Hannah Parker, não é mesmo?

— Ela mesma! Agora eu preciso ir atrás da minha mulher.

— Então vai logo, garoto — incentiva-me, dando-me um tapa de leve no ombro. Entro no elevador e antes das portas se fecharem, meu coroa sorri mais uma vez e diz: — E, ai de você se voltar sem ela. Agora vá alcançar sua garota. — As portas se fecham, deixando em minha mente a imagem do meu pai sorrindo, feliz por mim.

A descida até o térreo é uma tortura dos infernos, parece que nunca vai chegar. Quando o elevador finalmente para, abrindo as portas. Saio correndo e por um milésimo de segundos, consigo alcançá-la, impedindo a mulher da minha vida de ir embora para sempre.

Ela está prestes a entrar em um táxi e estou tentando não morrer de um infarte fulminante. Sou um jovem saudável e prático esportes, mas definitivamente correr não faz parte do meu cotidiano. Eu não tenho preparo físico para isso.

— Hannah, eu te amo! — Declaro quase sem fôlego.

Estou meio curvado, com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando não morrer sem ar. Olho para os lados e vejo várias pessoas à nossa volta. Elas estão paradas, esperando para ver o pequeno espetáculo.

— Moça, você vai entrar ou vai ficar? — O taxista indaga sem paciência.

Hannah me olha com atenção e é possível ver um brilho em seu olhar. Serei o homem mais feliz do mundo, se ela ficar.

Sinto meu coração parar de bater, em expectativa.

Nada podia me preparar para o que ela diria logo em seguida.



JOHN LIVIOTHY

Quem me ver sentado atrás de uma mesa de escritório de advocacia, nem de longe imagina a dor de cabeça que causei aos meus pais há quase três anos, quando me apaixonei por uma vadia que só se aproximou de mim por interesse financeiro e para ajudar sua mãe vadia a se vingar de meu pai.

A única coisa boa nessa história foi o nascimento da minha filha Melissa, que fará dois anos daqui a quatro meses.

Confesso que fiquei apavorado ao descobrir que seria pai tão novo, mas logo me adaptei a realidade e passei a amar minha filha incondicionalmente. Dois meses após o nascimento da Mel, fiz dezoito anos. Um belo presente, não acha?

Deixei o sonho de ser um astro do rock de escanteio e me dediquei a ser um pai responsável. Comecei a trabalhar no escritório do meu pai e entrei para a faculdade de direito de Manhattan. Tudo estava indo bem, entrei para a faculdade e assumi um relacionamento sério com Diana Salvatore e mais uma vez, fui feito de trouxa pelo amor.

Falei amor? Não, isso não existe no meu dicionário. Vou explicar o

que a merda do amor fez comigo.

Após voltar de uma viagem de negócios, eu como um bom namorado, resolvi fazer uma surpresa para a minha namorada linda.

Comprei flores e uma caixa de *Ferrero Rocher*, vesti minha melhor roupa e fui ao seu apartamento sem avisá-la. Queria fazer uma surpresa, mas quando entrei no local que muitas vezes foi testemunha de nossos momentos quentes, fui eu quem recebeu uma bela surpresa ao ouvir gemidos e risadas vindo do quarto dela.

Mesmo sabendo que ali estava rolando um sexo selvagem, resolvi ver com meus próprios olhos. Vai que minha mina havia resolvido emprestar o apartamento para uma amiga. Não, mero engano. Entrei no quarto e peguei minha namorada algemada, de quatro. Enquanto seu amigo de infância metia nela por trás.

De repente todo aquele papinho que ela me dizia que não fazia anal porque doía foi por água abaixo, quando vi seu amigo conseguindo o que eu desejava há quase um ano. Eu não surtei, nem nada do tipo. Simplesmente me fechei para o amor e decidi que usaria o sexo para o meu próprio prazer.

Ah! Me levem pra força. O Romeu virou cretino. Mudei e mandei um foda-se para o amor. Nada de chocolates nem flores e pipocas. Simplesmente um bom motel e uma boa foda.

Isso já faz quase dois anos e para ser bem sincero, não sinto a menor falta de ter uma namorada. Não me levem a mal, mas eu simplesmente desisti do amor.

— Fala cachorrão. — Heitor, meu amigo de farra e filho do sócio do meu pai, entra na minha sala e se joga no sofá de couro que tenho próximo da janela.

— Você não trabalha? — Questiono fazendo uma carranca.

— Cara, hoje é sexta-feira, nem fodendo fico trancado nesse escritório até às 18h00min.

Heitor Mitchell é filho único do advogado criminalista, George Mitchell. Nós nos demos bem assim que nos conhecemos, há quase dois anos, quando nossos pais se tornaram sócios.

Heitor e eu temos a mesma idade. Ele é o tipo de amigo, que nunca recusa uma boa farra. O mais engraçado é a forma como ele se comporta quando está perto da minha irmã, o cara fica todo mansinho. Tenho quase certeza que se minha irmã não namorasse o nerd do Rick, Heitor já teria chegado junto, mas pensando bem, é até melhor assim. Heitor não serve para a minha irmãzinha. Laura está prestes a fazer dezoito anos e tenho quase certeza que ainda é virgem, e se Deus atender aos meus pedidos, minha irmã permanecerá assim por um bom tempo.

Rick é um nerd que só pensa em ciências e vive dizendo que as coisas vão acontecer no seu devido tempo e a julgar pelo mau-humor de Laura, tenho quase certeza que o babaca ainda não avançou o sinal.

Melhor assim...

Heitor só pensa com a cabeça de baixo, o que me deixa bobo quando vejo suas notas da faculdade. Mesmo sendo um babaca que só pensa em sexo, o cara consegue tirar as melhores notas quando o assunto é direito. Heitor se tornou um dos meus melhores amigos e adoro sair com ele para a farra.

Também gosto de sair com os meus primos, mas Thiago está noivo e quase sempre tem que voltar para casa antes da meia-noite. Breno? Bom, Breno é o mais certinho entre nós. Houve uma época que Breno meio que surtou por não aceitar ter vindo de uma barriga de aluguel, mas com o tempo ele foi aceitando e hoje é o filho perfeito dos meus tios, Raphael e Murilo.

— Para onde o gostosão, pretende ir essa noite? — Ainda estou

concentrado nos meus papéis, quando perguntei sem interesse.

— Vamos! — Heitor afirma com um sorriso cafajuste nos lábios. — Vamos para uma boate lá em Detroit.

— Detroit? Ficou doído? Está vendendo drogas, Heitor? — Meu amigo revira os olhos, tirando o celular do bolso, exibindo uma sequência de fotos de uma boate bem sacana.

— Só tem mulher gostosa, você não vai se arrepender.

Observo as imagens e então decido que talvez não seja uma má ideia desligar de tudo e farrear um pouco.

— Só vou, porque estou precisando trepar com umas ninfetas. — Murmurei com desdém.

— É assim que se fala, meu brother. — Meu amigo comemora.

Ouvimos uma batida na porta e a nova assistente do meu pai entra logo em seguida. Heitor seca as pernas da garota, que de tão concentrada em mim, nem percebe o olhar faminto do meu amigo.

— Sr. Liviothy. — Ela fala um pouco envergonhada.

— Srta. Parker. — Mordo a ponta da minha caneta e consigo ver seus olhos mudarem de cor. E ela não faz questão de esconder sua excitação.

Hannah é a queridinha do escritório, ela faz tudo certinho e nunca se atrasa, nem falta. Dona de um par de olhos castanhos, cabelos levemente cacheados com mechas loiras e um corpo todo cheio de curvas. Hannah Parker é um convite para o prazer.

A garota além de habilidosa com os negócios, também é gostosa pra cacete.

Vez ou outra ela me olha com malícia, mas como não tenho certeza de seu real interesse, prefiro ficar na minha. Não estou a fim de ser processado por assédio sexual na empresa. Meu pai acabaria com a minha

raça se isso acontecesse.

Usando um salto alto e vestindo um vestido social agarrado ao corpo com um decote exuberante, ela solta a respiração e caminha até a minha mesa. Debruçando-se levemente diante de mim, a garota me presenteia com a visão de seu belo par de seios, que estão deliciosamente juntos por causa do sutiã apertado. Meu fiel e amigo, pau, dá uma leve levantada dentro da cueca.

— Seu pai pediu para lhe entregar esses papéis. O senhor tem que assinar e me devolver ainda hoje.

— Tudo bem, deixe-os aqui e antes de ir embora passo na sua sala, pode ser?

— Claro. — Ela me olha de um jeito tão pervertido, que por um momento penso se não estou tendo alucinações. Espero a garota sair pisando firme em seu salto alto preto e, assim que a porta se fecha, olho para o meu amigo e sorrio com desdém.

— Você entendeu alguma coisa?

— Entendi. Ah, se entendi! — Ele cruza as pernas e passa a mão no queixo. — Entendi que ela é, um caralho de uma mulher gostosa e que está louca para dar uma trepadinha com você.

— Puta que pariu, você acha mesmo?

— Meu amigo, a mulher praticamente te comeu com os olhos e vou te dizer mais uma coisinha. — Heitor passa a língua nos lábios segundos antes de dizer. — Essas que se fazem de tímida, são as mais quentes na cama.

— Porra! — Esbravejo socando o ar com o punho fechado. — Se eu pegar a assistente do meu pai, ele vai me matar. Esqueceu que meu coroa e o seu pai baixaram a lei, proibindo qualquer tipo de relacionamento entre os funcionários?

— Cara, tecnicamente ela nem é funcionária da empresa. Até onde

sei, Hannah é apenas estagiária.

— E tem um contrato de um ano conosco. — Acrescento. — Então sim! Isso a nomeia uma de nossas funcionárias.

— Bom! Vamos ver até quando você vai resistir a Hannah Parker. — Meu amigo levanta com um sorriso pervertido.

— Vou para casa, preciso me preparar para hoje à noite. E você, vê se não fura comigo. Passo na sua casa mais tarde.

Fico sozinho novamente, voltando minha atenção para o trabalho. Dou uma lida rápida nos documentos restantes e assino sem prestar atenção em muitos detalhes, se vinha do meu pai, não havia perigo.

Antes de seguir para a sala da Hannah, peguei o telefone da empresa e disquei para a minha mãe, preciso saber se ela não se incomodaria em ficar com Melissa para eu sair. Minha mãe nunca se recusou a cuidar da minha filha, mas na maioria das vezes ela faz isso quando preciso ir para a faculdade. Como estou em período de férias, não quero abusar.

— *Oi, meu amor!* — Ela atende o telefone, carinhosa como sempre foi.

— Oi, mãezinha!

— *Não vem com esse negócio de mãezinha. Fala logo o que você está querendo.*

— Que isso, dona Mirela. Desse jeito a senhora até me ofende — murmuro brincalhão.

— *John, estou tentando fazer a Melissa e os gêmeos comerem mingau de aveia. Seja lá o que você queira pedir, seja rápido.*

— Estou querendo sair com o Heitor e alguns amigos, será que você pode ficar com a Mel?

— *Você sabe que a resposta é sim. Não sei o porquê está*

perguntando o óbvio — diz ela. — Você é jovem e precisa se divertir, só tenha juízo. — Sabia que ela não ia se opor. Dona Mirela vive insistindo para que eu saia com mais frequência.

— Obrigado mãe. Daqui a pouco, chego em casa para me arrumar.

— Ótimo! Agora tenho que desligar. Cuidar de três crianças pequenas não é nada fácil.

Minha mãe é uma guerreira e consegue lidar muito bem com as tarefas do dia a dia. Ela cuida da minha filha e dos meus irmãos gêmeos, Zack e Lavínia. E ainda tem que lidar com minha irmã Nicole, que ainda é uma pirralha de oito anos, mas pensa que é mais adulta que todo mundo. Laura ajuda nossa mãe quando pode, mas minha irmã também tem seus compromissos e nem sempre pode ajudar.

Pego minhas coisas e vou até à sala da Hannah, bato uma única vez e entro logo em seguida. A garota está sentada de frente para a janela, com as costas para a porta. Hannah está tão concentrada ao telefone, que não percebe minha presença.

— Amiga, ele é gostoso demais, vou acabar atacando aquele homem sem o menor pudor — ela fala com certa excitação na voz. Franzo a testa e como não gosto de ouvir conversa alheia, decido chamar sua atenção.

— Srta. Parker! — murmuro após coçar a garganta. Hannah vira rapidamente para mim e a vejo mudar do tom branco para um tom avermelhado numa fração de segundos, na certa está envergonhada por ser pega no flagra.

— Sr. Liviothy!



HANNAH PARKER

Mudar de emprego foi, definitivamente, a minha melhor aposta.

Eu tenho vinte e dois anos e moro sozinha desde que sai da casa da minha mãe, no Tennessee. Vivo em Nova York há quase dois anos, onde estudo e trabalho. Atualmente estou de férias da faculdade, mas trabalho de segunda a sexta-feira em horário comercial.

Há dois meses atrás pedi demissão do meu antigo emprego e mudei para a empresa de advocacia do Dr. Lucas Liviothy. Desde que comecei estagiar na L&M'lawyer, meu humor alavancou muito.

Motivo? John Liviothy. O playboy é o filho mais velho do Dr. Lucas. Tenho certeza que John já viu meu olhar em seus bíceps, mas por alguma razão, o gatinho se mantém distante.

É quase fim de tarde e enquanto aguardo o bonitão trazer os papéis assinados, resolvo ligar para a minha colega de faculdade. Sento de frente para a janela e disco para ela, que atende no segundo toque.

— *Oi gostosa. — Giulia grita empolgada do outro lado da linha.*

Ontem a noite quando nos despedimos na saída da faculdade, Giulia comentou que não estava se sentindo muito bem. Convidei-a para passar a noite no meu apartamento, mas ela preferiu ir para a república, onde vive com mais seis estudantes, incluindo o babaca do namorado dela — Harry.

— Amor, como você está? — pergunto preocupada.

— *Ociosa.* — Sua voz é meio tristonha e sem ânimo.

— Deixa-me adivinhar, Harry te deu bolo de novo?

— *Amada, isso já não é um bolo, isso é um iceberg maior que o do Titanic.*

— Por que você não manda aquele babaca rodar bolsinha na quinta avenida?! Sério, já passou da hora de você pegar outro gatinho.

— *Ah, sei lá.* — Ela suspira e faz uma breve pausa antes de dizer. — Eu acho que no fundo até gosto desse jeito desligado dele.

— Gi, pelo amor de Deus! Existem outros homens no nosso planeta.

— *Mas eu gosto do Harry* — murmura, melancólica.

— Tá, tá bom! Depois falamos sobre isso, agora eu preciso te contar sobre meu ato de coragem de hoje.

— *Ah meu Deus! Vai me dizer que você fez algo a mais, que apenas olhar com malícia para o filho do seu chefe?*

— Amiga, ele é gostoso demais, vou acabar atacando aquele homem sem o menor pudor.

— Srta. Parker. — Ouço um pigarro seguido da voz de John. Paraliso quase sem ar.

Muito lentamente, viro-me para ele e meu coração para de bater por alguns segundos. Acho que morri e voltei umas duas vezes.

— Sr. Liviothy. — Falo com a voz estrangulada e totalmente

envergonhada. Ele me olha com mistério, posso ver a luxúria tomar conta de seus olhos.

— Amiga, vamos deixar essa conversa para depois, preciso desligar.
— Falo para a minha amiga sem tirar o olhar dele.

— *Ah, não! Eu quero saber os detalhes.* — Ela insiste como uma criança mimada.

— Gi, agora eu não posso.

— *Ele está aí, não é?* — Finalmente ela entende meu nervosismo e se toca que não estou só.

— É. — Respondo e desligo sem deixar brecha para mais perguntas.

John ainda está parado diante de mim, porém, com a sobrancelha levemente levantada e um sorriso torto. Ele me olha com cautela, enquanto segura a papelada que lhe entreguei hoje mais cedo.

— O senhor já assinou os documentos? — É a única coisa que consigo dizer.

— Não precisa ficar nervosa. — Ele fala com divertimento. — Eu vou fingir que não ouvi essa sua conversa tão íntima. Juro que não gosto de fofocas, então fique sossegada.

— Eu... É... — Não sei exatamente o que dizer e o filho da mãe está se divertindo com meu nervosismo.

— Acalme-se Srta. Eu não ouvi nada, já disse. — Estende a mão e me entrega os papéis. — Os documentos já estão assinados. — Finjo verificar se está devidamente assinado, mas é claro que não estou tão atenta assim. Estou nervosa demais para pensar em droga de papéis.

— Está tudo certo! Entregarei para o seu pai agora mesmo. — Murmuro com minha voz patética. Eu estou parecendo uma adolescente insegura. *Mas que merda...*

— Meu pai ainda está na empresa? — John parece surpreso e não é para menos. Normalmente o Dr. Lucas é o primeiro a ir embora, mas hoje está preso em algo importante.

— Parece que houve um problema com o último processo que ele e o Dr. Mitchell assumiram. Então, os dois acabaram ficando até mais tarde para tentar resolver.

— Hum! Entendo — murmura, pensativo. — E você já está de saída?

— Sim, estava apenas aguardando essa documentação, vou entregar ao seu pai e vou embora.

John me olha dos pés à cabeça, soltando um longo suspiro antes de dizer: — Eu acho que meu pai devia proibir você de vir trabalhar com esse vestido tão agarrado ao corpo. — Sendo pego de surpresa por seu comentário ousado, mordo o lábio e ando até o pequeno espelho próximo da porta do banheiro, onde olho meu reflexo de cima a baixo.

— O que tem de errado com o meu vestido?

— É aí que está o problema, pois não tem nada de errado no seu vestido, Srta. Parker. Ele é perfeito para a imaginação suja dos caras aqui da empresa.

Fico desconcertada com a forma que ele me olha, o nervosismo aumenta ainda mais quando John passa a língua pelos lábios e caminha muito lentamente até mim. Dou dois passos para trás e paro ao sentir minhas costas esbarrar na parede, deixando-me encurralada.

John se aproxima ainda mais e sem nenhum constrangimento, pouisa uma de suas mãos na minha cintura, enquanto apoia a outra na parede, deixando-me presa a ele.

— Porque você me olha assim? — sussurra, olhando nos meus olhos.

— Ah, assim como? — Finjo-me de desentendida, mas é claro que eu

sei sobre o que ele está falando.

— Como se quisesse me devorar. — Esclarece com um sorriso malicioso e perfeito.

— Eu não te olho dessa forma. — Minto, fingindo indiferença com sua aproximação. Ele sorri, aproximando o rosto do meu, encostando sua testa na minha. Fecho os olhos e suspiro, apreciando seu perfume e o cheiro gostoso de seu hábito de menta.

— Será que não? Por que você está tão nervosa?

— Não estou! — Minto novamente.

— O que você faria se eu te beijasse agora, Srta. Parker? — Nossos lábios estão quase se chocando.

— Eu... É, eu... — Merda, estou nervosa demais para responder.

Ele toca seus lábios macios nos meus. Fecho os olhos e no momento que abro a boca para dar passagem à sua língua, ouvimos um pigarro seguido de uma batida. John se afasta rapidamente, empalidecendo ao ver o Dr. Lucas com o corpo quase todo dentro da sala.

— Pai!

Quase morro de vergonha ao ver meu chefe parado com as mãos no bolso, nos olhando com um semblante sério, principalmente para o John.

— Interrompo algo? — questiona, olhando de mim para o John.

— Senh... — Tento arrumar uma desculpa, mas sou interrompida.

— Eu estava perguntando para a Srta. Parker se precisava assinar mais algum papel. — John mente na maior cara de pau. Dr. Lucas nos olha ainda mais desconfiado, mas finge engolir a desculpa esfarrapada do filho.

— Certo! Srta. Parker. — O homem à nossa frente, fita o meu olhar como se estivesse tentando me pegar na mentira. — Meu filho está te

incomodando de alguma maneira?

— Que isso, pai! — John ralha, exasperado. — Desde quando eu incomodo alguém?

— Sei lá, vai que você esteja sendo inconveniente com minha assistente.

— Fique tranquilo, senhor — falo rapidamente. — Seu filho é um cavalheiro e sempre me respeitou. Ele nos olha mais uma vez e graças a Deus resolve mudar de assunto.

— Eu preciso dos papéis que o John assinou.

— Ah sim, claro! — Apresso-me e corro até à mesa, pegando a papelada e lhe entregando sem ter coragem de olhar nos seus olhos.

— Perfeito! — Dr. Lucas murmura e em seguida olha para o filho. — Vem comigo, preciso que você assine mais um papel que acabou de chegar.

— Claro. — John assente, enquanto acelera o passo até a porta.

— Você já pode ir Srta. Parker. — Meu chefe avisa com um sorriso caloroso. — Tenha um ótimo fim de semana.

— Obrigada — agradeço, ainda envergonhada.

— Até segunda-feira, senhorita — John murmura um pouco antes de ser arrastado pelo pai.

Após ser pega no flagra pelo meu chefe, joga minha bolsa nos ombros e saio do prédio onde trabalho mais rápido, que foguete em dia de São João. Antes de seguir para casa, passo na padaria e compro um monte de besteiras, suficientes para me alimentar durante todo o final de semana.

Se minha mãe chegasse na minha casa hoje, ela com certeza me daria a maior bronca. Mamãe vive dizendo, que vou acabar adoecendo de tanto comer besteiras. Mas prefiro comer comida congelada a ter que ir para o fogão.

Jogo minhas pequenas compras em cima do balcão da cozinha e sigo para o quarto. Preciso de um banho e principalmente trocar minha calcinha. Fiquei toda molhada, apenas com os sussurros e o toque suave dos lábios do John. Fico louca só de imaginar o que ele seria capaz de fazer com meu corpo, se tivéssemos ido muito além disso.

Após um banho demorado e recusar sair com Giulia, e nossos colegas de faculdade. Comi algumas torradas com leite e caio na cama, totalmente exausta.



No sábado de manhã, acordo cedo e com espírito de limpeza divino. Aproveito e dou uma bela faxina no meu apartamento.

Passo o dia em casa e quando anoitece, arrasto meu cobertor até a sala e coloco *13 Reasons Why* na Netflix, me jogo no sofá, me concentrando totalmente na tevê.

Eu adoro essa série, a protagonista principal, que também tem o mesmo nome que o meu, consegue provar que toda Hannah veio para ser passada para trás. A diferença é que Hannah Baker deixou várias pessoas passá-la para trás, enquanto eu deixei apenas o babaca do meu ex. fazer isso.

Quando a fome bate no meu estômago, pauso o conteúdo e corro para a cozinha.

Pego uns pães e estou preparando um sanduíche, quando ouço meu interfone tocar.

Estranho, não estou esperando ninguém.

— Srta. — O porteiro do turno da noite fala com uma voz sonolenta.
— Sua amiga Giulia está aqui em baixo, posso deixá-la subir?

— Claro! — Autorizo me perguntando o que está acontecendo para Giulia vir ao meu apartamento, em pleno sábado à noite. Levando em

consideração, que seus finais de semana são baseados em baladas e shows, é muito estranho ver minha amiga na minha casa, nesse horário.

Giulia, vive me chamando de velha por me recusar a sair com nossos amigos. Na maioria das vezes sempre digo não. A verdade é que, desde o ocorrido com o bosta do meu ex-namorado, eu perdi o tesão por baladas e barzinhos.

— Que porra é essa no seu olho? — Tapo minha boca e estou perplexa ao ver Giulia passar por minha porta, com um olho roxo e o lábio cortado. Tranco a porta enquanto minha amiga se joga no sofá, um pouco antes de começar chorar.

— Ei, me diz o que foi que aconteceu? — Ando até ela e sento ao seu lado. Giulia enxuga as lágrimas, me olhando envergonha.

— Harry me bateu.

— Caralho, como assim ele te bateu? Puta que pariu Giulia. — Estou prestes a esmurrar a parede de tanto ódio. — Vamos agora mesmo à delegacia. — Ralho puta da vida. Se tem uma coisa que eu detesto, é homem violento. Infelizmente cresci vendo meu pai batendo na minha mãe, essa é uma das razões pelas quais não o procuro quase nunca.

Quando eu estava com doze anos eles finalmente resolveram se separar e meu pai foi morar no Arizona, onde aparentemente parou com a bebedeira e hoje vive com outra mulher, que está grávida de quase cinco meses. Minha mãe ainda está no Tennessee e hoje se dedica ao seu trabalho como assistente social, ela se sente realizada em poder ajudar mulheres, que estão passando pelo mesmo inferno, que ela passou há anos atrás.

— Não! Eu não quero envolver polícia nisso — Giulia sussurra, afastando-me de meus devaneios.

— Você só pode estar brincando comigo. Agressão é algo sério, Gi.

— Amiga, eu só quero poder ficar aqui essa noite. Não tenho para onde ir e não quero voltar para a república.

— Já te disse que minha casa é sua casa. — Abro um meio sorriso, fazendo-a sorrir também. — Você pode ficar aqui o tempo que quiser.

— Obrigada.

— Mas, eu ainda acho que você devia denunciar o Harry.

— Não amiga! Eu terminei com ele e estou decidida a nunca mais voltar.

— Tudo bem! Se você quer assim, eu vou respeitar. Mas você poderia pelo menos dizer o que foi que aconteceu, para ele chegar ao ponto de te bater? — Minha amiga dá de ombros, enquanto gargalha satisfeita.

— Dei uns tapas, na vagabunda que está trepando com ele. — Responde tranquilamente. — Parece que eles estavam ficando desde o verão passado. Ou seja, eu estava sendo corna todo esse tempo.

— Nossa! Eu nem sei o que dizer. Afinal, fui passada para trás também.

— Homens são uns grandes babacas — Giulia murmura com desdém.

— É sim, por isso eu os uso apenas para uma trepada sacana — sorrio, brincalhona.

— E por falar em usar os boys, agora você vai me contar como anda suas investidas com o filho do seu chefe?

— Vá tomar banho e quando você voltar eu conto tudinho. — Ela assente e sai correndo para o banheiro. Mesmo triste por ver minha amiga machucada, fico feliz em tê-la comigo em pleno sábado à noite.



JOHN LIVIOTHY

Meu pai passa o resto da tarde me olhando, como se fosse me matar a qualquer momento. Ele não aceita relação entre funcionários, desde a última confusão que houve há quase um ano atrás, quando duas meninas do financeiro, saíram no tapa por um dos rapazes do T.I

— Ei, John. — George me cumprimenta, assim que entro na sala de reuniões. — Pensei que você já tinha ido embora. Heitor comentou que vocês vão sair hoje à noite.

Meu pai me olha de canto e posso ver sua testa enrugando, ao mesmo tempo que ele estreita os olhos para mim. Ele está meio puto e eu ainda nem sei exatamente o porquê, o fato de ser pego quase beijando a Hannah, o incomoda tanto. Eu mal estava encostando na garota.

— Heitor vai passar lá em casa hoje à noite — eu explico. — Eu precisei ficar para assinar os papéis de processos pendentes. Acabei me distraíndo.

— É, distraiu-se até demais. — Meu pai resmunga após coçar a garganta. — Espero que você não chegue muito tarde, amanhã vamos almoçar na casa dos seus avós.

Almoço na casa dos meus avós paternos, faz parte da nossa rotina a anos. A cada quinze dias nos reunimos na casa deles. Meus avós paternos já estão de idade, assim como meus avós maternos, que moram a duas quadras de distância da nossa casa. Depois que meu avô, Fernando, teve um segundo infarto. Minha mãe os trouxe de vez para Nova Iorque. Assim ela consegue cuidar deles mais de perto.

— Eu não pretendo demorar, acho que no máximo até a meia noite estarei em casa. — Falo sério e meu pai gargalha alto.

— Eu acreditaria nisso se o Thiago estivesse indo nesse passeio, mas como ele não vai. Duvido que você volte antes das 04h00min, da manhã. — Prefiro não entrar num debate com meu coroa. No fundo ele tem um pouco de razão. Preciso admitir, que não seria eu, se voltasse antes da meia noite para casa.

Quando finalmente analisamos todos os documentos, nos despedimos do George e seguimos para o estacionamento do prédio. Sigo meu coroa durante todo o caminho até nossa casa, sabendo que estou encrencado e que uma boa bronca está por vir. Assim que entramos na garagem de casa, estaciono meu carro ao lado do dele e já desço preparado para o bombardeio de perguntas.

— Será que você pode me explicar, o que foi aquilo que eu vi na sala da Srta. Parker? — Ele apoia na lataria do carro e cruza os braços. — Escuta John, eu já tive a sua idade. Já passei por essa fase de querer sair metendo o pau por aí como se não houvesse o amanhã.

Tenho que disfarçar um riso já que o assunto é sério e meu pai está

com a cara de poucos amigos.

— Eu não estou fazendo isso — comento, ganhando em troca um olhar fulminante do meu velho. — Ok., eu admito que estou pegando geral. Mas não entendo, onde você quer chegar com essa conversa.

— John, você precisa entender que não é porque a Diana e Amanda te passaram para trás, que necessariamente outra mulher fará isso. Hannah parece ser uma menina de boa índole e é umas das minhas melhores funcionárias. Eu não quero ter que demiti-la, por que você não consegue segurar o pau dentro cueca.

— Uau! Você acha que eu vou transar com sua assistente?

— Não só acho, como tenho certeza.

— E o que te faz pensar isso? — Arqueio uma sobrancelha.

— Você estava quase comendo aquela menina na hora que entrei na sala dela. Não se faça de desentendido, garoto.

— Porra pai! Eu estava apenas provocando, acho legal a forma como ela fica nervosa, quando estou por perto.

Ele me olha com uma sobrancelha levemente erguida e em seguida sorri de canto.

— Quem não te conhece, que te compre! — ralha, enquanto seguimos para o lado de dentro de casa. — Vou ficar de olho em você, não quero que faça aquela moça sofrer por um mero capricho seu.

Prefiro não tocar mais no assunto, meu pai sabe mesmo como entrar no psicológico de um filho. Lembro da vez que ele fez Laura ficar com remorso por ter mentido para ele e para a mamãe. Minha irmã ficou doente e chorando pelos cantos por quase duas semanas. Sinceramente, eu não estou a fim de passar pelo mesmo drama.

Entramos em casa e meu coração se enche de alegria ao ver minha

filha.

— Papai! — O pingo de gente, e dona de boa parte do meu coração, corre pela sala, abraçando minhas pernas.

— Oi, coisa linda. — Pego minha filha no colo e encho suas bochechas gordas de beijos. Minha mãe aparece com Lavínia no colo e Laura vem logo atrás, segurando Zack.

— Oi, filho — ela murmura, após me dar um beijo rápido na bochecha.

— Oi coisa chata que eu amo. — Laura me cumprimenta logo em seguida.

— Estou confuso — brinco, me fazendo de desentendido. — Sou chato ou você me ama? — Minha irmã revira os olhos.

— Eu te amo! Você sabe disso há muito tempo.

— Oi amor. — Meu pai anda até minha mãe e beija sua boca como se fosse um casal de adolescentes apaixonados. Às vezes eu me pergunto, se algum dia esse amor deles vai diminuir. Vejo a forma como meu pai a olha e ele é simplesmente apaixonado por ela. Mamãe também não fica para trás, ela suspira cada vez que meu coroa está por perto.

— Diz “Olá” para o papai, meu amor. — Mamãe sussurra para minha irmãzinha.

Meu pai beija a cabeça dos gêmeos, em seguida dá um beijo na minha filha e por último afaga os cabelos da Laura. Logo depois seguiu para o andar de cima, para o seu habitual banho antes do jantar.

Repito o gesto do meu coroa, dando um beijo nas crianças e saindo logo em seguida. Preciso subir e tomar banho para sair com meu amigo.

Faço a barba e em seguida entro debaixo do chuveiro, deixando a água morna relaxar todo o meu corpo. Após sair do banho, passo um creme

de pele, pois sou muito vaidoso e gosto de andar cheiroso. Sabe como é! As gatinhas, gostam de um cara cheiroso. Não basta ter pegada, tem que está com tudo em dia.

Escolho um jeans escuro e uma camisa polo com gola em V. Calço um sapatênis que eu adoro, arrepio o cabelo com gel e dou uma última olhada no espelho. Perfeito! Quando saio do meu quarto, dou de cara com minha prima Marina, que me dá uma secada e assovia com malícia.

— Uau! Nossa, primo, onde você vai tão gostoso assim?

Marina é filha do meu tio Noah com Manuela. Nós sempre fomos muito amigos, eu tenho um amor de irmão por ela. Minha prima também nutriu o mesmo sentimento por mim, ela me ver como um irmão mais velho e sempre que está encrencada, é atrás de mim que ela corre.

— Você também está muito linda. Onde pensa que vai, com esse estilo toda sedutora?

— Vou sair com o Pedro. Vamos comemorar um ano de namoro.

— Que maravilha! Fico muito feliz por vocês. — Abraço minha prima, sapecando um beijo em sua bochecha.

— Obrigada! — Ela retribuiu o abraço um pouco antes de sair desfilando escada abaixo. Quando cheguei ao andar de baixo da casa, Marina já havia saído e a sala estava vazia. Vindo da direção da cozinha ouço a voz da minha tia, gargalhando alto. Vou até elas e encontro minha mãe, brincando com os gêmeos e a Melissa.

Tia Manu está amamentando o Enzo Gabriel, um bebê lindo ao qual ela deu à luz recentemente. As crianças estão sentadas em seus cadeirões e minha tia Manu está rindo das caretas que Melissa faz a cada mordida em sua laranja.

— Papai. — Melissa solta um gritinho de felicidade, ao me ver

parado no batente da porta.

— Já vai namorar né, safadinho. — Tia Manu me olha com malícia.

— Vou dar uma voltinha por aí.

— Filho, tenha cuidado e tenta não voltar muito tarde. — Diz minha mãe ao me dá um beijo no rosto e se despedir.

A sala ainda está silenciosa quando volto em busca do meu amigo. Acho estranho Heitor ainda não ter chegado. Mas então ouço risos e vozes, vindo da sala de tevê. Entro a passos largos, chegando bem no momento que Heitor, está secando as pernas da minha irmã. Filho da puta! Ele está tão concentrado em comer minha irmã, com os olhos que nem percebe minha chegada.

— Vamos embora, Heitor. — Falo sem paciência.

— Ei cara, qual é a pressa? — O filho da mãe sabe que sou ciumento e resolve me provocar. — Estou ensinando a Laura como mudar o VPN do Netflix.

— Meu pai já está em casa, ele pode fazer isso muito bem. — Rebato com rispidez. — E você dona Laura, vê se começa comprar uns shorts um pouco maior.

— Ah, vá ver se eu estou na esquina, John. — Laura resmunga mal-humorada, confirmando minha tese de que o nerd do seu namorado, ainda não havia avançado o sinal.

— Fica longe dela. — Alerto meu amigo, que apenas dá de ombros fazendo-se de desentendido.

Após Laura sair pisando duro para o andar de cima, sigo Heitor até o carro dele e quando estávamos nos preparando para entrar no veículo, minha tia louca entra na garagem, buzinando seu conversível enquanto canta *Girls Just Wanna Have Fun*, da Cindy Lauper, a todo pulmão.

"Isso é tudo o que nós realmente queremos, um pouco de diversão

quando o dia de trabalho termina

Oh, garotas elas querem se divertir.

Oh, garotas só querem se divertir"

— Vocês já vão vadiar? — Tia Kate sai do carro e corre para nos beijar.

— Vamos pegar algumas gatinhas — Heitor fala com malícia.

— Eu não vejo a hora de ver vocês apaixonados e presos a uma mulher só. — Heitor rir das palavras dela.

— Só se for o *manezão* aqui. — Bate de leve no meu ombro. — Ainda vai nascer a mulher que vai me colocar uma algema.

— Querido. — Tia Kate ergue uma sobrancelha, sorrindo com tranquilidade. — Gustavo, Noah e o pai do Romeu aí. — Aponta para mim. — Eram *galinhas*, que só pensavam com a cabeça de baixo. E olha só como estão hoje, pais de família e homens exemplares.

— Eu estou fora desse time de casamento — Heitor fala convicto.

— Por que você está tão calado? — Minha tia volta sua atenção para mim.

— Estou analisando a conversa de vocês. — Tia Kate fala mais umas coisas e em seguida entra em casa, ainda cantando Cindy Lauper. Heitor e eu seguimos para Detroit, onde aproveitamos a noite; com muita bebida e mulher gostosa a nossa disposição.



Acordar de ressaca já é horrível. E acordar de ressaca, com uma criança pulando em cima de mim, foi o fim de tudo.

— Papai. — Melissa pula e puxa os meus cabelos, enquanto eu tento tirar mais uma soneca.

— Cadê sua avó? — pergunto e ela joga as mãozinhas para o alto,

fazendo um biquinho encantador, enquanto balança a cabeça de um lado para o outro.

Melissa dorme em uma caminha colada na minha, sempre cuidei da minha filha com muito orgulho. Nas noites que saio para balada, ela dorme no quarto dos gêmeos, onde minha mãe vai algumas vezes na noite, verificar se está tudo bem.

Após ser usado de pula-pula, Melissa me vence pelo cansaço e acabo tendo que acordar, mesmo morrendo de sono. Desperto totalmente e após almoçar com meus avós, aproveito o sábado para ficar com minha filha e mimá-la um pouco.

No dia seguinte o almoço é serviço em nossa casa, meus primos e meus tios, chegaram para almoçar conosco. Exceto meus tios, Murilo e Rapha, que tiveram que ficar na sorveteria, já que dois funcionaram precisaram faltar. É domingo de tarde, então reúno todas as crianças na sala e faço uma proposta irrecusável.

— Quem quer sorvete?! — grito, em ritmo de festa. A filha do Thiago, um bebê de um ano e meio, é a primeira a levantar a mão, em seguida é a vez da minha irmã, Nicole, se manifestar.

— Sorvete. — Minha filha fala baixinho.

— Se ela ficar gripada eu não vou passar horas no hospital, fique sabendo. — Minha mãe resmunga com tom de reprovação.

— Relaxa, mãe! Não vou deixar Melissa abusar.

— Bora lá, gente — Nicole grita, toda empolgada. Pego minha filha e minha irmã, acomodo-as no banco traseiro do meu carro. Enquanto Thiago leva a filha e o nosso primo Breno, no carro dele. Meia hora depois somos recebidos com abraços e beijos por meus tios.

— Quem é a princesa do tio? — Tio Murilo brinca com Melissa, que

bate palminhas, animada por vê-lo. — E hoje, eu estou sortudo, a outra princesa também veio. — Brinca com Sophia, que também sorri animada.

Tio Rapha também faz um carinho nas meninas e para agradar a Nicole, deixo-a escolher um milk shake grande de chocolate com morango. Estamos nos empanturrando de sorvete, quando tenho a melhor visão da tarde.

Hannah entra na sorveteria toda simples. Ela não está vestindo roupa social e seus cabelos não estão presos em um coque. Ela usa uma mine saia jeans com uma blusa de alça transparente, e está calçando uma sandália rasteirinha, deixando-a ainda mais linda que de costume. Hannah entra acompanhada de uma amiga, que por sinal é gostosa pra caramba. Assim que me vê, ela abre um sorriso largo e caminha em nossa direção.

— Aquela é a assistente gostosa do meu pai — murmuro, apenas para os meus primos ouvir. Estou com crianças na mesa e eu não sou tão irresponsável para deixá-las ouvir minhas putarias. Amem-me garotas!

— Porra! Que gostosa. — Thiago está quase babando.

— Muito gostosa — sussurro, sem tirar o olhar das garotas, que estão vindo em nossa direção.

— É... É... Elas estão vindo para cá — Breno gagueja, totalmente nervoso.

— Mano, não surta. — Aviso, olhando feio para o meu primo. Breno é um caso sério de timidez. Meu primo tem crises nervosas, quando está perto de uma mulher.

Vocês devem estar se perguntando se ele é gay, não é mesmo? Não. Breno é muito macho! Descobri isso quando o peguei se masturbando diante da foto de uma colega que cursava pré-vestibular com ele. Thiago e eu demos um empurrãozinho e após umas duas investidas, Breno conseguiu levar a

garota para a cama. Então descobrimos, que o grande problema do nosso primo é apenas a timidez.

— Oi, Sr. Liviothy. — A safadinha me olha como se fosse me devorar.

— Olá, Srta. — Quase não consigo tirar o olhar das pernas dela. — Está calor, né? — Pisco e observo ela morder o lábio.

— Sim! Está muito quente.



HANNAH PARKER

Giulia passou o domingo choramingando pelos cantos, dizendo a todo instante que queria Harry de volta. O cara é um tipo de vício para ela. Minha amiga mais parecia alguém em abstinência de droga do que uma mulher decidida a largar um babaca que a agrediu. Após o almoço, arrastei a chorona para dar uma volta no Central Park.

Como moro um pouco afastada do centro de Manhattan, utilizamos o metrô e, cerca de quarenta e cinco minutos depois, estávamos no coração de Nova Iorque.

Estamos andando pela calçada do parque quando somos surpreendidas por um comentário extremamente machista.

— Nossas, como vocês são gostosas. Uma delícia de mulher para ser sincero. — Um idiota murmura após passar por nós. Os amigos que estão junto com ele começam a assoviar, aprovando o comentário do babaca.

Reviro os olhos e prefiro fingir não ter ouvido nada, mas minha amiga não faz questão de disfarçar sua reprovação diante do tal comentário.

— Vá se foder, babaca! – Giulia grita enquanto mostra o dedo do

meio para ele. — Tenho nojo de homens como você.

— Eu me excito com mulher boca suja, princesa. — O idiota grita de volta, à medida que se distancia de nós.

Giulia bate o pé no chão, mais nervosa que um boi desembestado. Ignoramos o grupo de idiotas e voltamos para nossa caminhada.

— Se as coisas continuarem assim, vou acabar virando lésbica. — Minha amiga solta na maior naturalidade.

— Ah, é?

— É sim! A primeira que eu vou pegar, será você.

— Vai sonhando, queridinha. — Bato de leve no ombro dela.

— É sério amiga, eu não tenho sorte com homens, será que meu amuleto da sorte é calcinha? — Paro de andar só para fitar os olhos dela.

— Amiga, você está precisando transar com um homem de verdade. Acho que o Harry não soube fazer o serviço direito. — Ela ri e no final acaba concordando comigo.

— Você está certa! Estou precisando de um *boy* que manja das pegadas. — Sorrimos e continuamos a caminhada. — Vamos tomar sorvete? — Ela sugere cheia de vontade.

— Que ótima ideia! — Concordo na hora. — Tem uma sorveteria que vende picolés de frutas exóticas brasileiras aqui perto. Vamos lá?

Andamos quase duas quadras, quando enfim, avistamos a sorveria do outro lado da rua. Atravessamos com o farol aberto e em troca ganhamos umas buzinas. Assim que entramos no estabelecimento, fico feliz e surpresa ao mesmo tempo.

John está sentado em uma das mesas, todo descontraído e em um bate papo casual.

Ele é lindo de terno, mas vestindo uma bermuda jeans e uma camiseta polo, fica ainda mais gato.

— O que foi isso? — Giulia me olha confusa ao me ver suspirar e sorrir para o filho do meu chefe.

— Amiga, está vendo aquele grupo ali? Aquele de camisa polo é o filho do meu chefe. — Ela segue meu olhar, parando na mesa onde ele está com mais dois rapazes e três crianças. Uma delas é a filha dele.

Eu não conheço a filha do John pessoalmente, mas tem várias fotos da garotinha espalhada por toda a sala dele. Então não é difícil saber qual das crianças sentadas à mesa é a dele.

— Porra! Aquele é o tal John Liviothy? — Giulia está praticamente babando.

— É! Pode tirar esses olhos gulosos de cima dele, esse homem já é meu.

— Uau! Arrasou gata — murmura, batendo o ombro no meu.

— Vem, vamos até eles. — Puxo minha amiga pela mão. — Vou cumprimentar meu gato.

Sinto meu corpo em chamas com a forma como John olha para as minhas pernas enquanto andamos até eles. Acho que foi uma excelente ideia sair de casa com uma mine saia. O dia está quente mesmo...

— Oi Sr. Liviothy. — Cumprimento.

— Olá Srta. — John murmura sem tirar o olhar das minhas pernas. — Está calor, não é?

— Sim! Está muito quente. — Ficamos um tempo nos olhando, até ouvirmos alguém coçar a garganta, fazendo John focar nos amigos.

— Esses são meus primos; Breno e Thiago. — Ele nos apresenta. — Essa é a Hannah, assistente do meu pai.

— Olá. — Cumprimento os rapazes e apresento minha amiga. — Essa é Giulia, minha colega de faculdade. — Um deles fica quase roxo, o rapaz é tão tímido, que fico até com pena ao ver seu desespero para tentar respirar normalmente.

— Senta com a gente. — John propõe, enquanto puxa duas cadeiras para nós. — Essa aqui é a pré-aborrecente, Nicole. — Aponta para a menina ao seu lado. — Minha irmã.

— Eu não sou aborrecente. — A garota de cabelos cacheados protesta, fazendo uma carranca. — Já falei que sou muito mais adulta que vocês.

— Aham! — John revira os olhos, ignorando a cara feia que a menina faz. — Essa é a princesa Sophia, filha do Thiago. — Aponta para a menina branquinha de cabelos ruivos. — E essa é minha filhinha, Melissa.

— Ah! Como elas são lindas — falo com sinceridade. As crianças são muito fofas mesmo.

— Nós vamos fazer o pedido e voltamos logo — aviso, um pouco antes de me levantar.

— Podem escolher o que quiser, hoje é por nossa conta. — John aponta para um homem que está parado no balcão de atendimento. — Tio, dê a elas o que quiserem e depois coloca na minha conta.

— Tio? — Franzo a testa e ele esclarece.

— Essa sorveteria é dos meus tios. Aqueles são Murilo e Raphael. Eles são casados e também são os pais do Breno.

Sinto que o tal Breno ficou meio inquieto com a explicação do John, mas também percebi que ele tem muito orgulho dos pais. Ando com Giulia até o balcão de opções de sabores, onde montamos nossa combinação de sorvete.

— Jaca? — Minha amiga me olha como se eu tivesse virado um ser alienígena.

— Que foi? Eu gosto de jaca.

— Onde você comeu jaca? — Nesse momento ela está muito confusa.

— Uma vez uma amiga da minha mãe viajou para o Brasil e trouxe jaca congelada — esclareço. — Amiga, isso aqui é uma delícia.

— Se você diz! Mas eu ainda prefiro meu velho e bom sorvete de chocolate — comenta, ao passar a língua nos lábios.

Juntamo-nos aos rapazes novamente e quando já estamos empanturrados de sorvete, Giulia pede para ir embora.

— Vocês moram aqui perto? — Thiago pergunta sem maldade. Dá para ver que ele é um rapaz correto.

— Na verdade não! Eu moro no Bronx.

— Nós podemos levar vocês em casa — oferece, com um sorriso amigável.

— Ah, que isso! Não precisa se preocupar. — Nem terminei de falar e Giulia pula da cadeira.

— Ah, precisa sim! Nós adoráramos ganhar uma carona.

— Gi... — Olho feio para ela.

— Giulia está certa! — John me olha com malícia. — Será um prazer levar vocês em casa.

— John, leve as garotas até o bairro delas — Thiago murmura. — Pode deixar que eu levo as crianças de volta para casa.

Nós despedimos dos rapazes, dou um beijo em cada criança e sigo John até seu carro. Giulia joga uma piscadela para o Breno, que quase desmaia bem diante de nós.

Durante todo o caminho até minha casa John conta piadas, fazendo Giulia e eu nos dobrarmos de rir. Piada vai, piada vem, paramos em frente o meu prédio.

— Espera. — John segura meu braço antes que eu possa abrir a porta do carro.

— Hã... É... Eu vou indo na frente — Giulia gagueja e sai pela porta traseira. — Te vejo lá em cima.

Observo enquanto minha amiga entra no prédio, onde eu moro há quase dois anos e assim que o porteiro libera sua entrada, volto minha atenção para o homem ao meu lado.

— O que o senhor deseja? — indago brincalhona, só para provocá-lo. Ele me olha profundamente nos olhos, fazendo meu rosto corar de leve.

Surpreendo-me com sua aproximação. John aproxima nossos rostos, chegando perto do meu ouvido e sussurrando baixinho:

— Desejo terminar o que começamos na sexta-feira, lá no escritório.

— Ah, é? — sussurro com os olhos fechados. O contado da barba por fazer roçando no meu pescoço, faz meu corpo se arrepiar.

Quando volto a abrir os olhos, vejo seu olhar nos meus lábios. Logo sem seguida, ele beija minha boca, de forma feroz e ousada.

Não tenho tempo para qualquer reação... Abro a boca dando passagem para sua língua, ele geme quando pouso minha mão direita na sua coxa grossa. O beijo se intensifica e num movimento rápido, ele me puxa, fazendo-me sentar em seu colo. Jogo uma perna de cada lado e minha saia sobe, deixando minha calcinha à mostra.

— Tem um porteiro naquela guarita, sabia? — alerta, ciente que estamos na frente do prédio.

— Que se foda o porteiro — murmura enquanto apalpa minha bunda.

— Relaxa gata, ninguém consegue nos ver aqui dentro. O vidro do meu carro só da visão para o lado de fora.

— Nossa, você está tão duro — falo, sem nenhum constrangimento, rebolando no colo dele. Quando estou excitada fico tão sem vergonha que falo tudo o que vem na minha mente.

Ele apalpa minha bunda à medida que intensificávamos o beijo.

— Você me deixa assim, Hannah. Eu estou quase gozando na cueca só com você rebolando desse jeito no meu pau.

— Você é um menino muito safadinho. — Esfrego minha intimidade em ritmo intenso.

— Você também é muito danadinha. E está muito gostosa com essa minissaia. — Morde o lóbulo da minha orelha, fazendo-me arfar. — Vamos para outro lugar, gata.

— O que você sugere?

— Um lugar reservado, onde eu possa arrancar essa sua calcinha minúscula.

O clima está quente dentro do carro, se não estivéssemos no meio da rua eu provavelmente faria sexo com ele agora mesmo.

— Acho que vou gostar de conhecer esse lugar — sussurro, desejosa.

Ele toma minha boca novamente e eu já estou tão molhada que o volume na calça jeans dele faz minha calcinha deslizar, tamanha minha umidade.

Como estou de saia nosso contato fica ainda mais íntimo.

John está tão duro que se não fosse por minha calcinha e seu jeans, seríamos um só aqui mesmo, dentro do carro dele, em frente ao prédio onde eu moro.

— Droga! — ele resmunga, enquanto tateia o painel do carro em buscar do celular, que começou tocar e vibrar sem parar.

— É melhor você atender. — Mordo o lóbulo da orelha dela.

— Mas está tão bom ter você se esfregando em cima de mim.

— Atende e depois nós podemos ir para onde você quiser. — Com muita dificuldade, porém, um pouco mais controlado, ele pega o celular e atende enquanto eu permaneço em seu colo.

— Oi mãe. — Faz uma pausa e ouve o que sua mãe tem a dizer. — O quê? Mas eu não posso faltar a essa reunião de vocês? — Ouve mais um pouco, em seguida pragueja alto. — Porra mãe! Não dá pra me deixar fora disso?

Saio do colo dele e o olho preocupada.

— Tá, chego aí no máximo em vinte minutos. — Revira os olhos, totalmente impaciente. — Desculpa mãe, eu não queria falar um palavrão para a senhora. Te vejo daqui a pouco. Te amo.

John desliga o aparelho, o joga em cima do painel novamente e então me olha frustrado.

— *Pô*, gata. — Passa as mãos pelo cabelo. — Vamos ter que deixar nosso passeio para outro dia. Tenho que bancar o bom neto e ir ver minha vó, antes que ela viaje para o Brasil, hoje à noite.

Seguro o rosto dele e beijo sua boca. John não perde tempo e toma meus lábios com urgência. Quando o ar nos falta, me afasto, saindo do carro. Antes de fechar a porta joga uma piscadela para ele digo: — Quem sabe no próximo fim de semana.

— Oh caralho! — Ralha fazendo uma careta engraçada. — Amanhã mesmo vou te pegar naquela sua salinha apertada.

— Querido, eu não transo no trabalho. — O cretino arqueia uma

sobrancelha em desafio.

— Vamos ver isso amanhã, quando você estiver gemendo e implorando para eu te foder em cima da sua mesa.

— Vai sonhando. — Jogo um beijo no ar e saio rebolando, ciente que ele está secando minha bunda com seu olhar safado.

Eu adoro uma safadeza, mas bem longe do meu local de trabalho. Se esse *boy* quiser algo comigo, será bem longe da L&M'lawyer.



HANNAH PARKER

Passo boa parte da madrugada conversando com Giulia, quando finalmente ela aceita sair do campus para morar comigo. Ter alguém para dividir as tarefas e as despesas, é uma ideia maravilhosa. Sem contar que Giulia e eu temos os mesmos gostos e rimos das mesmas piadas. No final do dia, quando saímos do nosso trabalho, vamos juntas até o campus e vou ajudá-la a trazer seus pertences, para o nosso apartamento.

— Amiga você acha que estou muito vulgar? — Entro na cozinha e encontro Gi, preparando o nosso café.

Ela me olha boquiaberta e sorri de canto ao dizer: — Porra! É assim que você vai trabalhar todos os dias? É por isso que o filho do seu chefe, está louco para meter em você. — Murmura brincalhona, enquanto me avalia dos pés à cabeça.

Percebi que o John estava a fim de um jogo de sedução e não perderia a oportunidade de deixá-lo subindo pelas paredes durante o expediente.

Eu não pretendia transar com ele na empresa, minha intenção era provocá-lo todos os dias, para tê-lo no final de semana.

— Gosto de me sentir sensual. — Mordo o lábio. Giulia arqueia uma sobrancelha, enquanto continua me avaliando.

— Estou vendo! — Nega com a cabeça. — Amiga, você não só está sensual, como está gostosa pra caralho! Jura que é permitido ir trabalhar com essas vestes?

— Eu não estou tão oferecida assim. — Rebato fingindo de ofendida.

Estou usando uma saia social quase na altura do joelho, uma blusa branca com mangas três quarto e botões na frente e, para completar o look, optei por um sapato de salto alto.

— Amiga, aquele homem é gostoso demais. — Minha amiga comenta, com um sorriso safado. — Fico pensando se o pai também não é uma delícia.

— Epa! — Balanço meu dedo indicador de um lado para o outro. — Dr. Lucas é um homem lindo pra cacete. Mas está fora de cogitação. — Falo com firmeza.

— E o fato de ele ser casado complica tudo. — Giulia emenda, estendendo a mão e me entregando um pão com manteiga. — Eu também não sou a favor de sair com homens casados. Posso até ser cachorroneira com os *boys*, mas homem casado não vira.

Puxo uma cadeira para sentar ao lado dela.

— Giulia, o fato não é apenas ele ser casado. — Expliquei entre uma mordida e outra no meu pão, que por sinal está uma delícia. — Tenho muito respeito pelo meu chefe, sem contar que tenho um carinho imenso pela dona Mirela. Você precisa ver como ela é fofa. Eu raramente tive contato com ela, mas as poucas vezes que a mulher foi à empresa, tratou a mim e aos demais funcionários como se fôssemos de sua família.

— Ah! Então, se é assim você precisa mesmo respeitar o coroa dela.

— Quanto a isso você não tenha dúvida. Eu jamais olharia para o Dr. Lucas com malícia, ele tem me dado muita força desde que cheguei naquela empresa.

— Que ótimo amiga. — Giulia vira a xícara, bebendo o café de uma só vez. — Bom, vou indo nessa. Também preciso me arrumar para ir para a senzala. — Murmura ao ficar de pé.

— Eu não vejo seu trabalho tão ruim assim. — Comento e ela gargalha com gosto.

— Isso é porque você, nunca precisou ficar mais que três minutos com o meu chefe. — Faz uma careta engraçada. — Aquele cara, está precisando transar com uma mulher que manja do assunto, Hannah. Porque sinceramente, eu acho que a mulher dele, não está fazendo a coisa direito.

— Assim como o Harry não fazia com você. — Emendo com um comentário zombeteiro, ela concorda com um aceno de cabeça. — E por falar no verme, você vai mesmo dar um pé na bunda dele, né?

Minha amiga joga a bolsa no ombro, me dá uma piscadela e arqueia a sobrancelha ao dizer: — Harry? Quem é Harry?

— É assim que se fala.

— Deixa-me ir, porque preciso passar no campus antes de ir trabalhar. — Mordo meu pão e viro a xícara de café, em seguida jogo minha bolsa no ombro e acompanho Giulia até o elevador.

— Não esqueça, vou te esperar em frente à estação de Nova York para irmos juntas, buscar suas coisas. — Comento antes de nos despedirmos na frente do prédio.

— Estarei lá às dezessete horas em ponto.

— Ótimo! Até mais tarde.

Seguimos para lados opostos, entro no mesmo ônibus de todas as

manhãs para ir trabalhar, cumprimento o motorista e o cobrador. Estamos tão acostumados com essa rotina, que somos quase uma família.

Tenho vontade de ter um carro e poder sair por aí cantando as músicas da Nelly Furtado, só porque amo aquela garota. Mas carro ainda é um sonho distante para mim, já que a faculdade e o aluguel comprometem mais da metade do meu salário. E olha que eu não ganho tão mal assim.

Chego à empresa de advocacia, onde trabalho a pouco mais de um ano. Passo nas máquinas de café, peguei dois copos de capuchino e, fazendo o que o faço todos os dias, ando até a sala do John. Entro após uma única batida na porta.

— Bom dia Sr. Liviothy. — Cumprimento o gostosão, que está sentado em sua mesa de trabalho, analisando alguns documentos.

Ele abandona a papelada e então seu olhar desce até minhas pernas. Em seguida, sobe, parando no meu decote e por último em meu rosto. John abre e fecha a boca sem saber exatamente o que dizer. Sorrio me sentindo vitoriosa ao vê-lo tão vulnerável com minha presença.

— Muito bom, Srta. Parker. — O safado comenta quase salivando.

Deposito um dos copos de capuchino em sua mesa e antes de sair desfilando para a minha sala, bebo um gole da minha bebida, murmurando sensual: — Hum! Delícia.

— Eu ou o capuchino? — Indaga zombeteiro.

— Provavelmente as duas coisas. — Admito, passando a língua nos lábios.

— Vem aqui, Srta. — Ele chama com sua voz rouca. Ando novamente até sua mesa, onde me inclino de leve dando a ele uma amostra grátis do meu decote.

— O que o deseja, Sr. Liviothy? — Ele se inclina, aproximando

nossos rostos, seduzindo-me com seu hálito gostoso de menta. Seus lábios estão quase tocando os meus, quando ele fala pausadamente.

— Desejo você, debruçada em cima dessa mesa e gemendo meu nome, enquanto meto bem gostoso nessa sua boceta deliciosa.

— Como você sabe que ela é tão gostosa, se nunca provou? — Provoco com uma voz sensual.

— Querida, a forma como você esfregou essa delícia no meu pau, foi uma amostra maravilhosa do quão gostosa você é.

— Você quer provar? — Sussurro passando a língua no canto da boca dele.

— Porra! Você não faz ideia. — Ele morde meu lábio inferior, me puxando logo em seguida para um beijo gostoso.

Esmago a papelada com meus seios e a coisa fica ainda mais bagunçada, quando ele debruça seu corpo cheio de músculo sobre o meu, fazendo a mesa soltar um rangido com nosso peso.

— Gostosa pra caralho! — Sussurra entre um beijo e outro.

— Você que é uma delícia. — Não me faço de rogada ao confessar, apertando a bunda durinha dele. Estamos no meio de um amasso gostoso, quando o celular dele começa tocar em cima da mesa.

John tenta ignorar, mas após o aparelho tocar sem parar, ele solta um palavrão e ainda em cima de mim, atende o telefone, colocando no viva voz.

— Fala, Heitor. — Ralhou sem paciência.

— *Mano, eu preciso te mostrar os papéis de um processo novo que chegou agora a pouco, mas é meio complicado falar contigo, enquanto você está quase engolindo a Hannah na sua mesa.* — Paraliso na mesma hora. *Como assim? Será que ele nos viu?* E como se tivesse lido meus pensamentos cheios de dúvida, Heitor faz questão de esclarecer:

— *Eu até bati na porta, mas vocês estavam tão concentrados em uma acrobacia sexual, que nem tive coragem de interromper.*

Empurro John para tirá-lo de cima de mim, enquanto o cretino me olha com um sorriso cafajeste nos lábios, quando volta a falar com o amigo: — Agora que você interrompeu nosso pequeno espetáculo, já pode entrar. — Fala enquanto arruma o pau dentro da calça. — A srta. Parker já está de saída para a sala dela.

Espero ele desligar o celular e aponto o dedo para o descarado.

— Vamos direto ao ponto, você está a fim e eu também. Mas aqui na empresa não vai rolar. — Ele segura meu dedo, levando-o até a boca, chupando e piscando safado.

— Eu já te falei que vou te pegar naquela sua sala apertada. Não duvide de mim, minha querida.

Heitor entra na sala, segurando uma pasta e carregando um sorriso cretino nos lábios. Passo por ele feito um furacão, evitando olhar nos seus olhos. Eu nunca fui uma pessoa tímida quando o assunto é sexo, mas também não sou chegada a sexo público.

Passo pela secretária do John e a cumprimento com um rápido aceno de cabeça. A garota percebe que estou estranha, mas graças a Deus não questiona nada.

O dia se arrasta e depois do almoço eu já estou bem mais tranquila, faço todo o meu trabalho e quando já estou quase indo embora, meu chefe entra na minha sala.

— Srta. Parker, eu gostaria de saber se você pode me acompanhar, em uma viagem para Miami no próximo final de semana? — Indaga um pouco antes de se jogar na cadeira a minha frente.

— Por mim tudo bem! Estou de férias da faculdade. Não vejo

problema nenhum.

— Ótimo! Quero que você faça reservas de um quarto onde posso dividi-lo com o John, ele também vai conosco. Reserve também, um para você e outro para o Heitor.

— O Sr. tem preferência por algum hotel específico?

— Claro. — Confirma com um sorriso satisfeito. — Faça reservas no Grand Beach Hotel. É um dos melhores hotéis de Miami e fica em frente à praia da costa leste, umas das mais lindas.

— Ok! Farei as reservas amanhã, assim que chegar para trabalhar.

— Ótimo! — Dr. Lucas fica de pé no mesmo instante que John entra na sala. — Você por aqui novamente? — Meu chefe questiona com uma sobrancelha levemente erguida.

— Vim trazer um chocolate para a Srta. Parker, para agradecer pelo capuchino hoje de manhã. — Dr. Lucas nos olha desconfiado, mas prefere mudar de assunto.

— Foi bom você chegar, estávamos tratando sobre a viagem desse próximo fim de semana. — John acena, deixando claro que já estava sabendo sobre a viagem.

Após uma breve conversa formal sobre trabalho, me despeço dos dois e sigo para a estação, onde Giulia provavelmente já está me esperando. Mal coloco os pés do lado de fora do prédio e sou abordada por um John, quase sem fôlego.

— Eu te dou uma carona, vamos! — Oferece e eu quase rio ao vê-lo tentar respirar a qualquer custo. Caminhamos juntos até o estacionamento do prédio, entramos no carro e de lá seguimos direto para a estação de Nova York.

John estaciona em uma vaga perto da entrada, e fica alguns minutos

apenas me olhando.

— O que você está pensando? — Pergunta, ao me ver fitar seu olhar.

— Estou pensando em como estamos perdendo tempo com todo esse flerte, sendo que poderíamos estar nos beijando.

— Eu também andei pensando sobre isso.

— É sério? Você... É...

— Cala a boca e me beija logo. — Sussurra e então toma a minha boca, me beijando com pressa, puxando meu cabelo para trás, tomando-me com gana e desejo.

Encerramos o beijo por falta de ar, mas ele continua me atijando com suas carícias ousadas e mordidas leves no meu pescoço. — Vamos sair essa noite? — Sugere com uma voz grossa.

Fecho os olhos e mordo meu lábio na tentativa de conter um gemido, ao sentir suas mãos ousadas passearem por meu corpo.

— Hoje eu não posso! Minha amiga está de mudança para o meu apartamento, preciso ajudá-la.

— Você está me deixando louco, Hannah. — Murmura ao mesmo tempo, em que leva minha mão até o volume em sua calça social.

— Gosto de saber que te deixo assim. — Confesso, rindo da cara de menino pidão que ele faz.

— Você sabe que isso é maldade, não é?

— Calmo garotão, logo você vai provar desse corpinho.

— Hannah, eu preciso jogar limpo com você, preciso dizer que não curto relacionamento sério.

— E por que você está me dizendo isso agora?

— Por que quero te propor uma coisa. — Sento de forma ereta no

meu banco e o olho com curiosidade.

— Diga gatinho.

— Quero que você seja minha parceira de cama, apenas isso. —
Mordo o lábio e sorrio sapeca.

— Você fez a proposta para a pessoa certa! Por que eu também, não quero saber de relacionamento sério. Vamos apenas curtir o momento, e depois...

— Depois o quê? — Ele me olha ansioso.

— Depois cada um vai para o seu lado. — Ele sorri e então beija minha boca, enquanto passeia com suas mãos pelo meu corpo. Com muita dificuldade saio do carro, deixando-o com um sorriso satisfeito nos lábios e uma ereção monstruosa na calça.

Se for para se aventurar, que seja com um cara gostoso como John Liviothy.



JOHN LIVIOTHY

Acordo com meu despertador natural pulando em cima de mim. Melissa, minha pequena garota, que vive ligada nos duzentos e vinte. Desde o dia que desmontamos o berço e ela passou a dormir em uma caminha ao lado da minha, essa tem sido a forma como ela me acorda todas as manhãs. Pulando de uma cama para a outra e me usando como pula-pula.

Melissa foi sem dúvida o meu melhor presente. Mesmo sendo fruto de uma relação repleta de mentiras e armações, ela ganhou meu coração desde a primeira vez que ouvi seus batimentos cardíacos, através de um aparelho de ultrassom. Minha filha é uma criança saudável e extremamente travessa e é sem dúvida o grande amor da minha vida.

— Você está animada, hein. — Faço cócegas na barriguinha dela, fazendo-a jogar o corpo para trás. — Vamos trocar essa fralda?

— Xixi. — Ela faz uma careta engraçada e aponta para a parte de baixo do pijama. Mel já está quase saindo das fraldas, mas como ainda é muito pequena, não arrisco deixá-la dormir sem proteção. Durante o dia ela usa o peniquinho, o que já é um avanço.

Troco minha pequena e ela sai correndo feito um foguete em busca de sua vó. Em seguida, tomo um banho quente e me arrumo para mais um dia de trabalho.

Ainda é cedo, mas eu preciso chegar ao escritório para analisar uma documentação e deixá-la pronta antes do meio-dia.

Quando chego na cozinha, Laura está ajudando nossa mãe a dar café para os gêmeos e para a minha filha. As crianças estão sentadas em cadeirões e mamãe está terminando de amassar bananas com farinha láctea.

— Bom dia família. — Cumprimento.

— Bom dia, irmão gato! — Laura me dá seu melhor sorriso, carinhosa como sempre.

— Por que você está indo tão cedo para o trabalho? — Minha mãe pergunta, enquanto beijo sua bochecha.

— Tenho uns documentos para analisar, antes de o papai assinar. Por falar nisso, cadê ele?

Meu pai é sempre um dos primeiros a acordar, mas isso eu só observo quando levanto no meu horário normal. Hoje, como acordei um pouco mais cedo, devo confessar que estou achando estranho meu coroa ainda não estar de pé.

— Querido, você sabe muito bem que seu pai, não saí de casa antes das 09:00. Sabe como é, né? Eu não dou sossego para ele na madrugada, aí o coitadinho amanhece todo moído. — Minha mãe sorri sapeca e sinto um arrepio horrível na espinha. Imaginar meus pais em momentos tão íntimos, é foda demais para a minha cabeça.

Saio comendo um pedaço de pão, sem fazer questão de esperar meu pai descer. Sei que essa conversa não vai parar por aqui, ele provavelmente vai descer e eles vão se beijar, e minha mãe vai suspirar ao lembrar as coisas

que os dois fizeram na noite passada.

Eu definitivamente não tenho maturidade para isso.

Laura praticamente me implora com o olhar, para ficar. Ela também não se sente à vontade ao ouvir essas paradas dos nossos coroas. Pois, bem! Ela que dê um jeito de sair também.

Chego à empresa meia hora, antes do meu horário habitual. Cumprimento todos os funcionários que passam por mim e, percebo que até o segurança da recepção ficou meio perdido ao me ver tão cedo. Digamos que tenho uma reputação de preguiçoso, que gosta de dormir até tarde. O que não é 100% mentira... Porém, costumo deixar a preguiça guardada em um canto durante a semana e exerço com maestria o que me é designado.

Entro no elevador e uma música calma quase me faz cair no sono novamente. Preciso conversar com meu pai sobre isso, é uma maldade muito grande com os funcionários que chegam mais cedo, você já está morrendo de sono, aí entra num elevador e é recebido por uma música que poderia muito bem ser de ninar. Foda...

Quando finalmente chego ao décimo primeiro andar, não tem quase ninguém, exceto uma das moças do setor contábil, que está levemente debruçada no balcão da recepção, conversando com a secretária do Heitor, enquanto ela organiza sua mesa de trabalho.

— Bom dia, senhoritas. — Cumprimento-as, fazendo a moça quase ter um troço de susto. Às duas me olham com surpresa, ao me ver tão cedo na empresa, mas não dizem nada, apenas abrem seus sorrisos largos mostrando dentes brancos para mim.

Elas me olham com certa timidez, em especial, Luana, a secretária safada do Heitor.

No fundo, ela sabe que estou a par de todas as safadezas, que eles já

fizeram na sala dele. Não sei bem o motivo que os fizeram romper o tal "*relacionamento fetiche*", como meu amigo costumava chamar. Mas ao que parece, ela queria algo mais sério. E foi aí que ele correu igual o Diabo corre da cruz.

— Bom dia Sr. Liviothy. — Luana me olha sem jeito e não sei se é impressão minha, mas percebo uma certa malícia em seu olhar.

— Quando o Heitor chegar você pode me avisar, por favor! — Falo de forma profissional. Não tenho interesse em flertar com ela.

— Na verdade, ele já chegou. Está na sala de reuniões com um cliente que chegou agora a pouco, o homem estava meio abalado e o Sr. Mitchell está tentando ajudá-lo. — Luana explica com um pouco de receio.

— Bom, então assim que ele terminar esse atendimento, peça para ir até a minha sala.

— Pode deixar.

Às duas me olham com sorrisinho de canto. Fico surpreso quando a moça do contábil, passa a língua nos lábios ao me avaliar dos pés à cabeça.

Acho melhor seguir para a minha sala antes de ficar ainda mais encabulado. Luana e a outra moça são mulheres lindíssimas, mas eu não estou a fim de flertar com nenhuma delas. Eu já tenho meu próximo alvo.

Hannah Parker.

Começo organizar alguns documentos e quando estou totalmente concentrado no meu trabalho, ouço uma batida na porta. Hannah entra toda elegante na minha sala.

— Bom dia Sr. Liviothy. — Ela sorri com malícia, enquanto caminha até minha mesa, depositando sobre ela, um delicioso copo com capuchino.

— Muito bom, Srta. Parker! — Quase babo quando vejo suas pernas expostas pela lateral da saia social, onde há uma fenda de cada lado. Desço

meu olhar por toda a extensão da perna, até parar no salto alto preto com pedrinhas nas laterais. Sinto meu pau endurecer, e de repente o espaço dentro da minha cueca fica apertado e incômodo demais.

Subo meu olhar novamente, fazendo uma breve pausa no decote dela e, quando nossos olhares se encontram, ela passa a língua de forma ousada pelos lábios, gemendo baixinho.

Pode me chamar de cretino se você quiser, mas que sei identificar quando uma mulher quer dá. Ah! Isso sei muito bem. A forma como ela passa a língua nos lábios, e o som que escapa de sua garganta, é um convite para um sexo quente e molhado.

Caminho até a porta e a tranco com chave. Não quero plateia para nós dois. Hannah permanece em pé, enquanto observa meus movimentos.

— Não adianta fechar a porta. — Murmura com os braços cruzados. — Já falei que não transo no meu local de trabalho. — Ignoro seu comentário e parto para cima dela, prendendo seu corpo contra o meu.

A garota se assusta quando a peguei no colo e carreguei seu corpo esguio até o sofá no canto da minha sala. Sorrio ao lembrar o ódio que senti quando meu pai o colocou aqui, mas pensando bem, acho que esse pequeno móvel de couro será um dos meus objetos favoritos.

— John, eu... Nós...

— Shh! Fica quietinha porque sei muito bem o que você quer.

— Mas se...

Colo nossos lábios, impedindo-a de tentar qualquer tipo de argumentação. Sinto Hannah tentar me empurrar, mas ela desiste quando enfio minha mão por baixo de sua saia, acariciando seu clitóris por cima da calcinha de seda.

— Porra! Você está do jeitinho que eu gosto. — Sussurro com nossos

lábios ainda colados. — Foda-se o local de trabalho. Quero te sentir e quero agora.

E mais uma vez ela abre a boca para tentar argumentar. Mas novamente desiste de lutar, quando puxo sua calcinha para o lado e a penetro com dois dedos de uma só vez.

— Você é um cretino filho da mãe! — Ralha com a voz tremula. — Isso é um golpe muito baixo.

Retiro os dedos e os levo até minha boca, chupo, sentindo todo seu sabor.

— Vou te mostrar o que é golpe baixo. — Mordo o lóbulo da orelha dela, em seguida faço uma trilha de beijo até chegar aos seios fartos.

Abro os botões de sua camisa social, deliciando-me com a visão dos seios muito bem acomodados em um belo sutiã de renda, todo branco. Ela não me impede quando subo sua saia até a altura da cintura e puxo a calcinha, deslizando por suas pernas, até deixa-la toda exposta para mim.

Ajoelho-me diante dela, me encaixando no meio de suas pernas. Aproximo meu rosto de sua intimidade e fico maravilhado com o cheiro de excitação, misturado com o cheiro de seu hidratante íntimo.

Porra de mulher gostosa!

— John... — Ela geme manhosa quando sente minha boca em sua boceta. Usando a língua, brinco com seu clitóris inchado pelo tesão, chupo os lábios vaginais, enquanto meus dedos voltam a penetra-la fundo.

— Você tem um gosto maravilhoso, Hannah — gemo com a boca cheia pela bocetinha dela.

— Aí, que delícia. — Ela se contorce, esfregando a boceta molhada na minha cara, enquanto puxa meu cabelo totalmente descontrolada. — Que delicia John.

Meu pau começa doer dentro da cueca, tamanho é a minha excitação. Chupo o brotinho com tanta gana, que Hannah está quase gritando. Continuo estimulando-a com meus dedos e ergo a cabeça a tempo de vê-la tocando os próprios seios. A imagem erótica, enviou ondas de calor direto para o meu pau, que está babando por ela.

Delícia do caralho!

Em um gesto rápido, levo a mão livre até o cócs da minha calça e abro o cinto, enfiando a mão dentro da cueca.

— Ai meu Deus! Que delícia, John. — Ela está prestes a gozar nos meus dedos.

— Você está tão quente, tão pronta para mim. — Murmuro enquanto acaricio-a e me masturbo ao mesmo tempo.

— Então me fode, John. — Ela está a um passo de implorar. — Para de falar e me fode.

— Querida, eu não transo no trabalho. — Imito suas palavras, ganhando em troca um tapa leve no rosto. — Hum! Então você gosta de bater durante o sexo?

— Adoro. — A safada confessa, possuída pelo desejo. Volto a chupar seu sexo quente e molhado, enquanto meus dedos fazem um trabalho perfeito dentro dela.

Sinto Hannah se contrair e sei que ela já está no limite. Então, aumento a intensidade das chupadas e meto o dedo com vontade, tocando no seu ponto mais sensível.

— John, caralho John! — Ela fecha as pernas, apertando minha cabeça entre elas e começa a gozar, enquanto cospe um dicionário de palavrão.

Ela goza até a última gota, mas eu não paro de chupá-la até sentir que

está totalmente satisfeita. Quando afasto a cabeça para olhar em seu rosto, Hannah está ofegante e muito corada.

— Porra, garota! Você fica ainda mais linda quando goza. — Comento. Ela morde o lábio e sei exatamente o que se passa em sua cabeça promiscua. Sento no sofá e é a vez dela de se ajoelhar diante de mim.

— Coloca esse pau para fora e deixa eu te chupar gostoso. — Quase gozo só com essa ordem. Fazendo o que ela pede baixo a calça e a cueca tudo de uma vez enquanto sussurro:

— Ele é todo seu, querida.

A safada passa a língua pelos lábios e em seguida segura meu pau com firmeza, fazendo movimentos de vai e vem com a mão, para logo em seguida leva-lo até a boca.

— Porra! Ah! Que delícia! — Tombo minha cabeça para trás, deixando-a me levar para o seu mundo sacana. Hannah passa a me chupar com maestria, ela sabe o que está fazendo.

Ao contrário do que meu pai pensa sobre ela, Hannah Parker não é uma garota inocente e indefesa. Ao contrário, ela é uma garota safada e gostosa pra cacete.

— Está gostoso, querido? — Indaga enquanto me masturba com suas mãos pequenas.

— Você é uma putinha, Srta. Parker.

— E você gosta de uma putinha, não é mesmo?

— Adoro.

— Então, enquanto estivermos juntos serei sua putinha. — Murmura safada. — Porque eu também, adoro um cretino gostoso como você.

No momento que abro a boca para dizer que estou de acordo com ela, sinto meu pau ser engolido por sua boca gulosa até o fundo de sua garganta,

deixando-me sem palavras. Hannah continua a me engolir e sou obrigado a puxa-la pelo cabelo, afastando sua boca segundos antes de gozar na minha mão, tentando não a sujar com minha porra.

— Esse sem dúvida foi o melhor café da manhã que você já me serviu. — Comento enquanto tento recuperar o fôlego.

— Preciso dizer o mesmo, eu estava precisando gozar. — Ela confessa na maior tranquilidade.

— Estava carente, Srta. Parker? — Arqueio a sobrancelha.

— Digamos, que eu estava ficando cansada de ter sonhos eróticos com você, sem poder colocá-los em prática no dia seguinte.

Juro que meu pau começou a endurecer novamente.

— É melhor deixar para você me contar detalhes desses sonhos em outro momento, ou não serei capaz de ficar só no sexo oral. E considerando, que daqui a pouco a empresa estará cheia, não queremos as pessoas ouvindo seus gemidos, quando eu estiver metendo em você.

Usamos o banheiro da minha sala para nos limpar e enquanto estamos colocando nossas roupas no lugar aproveito para fazer perguntas.

— Você faz uso de anticoncepcionais? — Ela fica tão surpresa com minha pergunta, que tenho que segurar a vontade de rir, ao ver seus olhos arregalados.

— É claro que uso pílulas. Sou uma mulher responsável e me cuido desde o dia que decidi fazer sexo pela primeira vez.

— Ótimo! Porque quando eu entrar em você, não quero nenhuma barreira entre nós.

— Não foi assim que você se tornou pai? — Indaga brincalhona.

— Nossa, você está sabendo detalhes da minha vida, hein.

— As mulheres dessa empresa adoram tocar no seu nome quando estão ociosas.

— Hum, que seja! Mas em fim, quero que você saiba que não vamos usar camisinha.

— E se eu quiser fazer uso delas?

— Vou te convencer do contrário. Seremos um casal fixo, Hannah, não haverá motivos para uso de camisinha.

— E quem me garante que você está limpo?

— Meu último checke foi há exatamente duas semanas e o seu também. Sei que nós dois estamos limpos, vi isso nos arquivos dos funcionários.

— Você mexeu nos arquivos da empresa e viu informações confidenciais? — Ela fica ainda mais linda quando faz carinha de espanto.

— Sou filho de um dos donos, tenho livre acesso a todas as informações desse lugar. — Minto. Na verdade, eu não tenho acesso às informações de funcionários quando o assunto é saúde e bem-estar. Tive que molhar a mão da moça de segurança da informação, mas ninguém precisa saber disso.

Ela arruma a saia e saí bufando de raiva. Tão linda!

Volto minha atenção novamente para os documentos do novo processo onde meu pai entrou de cabeça. Já estou quase finalizando a análise, quando Heitor entra sem bater.

— Deuses poderosos do sexo! Essa sala está com cheiro de rola e boceta, tudo misturado. O sexo aqui foi violento, não é mesmo? — Murmura cheio de malícia.

— Isso não é da sua conta.

— Ah! Qual é, brother? — Ele puxa uma cadeira e se joga todo

despojado. — Vai começar fazer segredos das *pentadas*?

— Só para não te deixar na curiosidade, não houve *pentada* violenta, mas tive o melhor café da manhã dos últimos tempos.

— Sei, tenho certeza que você chupou um brotinho.

— E tenho certeza que você é um veadinho. — Rebato zombeteiro.

— Vai se foder. — Meu amigo revida. — Depois quero saber, detalhes dessa história. Mas agora preciso te contar sobre o cliente que me procurou hoje cedo.



JOHN LIVIOTHY

Heitor se acomoda melhor na cadeira, e enquanto analisamos o monte de papelada a nossa, frente aproveitamos para fazer perguntas:

— O que houve de tão grave que fez um cliente te procurar tão cedo?

Meu amigo desvia o olhar de um documento importante, solta um longo suspiro e sorri sem humor.

— Ele é cliente do meu pai. Mas o velho Mitchell resolveu passar o caso para mim, disse que vai ser um grande desafio e uma ótima oportunidade para eu entrar de cabeça no mundo judicial.

— Hum! Então o caso é sério?

— Eu não diria um caso sério, mas extremamente complicado e delicado. — Ele franze a testa enquanto nega com a cabeça.

— Sou todo ouvidos. — Volto minha atenção para ele, a fim de tentar entender o que está acontecendo.

Heitor se ajeita melhor na cadeira, jogando os ombros para trás na tentativa de relaxar, ou tentar falar sem pressa.

— O cara traiu a esposa, uma mulher que está fazendo tratamento contra um câncer de mama. Agora a ex-mulher está querendo tirar tudo dele. — Meu amigo soltou um riso maquiavélico antes de voltar a falar. — Onde diabos vou arranjar argumentos, para safar um cara que deixa a mulher doente em casa para viajar com a amante?

— Porra! Aí é complicado mesmo. Você vai ter que rebolar muito essa sua bundinha, para tentar deixar o garanhão levar pelo menos as cuecas. — Tento ser brincalhão.

— Nem me fala. — Ele suspira levemente incomodado. — Meu pai já até me ameaçou, dizendo que eu preciso dedicar todo o meu tempo a esse caso. — Quase rio de sua careta engraçada. — O coroa falou que depois que voltarmos de Miami tenho, que me dedicar integralmente a isso.

— E, porque essa cara de poucos amigos?

— Cara, vou ter que ficar um tempo sem baladas ou clubes nos finais de semana, terei que me preparar para ser, o verdadeiro advogado do diabo.

Ficar sem baladas ou mulher aos finais de semana é o fim de tudo para o Heitor. Meu amigo gosta de farra e muito sexo sujo. Por um momento sinto pena por ele ter pego um caso tão complexo, mas se parar para pensar, até que não será uma má ideia. Heitor precisa entender que a vida não se baseia, apenas em farra ou sexo em troca de dinheiro.

Porra! Estou parecendo um pastor de cidade pequena, com esse pensamento de mocinha.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, mandando para longe esse John tão certinho. Eu não quero ser certinho, porque isso só me fode. Ficamos em silêncio, aproveito e volto meu olhar para a papelada. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, meu pai irrompe em minha sala, sorrindo e levemente agitado.

— Pai!

— Precisamos sair para comemorar. — Ele diz enquanto sapeca um beijo na bochecha do Heitor.

— Ih! Qual é a sua? — Heitor resmunga, passando a mão no local beijado.

— Ganhamos o processo da Miramex. — Meu velho revela tão empolgado que é possível ver seus olhos brilharem.

— Caralho, isso é verdade? — Fico em êxtase. Estamos brigando por um processo milionário na Miramex desde o ano passado, meu pai já estava quase desistindo, tamanho o estresse que estava nos causando por essa empresa.

— Meu pai já sabe disso? — Heitor questiona, sem esconder a excitação por essa notícia.

— Ele já até reservou uma suíte no melhor hotel de Amsterdam, aonde vai levar sua mãe para passar um fim de semana incrível. — Papai se joga no sofá de couro. O mesmo sofá onde fiz Hannah gozar hoje pela manhã.

— Uau! E você, não vai levar a dona Mirela para algo especial também? — Meu amigo quer saber e, agora é minha vez de olhar curioso para ele.

Papai ergue uma sobrancelha, enquanto estende as pernas em cima do sofá e cruza os braços em baixo da cabeça.

— Acabei de falar sobre isso com a Hannah, ela vai fazer uma reserva na suíte máster do Grand Beach Hotel, para nós dois.

— Ué! Mas esse não é o hotel que vamos ficar hospedados para o jantar de negócios? — Agora estou meio confuso.

— Exatamente! A reunião será no sábado à noite. Sua mãe será minha

dama de companhia e após a reunião será apenas ela e eu, na melhor suíte, com o melhor cardápio e... — Estendo a mão, interrompendo-o.

— Está legal, eu já entendi. Então vamos passar o final de semana por lá. E os gêmeos? E Melissa?

— O que têm eles?

— Eu acho que a mamãe não vai querer passar um final de semana longe deles.

— Quanto a isso não se preocupe, sua tia Manu já está me ajudando a convencê-la. Manuela e Kate irão cuidar das crianças, na nossa ausência. Breno também vai conosco, ele vai aproveitar para fazer umas pesquisas no instituto biológico de Miami. E, de repente uma ideia carregada de segundas intenções vem à minha mente, quando lembro que a amiga da Hannah olhou interessada para o Breno, lá na sorveteria.

— Pai, depois dessa reunião estaremos livres para fazer o que quisermos, não é mesmo? — Ele arqueia uma sobrancelha, me olhando desconfiado.

— O que você pretende?

— Ué! Só quero saber se vou poder aproveitar a madrugada de sábado com Breno, Heitor e a Srta. Parker.

— John... — Seu tom de voz é de reprovação.

— Relaxa Dr. Lucas. — Heitor fala por mim. — John não será nenhum lobo mau com a Srta. Parker, vou cuidar dela.

— O caralho que vai. — Aponto o dedo na cara do meu amigo, que está sentado com as pernas cruzadas, sorrindo com desdém.

— Olha só, ele já está todo se sentindo dono da donzela. — Heitor zomba de mim, fazendo meu pai levantar e sentar de forma ereta no sofá.

— John, olha bem o que conversamos na semana passada. — Meu pai

tenta me amedrontar.

— Relaxa, eu não serei um lobo mau com a Srta. Parker. — Digo, mas nem mesmo tenho certeza disso.

— Espero mesmo. — Meu pai murmura todo defensor da Hannah.

Às vezes me pergunto como será que meu pai vê a Hannah, ele a descreve tão inocente e tão indefesa, que chega a ser engraçado. Ah! Se ele soubesse, quão safada ela é. Se ele soubesse como ela é danadinha e como me atija constantemente.

— O papo está bom, mas o dever me chama. — Heitor levanta num pulo. — Tenho uma audiência marcada daqui a pouco e ainda estou aqui, tentando convencer meu amigo contar detalhes do seu café da manhã glorioso.

— O que teve de tão especial nesse café. — Dr. Lucas estreita os olhos para mim.

— Nada de mais, pai. — Ele não sente firmeza na minha resposta, mas também não insiste no assunto.

Heitor saiu acompanhado com meu pai e só assim consigo me concentrar novamente ao meu trabalho. Na hora do almoço, penso em chamar Hannah para comermos em um restaurante mexicano aqui perto. Mas Luana foi mais rápida no convite e às duas saíram antes de mim.

Heitor sempre almoça comigo, mas meu amigo também ainda não havia voltado da audiência, então resolvi pedir algo e comi na minha sala mesmo.

Final de expediente, salvo algumas planilhas no sistema interno da empresa e antes de ir embora, passo na sala da Hannah para oferecer uma carona. Mas após bater na porta duas vezes, abro e constato que ela provavelmente já foi embora.

— Até amanhã Srta. Vandamme. — Despeço-me de Luana, que está concentrada em seu computador. Ela desvia o olhar da tela luminosa e sorri gentilmente para mim.

— Antes de ir embora, preciso te passar um recado. — Avisa-me. Eu não tenho secretaria, meu pai vive insistindo que eu preciso de uma. Mas Luana recebe uma bonificação a mais no salário, para fazer algumas anotações para mim. Ela é praticamente minha secretária e do Heitor ao mesmo tempo. Então, não vejo necessidade de contratar mais alguém.

— Sou todo ouvidos. — Puxo uma cadeira e sento ao lado dela, que fica um pouco sem jeito, mas não deixa cair o rebolado.

— Certo! — Ela começa mexendo em suas pastas de arquivos no Windows. — Terça-feira, será a última audiência no caso do pet shop de Manhattan.

Estou nesse caso a um tempão e essa será minha última chance de recorrer sobre uma indenização de assédio sexual. Estou tentando tirar o máximo possível, de um babaca filho da puta. O cara é dono do estabelecimento e tentou forçar a barra, com uma das funcionárias. Aparentemente, a garota não quis ir além de uns amassos. Então o cara a demitiu por justa causa, sem motivo aparente.

— Vou ganhar esse caso, quero ver aquele idiota dando mais da metade do que é justo. Quem sabe assim, ele não aprende a respeitar limites.

— Que horror, né? — Luana murmura. — Eu também não teria pena de arrancar até as cuecas de um cara desse.

— Ele é um babaca. — Ergo uma sobrancelha. — Mulher tem que ser agradada, nunca se deve obriga-las a fazer algo contra sua vontade.

Luana me olha com admiração e de repente o clima que segundos atrás era agradável, agora está meio constrangedor. Ela não faz questão de

esconder quando tem interesse em algo, acho que esse é um problema com a maioria das mulheres aqui da empresa.

— Desculpa atrapalhar vocês. — Viro a cabeça em busca da voz feminina. Hannah está parada próxima do elevador, enquanto o aguarda no nosso andar. — Só queria me despedir.

Onde diabos ela estava?

— Até amanhã amiga. — Luana diz animada, enquanto tenta ganhar minha atenção novamente. Mas ela que me desculpe, a rainha dos meus pensamentos está diante de mim, e isso é bem mais interessante, que o decote que ela está tentando esfregar na minha cara, há quase cinco minutos.

Levanto e nem me dou conta que estou prestes a ir embora sem, nem mesmo agradecer Luana por cuidar da minha agenda. Então viro para a secretaria do meu amigo e dou um breve aceno de cabeça antes de dizer:

— Obrigada, Srta. Vandamme, nos vemos amanhã. — O elevador para no nosso andar, Hannah é a primeira a entrar. Entro logo em seguida e quando a porta de aço se fecha e ele começa a descer, sorrio para a minha garota.

— Pensei que você já havia ido embora.

— E pensei que tínhamos um trato. — Responde com certa rispidez. *Uou! Minha garota está envenenada...*

— O quê? Do que você está falando? — Olho confuso e a vejo me fuzilar com os olhos.

— Pensei que seríamos parceiros de cama. — Dou uma olhada rápida para o meu reflexo no espelho, mas continuo confuso.

— E seremos parceiros de cama. — Afirmo com um sorriso carregado de malícia. — Não estou entendendo onde você quer chegar.

Ela anda até mim, envolve os braços no meu pescoço e me dá um

breve selinho antes de dizer: — Querido, não é porque é algo casual, que aceito pegar baba das outras. — Aperto as mãos na cintura dela, trazendo seu corpo para junto do meu.

— E quem disse que você pegará babas?

— Eu vi a forma como você estava falando com a Luana. Que foi? Ela será seu próximo café da manhã?

A porta do elevador abre, dando acesso para dois rapazes, que imagino serem do TI. Mesmo contra minha vontade, afasto meu corpo de Hannah. Ela fica me olhando, mas não trocamos palavras, até os rapazes descerem no andar seguinte.

Quando a porta se fecha e ficamos sozinhos novamente, empurro-a fazendo suas costas baterem na parede de aço, e no mesmo instante tomo sua boca, beijando-a, apertando suavemente sua cintura.

Hannah solta um gemidinho baixo, enquanto ergue uma perna, dando-me acesso ao seu centro quente. Ela geme um pouco mais alto, quando esfrego minha ereção no ponto exato do seu sexo.

— Você está com ciúmes Srta. Parker?

— Ah! Queridinho, não sou ciumenta. Apenas não gosto de pegar baba dos outros.

— Certo! Então, vou fingir que acredito.

— Seu cre... — Colo nossos lábios, impedindo-a de falar qualquer coisa. Com uma mão livre apalpo a bunda dela e com a outra puxo seus cabelos, fazendo-a gemer, toda entregue para mim. Quase morro de tesão quando sinto sua mão ousada tentando abrir o zíper da minha calça social.

— Você é tão safadinha, que aposto que deixaria eu te comer bem aqui, dentro desse elevador.

— Não tenha dúvidas querido, pois, gosto muito de sexo. Na cama,

no chuveiro e até mesmo debaixo da mesa. — Admite sem o menor pudor.

— Nossa viagem será depois de amanhã. E depois da porra da reunião você será somente minha e querida, vá preparada, porque vamos foder o final de semana inteiro.

— Quem muito fala, normalmente deixa a desejar. — Sussurra zombeteiro.

Tento abrir a boca em protesto, mas o bip do elevador nos alerta que infelizmente chegamos ao térreo. Afastamos e enquanto Hannah arruma a saída de volta no lugar, a porta se abre e saímos rindo como se nada tivesse acontecido.

Devíamos ganhar um prêmio por sermos tão cretinos.

— Te ofereço uma carona até sua casa. — Ela sorri, passando a língua nos lábios.

— Fico grata por sua oferta, mas não estou indo para casa.

— O quê? Para onde você está indo, num final de tarde?

— Está com ciúmes, Sr. Liviothy? — A safada pergunta com ironia.

— E se eu tiver? — Jogo um verde. A verdade é que estou tão curioso que chega a ser doentio.

— Se tiver, vai continuar. Porque eu não namoro, justamente para não ter que dar satisfação da minha vida, para macho nenhum.

Porra! Eu bem que podia ter dormido sem essa. Hannah não brinca em serviço. E meu pai achando que é uma donzela indefesa. *O inferno que é...* Ela vira as costas para sair do prédio, mas seguro seu braço fazendo-a parar.

— Então, me diz pelo menos onde você estava agora a pouco?

— Eu estava terminando de fazer nossas reservas na sala do seu pai.

O telefone de lá, é o único que me dá acesso a ligações interestaduais. — Explica e saí rebolando sua bunda perfeita, me deixando com uma baita ereção.

Caralho...



HANNAH PARKER

John ficou curioso e meio sem jeito, quando falei que não dou satisfação a ninguém. Mas, a verdade é que eu não gosto de dar detalhes da minha vida. Nem para a minha mãe faço isso. Também não quis contar para o meu *boy*, que estava saindo para comprar lingerie novas. John não precisa saber, que já faz quase um ano que eu não transo.

A verdade é que estou em abstinência de sexo há um bom tempo, não por falta de opção, mas sim por decisão própria. Resolvi me reservar por um tempo, eu precisava desse espaço para me recuperar por completo, do vexame que meu ex-namorado me fez passar, ao me trair com a filha do nosso pastor.

Pode não parecer, mas eu já fui uma garota comportada, que ia à igreja todos os domingos. Guilherme e eu fazíamos parte do grupo de apoio à igreja e organizávamos o grupo de jovens. Fiquei muito magoada com os dois, mas não fiz escândalos e simplesmente terminei nosso namoro. Após rompermos como um casal, ele assumiu a "*Santa do pau oco*". E andei saindo com outras pessoas, mas dá para contar nos dedos, esse pequeno

número. Preferi ficar na minha, meio que fiquei descrente de homens.

Voltando a falar do meu *boy* atual, após deixar o gatinho de boca aberta por minha brutalidade, ando três quadras e sinto meus olhos brilharem, ao parar em frente à loja de lingerie preferida das Nova-Iorquinas.

— Boa tarde, Srta. — Uma moça de mais ou menos uns vinte anos, exhibe seus dentes brancos, ao me receber com cordialidade. — Seja muito bem-vinda à Victoria's Secret.

— Muito obrigada! — Desvio o olhar e observo todo o ambiente a minha volta.

— A Srta. tem algo em mente, ou prefere dá uma olhada em nossa nova coleção? — A moça diz, enquanto acompanha meu olhar. Faço um gesto com o dedo, pedindo para ela se aproximar. Então abro meu melhor sorriso e sem nenhum tipo de constrangimento, murmuro:

— Quero algo sexy, muito sexy. Sexy pra caralho. — Seguro o riso ao ver a menina mudar de cor com minha ousadia. — Quero deixar meu *boy* babando, igual um lobo quando está prestes a devorar sua presa. — Ela abre um sorriso discreto e faz um meneio de cabeça, pedindo para segui-la.

Entramos em outra área mais reservada da loja, onde ela joga vários modelos de lingerie ousadas em cima de um balcão de vidro e, com muita paciência, mostra cada uma. Pego três modelos lindos, capaz de foder com o cérebro de qualquer homem. Corro para o provedor.

A parte de baixa é proibida provar, coisa que eu super apoio. Nem morta eu vestiria uma calcinha, que já foi esfregada em outras xoxotas por aí. Os sutiãs têm um plástico protetor na parte mamária, deixando a coisa um pouco mais higiênica.

No momento que estou tentando fechar um sutiã, dentro de um provador que mais se parece um porta mala de fusca, de tão apertado que é.

Sinto um estalo na coluna e agora sim, estou me sentindo uma velhinha de meio século.

Quem me ver nessa situação pode até achar que estou possuída pelo capiroto, pois, meus braços estão para trás, enquanto eu estou igual um cachorrinho atrás do rabo, na tentativa de fechar o bendito do sutiã. O espetáculo, não poderia ficar pior, se meu celular não resolvesse tocar dentro da minha bolsa.

Deixo um peito dentro do bojo enquanto o outro escapa por falta de sustentação. Estico minha mão livre até a bolsa e atendo sem olhar quem está ligando.

— A.. Alô. — Estou ofegante, parece até que corri uma maratona. Mas mesmo assim consigo atender a chamada.

— *Hannah.* — A voz grossa do John penetra meus ouvidos, e um sorriso idiota invade meus lábios.

— Sr. Liviothy.

— *Não estamos na empresa, para de me chamar de senhor. Sinto-me muito velho.* — Ele resmunga enquanto me repreende e tenho certeza que está fazendo uma careta para o celular.

— Certo! Então o que o moço gostoso quer comigo? — Indago brincalhona.

— *Você está correndo?* — Ele pergunta curioso ao notar minha voz ofegante.

— Estou tentando provar um sutiã.

— *O quê?*

— Estou dentro de um provador minúsculo, tentando fechar um sutiã.

— *Como assim?* — Sua voz está falhando e percebo seu pequeno nervosismo.

— John, estou tentando acomodar meus seios em um sutiã apertado pra caralho, você entendeu agora? — Ele geme e sou obrigada a revirar os olhos. Homens... — Você está gemendo? — Indago perplexa.

— *Se estou gemendo? Hannah, estou parado num farol, com o pau completamente duro só de imaginar você seminua dentro de um provador.*

— Você é um tarado. — Tento puxar o sutiã para tirá-lo de vez, mas uma das alças escapa dos meus dedos e volto para a estaca zero.

— *E você é uma gostosa dos infernos, que faz meu pau levantar só com a forma como me olha. E, querida, te imaginar provando lingerie dentro de um provador é a visão perfeita para eu gozar enquanto dirijo até minha casa.*

— Você é um doente.

— *Você ainda não viu nada, baby.* — Ele murmura enquanto eu finalmente consigo tirar o sutiã e começo uma mine maratona, para vestir um vestidinho sexy, todo transparente com detalhes de seda nas laterais e um bojo que deixa meus seios ainda mais firmes e modelados.

— Você vai ser malvado comigo lá em Miami? — Provoco com uma voz sexy e sorrio para o meu reflexo no espelho, ao ouvi-lo gemendo e engolindo seco.

— *Fique à vontade para levar uma pomada anti-inflamatória, porque não vai sobrar uma parte do seu corpo que não ficará roxa. Vou adorar te castigar, só porque você está sendo uma garota má.*

— Hum! Já estou toda molhada com essa ameaça.

— *Cachorra.*

— Sim! Sua cachorra. — Ele solta uma gargalhada gostosa, mas decido interromper nosso momento safadeza. — Agora vamos falar sério. Porque você me ligou?

— *Nossa, que mudança rápida de assunto. Isso tudo é para fazer meu pau amolecer?*

— Não querido, isso tudo é porque vou acabar com um torcicolo por estar falando ao celular com a cabeça torta, já que minhas mãos estão ocupadas na minha lingerie nova.

— *Merda, você sabe que vou querer ver essa lingerie, não sabe?*

— Se você merecer, verá essa e muitas outras. Agora me conta, porque está me ligando?

— *Sabe aquela sua amiga da sorveteria?*

— Giulia?

— *Ela mesma. O que você acha de levá-la nessa viagem?*

— O que você está planejando?

— *Meu primo gostou dela mais é tímido demais para tomar iniciativa, percebi que ela também se interessou por ele. Então, estive pensando em dar uma forcinha para os dois.*

— Olha só, então quer dizer que além de safado, cafajeste e sem-vergonha, você também é cupido?

— *Só gosto de dar uma forcinha para o meu primo tímido, não tem nada de mais nisso, ué.*

— Hum! Eu preciso ver com a Giulia, se ela está de acordo com isso.

— *Se ela tiver de acordo, diga que toda a viagem será por minha conta.*

— Ótimo! Vou falar com ela e te dou uma resposta amanhã no escritório.

Despedimo-nos com um John todo safado, me fazendo promessa de um final de semana maravilhoso, volto para a minha sessão de escolha de

lingerie. Provo mais dois modelos, até que finalmente encontro o que estava procurando. Saio do provador com um sorriso radiante, em expectativa para esse próximo final de semana, pago por meus novos acessórios e saio da loja encantada e ansiosa demais. No caminho para casa, ligo para minha manicure e deixo agendado um horário amanhã à tarde, marco também uma seção de depilação e escova no cabelo.

Chego em casa louca por um banho, e é exatamente isso que faço assim que entro no banheiro. Com o corpo relaxado, saio revigorada e, assim que entro no quarto, me deparo com Giulia sentada na minha cama.

— Ué! Saiu mais cedo do trabalho? — Questiono, estranhando o fato de ela está em casa antes das nove.

— Cara, estou tão feliz. — Ela diz, enquanto me observa secar o corpo com a toalha.

Giulia e eu não temos problemas em ficarmos nuas na frente uma da outra, somos muito íntimas e é como se fossemos, uma espécie de gêmeas ou coisa do tipo. Pego uma calcinha e visto, enquanto tento sondar o motivo da felicidade da minha amiga.

— Uau! Deve ser uma coisa muito boa, seus olhos estão brilhando.

— Eu consegui, Hannah. Finalmente, fui mandada embora do inferno. — Sorrio com a forma como ela se expressa. — Vou poder sair e ainda vou sair com todos os meus direitos.

Minha amiga já estava querendo sair há muito tempo, mas não queria pedir demissão, para não perder os direitos trabalhistas. Conhecendo-a como conheço, segunda-feira mesmo ela já estará batendo na porta das agências, em busca de uma nova colocação no mercado de trabalho

— Amiga, que notícia maravilhosa. Então, isso é um bom motivo para comemarmos. — Sugiro. — John te convidou, para ir com a gente

para Miami.

— Ué! Pensei que vocês estavam indo a trabalho.

— E estamos. Mas ele quer aproveitar a viagem, pegarmos uma praia no domingo. Sabe o que dizem, né? Miami tem as melhores praias da Flórida. O paraíso, fica exatamente naquele lugar.

— Uau! Já quero esse rolê. — Ela concorda de imediato.

— Ótimo! O que você achou do Breno?

— Quem? — Minha amiga franze a testa e rio ao lembrar que ela é péssima em guardar nomes.

— O primo tímido dele, aquele rapaz que ficou te secando na sorveteria, mas não teve coragem de chegar junto. — Explico, enquanto visto minha camisola de algodão.

— Ah! Sim. Lembro dele! — Giulia sorri com malícia. — O carinha é um tremendo de um gostoso, mas meio covarde por não chegar até mim.

— Dá um desconto, Giulia. Está na cara que ele é extremamente tímido. Acho até que é virgem.

Minha amiga senta de forma ereta, enquanto ergue uma sobrancelha, demonstrando interesse pelo assunto.

— Amiga, será mesmo? Será que o *boy* nunca afogou o ganso?

— Eu acho que não.

— Perfeito! — Murmura e fica em pé diante de mim. — Sempre tive o sonho, de tirar o cabaço de um cara. Vou fazê-lo esquecer aquela timidez toda, e vou mostrar o parquinho dos prazeres ao gato.

— Nossa, amiga, como você é má. Vai mesmo usar o coitadinho?

— Coitadinho é meu cú, que ficou ardendo por quase duas semanas, quando tentei usá-lo numa brincadeira com o idiota do Harry. — Ela fala

fazendo uma careta e não consigo segurar o riso.

— Eu ainda acho que você vai acabar descobrindo que sexo anal não é tão ruim assim. — Murmuro e ganho em troca um olhar desconfiado.

— Hannah minha querida, não adianta tentar me convencer que isso é gostoso, porque tive o desprazer de sentir um pau tentar me invadir da forma mais bruta possível. Sei bem como essa porra dói.

— Você sentiu dor porque fez com um idiota, que não sabe excitar uma mulher de forma intensa. Fiz com o Gui e foi super prazeroso. Se aquele babaca não tivesse me traído, estaríamos fazendo um anal gostoso até hoje.

— Se você diz. — Ela sacode os ombros, enquanto se joga novamente na minha cama. — Amanhã vou comprar um biquíni e algumas roupas de praia, quero ficar bem sexy para seduzir o meu *virgenzinho*.

— E no final da tarde vamos ao salão. — Acrescento. — Estou com hora marcada, tenho certeza que as meninas te encaixam também.



Sexta-feira de manhã, Nova York é a cidade do sorriso. Todo mundo empolgado pelo fim de semana que se aproxima, então a galera vai trabalhar com sorriso de orelha a orelha. Porém, no final da tarde é um verdadeiro inferno, parece até aqueles filmes de fim dos tempos. Todo mundo querendo chegar em casa mais cedo.

— Bom dia, Hannah. — Luana me cumprimenta assim que saio do elevador, no décimo segundo andar.

— Bom dia Luana. — Respondo sem muita intimidade. Essa vaca pensa que eu não percebi seu olhar malicioso para o John. Não que eu tenha algo a ver com a vida dele, mas o cretino precisa cumprir com nosso trato e

não ficar com ninguém, enquanto estivermos juntos.

Passo por Luana e estou prestes a entrar na minha sala quando a ouço gritar.

— Você é sortuda, hein. — Solto um longo suspiro, enquanto volto até a recepção.

— Sortuda? Por quê?

— Você vai viajar com os caras mais gatos, dessa empresa.

— Vou trabalhar no final de semana. Não vejo nada de sorte nisso.

— Ah! Hannah, vai me dizer que você não vai aproveitar para seduzir o nosso menino John.

Sinto vontade de meter a mão na cara dela, quem essa vaca pensa que é para chamar o John de nosso? Não divido nem chocolate, quem dirá meu *boy* magia. Se ela quiser, ela que espere nossa safadeza acabar e fique com minha baba. Se bem, que eu não quero que ela fique com nada. John é meu, pelo menos por enquanto.

— Bom, estou indo a trabalho. Se rolar um momento descontraído, até que não será uma coisa ruim, não é mesmo? — Provoco. Ela abre a boca para responder, mas o elevador para no nosso andar, John e Heitor surgem logo em seguida.

— Bom dia senhoritas. — Heitor é o primeiro a nós cumprimentar, John vem logo em seguida.

— Bom dia. — Luana e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Sr. Mitchell. — Luana volta sua atenção para o seu chefe. — Tem uns papéis em cima da sua mesa, que o senhor precisa assinar.

— Obrigado. — Ele agradece e sai a passos largos em direção a sua sala.

— Hannah, você pode vir até a minha sala um minutinho? — John murmura enquanto anda. Vejo Luana nós olhar com desconfiança, mas como estou cagando e andando para o que passa na cabeça dela, sigo o filho gostoso do meu chefe.

Quando entro na sala, sinto minhas costas sendo chocada contra a porta que acabará de ser fechada, e antes que eu possa processar o que está acontecendo, minha boca é tomada por um beijo calmo e muito carinhoso.

Quando o clima esquenta, John me beija com mais ousadia, enquanto me espreme contra a porta e passeia com suas mãos grandes por todo o meu corpo. Ele geme, quando inclino meu quadril para frente e me esfrego em sua ereção. Nossas línguas estão em uma batalha cruel e ele aperta meu seio por cima da blusa, enquanto movimenta nossos quadris como se estivéssemos transando, porém, vestidos.

— Você bem que podia deixar eu te comer bem aqui, agora. — Sussurra com a boca colada ao meu ouvido.

— Amanhã sou toda sua.

— Sei que você vai acabar cedendo e ainda vai dar pra mim bem aqui, atrás dessa porta. Só não vou insistir hoje, porque tenho que estar no fórum daqui a pouco.

Afastamos e eu pego um lenço para limpar a mancha de batom que deixei espalhada nos lábios e no queixo dele.

— Giulia aceitou, pode contar para o seu primo virgem.

— Primo virgem? — John cai na risada e eu me sinto meio perdida.

— Ele não é virgem?

— Graças ao tigre aqui, não. — Ele responde batendo no peito com orgulho. — Thiago e eu tivemos um trabalho, mas conseguimos levar nosso primo da fase punheta para outro nível. Mas Breno é tão tímido, que nem sei

se conseguiu outra mulher, depois da nossa ajuda.

— E então, Giulia vai ser a próxima isca?

— Vai dizer que sua amiga não gostou dele? Eu vi como ela olhou para ele.

— Ela amou. — Afirmo e saio da sala, segundos antes de dar um beijo rápido no meu gatinho.



HANNAH PARKER

Após me recompor de um amasso quente na sala do John, sigo para minha sala, um tanto desnorteada.

Quando finalmente consigo me concentrar no trabalho, verifico meu e-mail e vejo duas novas mensagens, alertando-me sobre um fax com documentação importante para o Dr. Lucas assinar.

Volto meu olhar para o aparelho de fax, onde duas folhas de notificações já estão expostas para mim. Pego os papéis e enquanto sigo para a sala do meu chefe, esbarro em Ryan, um dos rapazes do TI.

— Hannah, como você está bonita. — Dou uma discreta revirada nos olhos diante do seu comentário. Ryan vive me convidando para sair, e vivo negando seus convites. Ele é um cara bacana, mas não sinto nenhum tipo de atração, a não ser amizade.

— Obrigada, cara. — O rapaz faz uma careta diante do meu comentário e rio achando graça.

— Você e sua mania de me chamar de cara.

— Ué, queria que eu te chamasse como? De mina?

— Muito engraçadinha você. Só estou dizendo, que acho estranho você falar assim. — Ele ergue a sobrancelha quando sorri de canto. — Será que você joga água fora da bacia Hannah?

— Água fora da bacia? Que diabos de termo é esse?

— É assim que chamamos as mulheres, que gostam de mulher lá em Manaus. — Explica com humor.

Ryan é um dos vários brasileiros que trabalham por aqui. Dr. Lucas sempre dá oportunidades de emprego para imigrantes. Quer encontrar brasileiros em Nova Iorque? Basta vir à L&M'lawyer. Seguro o queixo dele, com a ponta do meu dedo indicador e o sinto suspirar com minha aproximação. Olho no fundo dos seus olhos e, com um sorriso sacana nos lábios, planto uma dúvida em sua mente.

— Será que jogo água para fora da bacia?

Afasto-me antes mesmo que ele possa processar minhas palavras. É engraçado como ele fica nervoso toda vez que me aproximo. Uma vez entrei no elevador no exato momento que Ryan estava contando uma história para o Juliano, um dos nossos colegas de trabalho. Como o elevador estava cheio tive que ficar bem perto dele, quase colada. O cara simplesmente perdeu o foco da conversa e gaguejou quando propositalmente passei minha mão em sua bunda.

Com essa lembrança, sorrio enquanto caminho até meu chefe. Assim que entro no corredor que dá acesso à sua sala, vejo que a mesa da recepcionista dele está vazia, como sempre.

Agora entendo os motivos, pelos quais Dr. Lucas vive dizendo, que sou bem mais secretária que Gisele. Porque além de assistente, eu também vivo atendendo os telefonemas que constantemente é desviado para o meu

ramal, já que ela quase nunca está na sua mesa para atender as chamadas.

Paro diante da porta de metal onde está escrito em letras negritas "*Dr. Lucas Liviothy. Diretor chefe L&M'lawyer.*"

Após bater mais duas vezes e ver que a porta está apenas encostada, faço o que já é de costume. Entro. Meu cérebro leva poucos segundos, para processar o que meus olhos estão vendo.

Dona Mirela está sentada na mesa do meu chefe, enquanto Dr. Lucas está ajoelhado com a cabeça enfiada no meio de suas pernas, chupando-a, fazendo sua esposa tombar a cabeça para trás, arrancando gemidos roucos do fundo da garganta dela.

Porra...

Volto lentamente para trás e com muita sorte, percebo que eles nem notaram minha presença. Antes de fechar a porta ainda a ouço dizer: — Ah! Isso Lucas, fode minha boceta do jeito que só você sabe fazer, com essa sua língua maravilhosa. — Ela geme mais alto e então anuncia: — Vou gozar na sua boca, meu amor.

Fico parada, encostada na parede e tentando miseravelmente me recompor. E quando estou quase lá, a adrenalina volta com tudo, ao ver John aparecer no corredor, vindo feito um furacão em direção a porta do pai.

— Hannah. — Ele me olha com a sobrancelha levemente erguida, com um semblante preocupado. — Você está bem? Está tão pálida.

— Ah, estou bem! Na verdade, estou ótima. — Minto e vejo de canto de olho o momento que Gisele retorna para sua mesa. Maldita seja... Se ela estivesse aqui para me avisar que a dona Mirela estava na empresa, teria me poupado de vê-la, em um momento tão íntimo com o marido.

— Eu adoraria ficar aqui e admirar o quanto você fica linda, quando está corada desse jeito. — John murmura ganhando minha atenção

novamente. — Mas eu já estou atrasado para a audiência, só preciso pegar um papel com meu pai.

Nesse momento me sinto o verdadeiro Peter Parker, quando joga a teia para paralisar o inimigo ou segurar sua defesa. Agarro John antes mesmo que ele possa tocar na maçaneta da porta, tentando impedi-lo de ver algo, que tenho certeza que será traumatizante para ele.

— Gato, me diga o que você precisa e posso providenciar agora mesmo. — Tento distraí-lo.

— Você está estranha. — Comenta com um sorriso tão lindo, que eu quase imploro para ele me comer bem aqui, na frente da secretaria incompetente do meu chefe. — Tenho certeza que meu pai já assinou os papéis que o Sr. Guerrity, mandou hoje mais cedo. Então não vou te dar esse trabalho, entro, pego e ponto final.

Maldição. Ele está falando dos papéis que estão nas minhas mãos e eu preciso pensar rápido. Mas o quê?

— Na verdade, ainda não! — Levanto às mãos e monstro os papéis. — Foi exatamente isso que vim fazer. Vim trazer a papelada para o seu pai assinar.

Bato na porta com a ponta do meu sapato, na esperança que dessa vez eles nos ouça e resolvam deixar a safadeza para mais tarde.

— Então me dá aqui, que levo para ele. — John pega os papéis no mesmo instante que grito:

— Não! Deixa que levo. — Pela forma como ele e Gisele estão me olhando tenho quase certeza que estou bancando a louca, fugida do hospício. Mas é melhor dá uma de louca a deixar John, ver seus pais da mesma forma que eu vi.

— Por que você está gritando? — Gisele pergunta de sua mesa.

Intrometida dos infernos.

— E, porque você não faz a droga do seu tralho ao invés de ficar passeando pela empresa, hein? — Provoco sem paciência. A garota abre e fecha a boca, como se fosse um peixe em busca de oxigênio e rio ao ver o medo estampado em sua cara quando John reclama com ela.

— A Srta., Parker está certa! Você devia começar exercer sua função, para ela poder exercer a dela com mais tranquilidade, não acha? E, além disso, você acha justo ela ter que ficar atendendo seus telefonemas toda hora, Srta. Gulliver? — Ela não responde nada, mas baixa a cabeça toda desconfiada.

— Obrigada querido. — Pisco para ele e pego os papéis novamente. — Volte para a sua sala que vou pedir para o seu pai assinar e já levo até você.

— Nada disso, ele vai assinar agora. Qual é a parte do estou atrasado que você não entendeu? — Ele insiste e dessa vez eu não consigo segura-lo.

John abre a porta do escritório do pai e invade o ambiente. Sem outra opção, entro logo em seguida. A sala ainda exala cheiro de sexo e meu chefe está levemente corado, enquanto tenta parecer normal.

Mirela está tentando arrumar a calcinha que está toda embolada embaixo do vestido. Ela faz isso de forma discreta e, graças a Deus John está tão concentrado em pegar a assinatura do seu pai, que nem mesmo nota a pequena cena de teatro que sua mãe faz.

— Oi filho. — Dona Mirela tenta parecer natural, mas a verdade é que ela está tentando se recuperar, em tempo recorde.

— Mãe? — Só agora ele se dá conta que sua mãe está na sala. — O que a senhora, está fazendo aqui?

— Nossa, é assim que você recebe sua pobre mãezinha que fez todo

um sacrifício para vir te ver. — Mirela caminha até o filho e sapeca um beijo em sua bochecha, enquanto se faz de coitada.

Eu não quero nem pensar onde a boca dela estava a muitos atrás. Embora seja ela, quem estava recebendo um maravilhoso oral, vai saber se não teve tempo para retribuir o carinho para o marido.

— Mãe, tomamos café agora a pouco, a senhora não pode estar falando sério.

— Querido, sempre sinto sua falta, quando você não está por perto. Me leve para o paredão e me fuzile por isso.

Seguro o riso diante do drama dela. Dona Mirela, parece até minha mãe, quando começa com a sessão dos dramas dela.

— Eu também te amo, mãe. — Ele devolve um beijo na bochecha da mãe e volta sua atenção para o pai. — Estou atrasado para a audiência com o caso do Sr. Guerrity, assine isso para mim e até o final do dia, nossa conta bancária estará alguns dólares mais rica.

Enquanto Dr. Lucas assina a papelada, Mirela caminha até mim e me dá um abraço antes de dizer:

— Obrigada pelo alerta, soube que estávamos prestes a ser pegos, quando você começou gritar igual uma louca sem remédio.

— De nada. Mas dá próxima vez, aconselho passar a chave na porta.

— Querida, o que exatamente você viu? — Ela está levemente ruborizada.

— Juro que a única coisa que vi, foi a cabeça do seu marido no meio das suas pernas. Mas juro que não fiquei olhando e saí o mais rápido que pude.

— Oh, desgraça! — Ela lamenta, levemente envergonhada.

— Esquece isso, faz de conta que eu não vi nada.

— Aquela secretária do Lucas é uma incompetente. — Mirela ralha frustrada. — Pedi para ela não deixar ninguém entrar, enquanto eu estivesse aqui.

Eu poderia aproveitar a oportunidade, para queimar Gisele de todas as formas possíveis. Mas não sou esse tipo de pessoa, então apenas assenti com a cabeça e mantive minha boca fechada.

John saiu tão apressado que nem se despediu da gente. Deixei Dr. Lucas e sua esposa a sós novamente e voltei para a minha sala, onde adiantei todo o meu trabalho para conseguir sair mais cedo e ir ao salão.



Giulia já estava me esperando quando cheguei ao salão. Fomos atendidas juntas e após fazer unha, cabelo e depilação, voltamos para casa. Lindas e belas.

Minha amiga, saiu para comprar itens de uso pessoal e mesmo sabendo que odeio cozinhar, deixou-me encarregada de preparar algo para o nosso jantar. Optei por fazer algo rápido e leve, vamos viajar amanhã bem cedo, não quero saber de mal-estar por comida forte.

Enquanto a carne assa na fritadeira elétrica, deixo o arroz secando no fogão e vou até o quarto, onde confiro tudo o que preciso levar. Termino de fechar minha mala no exato momento, que ouço meu celular vibrar em cima do criado mudo. O nome da minha mãe aparece na tela e corro para atender sem pestanejar.

— Oi mãe.

— *Filha, como você está meu amor?*

— Estou bem! Estou terminando de arrumar as malas, para uma viagem de trabalho.

— *O quê?* — Ela está chocada, e eu nem sei o motivo. — *Você vai*

viajar e não ia me avisar?

— Será uma viagem rápida, mãe. — Argumento.

— *E posso pelo menos saber o destino para onde minha filha está indo?*

— Miami.

— *Miami?* — Ela grita e sou obrigada a afastar o telefone do ouvido.

— *Você está indo para Miami e não ia me dizer nada?*

— Qual seu problema com Miami?

— *Não tenho uma boa lembrança de Miami, mas essa não é a questão aqui.* — Suspira. — *Sei que você já é adulta e tem sua independência, mas isso não significa, que você deixou de ser minha menina. Eu te amo, Hannah. Você é tudo o que tenho.* Sinto vontade de chorar diante das palavras da minha mãe.

— Também te amo, mãe. Prometo te ligar quando voltar para casa.

Despeço-me de dona Ariel Parker, após quase vinte minutos de conversa. Volto para a cozinha no mesmo instante que Giulia entra pela porta da sala.

— Comprei umas coisinhas, para o nosso fim de semana. — Olho para a minha amiga, que está parada diante do batente da porta, segurando um monte de camisinha.

— Você acha que vai conseguir algo com o Breno? — Ela caminha até a ilha no meio da nossa cozinha, joga as camisinhas e outros itens em cima do balcão. Então passa a língua nos lábios e sorri com malícia.

— Não só acho, como tenho certeza.

— Ele não é virgem, como pensávamos. — Revelo e ela dá de ombros.

— Dá no mesmo. Porque ele é tão tímido, que tenho quase certeza que só fez papai e mamãe até hoje.

— Gi, o que você está planejando? — Indago desconfiada.

— Vou mostrar ao rapaz tímido o lado bom de ser sacana entre quatro paredes.

Sorrio ao ver um sorriso diabólico nos lábios da minha amiga, Giulia não perdoa ninguém. Tenho até pena do Breno, quando ela resolver atacar.



JOHN LIVIOTHY

Acordei cedo e superanimado, assim posso tomar café sem pressa com minha filha e terei tempo de enchê-la de beijos antes de sair.

Podem me chamar de tudo: preguiçoso, cretino, safado e a porra toda. Mas ninguém nunca vai poder me acusar de ser um péssimo pai. Eu amo minha filha e ela sempre vem em primeiro lugar na minha vida.

Estou feliz e super empolgado pelo final de semana que Hannah e eu teremos juntos, mas já estou indo pensando na volta. Não gosto de ficar muito tempo longe da minha menina.

Faço a barba tomo um banho e visto meu melhor terno para a reunião importante, onde está em jogo alguns milhões de dólares. Como vamos chegar no horário marcado, não haverá tempo hábil para trocar de roupas. Sairemos do aeroporto direto para a sede da Accenture, uma grande exportadora de peças de carros.

Eles estão enfrentando um processo fodido depois que alguns funcionários entraram com pedido de indenização por várias horas abusivas de trabalho. Heitor e eu ficaremos lado a lado com nossos pais, onde

serviremos de auxílio e base para algumas argumentações.

A Srta. Parker nos auxiliará esclarecendo com riquezas de detalhes sobre a nossa empresa. Ela explicará de forma simples, porém, convincente, de que forma atuamos e mantemos o status de uma das melhores empresas de advocacia de Nova York.

A empresa fundada por meu pai e meu avô, a princípio era voltada apenas para processos conjugais e familiares. Mas agora é uma sociedade com o Dr. Mitchell, um dos maiores advogados trabalhistas do nosso país. E foi nessa fusão que nos tornarmos advogados trabalhistas também.

Após dar uma última olhada no espelho, estou satisfeito com o que vejo. Então pego minha pequena mala e sigo para o andar de baixo da casa, onde encontro uma mesa de café da manhã maravilhosa. E praticamente toda a minha família reunida na sala de jantar.

Minhas tias, Kate e Manu, estão dando café para as crianças, enquanto minha mãe está dando seu recado.

— Então vou repetir: Zack gosta da banana picada em pedaços médios, e Lavínia gosta delas amassadas com farinha láctea. — Minhas tias reviram os olhos e sorriu, achando graça da cara de tédio delas.

Tia Manu conhece os gêmeos melhor do que ninguém, já que Zack tem as mesmas manias do meu tio Noah. Lavínia também tem umas manias dele, o que faz meu pai ficar puto da vida, toda vez que o tio Rapha decide tirar piada, alegando que o tio Noah teve que consolar a mamãe em algum momento do passado e acabou gerando os gêmeos.

Pode parecer estranho, mas é assim que nós nos divertimos nas reuniões em família. Papai, Tio Noah e meu tio Gustavo, já até acostumaram com as piadas infames dos meus tios, Raphael e Murilo.

— Pode ir tranquila, Mi. — Tia Manu murmura empolgada. — As

crianças vão se divertir muito com o que tenho em mente para o final de semana.

— E posso saber onde vocês pretendem levar minha filha? — Entro e vou direto até Melissa, onde sapeco um beijo em sua bochechinha gorda e ganhei um lindo sorriso, seguido de um: "*Papai lindo.*" É assim que ela gosta de me chamar.

— Lá vem o senhor protetor. — Tia Kate revira os olhos, enquanto sorri para mim. — Para de ser grudado e deixa a menina se divertir.

— Só quero saber aonde vão levar minha filha, não acho isso nada de mais.

— Noah alugou uma chácara afastada do centro e vamos levar as crianças para lá. — Tia Manu explica empolgada. — Você precisa ver como é lindo. Tem tudo que precisamos para um fim de semana agradável, o parquinho para as crianças, é lindo. Tem vários brinquedos. Raphael, Murilo, os pais da Kate e seus avós também vão.

— E eu vou cuidar muito bem dos bebês, já que sou quase adulta. — Nicole entra na sala sendo acompanhada por meus tios, Noah e Gustavo. Breno vem logo atrás deles. Thiago, que está com Sophia enganchada em seus ombros, aparece logo em seguida.

Nós moramos em um condomínio de casas luxuosas, onde tem outras famílias ao nosso redor. Mas somos uma família tão grande que tomamos metade do condomínio só para nós. Tio Noah diz que tudo começou quando meus pais resolveram povoar o mundo sozinhos.

— Eu queria ir nessa viagem também. — Thiago murmura chateado.

— Porque essa cara de velório? — Questiono, enquanto dou banana amassada para minha filha.

— Estou precisando de umas férias, Julianne tá muito *cuzona*

ultimamente. — Ele fala e a maioria de nós fica calado. O relacionamento do Thiago tá uma bosta, mas a única que se atreve a dizer isso é minha tia Kate.

— Você se fodeu no momento que se envolveu com essa garota. Agora tá aí, na merda e não sabe como sair dessa fossa. — Ela fala sem nenhum pudor.

— Kate. — Tio Gustavo tenta falar, mas minha tia o interrompe.

— Não estou falando nada de mais. Ou vocês se acertam de vez, ou cada um vai para o seu lado, é simples assim.

Thiago e Julianne se amam, quem os conhecem sabe muito bem disso. O problema dos dois é a falta de maturidade. Eles se tornaram pais muito novos, assim como eu. Mas a diferença é que não entrei num casamento antes dos dezoito.

— Eles se amam e você sabe muito bem disso. — Dessa vez é minha mãe quem fala. — Com o tempo eles amadurecem e essas picuinhas vão embora.

Tia Kate dá de ombros e volta a alimentar Lavínia, enquanto tia Manu se acomoda melhor na poltrona para amamentar o Enzo, meu priminho recém-nascido.

— E deixa-me entender. — Meu pai chega todo trajado de social e pego o olhar de minha mãe percorrer com admiração todo seu corpo. Acho foda esse amor deles. Nem parecem que já tem anos de casados e que são pais de adultos e adolescentes, eles se amam como se tivessem acabado de se conhecer. Eu ainda quero um amor assim para mim. — Vocês estão achando que estamos indo para uma festa? — Papai murmura após beijar todos os bebês, sentando logo em seguida ao lado da minha mãe.

— Você está levando a mamãe, então é como se estivessem planejando uma festa sem nós. — Laura entra na sala e completa a família.

Pronto, estamos todos reunidos. Se meus avós estivessem aqui, seria do alaco Baco como diz minha vó materna.

Após um café da manhã animado nos despedimos de todos e tive que prometer a Melissa pela enésima vez que trarei sua boneca de pano, que fala e canta. Nicole contou para a minha filha que em Miami vende essa tal boneca e agora terei que reservar um tempo para ir atrás da bendita.

Tio Gustavo está em horário de trabalho, e mesmo todo trajado de agente do FBI não se importou em nos levar até o aeroporto, onde aproveitou para contar como será o final de semana deles.

Quando fomos fazer o Check-in. Hannah e Giulia já estavam na fila. Giulia está linda, mas Hannah está de parar o trânsito. A mulher está usando um vestido social preto e agarrado que vai até à altura de seus joelhos, onde é possível ver cada curva de seu delicioso corpo. Ela está uns dois centímetros mais alta por causa de seu scarpin salto agulha.

Tenho que ter muito autocontrole ou serei preso por andar com o pau duro por todo o aeroporto.

Heitor também já está nos aguardando no saguão, ele vai conosco e encontrará com seus pais no momento da reunião.

— Srta. — Papai as cumprimenta. — Bom dia! — Elas o cumprimentam de volta, repetindo o mesmo gesto com minha mãe. Meus pais vão até o guichê para apresentar os documentos e tento segurar o riso ao ver a cara de pânico do meu primo, quando Giulia se aproxima dele para cumprimentá-lo.

— Bom dia, Breno. — Juro que foi só isso que ela falou, mas meu primo praticamente petrificou. Hannah, Heitor e eu nos entreolhamos e foi impossível segurar o riso, ao ver meu primo tentar parecer calmo, quando, na verdade, estava tão nervoso que mal conseguia falar.

— Bo... Bom dia, Srta. — Ele a cumprimenta de volta. Giulia apoia às duas mãos na cintura dele e dá um beijo estralado em sua bochecha, em seguida, enlaça ainda mais os braços em volta dele e fala alto o suficiente para ouvirmos:

— Você está muito gatinho. Adorei seu perfume. — E, assim ela deixa meu primo parado feito uma estátua, parecendo um idiota abobalhado. Então vira para cumprimentar Heitor, que está parado com a boca aberta, quase babando com a ousadia da amiga safada da Hannah.

— Bom dia moço que ainda não sei o nome. — Murmura brincalhona.

— Giulia, esse é o Heitor. Amigo do John e filho do sócio do Dr. Lucas. — Hannah esclarece. Heitor e meu primo seguem para o guichê, sendo seguidos por Giulia, que começa a tagarelar com minha mãe. Aproveito que Hannah e eu estamos a uma certa distância dos demais e murmuro baixo:

— Uau! Que gostosa do meu caralho.

— Bom dia para você, senhor deselegante. — Ela diz se fazendo de ofendida. — Você podia ser mais sincero e me cumprimentar direito.

— Meu pau tá babando por você. — Falo sem a menor cerimônia e ganho em troca uns tapas no ombro.

— Para de ser safado e me cumprimenta direito.

— Foi você quem me pediu sinceridade, gatinha. Não estou mentindo. Fiquei duro assim que te vi com essa merda de vestido.

— Ah, você podia ser mais romântico. — Sei que ela está brincando. Hannah não curte melação e sei que ela adora ouvir sacanagem. Tive certeza disso, no dia que ela quase gozou com minhas palavras sujas dentro do elevador da empresa.

— Querida, estamos indo a Miami para uma reunião de negócio, e depois você será só minha. Espere tudo de mim, menos romantismo. Hoje estou a fim de um sexo sujo e selvagem. — Ela geme e a vejo apertar as pernas de forma discreta, então aproximo minha boca do seu ouvido e sussurro: — Tá molhadinha, né? — Ela fecha os olhos e continuo minha tortura. — Aposto que sua bocetinha está se contraindo e louca para receber meu pau.

Sou obrigado a me afastar quando vejo meus pais vindo em nossa direção. Faço o meu Check-in e juntos vamos para o portão de embarque. Estamos na fila de embarque quando Hannah aperta meu pau de uma forma que ninguém percebe e sussurra ao meu ouvido:

— Minha bocetinha está molhada e estou quase gozando só de imaginar seu pau me invadindo. — A cretina fala e saí rebolando sua bunda para mim. *Porra... Quem quase gozou sou eu.*

Entramos na aeronave e dou uma cotovelada de leve no meu amigo enquanto comento sobre o rebolado da Hannah.

— Cara, se ela continuar rebolando daquele jeito vou levá-la até o banheiro e foder muito. — Heitor sorri, negando com a cabeça. No mesmo instante, meu pai puxa meu braço e manda seu recado.

— Está vendo ali na primeira fileira? Está vendo lá no meio? Está vendo lá no fundo? — Aponta para quase todos os assentos. — Aqui tem crianças e pessoas que têm idade para serem seus avós. Então, se você ao menos pensar em dar a famosa rapidinha nas alturas, e se eu te ver de gracinha para cima de alguma aeromoça ou qualquer pessoa que tenha uma boceta no lugar de um pau. Juro que arranco suas bolas sem dó nem piedade.

— Porra pai! O senhor acha que sou tão galinha assim?

— Moleque, você saiu das minhas bolas e tem meu DNA. Eu já tive

sua idade e sei exatamente como anda seus hormônios ultimamente. Mas você precisa segurar esse pau dentro da cueca.

Olho para o lado e vejo Heitor se dobrando de rir. Mas seu sorriso morre no momento que fecho o punho e dou uma porrada discreta em suas bolas.

— Vai se foder filho da puta. — Ele geme tentando disfarçar o desconforto.

— Venham rapazes, os lugares de vocês e logo ali. — Uma aeromoça simpática e cheirosa pra cacete nos guia até nossas poltronas, onde está reservado os lugares para Breno, Heitor e eu.

Hannah e Giulia sentam duas poltronas a nossa frente, com uma moça de mais menos uns trinta anos. Quando tento trocar de lugar com a moça desconhecida, vejo meu pai me olhar de forma tão assassino que desisto de qualquer investida.

Duas horas de voo e finalmente chegamos a Miami Beach, um dos lugares mais lindos e recheado de praias exóticas.



JOHN LIVIOTHY

Ao chegarmos em Miami, Breno seguiu para o centro de pesquisas de tecnologia e ciência, e Giulia seguiu para o hotel, aonde vai nos esperar para pegarmos uma praia no final do dia. E, após horas tentando trazer mais um contrato milionário para nossa empresa, saímos da sede da Accenture com um novo cliente, ao qual conquistamos de forma plausível.

Heitor está se despedindo de seus pais, que vão fazer uma viagem romântica para comemorar o novo contrato e também o aniversário de casamento do casal. Um carro luxuoso está parado à nossa frente, à espera dos meus pais. Hannah está sendo praticamente esmagada por meu pai, que de tão grato a ela, lhe ofereceu um aumento.

Estou distraído com a cena entre meu pai e Hannah que só percebo a aproximação da minha mãe quando ela sapeca um beijo em minha bochecha e sorri satisfeita.

— Divirta-se garoto. Coloquei mais três pacotes de camisinhas em sua mala. — Ergo levemente minha sobrancelha esquerda, curioso pelo comentário.

— Isso tudo é trauma por ter se tornado avó cedo demais? — Indago brincalhão e ela sorrir enquanto assente com a cabeça.

— Exatamente. Amo Melissa mais que minha própria vida, mas não quero saber de netos por agora. Estamos entendidos?

— Claro. Eu também não quero saber de outro bebê tão cedo. — Esclareço. E isso é a mais pura verdade, nem sei se quero ter mais filhos. Há uma grande probabilidade de Melissa ser minha única princesa.

— Ótimo! Então vá se divertir e aproveitar sua juventude. Mamãe te ama muito viu. — Acho broxante esse “*mamãe te ama muito.*” E dona Mirela sabe disso. Então sempre que pode, faz o comentário de propósito. — Vemo-nos na segunda-feira, certo?

— Segunda? — Questiono confuso. — Por que só segunda?

— Ah, John, até parece que você não conhece seu pai. Ele vai me levar para algum paraíso e vamos ficar confinados fazendo sex...

— Chega. — Tapo minhas orelhas com as mãos. — Eu não quero saber dessa merda. Já entendi o suficiente. — Ela rir e corre para se despedir de Hannah. Quando nossos pais se vão. Heitor se aproxima de mim, me dando um leve tapa no ombro.

— E aí, cara, vamos ver aquela amiga gostosa da Hannah?

— Pode ir tirando seu cavalinho da chuva. — Hannah murmura exasperada enquanto entramos em um táxi que já nos aguardava. — Enquanto Giulia estiver determinada a pôr as mãos em cima do Breno, você não tem a mínima chance com minha amiga.

Envolvo meu braço direito em volta do pescoço da minha garota, e observo meu amigo soltar um longo suspiro.

— Breno é um veadinho de sorte. — Ele resmunga em tom de brincadeira. — Acho que vou começar a bancar o tímido para ver se uma

gostosa como a Giulia cai na minha rede.

— As mulheres gostam dos tímidos, pode ser que você tenha mais sorte com a próxima. — Comento zombeteiro. Ele apenas posiciona os fones de ouvido do celular em cada orelha e fecha os olhos, apreciando suas músicas.

Chegamos ao hotel, onde somos recebidos com muito luxo e sofisticação. Giulia aparece no saguão usando um vestido quase transparente, segurando uma taça com uma bebida rosa e uvas na borda. Ela desfila até nós e abraça a amiga.

— E aí, como foi a reunião? Conseguiram? — Questiona após cumprimentar Heitor e eu.

— E desde quando perco algo? — Hannah diz orgulhosa de si.

— Sua amiga é foda. — Entro na conversa das duas. — Ela convenceu três marmanjos a firmar contrato conosco. Hannah Parker tinha que ser advogada.

— Cara, minha amiga é maravilhosa. — Há um pouco de exagero na voz da Giulia e é aí que percebo seu leve alcoolismo.

— Você está bêbada? Caralho, você já começou beber. Já gostei de você. — Ela gargalha com meu comentário.

— Eu não estou bêbada, estou é zen. — Giulia ergue o dedo indicador no ar e vejo Heitor segurando o riso. Hannah olha para mim, enquanto sustenta um sorriso e esclarece.

— Querido, pode acreditar. Giulia está longe de ficar bêbada. Isso aí é ela sendo simpática com você.

— Ei, John. — Olhamos em direção a voz, e vejo o momento exato que meu primo entra no saguão do hotel, segurando um vaso com Cacto dentro dele.

— Estou falando. — Heitor bate no meu ombro. — Breno é muito veadinho.

— Cala a boca. — Cochicho baixinho. Meu primo se aproxima com sua cara nerd, me entregando o vaso logo em seguida. Às vezes é quase impossível acreditar que ele tem o mesmo DNA do meu tio Murilo.

Soube que na época que eles contrataram uma barriga de aluguel, foi tio Murilo quem doou o esperma. Breno não tem nada a ver com ele e isso é meio cabuloso. Acho que pegaram uma freira para gerar meu primo. Só pode.

— Cadê o tio Lucas e a tia Mirela? — O nerd me pergunta tentando não olhar para a Giulia. Ele fica ainda mais nervoso quando olha para ela.

— Eles foram para outro lugar e agora o final de semana é todo nosso.

— O quê? Como... Como assim eles foram embora? Então, precisamos ir também.

Olha aí o que acabei de dizer... Breno não tem nada a ver com meu tio. Se fosse tio Murilo aqui, ele ia querer aproveitar a praia e as piscinas do resort onde estamos hospedados. Breno é tão certinho que quase nunca sai comigo e com o Thiago.

A última vez que conseguimos levar ele para uma aventura, foi a vez que fomos à Las Vegas, onde meu primo quase enfartou quando uma streap sentou no colo dele e começou rebolar.

— Para de ser broxante, cara. — Heitor ralhou sem paciência. No mesmo instante, Giulia se aproxima do meu primo, onde sapeca um beijo em sua bochecha, fazendo o coitado quase chorar de nervoso.

— Deixem o Breninho em paz. — Ela murmura, envolvendo os braços na cintura dele, em seguida volta sua atenção para a amiga. — Vamos, quero ir à praia antes do entardecer.

Ela pega Hannah pelo braço e juntas seguem para o elevador, indo

para o quarto colocar um biquíni. Breno, Heitor e eu fazemos o mesmo. Tiramos as roupas sociais, deixando a imagem de homens sérios de lado e substituindo por uma imagem mais à vontade.

Aluguei um carro para rodarmos durante os dois dias que ficaremos em Miami. E, agora meus amigos e eu estamos parados, encostados no veículo enquanto aguardamos as garotas. Fico excitado e, ao mesmo tempo, admirado ao ver Hannah andar em nossa direção, usando uma saia tão curta que quase é possível ver a parte debaixo do biquíni. Sua barriga lisinha está exposta e os seios estão ainda mais volumosos, com o bojo que os sustenta.

Giulia também está muito linda e bem à vontade. Ela usa um shortinho curto na parte debaixo e um sutiã tomara que caia na parte de cima.

— Meu cú. — Heitor murmura, fazendo Breno e eu nos olharmos confuso. — É uma pena que Giulia não me deu bola. Olha que mulher gostosa você tá desperdiçando, Breno.

— Não estou desperdiçando ninguém. — Meu primo se defende. — Só estou tratando a garota com cautela. Mulher tem que ser tratada e regada como flor.

— Cara, se eu fosse veadinho juro que deixava você chupar meu pau. — Heitor murmura zombeteiro. — Que conversa mais boiola é essa, mano?

Nós não somos preconceituosos, Heitor principalmente. Ele respeita muito a opção sexual das pessoas, mas meu amigo não perde a oportunidade de irritar alguém. E esse fim de semana ele escolheu Breno para pegar no pé.

— Cala a boca vocês dois. Vamos apreciar esse momento. — Reviro os olhos enquanto destravo o carro.

As meninas se aproximam e é impossível segurar o riso quando Heitor corre para beijar Giulia e ela o deixa no vácuo, correndo para os braços do Breno, que fica mais vermelho que um pimentão.

— Uau! Vou ter que te devolver para o mar. — Sussurro ao pé do ouvido da Hannah. — Você é uma sereia. — Ela rir, negando com a cabeça.

— Vamos logo, porque eu preciso arrumar uma mina também. — Heitor comenta levemente incomodado.

Ele se joga no banco traseiro, com Breno e Giulia. Hannah se acomoda no banco do passageiro ao meu lado e antes de dar partida, plugo meu pen drive no dispositivo de som do carro. Aumento o som.

?????? ... Sabe por que eu não te largo? Cê faz gostoso e ainda põe leite condensado! Sabe por que você não me deixa? É que misturo romance com safadeza!... ?? — Wesley Safadão & Anitta. — Romance com Safadeza.

— Caraca, John, que música maneira. — Giulia comenta empolgada e nitidamente louca para dançar. Hannah pode até dizer o contrário, mas Giulia está levemente alcoolizada. Ela está um pouco mais agitada que o normal.

— Minha mãe é brasileira. — Desvio o olhar do trânsito e olho rapidamente para trás. — Cresci ouvindo as músicas dela. Sou louco pelo Brasil.

— Sua mãe tem um humor maravilhoso. — A amiga louca da Hannah, comenta, erguendo as mãos e tentando cantar a música.

Passamos por três praias, onde paramos para almoçar e beber algo diferente. E foi na segunda praia que meu amigo cachorrão se prendeu em um rabo de saia e saiu do grupo, dizendo não ter hora para voltar ao hotel.

Breno, Giulia, Hannah e eu fizemos o caminho de volta ao resort, onde continuamos a beber na beira da piscina. Estamos sentados em volta de uma grande espreguiçadeira, quando Giulia decide atacar.

— Por que você não me convida para conversar do outro lado da piscina? — Ela está quase se jogando em cima do meu primo.

— Co... Como? — Breno está tremendo mais que vara verde, e vou

pro inferno por estar me divertindo com essa cena. Hannah também está tentando segurar o riso, mas a forma como Breno está batendo as unhas no azulejo da piscina, chega a ser patético.

— Vai lá, cara. — O incentivo com uma leve cotovelada.

— Vai Breno. — É a vez de Hannah jogar lenha na fogueira. — Minha amiga não morde. Giulia é quase uma santa.

Breno finalmente fica de pé e estende a mão para Giulia, que morde o lábio inferior e aceita a mão dele como base para se levantar. Hannah e eu ficamos parados, observando os dois se afastarem, até que finalmente param para conversar em um canto reservado do outro lado da piscina.

Juro que sou pego de surpresa quando Hannah puxa meu rosto em sua direção e me beija sem a menor cerimônia. Ela pede passagem empurrando sua língua entre meus lábios e ambos gememos com o contato de nossas línguas. Sinto uma de suas mãos descerem por meu abdômen e é aí que a coisa fica quente.

— Que horas você vai me levar lá para cima pra me foder do jeitinho que me prometeu, hein?

Porra! Meu pau dá uma leve levantada e dou graças a Deus por não ter crianças na área da piscina esse horário.

— Gata, você não pode me dizer essas coisas quando estamos quase pelados e em local público. Fica difícil esconder meu pau. — Pego a mão dela que estava parada na altura do meu peito e levo até meu membro, que está cada vez mais duro.

— Hum! Está do jeitinho que gosto. — A danada responde com uma voz sexy. Olho para os lados, me certificando que não há ninguém por perto. Então aproximo minha boca de seu ouvido e sussurro:

— Vou me enterrar em você e você vai gritar meu nome tão alto que

terei que tapar sua boca, quase te sufocando para não sermos ouvidos. — Dou uma lambida na dobrinha da orelha dela, fazendo a garota gemer enquanto tomba a cabeça para trás. — Vou meter gostoso nessa sua bocetinha.

Ela aperta meu pau e mordo o lábio com força, controlando minha vontade de foder. Em questão de segundos, estamos de pé e, enquanto visto meu short, olho para o outro lado onde vejo Breno sendo prensado contra a parede, enquanto Giulia safadinha cochicha algo em seu ouvido.

— Sua amiga vai acabar com meu primo. — Comento e Hannah sorrir de forma diabólica, concordando comigo.

— Vai mesmo!

Saímos da área da piscina sem nos despedimos deles. Hannah ainda está fechando o zíper da saia quando entramos no elevador. Um casal com duas crianças nos faz companhia até o décimo andar. Quando eles saem, mal deixo a porta fechar e jogo Hannah contra a parede de aço, cobrindo seu corpo com o meu, puxando sua saia para cima enquanto ela tenta se cobrir.

— Não precisa puxar esse pedaço de pano que você chama de saia. Daqui a pouco vou te deixar toda nua só para mim.

Ela inclina o quadril provocando um atrito gostoso entre nós. A porta se abre no andar onde estamos hospedados, e antes que eu possa questionar qual suíte iremos usar, sou arrastado até o quarto dela. Estou parecendo um cachorro no cio me esfregando em sua traseira enquanto ela tenta passar o cartão no leitor da porta. Ouço um clique e nossa passagem é liberada. Empurro a porta com os pés, ouço outro clique, deixando-nos cientes que ela está trancada.

— Agora tira essa roupa e me deixa ver esse pau que tanto anseio em ter dentro de mim. — Ela ordena ofegante como se tivesse corrido uma maratona. Hannah está tão excitada que consigo sentir o cheiro de sua

excitação a uma certa distância.

— Você gosta de mandar? — Murmuro alisando meu membro por cima do short.

— E você tem que me obedecer. — Ela rebate enquanto tira a parte de cima do biquíni, exibindo seu belo par de seios redondos e de bicos rosados.

— Meu pau no seu cuzinho. — Revido ao seu comentário, porque mulher nenhuma manda em mim. Ela gargalha alto e gostoso. — Querida, tá pra nascer a mulher que vai mandar em mim. — Avanço sobre ela, fazendo nossos corpos se chocarem contra a parede. Abro o zíper de sua saia e a puxo para baixo com a calcinha. Hannah enfia uma mão entre nós, desfazendo o nó do meu calção, deixando-o cair com a sunga. Me encaixo no meio de suas pernas no momento que ela monta em mim, abraçando meu quadril com suas coxas grossas. Passo a língua em seu pescoço e ela geme toda manhosa.

— Queria poder te levar para a cama, mas tenho urgência em te ter. — Explicou enquanto esfrego a cabeça do meu pau em volta de sua entrada carnuda.

— Quero você aqui desse jeitinho. Por favor, John. — E sem tirar o olhar do dela, penetro-a sentindo meu pau ser engolido com urgência. Suas paredes lisas e molhada são tão perfeitas que tenho que me controlar para não passar um vexame e ter uma ejaculação precoce.

— John. — Ela grita meu nome e isso é música para os meus ouvidos.

— Ah, você é ainda mais gostosa do que eu pensava. E está tão apertada. Sinta como meu pau se encaixa nessa bocetinha. — Enquanto a fodo contra a parede, Hannah puxa meu cabelo com força. Gritando cada vez mais alto.

— Ah... Isso... Mais forte John. Quero mais forte porra.

— Olha só, a princesinha também fala palavrão. — Sorrio com

deboche enquanto me perco dentro dela. — Estou adorando conhecer esse seu lado sujo e promiscuo.

— Dentro de quatro paredes sou qualquer coisa, menos uma princesa. — Ela diz e então me prende entre suas pernas, engolindo meu pau até o fundo. Nossos movimentos ficam cada vez mais intensos, entro e saio só para entrar ainda mais forte, fazendo ela gritar meu nome em um som abafado pelo desejo. Aumento as estocadas enquanto envolvo um de seus mamilos duros na minha boca. Sinto ela se contrair e com mais duas bombadas, Hannah atinge seu próprio prazer. Ela grita fora de si e puxo um pouco mais forte o mamilo rosado. Meto mais forte, mais selvagem. E então me desmancho dentro dela, enchendo sua bocetinha inchada com minha porra.

— Caralho. — Praguejo, tentando controlar meus próprios espasmos. — Foi rápido porque estávamos com tesão acumulado, mas da próxima vez não quero saber de pressa — sussurro, próximo de seu ouvido.

Apoio minha cabeça no vale dos seios dela e ficamos parados na mesma posição, Hannah acariciando meu cabelo e eu massageando um de seus seios. Tiro meu pau para fora, a coloco no chão e observo meu esperma escorrer entre suas pernas.

— Quero mais. — Ela pede esfomeada, olhando atentamente para o meu pau, que está semiereto e todo lambuzado com nossos líquidos. Complemente nus, andamos com pressa em direção ao quarto. Onde começamos tudo de novo.



HANNAH PARKER

Ficar sem sexo por um período prolongado é muito complicado, é extremamente complicado. Porque quando você volta à ativa é como se estivesse perdendo a virgindade novamente, porém, menos doloroso. Imagina sua perseguida sendo penetrada por uma anaconda de quase vinte centímetros de comprimento e quase tão grosso quanto uma lata de coca cola. Imaginou? É isso. Senhores, John Liviothy é dono de uma pica das galáxias.

O menino John, como a mãe e o pai dele costumam chamá-lo, está longe de ser um menino. Ele é um homem feito, que sabe fazer uma mulher enlouquecer em menos de um segundo. Agora mesmo estou tão tarada que nesse momento estamos indo para a terceira rodada da noite e eu ainda não me sinto saciada.

John está deitado de barriga para cima com as duas mãos embaixo da cabeça, exibindo um sorriso sacana nos lábios enquanto lambuzo seu corpo com chantilly.

— Estou ficando todo melecado. — Comenta, observando cada gesto meu.

— Mas essa é a minha intenção, querido. Quero seu corpo todo lambuzado. — Massageio seu membro com bastante creme, enquanto aprecio ele se contorcer e chamar meu nome baixinho. — Vou te chupar todinho.

— Porra, você é a mulher dos meus sonhos eróticos. Como diabos, eu consegui te trazer para a minha realidade? — Ele joga a cabeça para trás, murmurando quase sem fôlego. Aproveito para passar a língua em seu pescoço, fazendo uma trilha de beijo até o abdômen. Sinto-o enrijecer e sorrio satisfeita com o efeito que lhe causo e, muito lentamente vou descendo até chegar ao meu objetivo.

— Querido, sou tão real quanto o orgasmo que você terá daqui a pouco. — Sussurro com a boca próxima de sua virilha. Um gemido rouco e profundo escapa do fundo da garganta dele quando envolvo seu pau duro e cheio de veias em minha mão, levando-o a minha boca.

— Hannah... — Ele me chama quase perdendo a voz. Continuo manipulando, brincando com o sexo dele e saboreando a mistura do gosto de sua pele misturada com o creme.

— Você é maravilhosa. — Ele fica quase sem controle, empurrando o quadril para o meu rosto, puxando meu cabelo na tentativa de controlar meus movimentos. Com uma das mãos seguro e massageio as bolas inchadas e, com a outra, seguro seu comprimento duro feito uma barra de aço, enquanto passeio com minha língua da base até a cabeça. John fica mais urgente, e de forma brusca puxa meu cabelo fazendo-me parar. Quando penso em protestar ele me joga na cama, invertendo nossas posições, cobrindo meu corpo com o dele. Usando os joelhos o garoto separa minhas pernas, encaixando-se perfeitamente em mim.

— Sua boca é maravilhosa, Hannah, mas essa sua bocetinha é ainda melhor. — E após uma breve piscadela, ele me penetra. Fundindo nossos corpos, levando-nos para um mundo somente nosso.

O cheiro de sexo e o barulho dos nossos quadris chocando-se preenche todo o quarto, trazendo vida para o ambiente no meio da madrugada.

— John... — Finco minhas unhas em suas costas e ele fica ainda mais urgente.

— Sei gatinha, vem comigo. — Ordena, aumentando suas investidas, à medida que inclina meu quadril em busca de um contato mais íntimo.

O homem promiscuo, em cima de mim toma minha boca em um beijo ardente, enquanto me penetra em estocadas certeiras. Ele me provoca, massageando meu seio, beijando minha boca de forma sensual. Não deixo por menos e também faço provocações que sei que enlouquece ele. Sinto quando ele leva um dedo até a entrada do meu ânus e a princípio assusto-me.

— Vou querer isso aqui também. Não haverá uma parte do seu corpo que não será minha.

— Sou toda sua, gatinho. M leve para o seu mundo de prazeres.

— Gatinha safadinha. — Ele geme quando mordo o lóbulo de sua orelha e então me penetra com ainda mais força. De repente sinto meu ventre se contrair e sem conseguir segurar mais, atinjo meu próprio prazer, explodindo em mil pedaços debaixo dele.

John fica ainda mais selvagem, mais urgente e desejoso. Sinto ele inchar e, com mais duas bombadas, goza urrando descontroladamente, inundando minha intimidade com seu líquido quente e grosso.

Um vazio toma conta de mim ao senti-lo sair, deixando-me com a sensação de quero mais. Com um sorriso presunçoso nos lábios inchados de tanto beijar, John se joga ao meu lado, permitindo que seu corpo relaxe junto ao meu.

Olho com admiração para o homem que acaba de me proporcionar o

terceiro orgasmo da noite. Passo a língua nos lábios ao ver que seu pau ainda está ereto, tombado para o lado conforme o sangue se esvai.

— Você acabou com ele. — Murmura brincalhão, enquanto balança o membro de um lado para o outro.

— E você acabou com minha menininha. Acho que vai ser complicado andar como uma moça amanhã. — Ele gargalha alto apoiando a cabeça sobre o braço.

— Moça? Minha filha é uma moça, Hannah? Você é minha mulher.

— Querido, eu não sou de ninguém. — Levanto e caminho até o banheiro, ele vem logo atrás de mim.

— Eu também não sou de ninguém, mas enquanto estivermos juntos você será somente minha. — Sinto seus braços envolverem minha cintura, minhas costas estão coladas em seu abdômen quando ele beija a curva delicada do meu pescoço. — Nem que eu precise fazer uma porra de um contrato.

— Você quer fazer um contrato para a minha boceta?

— E para o seu traseiro também. — Completa.

— Gosto de sexo anal. — Admito sem a menor cerimônia. — Então sim, você pode fazer um contrato.

— acredite, vou amar comer essa sua bundinha. — Empino minha bunda contra seu quadril e sinto ele endurecendo novamente.

— Você quer? — Rebolo, provocando-o ainda mais. John geme e me dá um tapa certo em uma das nádegas fazendo-me arfar. Em seguida liga a hidromassagem e, enquanto aguardamos a água chegar a um nível ideal, partimos para uma pequena preliminar, só para apimentar ainda mais.

Entro na banheira e ele vem logo em seguida. Seu pau já está duro novamente e estou pulsando de desejo por ele.

— Fica de quatro. — Ordena quase com urgência. Faço o que ele pede e me esquivo quando sinto seu dedo passear pela parte de fora do meu orifício. — Vou comer esse buraquinho apertado. Você deixa Hannah?

Rebolo em resposta e ele passa um gel lubrificante por toda a parte exterior, penetrando um dedo bem devagar.

— Hum! — Resmungo e ganho um tapa na bunda.

— Relaxa linda, sei que você gosta. Vou fazer você enlouquecer com o meu pau dentro do seu cuzinho. Você quer? Hã? Diz pra mim que você quer. — Sua outra mão está na entrada do meu sexo, fazendo movimentos lentos em meu clitóris.

— Quero. — Quase choro com a sensação prazerosa.

Mesmo de costas percebo o momento que ele se protege com uma camisinha. Nós dois temos plena ciência que para ter um sexo anal seguro é necessário o uso do preservativo. Embora seja uma escolha de cada casal, eu particularmente prefiro assim, é mais higiênico e evita contato com bactérias. John massageia meu clitóris enquanto penetra a cabeça do pau bem devagar, alargando-me pouco a pouco.

— Hum! — Gemo e mordo o lábio tomada por uma mistura de dor e prazer ao mesmo tempo.

— Relaxa. — Ele entra mais fundo e então fica um tempo parado, apenas massageando meu clitóris. — Isso linda, relaxa essa bundinha gostosa e deixa eu te comer do jeitinho que você gosta.

Rebolo incentivando-o a continuar e John passa a investir sem dó. Seu quadril bate na minha bunda à medida que ele se enterra em mim. Ficamos insanos e agora temos urgência um pelo outro. Ele morde minhas costas, enquanto mete em mim. A água se agita com nossos movimentos e agora o banheiro está todo inundado. Mas isso não nos incomoda. Continuamos em

um ritmo quente e veloz. Ele aumenta a velocidade do dedo no meu clitóris e grito enquanto gozo.

John fica ainda mais selvagem e, após algumas bombadas certas, ele goza puxando meu cabelo fazendo minha cabeça tombar para trás.

— Você é uma gostosa do caralho. — Sussurra enquanto recupera o fôlego. Tomamos um banho rápido e, completamente sem forças caímos exaustos na cama, onde pegamos no sono abraçados de conchinha.



Observo Hannah vestir um biquíni que mal cobre suas partes íntimas e tenho vontade de jogá-la na cama para fazer sexo novamente. Mas não somos feitos de ferro, precisamos almoçar. Após um banho e completamente saciados por horas de trepadas sacanas, descemos para a piscina onde marcamos de encontrar Heitor, Breno e Giulia.

Enquanto Hannah acomoda-se em uma das espreguiçadeiras, dou uma olhada rápida em todo o ambiente. Observando os casais se divertindo na água e é aí que vejo meu primo sair da piscina.

E pela forma como ele olha para a bunda da Giulia enquanto a ajuda a sair da água, fica claro que eles saíram do 0×0 e tiveram umas horas de sexo por aí.

— É a primeira vez que vejo esse sorriso no rosto do teu primo. — Hannah comenta, observando os dois caminharem em nossa direção. — Ou minha amiga traumatizou o Breno, ou deixou ele safado de vez.

— Acho que você acertou com o segundo palpite. Veja o sorriso safado nos lábios do meu primo. Ah moleque.

— Gatinha. — Giulia sapeca um beijo na Hannah, que dá um tapa na bunda da amiga e sorrir enquanto se abraçam. Mulheres e essa mania de se agarrar.

— Fala Brenão, sobreviveu à tigresa aqui, né? — Murmuro, provocando um leve rubor nas bochechas do meu primo tímido.

— Vocês viram o Heitor? Sabem se ele ainda está vivo? — Hannah pergunta e o casal à nossa frente apenas nega com a cabeça.

— Ele deve tá tombado em algum quarto de hotel por aí. — Explicou convicto. Heitor gosta de horas de diversão, principalmente quando estamos longe de casa. Meu amigo adora ter uma boa história para contar quando voltamos de viagem.

— Vem, Gi. — Hannah puxa a amiga pelo braço. — Vamos pegar umas bebidas.

Quando às duas se afastam, olho para o meu primo que está com os olhos brilhando, enquanto observa Giulia andar.

— E aí? Como foi com a Giulia? — Ele coça a nuca, estreitando os olhos e sentando logo em seguida.

— Cara, eu nunca vi uma mulher tão tarada.

Jogo meu chinelo para o lado, tiro minha camisa regata e sento na espreguiçadeira ao lado do meu primo.

— Então foi bom para você? — Ainda estou confuso sem saber se houve algo mais quente ou se Giulia saiu desapontada com ele.

— Ela é uma louca safada, John. — Meu primo comenta como se fosse algo sobrenatural. — Acredita que ela pediu para eu puxar seus cabelos.

— Me diz que você fez isso e ainda deu uns tapas na safada. — Breno me olha tão envergonhado que sinto vontade de enfiar a mão na cara dele, só para ver se vira homem de vez. Mas para minha surpresa, meu primo abre um sorriso largo, passa a língua nos lábios e confessa:

— Eu nunca tive uma mulher tão safada. Confesso que fiquei envergonhado no início, mas quando ela foi me deixando mais à vontade,

peguei a garota de vez e até atendi o pedido dela quando pediu para eu morder sua bunda.

— Mentira! — Tapo a boca com a mão, enquanto meu primo morde o lábio inferior e assente confirmando com a cabeça.

— Eu acho que me apaixonei. — Breno confessa, fazendo-me cair na gargalhada. É claro que ele se apaixonou. Meu primo não é o tipo que sai pegando geral, e quando uma garota chega junto. Normalmente ele se apaixona.

— Então ela te deu uma chave de boceta.

— Ela é um furacão na cama, John. — Ele ainda está tentando acreditar no que houve. Acho que eu também.

— Fala aí baitolas. — Heitor aparece do nada. Ele exhibe um sorriso presunçoso quando senta ao lado do Breno.

— Cadê a garota que estava com você? — Breno questiona e Heitor rir como se tivesse ouvido uma piada.

— Eu não sei nem o nome dela, como diabos vou saber, por onde anda a garota?

— Pensei que vocês estavam juntos. — Às vezes meu primo é tão inocente. Cruzo as pernas, observando o diálogo dos dois.

— Breno, você é muito veadinho, qualquer dia desses vou te levar para uma boate de umas primas muito gostosas. Elas vão te ensinar como um homem deve agir.

— Você tem primas que trabalham em boates? — Breno indaga realmente curioso. Heitor e eu nos entreolhamos, tentando segurar o riso. É inacreditável a cabeça fértil do meu primo.



BRENO

Eu não sou homem de negar beijo a ninguém, embora eu quase nunca tenha a oportunidade de sair beijando por aí. Mas sempre que uma garota tenta me beijar. Deixo. Sou o mais complicado da família. Hoje estou até mais maduro, mas nem sempre foi assim.

Houve uma época que fui quase um Rebelde. Sou fruto de uma gestação vinda de barriga de aluguel. Essa merda fodeu com a minha cabeça, entre meus quinze e dezesseis anos, mas só mostrei as garras quando estava prestes a fazer dezessete. Eu toquei o terror e até aceitei ir para Las Vegas escondido com meus primos. Na verdade, acho que isso foi o máximo de rebeldia que consegui fazer até hoje.

Eu achava frustrante não saber quem era minha mãe. Meus pais, Murilo e Raphael, sempre foram muito carinhosos comigo. De amor eu nunca fui carente, mas quando eu via as mães indo buscar seus filhos na escola, sentia uma inveja tomar conta de mim. Minhas tias; Kate, Manuela e Mirela sempre estavam me agradando, principalmente minha tia Mirela. Ela foi e, é até hoje uma espécie de mãe para mim.

Amo meus pais, assim como amo toda a minha família. E foram eles que me ajudaram a aceitar melhor a minha condição de filho de dois pais. Hoje não tenho mais esse problema, porém, virei um tímido do caralho. Não tenho coragem de chegar em mulher nenhuma. As poucas garotas que beije, foi porque se ofereceram para mim e, a única que transei até hoje foi uma colega da faculdade, que só consegui porque meus primos me ajudaram.

Sou um merda.

Agora estou sentado na borda da piscina, John e Hannah estão sentados ao meu lado. Enquanto, Giulia está sentada à minha frente, me olhando de forma ousada e deixando claro seu interesse em mim. Mas como eu disse: sou um merda, não consigo chegar em nenhuma garota.

— Porque você não me convida para conversar do outro lado da piscina? — A gatinha ousada, mira meus olhos e sorrir com minha cara de desespero.

— Co... Como? — Caralho... estou tremendo mais que vara verde. De canto de olho consigo ver meu primo e a Hannah segurando o riso. Bato as unhas no azulejo da piscina, tentando a qualquer custo controlar meu nervosismo. Sou a merda de um veadinho, sou quase uma mocinha. Uma mocinha que sente vontade de meter o pau em bocetas por aí.

— Vai lá, cara. — Levo uma cotovelada do meu primo, que está me instigando a seguir.

— Vai Breno. — É a vez da Hannah jogar lenha na fogueira. A garota abre um sorriso e pisca para mim como se estivesse vendendo a amiga. — Minha amiga não morde. Giulia é quase uma santa. — Diz Hannah entre um gole e outro de sua bebida.

Olho novamente para Giulia e, concordando com a cabeça fico de pé. Estendo o braço para ela, que morde o lábio inferior aceitando minha mão

logo em seguida. Enquanto nos afastamos ouço meu primo e Hannah rindo baixinho, mas não é um riso de deboche, nota-se que eles estão felizes por eu ter aceitado.

Estamos do outro lado da piscina quando sinto minhas costas se chocarem contra uma parede de gesso. É um beco que dá acesso ao vestiário masculino. Giulia cola nossos corpos me olhando desejosa, enquanto arranha meu abdômen com suas unhas grandes. Ela parece uma gata selvagem.

— Você quer me beijar, não quer? — Indaga e eu quase infarto bem diante do mulherão à minha frente.

Ser tímido é o cú de tudo, às vezes invejo a ousadia e safadeza dos meus primos. John e Thiago falam e fazem safadezas o tempo todo, e sei que isso é perfeitamente normal na nossa idade. Mas porra... eu não consigo ser como eles!

— Se você deixar. — Estou tremendo feito um virgem, só porque estou diante de Giulia, a garota mais ousada e gostosa que já me deu bola nessa vida ordinária.

Ela se aproxima como uma gatinha manhosa e vejo um sorriso sacana brotar de seus lábios no momento que ela arranha a parte inferior do meu abdômen com suas unhas pintadas de preto. Estou de sunga, o que não facilita em nada a minha tentativa de esconder uma ereção. Giulia é uma mulher linda pra cacete. O pouco que sei dela, é que a garota é filha de uma Italiana com um americano.

Giulia é uma mistura perfeita de raça, uma morena capaz de seduzir qualquer homem. Seus olhos pretos é o que mais me encantam. Não é um preto escuro, é quase uma mistura do mel com o preto. E o sorridente... Ah, o sorriso dela é quase como o nascer do sol.

A garota se aproxima um pouco mais e, de repente nossos lábios estão

se unindo para um beijo que começa lento e sem pressa. Mas Giulia não está com tanta calma assim quando enfia sua língua dentro da minha boca, provocando uma sensação gostosa em todo o meu corpo. Meu pau está duro e babando por ela. Seguro firme em sua cintura e arrumando uma coragem sabe-se lá de onde, sugiro: — Vamos sair daqui? — Ela me olha surpresa, posso até dizer que está quase em choque quando murmura baixinho:

— Jura que você está me fazendo essa proposta?

— Ah, meu Deus! Me desculpa se estou sendo abusado ou se te ofendi de alguma forma. — Falo todo atrapalhado, enquanto ela apenas me olha como se tivesse nascido um terceiro olho no meu rosto.

— Você é tão fofo, que chega a ser pecado o que penso fazer contigo. — Murmura brincalhona, envolvendo os braços em volta do meu pescoço e tomando minha boca em um beijo urgente.

Sinto confiança e aperto sua cintura puxando-a para junto de mim. Giulia geme, puxa meu cabelo, se esfrega em minha ereção e estou prestes a gozar só com uma esfregadinha.

Quando encerramos o beijo passo a língua no meu lábio inferior, saboreando um pouco mais o gosto dela. Olho para o lado e não vejo Hannah e John. Eles já não estão onde deixamos e até consigo imaginar onde eles devem estar.

— Vamos subir, estou louca para ver você em ação. — Giulia sugere, sussurrando perto do meu ouvido. Coitada... Se ela soubesse que não tenho tanta pegada na cama, talvez não estivesse me instigando dessa maneira.

Ela veste um vestidinho por cima do biquíni e faço o mesmo, colocando meu short de praia e rezando mentalmente para ninguém notar o volume no meio das minhas pernas. É difícil andar com o pau duro e as bolas inchadas, mas abro o meu melhor sorriso, apoio minhas mãos na lombar dela

e então seguimos para o elevador. Subimos pelo elevador de serviço, já que o social estava demorando muito. Quando chegamos ao andar desejado, Giulia puxa meu braço levando-me em direção a suíte onde estou hospedado com meus amigos.

— E se o John estiver aí dentro com a Hannah? — Paro diante da porta e recuo com o cartão de acesso na mão.

— Ele não está.

— E como você sabe?

— Porque a Hannah está na nossa suíte e Heitor deve estar em algum outro motel por aí. Então vamos entrar, porque hoje essa suíte será somente nossa. — A moreninha de sorriso safado me instiga. Abro a porta e entramos com ela quase me rasgando com suas unhas afiadas, Giulia é uma mulher quente, tem urgência. Eu não consigo me controlar quando a agarro pela cintura e beijo sua boca. Ela ergue os braços, facilitando minha intenção de tirar seu vestido. Em seguida, a garota leva a mão até o cordão do meu calção e desfaz o nó com facilidade. Em questão de segundos a peça cai diante dos meus pés e, agora estou novamente apenas de sunga. Meu pau fica ainda mais duro, se é que isso é possível. E quando ela o massageia de forma ousada, masturbando-me por cima da cueca eu quase morro de tanto prazer. Evolvo meus braços em suas costas e desfaço o nó do sutiã do biquíni, deixando os seios livres e visíveis para mim. Afasto-me para observar o par de seios redondo à minha frente. Ela tem a pele cor de jambo e os bicos dos seios são marrons clarinho. Giulia é linda e acho que nem se deu conta ainda.

— Gosta do que ver? — A morena sussurra, enquanto desfaz o nó das laterais do biquíni, deixando a peça minúscula cair e ficando totalmente nua diante de mim. Fico petrificado com tamanha ousadia. Caralho de mulher gostosa. Vendo meu estado de choque, ela caminha até mim e se ajoelha diante das minhas pernas. Nem tenho tempo de questionar suas intenções.

Giulia puxa minha sunga para baixo e meu pau salta, duro e pronto para a festa.

— Hum! — Ela passa a língua nos lábios segundos antes de levar meu membro à sua boca.

— Meu... Deus! — Gemo descontrolado. Quase engasgo com a sensação de ser chupado de forma tão ousada. Seguro firme no balcão de mármore que tem no meio da sala e fecho os olhos com força quando sinto ela me sugar com tamanha maestria. Eu nunca havia sido chupado e Giulia percebeu isso. Então ela para pôr um momento o que está fazendo e diz:

— Olha para mim, lindinho. — Exige, e obedeço sem pestanejar. Quando olho para baixo ela está segurando meu pau, enquanto me olha desejosa. — Quero ver seu rosto lindo enquanto recebe sua primeira chupada.

— Co... Como você sabe que é a primeira vez?

— Querido, muita coisa em você é a primeira vez. E vou adorar te mostrar o lado sacana da vida. Agora agarra o meu cabelo e deixa que faço o resto. Quando ela me envolve com sua boca quente e molhada, mordo meu lábio inferior com tanta força que sinto o gosto do sangue. Sinto todo o sangue do meu corpo se concentrando apenas no meu sexo, estou quase gozando. Desesperado empurro a cabeça dela para trás para não haver acidente. Não quero gozar na boca da garota, não no primeiro encontro.

— Vamos para a cama. — Sugiro um pouco sem jeito. Giulia dá uma última chupada tão forte no meu pau que quando solta, um "*pop*" é liberado. Assim que entramos no outro cômodo Giulia se joga na cama, abrindo as pernas para mim.

Meu pau pulsa violentamente, ficando cada vez mais duro. Estou babando litros de pré-sêmen com a visão do sexo dela tão necessitado. Pego uma camisinha no criado mudo e quando abro o pacote ela levanta

rapidamente, tomando a embalagem brilhosa da minha mão.

— Temos que usar camisinha. — Alerto.

— E vamos usar. — Ela encaixa a ponta do látex na cabeça do meu pau e usa a boca para desenrolar a proteção por todo o meu comprimento. Quase gozo com essa visão. É difícil me segurar, mas estou dando o melhor de mim. Não quero parecer um garotinho em fase de puberdade, que goza só de olhar para os peitinhos de uma garota. Após praticamente me engolir com camisinha e tudo, Giulia deita com as pernas bem abertas e começa se acariciar.

— Vem Breno, sou toda sua.

Acomodo-me entre suas coxas grossas, parando a milímetro de distância de sua entrada. Sustento meu corpo com os cotovelos e sorrio tentando fazer um ato bonito. Mas a garota tem pressa e me puxa para junto dela.

— Se eu te machucar você precisa dizer. — Murmuro inseguro. — É só pedir que paro.

— Breno, juro por tudo o que é mais sagrado. Se você não meter esse pau em mim agora, eu mesma me enterro em você e só saio de cima quando estiver saciada. Estou pouco me fodendo se você não estiver aguentando mais. — Juro que ela está me olhando igual à garota do exorcista, e por um momento sinto medo dela.

— Mas... — Tento parecer coerente.

— Porra, Breno. Só me fode caralho.

Oh meu Deus! Eu nunca vi uma mulher tão tarada. Ela impulsiona o quadril em direção ao meu, encaixando nossos sexos de uma só vez. Mordo o lábio com força quando começo um movimento de vai e vem, sem pressa e delicado.

— Mais rápido. — Exige enquanto arranha minhas costas com suas unhas grandes. — Quero mais rápido Breno. — Ela morde o lóbulo da minha orelha rebolando em baixo de mim, incentivando-me a aumentar as investidas. Consigo ficar um pouco mais ousado e aproveito para beijo seu pescoço, descendo até um dos seios, chupando o mamilo duro.

— Ah... Isso mesmo Breninho. Gosto assim. — Sussurra e eu me sinto a porra de um ator pornô por estar agradando uma mulher. Estou tentando satisfazer a mulher tarada em baixo de mim quando paro de repente, confuso, ao ser empurrado para longe. Observo-a levantar, mas estou tão confuso que não consigo perguntar nada. Giulia fica de quatro para mim e, com a bunda empinada para o alto ela me olha por cima do ombro e pede: — Me come de quatro, gatinho. — Ela rebola o traseiro de forma sensual e maravilhosa.

Eu nunca fiz sexo nessa posição, mas vi em muitos filmes pornô por aí. Acho essa posição até melhor, assim não preciso ficar cara a cara com ela. Passo a mão suavemente por uma das nádegas e a penetro logo em seguida.

— Ah... Isso, Breno. Agora me bate.

— O quê?

— Me bate, Breno. — Repete o pedido ousado e insano. — Um tapinha não dói. Vamos gatinho, você consegue. — Mesmo achando um absurdo, dou um tapa certo em sua nádega esquerda, fazendo-a gritar. — Isso, agora puxa o meu cabelo.

— Eu não posso. — Respondo exasperado, totalmente atônito com tanta safadeza vindo de uma mulher. — Isso é loucura.

— Loucura é você ser tão gostoso e não me comer com força. — Ela rebate. A mulher é louca, confesso que é assustador ver uma garota assim. Mas, ao mesmo tempo, é a melhor sensação. Isso é o que chamo de uma foda

do caralho. Envolver os cabelos castanhos dela em minhas mãos, fazendo um rabo de cavalo. Puxo com tanta força que a morena tomba a cabeça para trás.

— Ah Breninho! — Ela geme manhosa. — Nossa, você é muito gostoso.

— É assim que você gosta?

— Sim... Sim. — A garota grita feito uma foragida do hospício. Aumento as estocadas e enquanto puxo os cabelos dela, Giulia grita uma mistura de palavrões misturados com o meu nome. Ela goza rebolando tão gostoso no meu pau que não consigo segurar e me rendo logo em seguida, enchendo a camisinha com meu próprio prazer. É tanta porra que sinto medo do látex romper. Estava muito tempo sem sexo e mesmo me masturbando nunca era o suficiente.

Beijo suas costas enquanto tiro o pau lentamente para a camisinha não escapar. Retiro o preservativo, amarro e jogo no canto perto da cama. Logo em seguida, deito ao lado da mulher safada que acabara de me dá uma surra de boceta. Foi quase como perder a virgindade novamente. Pelo menos agora tenho uma experiência a mais. Estamos jogados no colchão quando ela diz: — Uau! O que foi isso gatinho? E não é que você tem potencial. — Gi murmura me olhando com um sorriso largo.

— Você gostou mesmo?

— Gostei tanto que quero mais. Já ouviu falar em amizade com vantagens?

— Não sei se entendi o que você quis dizer. — Confesso.

— Quero dizer que podemos repetir o que acabamos de fazer, mesmo quando voltarmos para Nova York.

— Você quer ser minha namorada? É isso? — Estou com um sorriso besta na cara, mas ele morre no momento que ela me joga um balde d'água.

— Amorzinho, eu acho que até o fim do próximo século não quero saber de namorado nem compromisso sério.

— Oh. — Fico surpreso.

— Mas não é nada com você, eu só não quero me iludir tão cedo. Ainda estou tentando cicatrizar uma ferida aberta deixada no meu coração.

— Sinto muito. — Ela avança para cima de mim, senta com uma perna de cada lado e começa brincar com meu membro. Que ainda está semiereto.

— Está tudo bem. Agora vamos nos divertir, porque a noite está só começando. — Murmura segundos antes de voltar a me chupar. E, assim começamos tudo de novo.



HANNAH PARKER

— Agora me conta, como foram as coisas com o Breno? — Após almoçarmos juntos. Os meninos seguiram para o quarto deles, onde estão arrumando as malas para voltarmos para casa. Giulia e eu estamos fazendo o mesmo no nosso quarto. Tomamos um banho e agora estamos tentando guardar nossos pertences.

Tivemos que comprar uma mala extra porque tanto minha amiga quanto eu, exageramos nas compras. Miami tem muita coisa linda, e acabei não resistindo e fiz umas comprinhas.

— Foi diferente. — Ela murmura enquanto senta em cima da própria mala, na tentativa de fechá-la à força.

Nós duas ainda não havíamos parado para conversar sobre a noite passada. Estávamos até agora com os garotos. Então achei melhor deixar a conversa para um momento como esse, quando estaríamos somente nós duas.

— Como assim diferente? — Paro o que estou fazendo e pego o momento exato que Giulia morde o lábio inferior, sorrindo com malícia.

— Amiga, eu nunca tirei a virgindade de um homem. Mas com o

Breno foi quase isso.

— Não... É sério isso? — Levo a mão à boca, tentando disfarçar minha surpresa. — Me conta essa história direito. — Minha amiga cruza as pernas em cima da cama e começa contar sua pequena aventura com o primo tímido do John. Estou me segurando para não rir a cada palavra dela.

— Eu não acredito que foi você quem deu a primeira chupada da vida dele. — Estou atônita. Giulia apenas assente com a cabeça antes de continuar a história. Ela continua relatando os momentos sacanas sem fazer questão de esconder nenhum detalhe. Estou quase chorando de rir, mas também estou quase derretendo de amores. Ao que parece, Breno é um romântico à moda antiga.

— Ah, como ele é fofo. — Sussurro. Ao ouvi-la contar que ele esteve o tempo todo preocupado se ia ou não a machucar.

— É... Ele é muito fofo mesmo. — Giulia suspira um pouco distante, como se tivesse sido transportada para a noite anterior.

Ouçó alguém bater na porta e então deixo minha amiga com seus devaneios para ir atender. Fecho o meu roupão enquanto atravesso a pequena sala. Sorrio ao ver o rostinho lindo do filho do meu chefe.

— Oi gata. — John está parado me olhando atentamente, enquanto segura o celular nas mãos. — Você precisa me ajudar com isso, por favor. Estou quase pedindo socorro para as forças armadas. — Ele aponta o aparelho em minha direção e vejo uma boneca de pano toda fofinha.

— O que é isso?

— É a boneca que prometi levar para a minha filha. — John está tentando segurar o nervosismo, mas por algum motivo a tal boneca está irritando-o.

— E o que tem de errado nisso?

— Eu já procurei esse raio de boneca por todas as lojas de brinquedos aqui do resort e da orla da praia. Eu acho que esse demônio nem existe. — Ele está muito desesperado. John entra me abraçando por trás, beijando meu pescoço e fazendo um arrepio gostoso se espalhar por todo o meu corpo.

— Você já tentou perguntar para o gerente do hotel? Ele com certeza saberá te informar o lugar exato onde vende essa boneca.

— E você acha mesmo que eu já não fiz isso, Srta. sabe tudo?

— Oh. — Afasto-me e o vejo franzir a testa. John é um paizão de dar orgulho. Dá para ver que ele quer cumprir a promessa que fez à filha.

— O gerente falou que essa boneca é popular por aqui, mas não vende no hotel dele. Temos que sair para dar uma volta e ver se encontramos. Por favor, lindinha. — Ele junta as mãos como se fosse rezar e faz um bico tão fofo que tenho vontade de morder. — Vem comigo.

— Pedindo desse jeito vou contigo até o fim do mundo. — Enlaço os braços em volta do pescoço dele puxando para um beijo.

— Ui, olha para eles. — Sorrimos ao ouvir a voz da Giulia ao fundo. Havia até esquecido da presença dela, no quarto. — Já são o famoso casal clichê. — Murmura brincalhona.

— A conversa não chegou aos criados. — Zombo e ela fecha a cara.

— Você é uma gata selvagem, hein. Quase rasgou meu primo inteiro. — John comenta e Gi apenas dá de ombros.

— Quem manda ele ser tão gostoso.

Deixo os dois conversando na pequena sala da suíte e corro para colocar uma roupa folgada. Pelo visto a jornada pela busca da boneca não será nada fácil. Opto por um short jeans curto e uma blusinha tomara que caia. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e calço uma rasteirinha. Quando volto para a sala os dois estão rindo de alguma piada sobre o coitado do

Breno, mas se calam com minha presença.

— Vocês não podem demorar. O voo está marcado para as dezessete horas. — Gi muda de assunto, lembrando-nos do nosso compromisso quando estamos quase saindo. Aperto o botão do elevador e enquanto aguardamos ele parar no nosso andar, Heitor surge na porta do quarto e vem em nossa direção.

— Você ainda não encontrou a tal boneca? — Pergunta para o John, que após um longo suspiro nega com a cabeça. — É por essas e outras que eu nunca vou querer ter filhos. Não ia ter saco para rodar Miami inteira atrás de uma boneca boba.

— Sabe Heitor. — John bate a mão no peito do amigo. — Eu ainda vou te ver de quatro por uma mulher e andando com um bebê babando em cima de você. — Heitor faz o sinal da cruz e bate na madeira da lateral de uma das portas, em seguida abre a porta que dá acesso para as escadas e antes de descer piscar para nós.

— Ué, porque você não espera o elevador com a gente? — Questiono curiosa.

— Tenho um encontro com uma gata gostosa no andar de baixo, não preciso de elevador. — Ele explica e saí sem se despedir. A porta do elevador abre e, quando estamos prestes a sair, Giulia nos olha com um sorriso torto nos lábios.

— Enquanto vocês tentam achar a boneca, vou ajudar o Breninho arrumar a mala dele. — A porta do elevador fecha no mesmo instante que Giulia entra na suíte dos meninos. Minha amiga não perde uma oportunidade.

— Pelo menos meu primo tá vivendo momentos marcantes para a vida sexual dele. — John murmura enquanto descemos até o estacionamento do hotel.

— E põe marcante nisso.



Após vários minutos rodando pelas ruas de Miami já estávamos quase desistindo de encontrar a tal boneca, quando avistamos uma loja de brinquedos de pano. John estaciona o carro de qualquer jeito e atravessamos a rua de mãos dadas.

— Juro que vou matar a minha irmã — John murmura quando paramos diante da loja. — Nicole é muito venenosa para uma criança de dez anos. Tenho quase certeza que ela sabia o quão seria difícil encontrar essa tal boneca. Mesmo assim comentou com a minha filha.

— Ela é só uma criança. — Tento consolar.

— Uma criança saída do filme Colheita Maldita, só se for.

— Para de falar isso, sua irmã é uma fofa. — Bato no ombro dele, repreendendo-o por comparar a irmã a um personagem de filme de terror.

— Você diz isso, porque nunca precisou passar um dia inteirinho com ela. — Entramos na loja e uma moça simpática e muito proativa nos recebe.

— Sejam bem-vindos. — Ela olha para o John e sei que pensamentos pervertidos invadem sua mente suja nesse exato momento.

— Moça, pelo amor de Deus! Me diz que vocês têm essa boneca por aqui. — Ele aponta o celular com a galeria de imagem aberta. A moça assente com um sorriso meio exagerado e em seguida nos leva até a tal boneca.

— Essa é a boneca sapeca, ela é o fenômeno do momento. — A moça começa uma pequena propaganda do brinquedo e vejo um John totalmente sem paciência.

— Porra, eu não acredito que rodei Miami inteira por causa dessa boneca. — Ele puxa o cabelo e tento segurar o riso ao ver o tamanho de sua frustração.

— Mas ela é tão fofinha. — Aperto o peito da boneca que começa falar e cantar.

"Sou sapeca, sou fofinha e sou a boneca bonitinha. Vamos brincar?"

Confesso que senti um pouco de medo da tal boneca, mas de jeito nenhum deixei transparecer. Pensa num brinquedo esquisito. John toma o brinquedo estranho das minhas mãos.

— Esse troço parece ter nascido do dinossauro Barney. Olha para essa boneca, Hannah. — Ele sacode o brinquedo no ar. — Isso aqui parece uma mistura de Annabelle com o Boneco Barney. Esquece, vou falar para a minha filha que não encontrei e ponto final.

A atendente nos olha sem paciência e tenho quase certeza, que ela só não nos manda para o inferno, porque com certeza tem uma comissão e uma meta de vendas para alcançar.

— Para de ser dramático e compra logo a boneca. — Tomo o brinquedo das mãos dele, que mesmo frustrado decidi levar. Nem preciso contar que a atendente abriu um sorriso de orelha a orelha, né? A boneca tem um preço salgado até demais por ser tão feia e esquisita.

Voltamos para o carro e John joga no banco traseiro a sacola onde está a boneca. Ele liga uma música animada e então seguimos para o hotel, porém, percebo que ele está tenso e resolvo melhorar o clima.

Estamos no meio de uma das avenidas mais movimentadas de Miami, quando levo minha mão até o volume no meio das pernas dele. John solta um suspiro sofrido e em seguida desvia o olhar rapidamente para mim.

— O que você está aprontando? — Murmura zombeteiro, voltando o olhar para o trânsito à nossa frente. Massageio lentamente e sorrio, satisfeita ao sentir ele ficar duro com o meu toque. Ele não me olha quando volta a perguntar: — Hannah Parker, o que diabos você pretende?

— Calma gatinho, só estou brincando com o pequeno Johnny.

— Pequeno? Ele não é tão pequeno quando está alargando seu buraquinho.

— Ele é perfeito quando está dentro de mim. — Sussurro, sentindo-o ficar cada vez mais duro.

— Porra, Hannah. Se eu bater essa merda de carro e morrermos, vou te atormentar por toda a eternidade.

— Isso não parece uma ideia tão ruim, assim podemos foder eternamente. — Ele gargalha alto quando me olha atentamente.

— Você é uma diaba em forma de anjo.

— Sou uma diaba louca pra te chupar. — Assusto-me quando ele desvia do trânsito e entra em uma rua mais calma, estacionando entre dois carros. John me olha com um sorriso travesso ao desligar o motor do veículo.

— Você passou de todos os limites, Srta. Parker. — Ele abre o zíper da calça deixando seu pau livre para mim. — Toma, pode chupar o meu caralho, ele é todo seu. — O homem ficou insano. Olho ao redor e não vejo ninguém na rua, mesmo assim me preocupo.

— Você tá louco, e se alguém nos pegar?

— Olha que irônico, a diaba está com medinho de ser pega, é? — Ele está debochando de mim, enquanto se masturba na minha frente. — Vem gata, caí de boca.

— Ah, querido, vou te mostrar que não tenho medo de nada. — Acomodo-me melhor no banco do passageiro para abocanhar o que desejo.

— Ah! — Ele geme impulsionando o quadril no meu rosto. Com uma das mãos massajeio as bolas inchadas e com a outra masturbo o membro duro, enquanto chupo a cabeça rosada, sentindo o gosto do pré-sêmen na minha boca. Ele puxa meu cabelo com tanta força que preciso inclinar a

cabeça um pouco para trás. Sinto seu membro cada vez mais grosso e pulsante, sei que ele está próximo do clímax. E como uma garota má, afasto minha boca.

— Por que você fez isso? — Ele está ofegante e muito vermelho. — Coloca sua boca no meu pau agora, garota. — Ordena quase sem fôlego.

— Olha ele, todo mandão. — Debocho enquanto passo o polegar pela glândula. — Pede com jeitinho que volto a te chupar, gatinho.

— Hannah. — Ralha em um tom ameaçador.

— Se não pedir com jeitinho acabou a brincadeira.

— Você é uma garota muito malvada. — Murmura fazendo beicinho. — Por favor, gata.

Pisco sensual e volto com a brincadeira. John leva uma das mãos até o meio das minhas pernas, massageia minha intimidade por cima da roupa. Ele tenta invadir meu short, mas me faço de difícil.

— Senta no meu colo, linda. — Sua voz está rouca pelo tesão. — Senta e cavalga gostoso no meu pau. — Tomada pelo desejo insano e, mesmo sabendo que estamos no meio da rua. Abro o zíper do meu short e mesmo no aperto do carro consigo tirá-lo rapidamente. Em seguida, sento no colo dele com uma perna de cada lado, encaixando nossos sexos sem dificuldade. — Gostosa. — Ele geme, baixando minha blusa e chupando um dos meus mamilos. — Você tem um gosto viciante.

— John... — Sussurro com os olhos fechados, cavalcando nele, sentindo cada centímetro de seu comprimento me invadir.

— Isso linda, rebola bem gostoso no meu pau. Quero que você goze nele, Hannah. Quero que me lambuze com seu prazer.

Começamos uma espécie de dança erótica dentro do carro e os movimentos ficam cada vez mais intenso. Sinto John um pouco mais duro e

selvagem, e quando ele aperta meu mamilo com os dentes, gozo gritando seu nome.

— Gostosa pra caralho. — Sinto uma palmada certa na minha bunda quando John fica ainda mais eufórico, metendo cada vez mais forte. — Porra de mulher gostosa. — Ele me invade com estocadas certa e tão intensas que sinto minhas costas baterem no volante. John me aperta o máximo que pode, segundos antes de derramar seu líquido quente e grosso dentro de mim. — Linda. — Sussurra com a cabeça entre o vale dos meus seios.

— Lindo. — Sussurro de volta. Ele me olha com um sorriso presunçoso.

— Linda e minha.

— Sua.



HANNAH PARKER

O final de semana foi maravilhoso. Mas como normalmente a felicidade dura pouco, aqui estou eu, indo para mais um dia de trabalho e dando início a uma nova semana. Antes de sair de casa tomei café com Giulia que não parou de falar do Breno um só segundo. Fico feliz que ela esteja se entregando a outra pessoa, quem sabe assim minha amiga cabeça oca esqueça de uma vez por toda o idiota do Harry.

Giulia ainda está muito vulnerável, sei que basta apenas uma palavra bonita do imbecil e ele a terá volta. Se tivermos com sorte, Breno será o responsável por minha amiga esquecer o imbecil de uma vez por toda.

Após cruzar a cidade e bater um papo agradável com o cobrador do ônibus, finalmente estou diante do prédio da L&M'lawyer. Cumprimento os dois seguranças que mesmo acostumados a ver minha cara todos os dias, insistem em ver meu crachá. Só para ver se não fui clonada.

— Bom dia Hannah. — Luana sorriu enquanto entramos juntas no elevador. Eu até tentei fingir não estar vendo-a quando passei pelo saguão e a avistei conversando com um rapaz, mas Luana é bem mais rápida e correu ao

meu encontro entrando junto comigo no elevador.

— Bom dia. — Olho para o meu reflexo no espelho, rezando mentalmente para ela não querer puxar conversa.

— Pelo visto seu fim de semana foi incrível. E tinha que ser mesmo, não é? Com o filho do chefe deve ter sido maravilhoso.

Minha reza falhou e pelo tipo de comentário e sorriso idiota que ela sustenta na cara, deixa claro que terei que ter paciência para suas perguntas. Luana está a fim de descobrir algo que eu provavelmente não estou a fim de contar.

— Foi muito bom! A reunião correu como imaginávamos, e como vitória conseguimos mais um cliente. — Fujo da sondagem idiota de minha colega de trabalho.

Luana consegue ser hipócrita o bastante para tentar fingir ser minha amiga apenas por camaradagem de trabalho, quando, na verdade, me odeia. Além de ser a falsidade em pessoa. Sei que por trás desse sorrisinho falso existe uma naja extremamente venenosa.

Tive certeza disso quando a flagrei falando mal de mim no banheiro feminino, há mais ou menos uns dois meses.

— E vai dizer que você não deu “*uns pegas*” no nosso menino John. — Ela insiste em fazer perguntas e estou a ponto de explodir. Merda de elevador que não sobe nunca. Estou me segurando para não meter a mão na cara da vaca louca à minha frente. Odeio ouvi-la chamar o John de “nosso.”

Nosso é o escambau!

Fecho meus olhos e conto de dez a zero ao contrário, pedindo forças aos céus para não perder as estribeiras. Então, após um suspiro longo murmuro baixinho:

— Como disse na semana passada. — Respiro fundo olhando

atentamente nos olhos da vaca. — O Sr. Liviothy e eu fizemos uma viagem de trabalho. Por tanto, não há motivos para você pensar besteiras. Ela não precisa saber da minha vida íntima, principalmente sendo algo relacionado ao John. A lambisgoia quase se morde de curiosidade e eu me sinto fodona por deixá-la no vácuo.

As portas de aço finalmente se abrem quando o elevador para no nosso andar de trabalho e passo por Luana sem lhe dar chance de fazer mais perguntas. Estou seguindo para a copa, onde pretendo pegar café para mim e para o John quando ouço alguém chamar meu nome:

— Hannah. — Ryan está logo atrás de mim. Ele acelera o passo e sou pego de surpresa quando ele me pega nos braços como se eu fosse uma boneca de pano e rodopia comigo no ar.

— Seu maluco, me solta. — Bato nas costas dele, que continua girando comigo. Dou um beliscão forte em seu braço esquerdo e só assim consigo fazê-lo me soltar. Ele me põe no chão e em seguida dá um tapa certo na minha bunda antes de dizer:

— Caramba gata, você tá muito gostosa, hein. — Ryan é um amigo, nós nunca nos envolvemos de forma íntima. Nossa relação sempre foi baseada em uma amizade sincera. Enquanto ele me enche de elogios, envolvo os braços em seu pescoço e o abraço apertado.

— Ah meu querido, para de ser cretino. E pode tirar o olho porque eu já estou presa em um boy por aí.

Ryan aperta minha cintura, aproximando nossos corpos ainda mais. E quando ele abre a boca para dizer algo, ouvimos um pigarro e nos afastamos no mesmo instante. Olho para trás e vejo John parado com os braços cruzados, praticante nos fuzilando com o olhar.

— Bom dia Sr. Liviothy. — Cumprimento com formalidade,

ganhando uma careta engraçada. Depois do fim de semana que passamos juntos, chega ser estranho conversarmos dessa forma. Eu queria mesmo era pular no colo dele e cobrir seu rostinho lindo de beijos, mas me controlo e uso uma postura mais profissional, enquanto observo John descruzar os braços e colocar as mãos no bolso.

— Vocês participaram da última reunião da empresa? — Ele nos olha com um semblante sombrio e totalmente incompreensível. Olho para o Ryan que está quase desmaiando na nossa frente. Ele morre de medo de perder esse emprego, e provavelmente está entrando em parafusos por causa do tom de voz do filho do nosso chefe.

— O que o Sr. quer dizer com isso? — Murmuro olhando fixamente para o homem à minha frente. John se aproxima um pouco mais e toca no ombro do Ryan.

— Estou dizendo que nessa empresa, não admitimos relacionamento entre funcionários. — Ele olha para o Ryan que está tremendo feito vara verde. — Meu pai, não foi claro quando disse isso na reunião Sr. Oliveira?

Decido não intervir e fico parada, apenas observando o desenrolar da cena.

— É... É claro que entendi. — Ryan está tremendo e quase morrendo bem diante de nós. — E posso lhe garantir que Hannah e eu não temos nada, além de uma bela amizade. — Vejo John soltar o ar que estava preso em seus pulmões e um sorriso discreto surge em seus lábios.

Que idiota... Será que ela achava mesmo que eu estava tendo um caso com ele é com outro cara ao mesmo tempo? Aff.

— Ótimo! Então agora você já pode começar o seu trabalho. — Ordena e meu amigo sai andando sem olhar para trás. — E você, pode vir à minha sala. — Exige, virando as costas e saindo andando à passos largos.

Olho para o lado e vejo Luana rindo da situação como se tivesse assistindo um espetáculo de circo. Qualquer dia vou acabar perdendo a paciência e vou dar na cara dessa vaca.

— Fecha a porta, por favor. — John ordena assim que entro em sua sala. Ele está tão lindo, admirando a vista do rio Hudson pela janela de vidro.

Faço o que ele pede, tranco a porta com chave e em seguida caminho ao seu encontro. Enlaço sua cintura, abraçando-o por trás e absorvendo seu perfume.

— O que você tem? Tá tão sério. — Indago num sussurro.

— Você não levou à sério quando falei que não quero outra pessoa entre a gente enquanto estivermos juntos?

— O quê? — Me afasto e ele vira para mim. John encosta na mesa e cruza os braços, me olhando atentamente.

— Eu já fui feito de idiota algumas vezes, Hannah. Mas não vou permitir que isso aconteça novamente.

— Eu sinceramente não sei do que você está falando.

— Estou falando de você e do Ryan. Você pensa que não vi a forma como ele apalpou sua bunda?

— Primeiro: Entre o Ryan e eu não existe nada além de uma bela amizade. E, segundo: ele não apalpou minha bunda. Ele deu um tapa de brincadeira.

— Meu cú que ele deu um tapa de brincadeira. — John joga a cabeça para trás, enquanto gargalha bem alto. — Fala sério, Hannah. Aquele cara não te tocou com carinho fraternal, ele quer um pedaço bem maior de você.

— Rá... Rá... Rá. — Coloco às duas mãos na cintura e sorrio em deboche. — Agora sou um pedaço de carne? É isso?

Ele caminha até mim e me abraça aproximando nossos corpos,

sussurrando com o rosto praticamente colado ao meu.

— Você não é um pedaço de carne, Hannah, você é minha garota. Aquele cara tá querendo pegar o que é meu. Então você diz para ele ficar longe, ou eu mesmo darei o recado. O que você prefere?

Sei bem que o John não será tão amoroso ao ter uma conversa com Ryan, então prefiro eu mesma dá o recado.

— Vou falar com ele. — Murmuro com os olhos fechados, apreciando as mãos ágeis do meu boy ciumento passear por meu corpo. Estremeço quando ele desce uma mão entre minhas pernas, subindo minha saia e parando na minha calcinha.

— Você é uma garota esperta. — Sussurra, passando a língua no lóbulo da minha orelha ao mesmo tempo que alisa meu clitóris.

— E você é um cretino de mão-cheia. — Ele afasta minha calcinha para o lado e penetra um dedo em meu interior. Em seguida retira o dedo e leva até a boca, chupando com vontade.

— Sou um cretino com a mão-cheia do seu prazer. Adoro o seu sabor, gatinha. — Arfo quando ele pressiona o quadril contra o meu, fazendo-me sentir sua ereção dura na minha entrada.

— John. — Gemo quase chorando, tamanha é minha excitação. Andamos até a mesa, ele me senta e se encaixa no meio das minhas pernas. — Nós não podemos transar em horário de trabalho.

Ignorando meu comentário como se não estivesse me ouvindo, John abre o zíper de sua calça social liberando uma ereção monstra. Sinto ele afastar minha calcinha para o lado e, gememos juntos quando ele se enterra forte e duro dentro de mim.

— Aaaah. — Ele geme ainda mais. — Você é minha garota. Essa sua bocetinha é minha. — Enquanto puxo seus cabelos, ele me penetra ainda

mais fundo, em movimentos fortes e certos. — Transo com você aqui e onde estivermos com vontade. Querida, somos jovens e livres. Somos livres para fazer amor, onde e quando quisermos.

Juro que não quero me apaixonar, mas é quase impossível. John é um doce. Ele é o namorado perfeito! Pena que não temos nada sério pois, acho que não ia me opor a ser sua namorada.

Ele aumenta as investidas, fazendo alguns objetos cair de cima da mesa. Aperto sua cintura com minhas pernas e abafa meus gemidos em seu peito. Ele apalpa minha bunda e quase perde o controle quando apertado seu pau com meus músculos vaginais. Ele abre os botões da minha blusa e brinca com meus seios.

— Porra, você é uma diaba dos infernos. — Ele morde meu lábio inferior. — Isso gata, aperta meu pau. Engole ele todinho. Estamos totalmente suados e dominados pelo prazer do momento. É como se o mundo inteiro estivesse desaparecido e restasse apenas nós dois. Quando ele chupa e passa a língua no meu mamilo sensível, explodo em mil pedaços, alcançando o clímax. John mete mais algumas vezes e então goza violentamente dentro de mim. Ele apoia a cabeça no meu ombro e ficamos abraçados, ofegantes em busca de ar.

— Você é um louco! Qualquer hora vão acabar nos pegando. — Murmuro enquanto uso lenços umedecidos para me limpar. Ele arruma o terno e fecha o zíper da calça, então anda até mim e beija minha testa.

— Eu já te falei que somos jovens e livres.

— Concordo, mas isso não nos dá direito de trepar no nosso local de trabalho. — Ele rir, negando com a cabeça. — Agora vou ter que trabalhar cheirando a sexo.

— Ótimo! Assim aquele idiota do Ryan saberá que você já tem dono.

Faço questão de deixar minha marca em você todas as manhãs. Mostro o dedo do meio e ele tomba a cabeça para trás, rindo sem parar.

— Você é um idiota. — Estou prestes a sair da sala quando ele grita:

— Ainda estou puto pelo que vi hoje mais cedo. Haverá troco. — Ignoro e sigo para a minha sala.

— Srta. Parker. — Quase tenho um infarto ao ver Dr. Lucas sentado na minha mesa, segurando uma caixinha brilhante.

— Bo... Bom dia Sr. — Me atrapalho com as palavras. Ficar na sala do John acabou me deixando oficialmente atrasada. — Desculpa pelo atraso.

— Nós dois sabemos que você chegou na empresa no horário certo. — Ele arqueia uma sobrancelha. — John te segurou na sala dele? Posso saber por quê?

"Claro, Sr. Eu estava fodendo com seu filho na sala dele. "

— Ah, ele pediu para eu analisar um documento antes de vir para a minha sala. — Minto, mas Lucas não acredita nem um pouco. Porém, ele disfarça e muda de assunto.

— Tudo bem, depois veremos o desenrolar dessa história. Agora quero te entregar isso. — Ele levanta e me entrega a caixinha. — É um presente meu e da Mirela.

— Uau! Eu nem sei o que dizer. — Abro a caixinha e tem uma joia que deve valer quase uns oitenta salários meus. — Não precisa gastar comigo.

— Espera. — Ele abre o aplicativo de mensagens do celular e segundos depois dona Mirela está falando comigo por vídeo chamada.

— Oi Hannah. — Ela diz sorridente. — Quero que aceite esse presente como forma de agradecimento e reconhecimento de seu talento na reunião de Miami.

— Ah, muito obrigada. — Agradeço meio sem graça.

— *Nós que agradecemos por sua dedicação. Peço desculpas por não ter ido pessoalmente te entregar, mas meus filhos estão carentes de mãe, já que fiquei ausente um fim de semana inteiro. Venha almoçar aqui em casa qualquer dia desses. Nosso final de semana é sempre muito divertido. Sabe como é, né? Família grande.*

— Imagino que deve ser muito bom.

— *Então vamos deixar combinado para você vir almoçar conosco. Eu te aviso o dia, tudo bem?*

Agradeço mais uma vez e nos despedimos, Dr. Lucas também me agradece mais umas duas vezes e finalmente estou a sós para dar início a mais um dia de trabalho.

Após o almoço, volto para a minha sala onde me concentro totalmente ao meu trabalho. É quase fim de expediente quando John liga no meu ramal pedindo para ir até sua sala. Arrumo meu cabelo e retoco o batom, passo pela recepção e graças a Deus Luana já foi embora. Entro sem bater na sala do meu boy e, é impossível acreditar no que meus olhos estão vendo. John está sentado, enquanto uma loira está massageando seus ombros e beijando o pescoço dele.

— É... Desculpa entrar sem avisar. Volto em outro momento. — Aviso com um nó preso na garganta.

— Que isso linda, pode ficar. Marina está apenas me fazendo uma massagem. — O cretino diz na maior tranquilidade.

— Certo. Então vou sair para a sua amiguinha te fazer a massagem. — Ele faz um gesto com o dedo e a loira se abaixa para ouvir seja lá o que ele tenha a dizer. Em seguida, a mulher passa por mim, desfilando sem seu salto alto vermelho. Nunca vi essa mulher por aqui e nem faço questão de ver

outra vez.

— Oi Hannah, é um prazer te conhecer. John fala muito de você. — A loira beija minha bochecha como se fossemos melhores amigas. — Garota sortuda você, hein. Roubou o coração do meu primo.

Primo?

A garota se vai e John está rindo, zombando da minha cara de desentendida.

— O que foi isso? — Questiono com certa braveza.

— Isso foi eu te dando o troco. Morri de ciúmes quando te vi nos braços daquele idiota, então quis que você sentisse o mesmo que eu. Pode ficar tranquila, Marina é minha prima e está praticamente noiva.

— Oh, meu Deus! Onde você deixou sua maturidade?

— Foda-se, só quero que você saiba que morro de ciúmes quando estou com alguém.

Tento esconder o sorriso e a satisfação por saber que ele sente o mesmo que eu. Mas isso tá ficando cada vez mais perigoso.

— Saiba que essa sua vingança boba haverá consequência.

— Ah, é? — Ele rir.

— Sexo só no final de semana. — Seguro o riso ao ver os olhos dele praticamente saltar das órbitas. Sem deixá-lo falar mais nada, saio em direção a minha sala onde pego minha bolsa e saio praticamente correndo do prédio.



JOHN LIVIOTHY

— Papai. — Acordo com Melissa pulando em cima de mim. Minha menina está cada dia mais esperta.

— Bom dia, meu amor. — Abraço e beijo minha filha que é meu maior tesouro. Hoje é sábado, então dormimos sem a preocupação de ter hora para acordar. Estou empolgado, iremos almoçar na casa da Hannah e depois faremos um passeio juntos.

— Vamos tomar banho e vestir uma roupa de princesa? — Sugiro e ela bate palminhas. — Hoje nós vamos almoçar na casa da tia Hannah.

Minha mãe está organizando a festa de dois anos da minha filha, ela está mandando os convites de forma virtual, mas o da Hannah eu faço questão de entregar pessoalmente. Dou banho em minha filha e em seguida lhe visto um vestido rodado com um laço enorme na cintura. Melissa rodopia no meio do quarto e sorrir de forma encantada.

— Eu sou uma *plincesa*.

— É mesmo meu amor, você é minha princesinha.

— Quero cabelo de *plincesa*. — Ela exige meio atrapalhada nas palavras. Mel fala quase tudo correto, o que é um marco de avanço para a sua idade. Mas uma palavra ou outra, ela pronuncia de forma errada.

— Desce até a sala e pede para a vovó fazer um penteado bem lindo em você.

— Não. — Ela cruza os braços e faz beicinho. — Tia Laura vai arrumar meu cabelo.

— Tá bom, então pede para a tia Laura te pentear.

Minha garota sai correndo e eu começo a me arrumar, dando graças a Deus por ter minha mãe e minha irmã na minha vida. Não sei pentear cabelo de menina e provavelmente nunca saberei.

Tomo um banho demorado e decido não fazer a barba. Hannah gosta de sentir meus pelos arranhando seu pescoço e outras partes do seu corpo. Quem sabe após passearmos com minha filha, teremos um tempo somente nosso e eu possa deslizar minha barba entre as pernas dela. Só de imaginar fico com o pau duro e babando nas minhas mãos.

Desde a última segunda-feira, quando usei minha prima para provocar ciúmes em Hannah, estou até hoje sem sexo. Isso é uma grande merda. Saio do banho ainda mais determinado a seduzir minha garota. Termino minha pequena produção, passo o perfume que ela adora e saio em busca de Melissa. Ouço risadas vindo do quarto de brinquedos das crianças e fico confuso ao reconhecer a voz do Heitor. O que diabos ele está fazendo aqui?

Acelero os passos e quando chego na porta do quarto de brinquedos. Vejo Laura terminando de fazer uns cachos no cabelo da Melissa, enquanto Heitor está tentando arrumar o piano de brinquedo do meu irmãozinho.

— O que é que você tá fazendo aqui? — Olho diretamente para o meu

amigo, que abre um sorriso torto antes de me responder com sarcasmos:

— Nossa! Um bom dia para você também.

— Bom dia. Agora me responde o que é que você tá fazendo aqui?

— Credo, John, ele é seu amigo, lembra? — Laura toma a frente. — Heitor vai me levar para a exposição botânica.

— E, porque o nerd do seu namorado não te leva? — Ainda estou de pé, tentando entender essa merda. De repente o Heitor virou um emo veadinho? Acho que não. Isso é o suficiente para eu ficar de olhos bem abertos.

— Nós estamos brigados. — Laura olha para o nada, um pouco nervosa. — E, além disso, ele não pode ir. Foi a uma feira de tecnologia com os amigos da faculdade.

— E desde quando você entende de botânica? — Indago ao meu amigo, que dá de ombros.

— Qual é, cara? Você não confia deixar sua irmã sair comigo?

— Não é isso. — Na verdade, é sim. Mas prefiro não confessar ao meu amigo que o vejo como o Lobo mau atrás da chapeuzinho. — Só acho que o namorado dela não vai gostar.

— Ele que se dane. — Laura diz sem pestanejar. — Não estou nem aí pra ele, e você não tem que se opor com quem saio. Sou maior de idade, esqueceu disso?

Porra... Minha irmã está na pior fase, a fase de querer mostrar as asinhas de demônio dela.

— Bom. Então tenham um ótimo passeio. — É tudo o que posso dizer diante do fato de estar falando com uma mulher feita. Ando até Melissa e seguro suas mãozinhas. — Vem, filha. — Olho para o meu amigo e estreito os olhos. — Cuidado! Estou de olho em você.

Heitor ergue uma sobrancelha como se tivesse me desafiando e em seguida assente com a cabeça. Eu definitivamente, preciso ter uma conversinha com o namorado nerd da minha irmã. Prefiro ela com ele, que vê-la por aí com o Heitor. Eu não confio no meu amigo nenhum pouco. Saio do quarto de brinquedos com a cabeça quente, mas quando desço a escada com Melissa no colo sorrio ao ver minha cena preferida.

— Uau! Para onde meus amores estão indo tão lindos assim? — Minha mãe me olha desconfiada quando questiona. Meus pais estão jogados no tapete da sala, brincando com os gêmeos em uma cena perfeita, da família feliz que somos.

Essa realmente é uma cena que amo ver.

— Vou dar uma volta com a Mel. — Coloco Melissa no chão e caminho até eles, beijando meus irmãos logo em seguida.

— Vem princesa, conta para o vovô para onde vocês vão. — Meu pai estende os braços e Melissa corre para o colo dele.

— Casa da tia Hannah. — Mel responde, enquanto aperta as bochechas do meu pai. Minha mãe me olha ainda mais desconfiada.

— A coisa entre vocês está ficando séria, hein?

— Coisa? Que coisa? — Me faço de desentendido.

— Ah meu querido, sei exatamente o que está acontecendo entres vocês. Só não sabia que estava tão sério. — Abro minha boca para tentar dizer algo, mas meu pai é mais rápido.

— Eu já disse que se você fizer a Hannah sofrer arranco suas bolas, não disse?

— Pai, Hannah não é tão intocável como o senhor pensa.

— Não interessa. Ela é mulher e toda mulher tem seu lado frágil.

— Eu não sou tão frágil assim. — Minha mãe rebate revirando os

olhos.

— Sei que não. Mas toda mulher, tem que ser tratada com carinho e respeito.

— Isso quando ela merece. — Mamãe provoca ainda mais. Agora estou diante dos meus pais e suas raras discussões.

— Mirela, toda mulher tem que ser tratada com respeito. Mesmo aquelas que não se valorizam.

— Ah, Lucas. É por isso que você quase se fodeu nas mãos da gêmea louca. A mulher confundiu gentileza com putaria, e o pior de tudo: quase me fodi junto.

— Águas passadas, Mirela. Águas passadas. — Meu pai revira os olhos, levemente incomodado com esse assunto. Minha mãe deve ter comido o pão que o Diabo amassou nas mãos dessas mulheres, mas pelo menos ela está viva para contar. No lugar dela eu também guardaria magoa.

— Vocês sabem que o Heitor está lá em cima com a Laura? — Cutuco o Diabo com a vara curta, porque tenho quase certeza que meu pai não está sabendo. Então resolvo dar com a língua nos dentes, vai que Heitor tente algo com minha irmã.

— Como assim o Heitor está no quarto com a Laura? Que porra é essa? — Não falei. Meu velho agora está puto da vida. — Que horas ele chegou que eu não vi?

— Relaxa, eles estão no quarto de brinquedos. Heitor levará a Laura até a feira botânica. — Minha mãe explica com calma. — Ele chegou agora a pouco.

— E, porque diabos o namorado lerdo da Laura não à leva? — Meu pai também não tem uma visão muito boa sobre Heitor Mitchell. Ele sabe o quanto nosso amigo e colega de trabalho é um safado mulherengo.

— Fiz essa mesma pergunta. — Murmuro, enquanto pego minha filha nos braços. — Laura falou que brigou com o namorado nerd e que ele vai a um congresso com os amigos. Aí ela resolveu chamar o Heitor para levá-la.

— Eu não estou gostando dessa aproximação. Não mesmo. — Dr. Lucas torce o nariz em desgosto e sinto vontade de beijar os pés dele em apoio.

— Nossa, vocês parecem ter saído da idade da pedra. Laura já é maior de idade e vacinada, ela sabe se cuidar muito bem. — Minha mãe resmunga revirando os olhos.

— Eu não confio no Heitor. — Meu pai resmunga com convicção, fazendo uma careta engraçada quando minha mãe bate em seu ombro tentando corrigi-lo. Deixo os dois discutindo sobre isso e antes de sair, consigo ouvir meu pai dizer que irá ter uma conversa séria com o Heitor. Isso me deixa mais aliviado, então sigo para o carro feliz da vida.

Coloco Melissa na cadeirinha e saio logo em seguida. Quase não tem carros na rua, hoje o dia está tranquilo e vinte minutos após sair de casa, chego ao prédio onde Hannah vive. Com a autorização dela, o zelador libera minha entrada e, agora Melissa e eu estamos diante de sua porta. Hannah nos recebe com empolgação e sorriso feito um idiota para a minha garota.

— Ah, meu Deus! Como você está linda. — Ela se abaixa e beija a bochecha da minha filha. Parece até que nem viu aqui.

— Sou uma *plincesa*. — Melissa murmura rodopiando com seu vestido.

— Estou vendo, você é a princesa mais linda de todo o reinado.

— Hã... — Solto um pigarro, chamando sua atenção para mim. — Existo e estou bem aqui na sua frente. Prazer, meu nome é John. — Faço-me de coitado.

— Ah, oi lindinho. — Ela se aproxima e me dá um beijo rápido nos lábios. — Desculpa te ignorar, Melissa está tão linda que me enfeitiçou. Não consegui ver mais nada.

— É... Percebi. — Ela me ignora mais uma vez e se afasta dando-me passagem. Toda carinhosa, segura nas mãos de Melissa e juntas entram em casa.

— Tio. — Melissa aponta o dedo indicador em direção a uma porta. E para minha surpresa, Breno está saindo de um dos quartos, usando apenas uma bermuda e tentando vestir a camisa.

— Cara, você passou a noite aqui? — Pela forma como Hannah olha surpresa para o meu primo, tenho quase certeza que ela também não sabia sobre uma nova pessoa na casa. — Minha amiga te flechou mesmo, hein.

— Eu... É... — Meu primo se atrapalha com as palavras e volta correndo para o quarto. Giulia aparece logo em seguida e pelo sorriso largo em seus lábios, a noite deles foi boa.

— Vocês deixaram o meu gatinho encabulado. — Ela fala descontraída.

— Que horas vocês chegaram? — Hannah está atônita. — Podia jurar que você ainda estava na rua.

— Chegamos no meio da madrugada. Você estava desmaiada no sofá e nem notou nossa presença, aí levei o gatinho para me aquecer. Sabe, né? Durante a noite a temperatura cai e nada melhor que um gatinho para nos esquentar.

— É isso aí. — Hannah murmura contente por sua amiga.

— Olha só, temos uma princesa no recinto. — Giulia diz, indo até Melissa. Minha filha fica tão encantada com o elogio que abre um sorriso largo de volta enquanto rodopia no meio da sala.

Meu primo volta a aparecer, mas dessa vez está todo arrumadinho. Até o penteado de veadozinho, já está bem feito em sua cabeça.

— Aêh, Gi. — Pisco para a amiga da Hannah. — Você despertou o lado promíscuo do meu primo?

— Vai se foder. — Breno xinga e Giulia dá um tapa em seu ombro.

— Olha a boca, Breninho, não está vendo que temos uma criança entre nós?

— Breninho? Que porra é essa? — Me seguro para não rir.

— Vocês são foda. — Hannah gargalha e abaixa para falar com Melissa. — Ei Melzinha, você gosta de bolo de chocolate? — Minha filha sorrir batendo palminhas. — Uau! Você gosta tanto assim?

— Muito. — Melissa responde sem pestanejar.

— Mais que do seu pai? — Giulia provoca. Melissa olha para todo mundo e em seguida corre até mim e abraça minha cintura.

— Amo meu papai.

— Então que tal fazermos um bolo de chocolate para o seu papai? — Hannah sugere e Melissa se empolga.

Fico na sacada do apartamento conversando com meu primo, enquanto Hannah, Giulia e Melissa preparam o almoço. Hannah sugeriu que Melissa a ajude com a calda do bolo.

— O lance entre a Hannah e você está ficando sério, né? — Breno pergunta, enquanto observa os carros passando lá em baixo.

— Assim como o seu lance com a Giulia. — Ele me olha sem jeito e tenho vontade de rir da cara de moça que meu primo faz. — Qual é, Breno? Você está transando com a menina desde a nossa viagem à Miami e ainda assim fica todo tímido quando toco no assunto. Fala sério.

— Estou apaixonado pela Giulia. — Ele confessa, ignorando meu comentário e me pegando de surpresa. — Estou pensando em pedir ela em namoro.

— Ei, vai com calma garoto. Lembra do que aconteceu comigo?

— Você tem o dedo podre para mulheres, exceto com a Hannah, que parece ser a mulher certa para você. É sério, John, você devia pedir a Hannah em namoro. Tá na cara que vocês se completam.

— Porra, Breno. Mas que papo é esse? Eu não estou apaixonado e nem muito menos acho que Hannah e eu nos completamos. Nós nos damos bem no sexo e é somente isso. — Ele levanta uma das sobrancelhas e dá um tapinha no meu ombro.

— Espero que você abra os olhos logo. Hannah não parece ser o tipo de garota que espera a vida toda.

— Ei garotos, desculpa interromper o papo de vocês, mas o almoço já está pronto. — Giulia informa parada na porta que dá acesso à varanda. É possível ver a baba do Breno escorrer, enquanto ele olha para ela. Meu primo é um homem tão fodido.

Hannah preparou uma lasanha tão saborosa que esqueço a boa educação que minha mãe me deu e como quatro pedaços.

— Que bom que você gostou da minha lasanha. — Ela comenta orgulhosa de si.

— Tem outras coisas suas que eu também gosto muito. Pena que tem criança na mesa e eu não posso dizer.

— Ah meu Deus! Você é um péssimo pai! — Breno acusa olhando diretamente para mim. Olho para Giulia e esqueço que minha filha tá na mesa quando pergunto: — Esse cara fode mesmo? Ou é você que é o macho da relação?

— Ele fode, e fode muito.

— Fode. — Melissa repete a palavra e Hannah me dá um chute certaíra na canela.

— Porra, Hannah. — Reclamo quase chorando de dor.

— Isso é para você aprender a dosar suas palavras diante da sua filha. Se eu fosse uma assistente social eu tomava a Melissa de você.

Depois de uma breve discussão ao qual prometi evitar palavrões na frente da minha filha, comemos o bolo de chocolate e em seguida deixamos Breno e Giulia a sós no apartamento e fomos para o parque.

Hannah e eu estamos sentados em um banco de madeira enquanto observamos Melissa brincar no escorrega e no balanço.

— Ela não pergunta pela mãe? — Hannah indaga, entrando em um assunto que eu sinceramente detesto falar.

— Quando ela chamava minha mãe de mãe, não perguntava. Porém, há um mês, do nada chamou pela mãe. Foi complicado, mas como ela é muito pequena consegui contornar a situação.

— Sinto muito. — Ela fala num quase sussurro.

— É... Eu também sinto. Nunca pensei muito bem como seria quando me tornasse pai. Mas nada pôde me preparar para ser um pai solteiro.

Melissa vem correndo até nos, apontando para um homem que está vendendo algodão-doce.

— Ah, não, você acabou de comer bolo de chocolate. Chega de besteiras por enquanto. — Tento explicar, mas ela faz beicinho. O homem se aproxima, e, malandro como todo vendedor costuma ser, olha diretamente para Hannah.

— O papai não deixa, mas aposto que a mamãe dessa princesa não vai deixá-la passar vontade. — O homem diz todo galanteador. Hannah me olha

um pouco sem graça, mas não corrige o vendedor, apenas pega um dólar do bolso e paga pelo algodão-doce. — A mãe sempre tem o coração mais sensível que o pai. — O homem comenta e sai em direção a outras crianças.

— Desculpa por isso. — Olho em seus olhos. — Não era minha intenção te trazer ao parque para te constranger.

— Que isso, eu jamais vou me constranger por ser confundida com a mãe de uma princesinha. — Ela sussurra e coloca Melissa no colo. Às duas se entreolham com uma troca de carinho tão intensa que fico até assustado. Não é com todo mundo que Melissa se dá tão bem assim e isso é algo que chega a ser intrigante para mim.

Neste momento estou completamente apaixonado por essa troca de amor entre às duas.



JOHN LIVIOTHY

— Dá tchau para a tia Hannah. — Tiro Melissa da cadeirinha e dou a volta no carro, indo até o banco do passageiro para ela se despedir da Hannah.

— Tchau princesa linda. — Hannah sapeca um beijo na bochecha da minha filha, que toda carinhosa envolve os braços no pescoço dela e retribui o afeto com um beijo em sua bochecha.

— *Plincesa*. — Melissa murmura apontando para a Hannah.

— Isso, você é uma princesa.

Mel balança a cabeça de um lado para o outro como se estivesse corrigindo Hannah. Então ela aponta para a minha garota e diz novamente.

— *Plincesa*.

— Ela quer dizer que você é uma princesa. — Explicou ao ver a cara de desentendida da Hannah.

— Então tá. Então, nós duas somos princesas. — Melissa sorri e aperta ainda mais o abraço. Quando as duas finalmente se separam, pego Mel

no colo.

— Você quer entrar? Vou deixar a Mel com minha mãe, mas serei rápido.

— Então eu prefiro te esperar no carro. — Ela me olha com luxúria e sei exatamente o que quer.

Deixo Hannah me aguardando enquanto levo Melissa até minha mãe. Vou deixar minha filha em casa e sair para namorar um pouco, porque nem por uma porra eu fico mais um dia sem tocar na minha garota. Estou com tanto tesão acumulado que daqui a pouco terei um caso seríssimo de bolas azuis, roxas e até pretas.

— Oi bebê da vovó. — Minha mãe praticamente arranca Melissa de meus braços. As duas giram na sala e me derreto de amor pela cena.

— Porque a Srta. Parker está no carro? Deixa de ser mal-educado e convida a moça para entrar. — Meu pai diz ao aparecer na sala com Lavínia no colo.

— John, que coisa feia. — Minha mãe me dá um tapa no ombro. — Vá chamar a garota, peça para ela entrar e tomar um café da tarde conosco. — Estou tão desesperado para ficar a sós com a Hannah, que tenho vontade de chorar com a insistência de meus pais.

— Vamos deixar para outro momento, mãe. Hannah não está se sentindo bem e precisa voltar para casa. — Minto na maior cara de pau, porque eu simplesmente não tenho tempo a perder com cafezinho da tarde. Preciso levar Hannah para algum lugar onde possamos ficar sozinhos.

— Oh! — Minha mãe leva a mão à boca. — Pobrezinha. O que ela tem?

— Cólicas. Ela está com muita dor. — Eu devia ganhar um prêmio de melhor mentiroso do mundo. Sou tão convincente que minto sem piscar, e se

brincar sou capaz de cair na minha própria mentira.

Dou mais um beijo em minha filha e estou voltando para o carro quando percebo minha mãe logo atrás de mim. Meu pai também está vindo e dessa vez é ele quem está segurando Melissa.

— Hannah. Oh florzinha! — Minha mãe passa por mim, quase me atropelando. Ela para na janela do carona e começa fazer perguntas para Hannah. — John comentou que você está com cólicas. Quer um remédio? Quer que ele te leve ao médico? Você sente isso todos os meses? — Fico parado e rezando mentalmente para Hannah entrar na minha jogada e mentir também. Graças a Deus ela entende, e então cruza os braços em volta do abdômen e faz uma careta como se estivesse realmente com dor.

— Eu estou com muita cólica. — A garota mente na maior cara de pau e eu sorrio internamente por sermos tão filhos da puta. — John vai me levar para casa, vou tomar um remédio e logo estarei bem.

Assusto-me quando sinto um tapa arder na minha nuca.

— Você tá esperando o que, garoto? — Meu pai me acelera. — Vá logo levá-la para casa. — Ele olha para Hannah e sorrir de forma calorosa. — Vá para casa e descanse. E se não estiver se sentindo bem até amanhã, tire a segunda feira de folga.

— Obrigada, Dr. Lucas. — Hannah agradece ainda fingindo dor. — Amanhã estarei renovada e com certeza poderei ir ao trabalho.

Entro no carro e saio sem deixar meus pais fazerem mais perguntas. Quando estamos à uma certa distância, Hannah leva a mão até o cóis da minha calça e aperta meu membro sem delicadeza.

— Ah, coitadinho do pequeno Johny. Está tão molinho. — Ela murmura zombeteira, mas seu sorriso morre no instante que me sente endurecer em suas mãos. — Uau! Você é rápido, né?

— Só de você me olhar com esse jeito pidão eu já fico duro. Nem preciso de suas mãos para o meu pau subir. — Ela sorri toda faceira.

Ela está com uma das mãos massageando meu pau, enquanto a outra está em seu celular, pesquisando um bom motel. Eu poderia usar o antigo apartamento do meu pai, aquele lugar fica quase todo tempo fechado e só é aberto quando meus avós paternos vêm da Nova Zelândia para passar férias conosco.

Depois que meu avô aposentou, eles decidiram sair dos Estados Unidos, os dois sempre tiveram esse plano de mudança para quando ambos já não precisassem trabalhar. Frequentemente eles vêm à Nova York, aí ficam no apartamento onde meu pai morava quando era solteiro.

— Porra. — Praguejo ao sentir Hannah abrir o zíper de minha calça. — Dá para esperar chegarmos a um local próprio para isso? — Ela me olha quase em desespero quando exige:

— Então afunda o pé nesse acelerador. Eu tenho pressa, John. — E meu pai ainda acha que essa mulher é uma pobre jovem indefesa. *Meu cú que é indefeso*. Hannah é a rainha da safadeza e meu coroa não sabe da reza metade.

A recepcionista do motel recebe nossos documentos e em troca me entrega a chave da suíte que escolhemos. Uma suíte luxuosa e cheia de brinquedos eróticos. Estaciono o carro de qualquer jeito na garagem e saio do veículo quase sendo rasgado por uma Hannah totalmente fora de si.

— Nossa, o que deu em você? Tá louquinha para ser fodida, né? — Aciono o botão para fechar a garagem e quando entramos na suíte ela usa as duas mãos para tentar tirar minha roupa.

— Eu quero chupar seu pau. — Hannah safadinha avisa enquanto tira meu membro para fora da cueca. *Porra... A mulher tá possuída e isso é*

quente como o inferno.

— Você não vale nada, Hannah. — Murmuro quando sinto minha camisa sendo rasgada. — Mentiu para os meus pais na maior cara de pau.

— Foi uma mentirinha boba, só porque eu estou louca para te sentir dentro de mim. — Sinto uma mordida no meu ombro e ela está quase me virando do avesso.

— Ei, deixa que eu tiro minha camisa, preciso dela para voltar para casa. — Aviso e ela se afasta. A mulher está parada com o dedo indicador na boca, me olhando como se eu fosse um pedaço saboroso de bolo de chocolate, enquanto tiro minha calça e sapato.

Fico ainda mais duro ao ver Hannah passar a língua nos lábios, enquanto se desfaz de suas roupas de forma sensual e urgente. Tiro minha cueca e agora estou completamente nu, observando-a tirar sua lingerie.

— Então você quer ser fodida, não é safada? — Vou para cima dela e juntos caímos na cama. Beijo seus lábios e em seguida beijo seu pescoço, passando a língua de forma lenta e erótica. Gememos juntos com o contato da nossa pele em chamas.

— Ah, você me enlouquece com essa sua língua. — Hannah geme puxando meu cabelo, quase arrancando os fios do couro cabeludo. — Deixa-me te chupar, John. Eu quero engolir esse seu pau gostoso.

— Você é uma putinha, Hannah. — Dou um tapa na lateral da coxa dela e sento encostando na cabeceira da cama. — Quer meu pau? Então toma, safada. Chupa minha rola até essa sua boca ficar dormente. — Ela sorri. Hannah adora ouvir palavras sujas durante o sexo, sobre isso nós combinamos perfeitamente.

Ela passa a língua nos lábios, enquanto fica de quatro diante de mim. A mulher lambe o canto da boca e em seguida abocanha meu membro duro,

arrancando um gemido estrangulado do fundo da minha garganta.

— Cacete. — Exclamo, jogando a cabeça para trás. Puxo o laço que está prendendo o cabelo dela e então agarro os fios sedosos em minhas mãos. — Porra, você é tão safada. Quem te ver com essa cara de anjo nem imagina a putinha que você é dentro de quatro paredes.

Ela afasta a boca do meu pau, mas continua me estimulando com as mãos enquanto me olha totalmente possuída pelo prazer.

— Eu já falei que adoro uma safadeza, acho que é por isso que nos damos muito bem. Você é tão puto quanto eu. — Hannah safadinha volta a me chupar e, quando estou prestes a gozar em sua boca, ela muda de posição e monta em mim encaixando nossos sexos de uma só vez.

— Gostosa. — Sussurro, levando um tapa na cara.

— Gostoso. Eu vou te foder todinho. — Ela diz enquanto me engole com sua boceta apertada. A mulher tá possuída e eu estou apaixonado por essa versão sacana dela. Seguro os seios durinhos nas mãos e chupo um, enquanto massageio o outro. Hannah geme e fala palavras sem nexos. Sinto ela me apertar com seu sexo molhado e sei que minha garota, está bem perto do fim.

— John. — Ela geme toda manhosa.

— Você gosta assim, não é? — Entro duro estocando nela, que rebola em mim com uma urgência sem tamanho.

— Sexo com você é maravilhoso. — Revela, chupando e mordendo minha orelha. — Você me deixa louca de tesão, John. Você é tão gostoso.

Aumentamos o ritmo e agora estamos nos comendo de forma animalesca, gemendo e gritando palavrões que nem eu mesmo sabia existir. Hannah aperta meu pau com sua boceta gulosa e eu quase enlouqueço de vez.

— Pode gozar, gatinha, pode lambuzar meu pau, porque ele é todo

seu. — Como se estivesse apenas aguardando minha autorização. Ela morde meu ombro e então goza se esfregando em mim, como se dependesse disso para sobreviver. Não lhe dou tempo para se recuperar do recente orgasmo. Jogo a garota para o lado como se fosse uma boneca de pano e faço com que ela fique de quatro. A danada mesmo tendo acabado de gozar, empina a bunda para mim. Não perco tempo e meto de forma bruta em sua entrada inchada e molhada.

— Agora sou eu que vou te foder. — Dou um tapa certo em sua nadeiga esquerda e ela grita. — Vou fazer você gozar de novo, e de novo. E então vou gozar nessa sua bocetinha gostosa. Vou te encher com a minha porra e você vai me olhar e pedir mais. — Meto sem dó, e quanto mais ousado eu sou mais ela pede pelo meu pau.

— Isso, John, mais forte.

— Safada. Você é o caralho de uma mulher safada.

— E você é meu puto. Eu adoro quando você me come desse jeito selvagem. — Hannah rebola no meu pau e então goza pela segunda vez. Continuo com o mesmo ritmo e a faço gozar mais uma vez. A mulher está bamba e sei que precisa de descanso, então dou um tapa forte em sua bunda quando gozo, urrando feito um animal selvagem, enchendo sua bocetinha com meu líquido grosso e quente. Saio de dentro dela e Hannah se joga na cama totalmente mole. Sem forças, me jogo ao seu lado.

— Uau! Você me deu três orgasmos. — Ela sorri totalmente relaxada.

— E olha que você nem estava merecendo. — Sussurro enquanto brinco com o bico rosado dos seios dela.

— E por que eu não estava merecendo?

— Você me deixou a semana toda sem sexo, Hannah. Acha pouco?

— Na verdade, eu acho sim. Só não deixei mais tempo porque eu ia acabar ficando louca. Mas você mereceu ficar na seca. Onde já se viu usar a prima para me fazer ciúmes.

— Então você confessa que ficou com ciúmes? — Ela não me responde, apenas levanta e caminha em direção ao banheiro. Hannah liga a hidromassagem, enquanto aguarda a água chegar a um nível ideal, ela toma um banho de chuveiro. Entro embaixo da água com ela e a trago para junto de mim.

— Não é errado sentir ciúmes da pessoa que estamos nos relacionando. Você sabe disso, não é?

— Sei, mas as vezes acho meio confuso. Não quero que misturemos as coisas entre nós.

— Não vamos misturar nada. Relaxa, linda.

Ficamos mais duas horas no motel, onde jantamos e transamos das formas mais insanas possíveis. Deixei Hannah em casa e quase transamos dentro do carro quando ela começou me assediar, enquanto nos despedíamos.



É quase onze horas da noite quando chego na entrada do condômino onde moro.

Antes de me aproximar um pouco mais, vejo o carro do Heitor parado próximo do portão de acesso. Sei que é o veículo dele por causa do adesivo da Boate de Detroit que está colada na traseira do veículo e pela cor diferente nas rodas. O interior do veículo está totalmente escuro. Não consigo ver quem está com ele, mas vejo uma sombra de alguém. Tenho quase certeza que é minha irmã, mas me recuso a acreditar que está acontecendo algo ali dentro.

Espero por longos segundos e como ninguém sai do veículo, perco a

paciente e saio de meu carro, sigo em direção ao carro do meu amigo e então a porta do passageiro se abre, liberando a saída da minha irmã. Laura está usando a merda de um vestido tão curto que aposto ser mais colado ao seu corpo que sua própria pele.

— O que é que tá acontecendo aqui? — Indago desconfiado e soltando fumaça pelas ventas. — Nosso pai te deixou sair vestida assim? — Minha irmã revira os olhos e coloca as mãos na cintura.

— Assim como?

— Assim como aquela moça de uma linda mulher.

— Você tá me comparando a uma prostituta, John? Tá insinuando que estou vestida de forma vulgar?

— Não estou te comparando a uma prostitua. Porra, Laura. Você é minha irmã, só estou zelando por seu bem-estar.

— Eu estou bem. — Ela diz no mesmo instante que Heitor sai do veículo. Meu amigo está meio vermelho e em sua cara está estampado que ele tá louco de tesão. *Filho da puta.*

— Ei, John. — Ele me cumprimenta com um tapinha no ombro. — Laura teve que trocar de roupas porque a dela ficou suja de cerveja.

— Você levou minha irmã para tomar cerveja? Perdeu o juízo, cara?

— Eu sou madura demais para ficar aqui e ver meu irmão mais velho bancar o idiota. — Laura resmunga e dá um beijo na bochecha do Heitor. — Muito obrigada por ter me levado a exposição botânica. Vou adorar sair com você mais vezes. — Ela sai andando em direção a entrada do condômino e, assim que seu acesso é libertado, ela some para o lado de dentro. Pego meu amigo pelo colarinho da camisa e encurralo seu corpo contra a lataria do carro.

— Vou perguntar mais uma vez: Você levou minha irmã para tomar

cerveja?

— Primeiro: Você me solta porque eu não sou nenhum moleque de rua. — Ele rosna apontando o dedo na minha cara. — E segundo: Você está agindo feito um idiota.

Me afasto e tento manter a calma para tentar ouvir o que ele tem a dizer.

— Eu jamais levaria sua irmã para tomar cerveja, embora ela já tenha idade suficiente para isso. Não acho legal uma garota bêbada. O vestido dela sujou quando um babaca esbarrou nela na praça de alimentação e deixou cair cerveja sobre o tecido.

— Aí você achou legal ela usar um vestido justo como aquele? — Ainda estou tentando manter a calma, mas estou louco para encher a cara dele de porrada.

— Cara, para de falar merda. — Heitor bufa raivoso. — Até parece que você não conhece sua irmã. Laura entrou na porra de um provador e eu fiquei aguardando do lado de fora, juro que não pensei besteiras quando ela saiu usando aquilo, que ela chama de vestido. Eu respeito sua irmã, John, não sou tão cretino assim.

No fundo eu sei que ele não seria capaz de fazer mal para a minha irmã, mesmo assim não confio plenamente no meu amigo. Ele é mulherengo demais.

Bônus

LAURA E HEITOR

HEITOR MITCHELL

Eu sou um tipo de cara que não liga muito para besteiras relacionada ao amor ou namoro. Gosto de variar entre mulheres, gosto de fazê-las gozar bem gostoso e adoro poder manda-las embora logo em seguida. Não iludo nenhuma delas. Quando saio com uma garota ela já sabe como será o dia seguinte, mas preciso confessar que de vez em quando eu enrolo uma garota ou outra. Não me leve a mal, mas tem algumas garotas que são tão gatas e tão difíceis ao mesmo tempo, que só consigo levar para a cama fingindo ser a merda de um Romeu que vai ligar e mandar flores no dia seguinte.

De uns dias para cá estou tendo problemas com a irmã do John. Laura praticamente me denominou como seu melhor amigo, só tem um problema em tudo isso: Tenho notado seu interesse em mim e não é um interesse muito inocente. Sei que não é coisa da minha cabeça pois ela manda mensagem no meio da madrugada dizendo que está se sentindo só e que está pensando em terminar com o namorado porque ele não quer ir aos finalmente. Juro que estou tentando ser quase um anjo. Juro que tenho apenas sonhos eróticos com a garota e não tenho intenção em avançar o sinal, mas Laura não está

colaborando nem um pouco. Sempre que tem a oportunidade ela manda uma indireta daquelas bem direta, sabe como é? Está sendo um inferno não ceder e fazê-la mulher do jeito que ela tanto sonha.

— Vou descer para você trocar de roupas. — Murmuro quando ficamos a sós no quarto de brinquedos.

— Ok. — Ela me olha de um jeito tímido e morde o lábio inferior, mandando uma descarga de prazer direto para o meu pau. Guardo o mine piano que estava arrumando e quando estou prestes a sair do quarto. Lucas aparece com uma cara de poucos amigos.

— Heitor. — Ele me olha sério. — John comentou que você estava aqui em cima. Por que não aguarda a Laura lá em baixo?

— Pai. — Laura tenta argumentar, mas seu pai é mais rápido.

— Um rapaz jamais fica sozinho em um quarto com uma moça.

— Credo, isso já está ultrapassado, pai. — Laura revira os olhos. — Nós estamos no século vinte e um.

— E você ainda vive debaixo do meu teto, então aqui as regras ainda seguem conforme o século passado. Sua mãe falou que vocês vão sair, vá se arrumar que Heitor irá te esperar lá em baixo.

Laura não discute com seu pai e eu sigo para o andar de baixo da casa, com um Lucas morto de ciúmes logo atrás de mim. Nos sentamos na sala, onde dona Mirela está brincando com os gêmeos.

— Lucas, você não existe. Porque não deixou o rapaz lá em cima? — Mirela questiona levemente irritada.

— Laura vai trocar de roupas e lugar de visitas é aqui em baixo. — Lucas responde sem pestanejar. Percebo o clima tenso entre eles e no mesmo instante começo rezar mentalmente para Laura não demorar muito. Graças a Deus meu pedido é atendido e ela logo aparece no topo da escada. Linda e

toda menininha. Uma menina mulher.

Porra, a irmã do meu melhor amigo é uma gata gostosa recém-chegada a maioridade e tem um tipo físico que faz meu pau babar dentro da cueca. Às vezes tenho vontade de nunca ter conhecido o John, só para poder pegar a irmã dele sem peso na consciência. A garota desfila até mim, usando um vestido discreto, mas cheio de brechas para uma imaginação fodida como a minha.

— Te quero de volta antes da meia noite. Ficou claro, Laurinha? — Lucas ordena todo sério. O cara parece um sargento do exército.

— Claro como a água, paizinho.

Despedimo-nos e saímos da casa na velocidade da luz. Laura entra no meu carro e seu perfume gostoso toma conta do ambiente.

— Seu pai é bravo, né? — Comento suando frio. — É por isso que seu namorado tem medo de avançar o sinal.

— Não, não é por isso. — Ela diz toda manhosa. — Kevin tem medo de avançar o sinal porque tem medo de descobrir que não é totalmente macho. — Quase engasgo com minha própria saliva, por essa eu não esperava.

Será que ela teve alguma decepção com o cara? Será que ele brochou e deixou a gata na mão? Prefiro nem entrar em debate com ela, não sei se tenho preparo para ouvi-la dizer que foi deixada na mão. Laura é gata demais para eu acreditar numa coisa dessa.



A feira de botânica e tecnologia está lotada, tem meninas lindas para todo lado e também tem nerds espalhado por toda parte. *Meu saco.*

— Uau! Esse ano está ainda mais bonito. — Laura comenta com os olhos brilhando de entusiasmo. Ela está olhando atentamente para todos os

lados e eu estou tentando entender o que diabos de tão interessante ela vê em uma feira como essa.

— É, tá bacana. — Coço a nuca sem saber exatamente o que dizer.

— Bacana? — Ela me olha chocada, como se eu tivesse falado alguma besteira. — Está espetacular.

Assistimos duas palestras sobre a importância da botânica e confesso que eu quase dormi. Não é muito minha praia esse lance de flores e tecnologia para o meio ambiente.

Dei graças à Deus quando finalmente acabou a última palestra e pudemos seguir para a praça de alimentação, que está com um cheiro maravilhoso e é bem mais a minha praia.

— O que você quer comer? — Laura pergunta apontando para as diversas barracas de comidas diferente.

— Tacos mexicanos? — Sugiro com uma das sobrancelhas erguidas. Ela sorrir.

— Adoro tacos.

Paramos para comer tacos e estamos no meio de um bate papo agradável quando sinto alguém esbarrar em mim e logo em seguida vejo um idiota derramar bebida em cima da Laura.

— Você é um idiota ou o quê? — Laura aponta os dois dedos indicadores na cara do rapaz que está parado quase em pânico.

Esses caras que vem a esse tipo de exposição são tudo meio fragilizado. O rapaz está quase tremendo diante de uma garota de estatura mediana, vestida como as patricinhas de *Beverly Hills*. Cruzo os braços e assisto ao pequeno espetáculo. Será que ele acha que ela vai dá uma voadora nele?

— Desculpa, moça. — Ele murmura com voz trêmula e eu tenho

vontade de encher o cara de porrada, só pra ver se fala que nem macho.

— Você faz ideia de como foi difícil escolher esse vestido? — Laura está bufando de raiva. — Agora estou fedendo a cerveja e toda molhada.

— Oh. — O rapaz que mais parece uma moça, sussurra e puxa um lenço de dentro do bolso da calça. — Me desculpe, moça.

— Tá, tá legal. Agora some da minha frente. — Laura pega leve e o cara sai em disparada.

— Ele quase se borrou com seus gritos. — Sussurro brincalhão.

— Eu odeio ficar com cheiro de bebida. — Ela resmunga toda patricinha. — Vem, vamos ao shopping que tem aqui perto.

— Shopping?

— É, Heitor. Shopping. — Ela murmura revirando os olhos. Deixamos o carro no estacionamento do evento e fomos a pé até o shopping. Não demorou muito e já estávamos dentro de uma loja de roupas femininas onde Laura já é cliente e muito conhecida pelas vendedoras.

— Vou provar esses dois vestidos, fica aqui que eu quero sua opinião. — Ela praticamente ordena, e, eu como arrasto um caminhão de merda por essa garota, apenas obedeço. Fico sentado em um banco de frente para o provador e só de imaginar ela toda nua do lado de dentro, fico excitado a nível máximo. Vou precisar fazer uma visita a uma amiga da boate Detroit ainda essa noite ou terei problemas seríssimos com minhas bolas inchadas.

— Que tal esse? — A garota aparece vestindo um pedaço de pano que mal cobre suas partes mais íntimas. Fico paralisado e rezando para ninguém perceber minha ereção.

— Porra. — Passo a língua nos lábios. — Gostosa pra caralho. — Falo sem cerimônia, porque não sou obrigado a fingir uma coisa dessa.

— Então é esse que eu vou levar. — Ela sorri vitoriosa.

Laura paga pelo pequeno pedaço de pano e corre até o banheiro feminino onde faz questão de trocar de roupas. Saímos do shopping e seguimos andando de volta ao estacionamento do evento onde deixei meu carro, mas na metade do caminho sou surpreendido por uma Laura totalmente ousada e sem nenhuma timidez. Ela me arrasta para um beco onde me empurra contra a parede, envolvendo os braços em meu pescoço enquanto cola nossos lábios em uma tentativa de beijo surpresa. Tento recuar, mas ela é insistente, e quando solta um gemidinho solitário não consigo me controlar.

Tomo sua boca e a beijo do jeito que ela merece ser beijada. A beijo do jeito que eu sempre sonhei. Em um gesto rápido inverte nossas posições e agora é ela quem está sendo encurralada contra o muro.

— Ah meu Deus! Você é tão quente. E onde diabos você aprendeu beijar assim? — Sussurro após deixar sua boca. Agora estou passando a língua em seu pescoço, enquanto ela puxa meu cabelo com força.

Ainda estamos parados em busca de ar para respirar, mas a garota parece não se importar com oxigênio. Ela simplesmente segura meu rosto com as duas mãos e volta a me beijar. Laura chupa minha língua de um jeito tão gostoso que estou quase enlouquecendo.

— Eu sempre sonhei com um beijo seu. — Ela admite com a voz ofegante após abandonar minha boca. — Sempre soube que você tinha uma pegada maravilhosa.

— Linda, você ainda não viu nada. Isso aqui foi só um beijo. — E mais uma vez sou pego de surpresa quando ela morde o lábio e desce uma das mãos até o volume já eminente em minha calça.

— Então me mostra o que você faz com garotas virgens como eu.

Putaquepariu... Só posso estar no meio de um sonho erótico. Mas quando ela aperta meu pau e morde meu queixo, vejo o quanto tudo isso é

real.

— Porra, Laura. — Com muito esforço consigo me afastar dela, que continua parada me olhando de forma ousada. — Eu não posso pegar você. O que diabos o veadinho do seu namorado anda fazendo que não te satisfaz?

A garota de olhos safado me observa como se eu fosse um pedaço de carne. Isso é estranho pra caralho. Já vi muitas mulheres me desejarem, mas nunca fui assediado como estou sendo agora.

— Eu nem sei se ele gosta mesmo de mulher. — Laura revela, deixando-me atônito. — E, além disso, nós não somos mais namorados. Terminamos há quase três dias.

Confesso que adorei saber que ela terminou com o idiota, mas nem quero me alegrar muito. Três dias é muito pouco tempo, pode ser que eles voltem a ficar juntos logo. Então me concentro na parte em que ela diz que nem sabe se o namorado gosta de mulher.

— O que você tá tentando me dizer? Acha que ele é gay?

— Se é gay, eu não sei. Só sei que comprei uma lingerie super sexy e entrei no apartamento dele com a chave reserva, preparei um jantar romântico e desfilei na sala dele com a peça íntima. Sabe o que o cara falou? — Apenas neguei com a cabeça. — Ele falou que é para irmos devagar, que ainda temos que nos conhecer um pouco mais antes de partir para os finalmente.

— Caralho. — Soco o muro e sinto meus dedos estalar com o impacto. — Eu estou bobo! Nem sei o que dizer. Há quanto tempo vocês estão namorando?

— Um ano e meio. — Ela responde revirando os olhos. — Depois do que aconteceu eu nem sei mais o que sinto por ele. Às vezes me sinto muito feia, deve ser por isso que ele não se excita comigo. Kevin não é como você. Eu sinto que você me deseja, Heitor. E eu também te desejo. Pode acreditar,

não é carência nem nada. Eu simplesmente sinto muita atração por você, e não é de hoje.

— Como assim, não é de hoje?

— Comecei te enxergar com outros olhos desde a festa de ano novo. Você estava tão lindo, tão gostoso. Mas como eu era menor de idade sabia que você não ia querer nada comigo. Mas agora as coisas mudaram, tenho dezoito anos e estou pronta para conhecer os prazeres da vida. Acho que você é o cara certo para isso.

Estou tão chocada com as palavras da Laura que se não estivesse encostado na parede, com certeza cairia duro para trás.

— Você é linda, Laura, nunca pense o contrário. Você é linda e muito atraente. Você é uma mulher maravilhosa, mas...

— Então fica comigo. Me faz sentir desejada, Heitor. Você é o cara certo para isso.

— E o que te faz pensar que sou o cara certo para tirar sua virgindade?

— Porque eu sei. Você se faz de galinha e safadão, mas sei que deve ser muito carinhoso na cama. E com certeza minha primeira vez será inesquecível, sei que você fará tudo certinho. Eu estou apaixonada por você.

Não tenho tempo para falar mais nada. A garota volta a me agarrar e dessa vez eu não ponho nenhuma barreira, deixo ela fazer o que deseja. Laura chupa minha língua de uma forma tão gostosa que eu volto a pressionar seu corpo contra a parede, e dessa vez aproximo nossos quadris, fazendo movimentos como se estivéssemos realmente transando no meio de uma porra de um beco.

E, de repente estou realizando umas das minhas maiores fantasias. Estou dando uns amassos na irmã do meu melhor amigo. *Porra.*

— John vai me matar se souber que te beijei. Não quero nem imaginar o que ele faria se descobrisse que estamos quase transando no meio de um beco.

— Esquece meu irmão. Me faz sua, Heitor.

Eu juro que tentei ser bonzinho e não olhar para ela de forma ousada, nem na hora do provador eu pensei besteiras. Mentira, pensei sim. A garota está se esfregando em mim de uma forma tão gostosa que só consigo dizer uma única coisa:

— Você será minha.

Sáímos do beco sujo e seguimos de mãos dadas até o estacionamento. Entramos no meu carro e quando viro a chave na ignição sou pego mais uma vez de surpresa.

— Vamos para um motel? — Ela pergunta com uma cara de santa e ao mesmo tempo safada.

— Calma gatinha, você será minha. Mas não será hoje.

— Porque não?

— Será a sua primeira vez, Laura, quero que seja especial e em um local lindo. Me dê mais alguns dias e eu vou te preparar uma surpresa maravilhosa. Eu não sei se será uma boa ideia ir tão longe com ela, mas a garota é tão linda que meu coração bate de forma descompassada quando estamos muito perto um do outro.

Faço o caminho até a casa dos Liviothy com Laura me olhando o tempo todo. Ela liga o som do carro e a voz de Leona Lewis toma conta do ambiente com a música "*Bleeding Love*" Laura canta a música com tanto entusiasmo que acabo sendo contagiado e agora estamos cantando mais alto que a própria cantora.

Após um percurso rápido, paro o carro em frente ao residencial onde

Laura vive com os pais, desligo o motor e mal tenho tempo de tirar o cinto, quando a garota vem para cima de mim. Uma coisa que eu nunca imaginei, mas que simplesmente amo em Laura é esse lado ousado dela. Ela é uma garota decidida que sabe o que quer. Não se importa com o amanhã e muito menos com a opinião alheia. Ela é a garota perfeita.

— Ei linda, você tá muito fogosa. — Sussurro perto do seu ouvido e ela sorri com o rosto escondido no meu pescoço.

— Estou louca para ficar com você. — Admite sem nenhuma cerimônia. Colo nossos lábios e a beijo. Laura geme enquanto passeia com suas mãos delicadas pelo meu abdômen. O clima está ficando cada vez mais quente e, se não fosse o fato de John acabar de chegar e parar seu carro próximo do meu, eu provavelmente daria uns amassos gostoso em Laura. Ele fica um tempo dentro do carro e depois sai do veículo. Laura está tão excitada que ainda não percebeu o perigo que nos rodeia.

— Seu irmão tá vindo aí. — Alerto ao perceber meu amigo caminhar em nossa direção. Laura arruma o cabelo e o vestido. Em seguida sai do carro como se nada estivesse acontecendo. Tento disfarçar minha cara de tesão e saio logo em seguida.

— Você tá me comparando a uma prostituta, John? Tá insinuando que estou vestida de forma vulgar? — Laura murmura totalmente atônita no meio de uma pequena discussão com o irmão.

— Não estou te comparando a uma prostitua. Porra, Laura. Você é minha irmã, só estou zelando por seu bem-estar. — John tenta explicar.

— Ei, John. — Cumprimento meu amigo com um tapinha no ombro. — Laura teve que trocar de roupas porque a dela ficou suja de cerveja. — Expliquei na tentativa de encerrar a discussão dos dois.

— Você levou minha irmã para tomar cerveja? Perdeu o juízo, cara?

— Eu sou madura demais para ficar aqui e ver meu irmão mais velho bancar o idiota. — Laura resmunga e dá um beijo em minha bochecha. — Muito obrigada por ter me levado a exposição de botânica. Vou adorar sair com você mais vezes. — Ela sai andando em direção a entrada do condomínio, e assim que seu acesso é libertado e ela some para o lado de dentro. John parte para cima de mim, me pegando pelo colarinho da camisa e me encurralando na lataria do meu carro.

Ele está furioso por achar que eu levei sua irmã para tomar cerveja. Imagina se o cara descobrir que fui muito além disso. Imagina se ele descobre que Laura e eu quase transamos dentro de um beco.

— Relaxa, John, eu respeito muito sua irmã. Não sou tão cretino assim. — Não sei se ele acreditou em minhas palavras, só sei que finalmente se acalmou.

— Estou de olho em você. — É tudo o que ele diz.

Eu estou ferrado... Vou ficar com a irmã do cara mais ciumento que já conheci na vida, mas não tenho mais como voltar atrás. Só de lembrar da Laura toda carente por mim já fico louco por ela.



HANNAH PARKER

Giulia e eu acordamos cedo e fomos ao salão para deixar cabelos e unhas perfeitas. Hoje será a festa de aniversário de dois anos da filhinha do John. Fiquei confusa sobre o que dar de presente, já que a garotinha tem de tudo. Sondei meu boy e ele comentou que ela sonha em ter um pônei de brinquedo. Ainda bem. Já pensou se fosse de verdade? Comprei o tal pônei e mandei entregar no local da festa. Giulia comprou uma Barbie original e mandou entregar junto com o meu presente.

As dezesseis horas, saímos de casa e agora estamos na frente de um dos buffets mais caros de Nova York. Entrego a senha de acesso para o segurança, que libera nossa entrada rapidamente. O salão está todo decorado com o tema da princesa Disney, tudo do jeitinho que Melissa adora.

— É hoje que eu vou encher a cara. — Giulia diz empolgada, assim que temos o acesso liberado para o interior do buffet. — Vou beber e comer muito. Adoro festa de gente rica. Com certeza a cerveja é maravilhosa.

— Pelo amor de Deus! Nós estamos em uma festa infantil. Tenho quase certeza que não haverá álcool por aqui. — Ralho totalmente perplexa

pelos pensamentos sujos da minha amiga. Ela abre a boca para tentar contestar, mas logo se controla ao ver John e os primos se aproximando de nós.

— Que bom que vocês chegaram. — John cola nossos lábios em um beijo rápido enquanto seus primos cumprimentam Giulia. Cumprimento os rapazes e volto minha atenção para o pai mais lindo do ano.

— Cadê a pequena aniversariante? — Indago, ansiosa para ver a menina.

— Está logo ali. — Ele segura meu braço e sai me guiando no meio do salão, enquanto Giulia segue Breno e Thiago para o outro lado. Fico encantada com a forma apaixonada como Breno olha para ela.

John e eu andamos de mãos dadas até uma mesa onde há um grupo de pessoas conversando.

— Pessoal, para quem ainda não conhece, essa é Hannah Parker. Assistente do meu pai e minha amiga. — John faz a apresentação e uma moça loira de mais ou menos uns quarenta anos de idade estreita os olhos ao dizer:

— Amiga, John? Sério mesmo? — John apenas sacode os ombros e sorrir.

— Hannah, essas são minhas tias, Kate e Manu. E esses são meus tios, Gustavo e Noah. — Ele faz uma breve apresentação, ignorando o comentário da tia. — Tio Rapha e tio Murilo você já conhece lá da sorveteria.

— Olá. — Cumprimento a todos e ganho sorrisos carinhosos. Breno se aproxima trazendo Giulia com ele, e observo os dois sentarem ao lado dos pais dele.

— Você é linda! Não deve ser aqui de Nova York. — Murmura a outra tia dele, amamentando um bebê e sorrindo para mim.

— Sou do Tennessee. — Esclareço.

— Eu logo vi, você tem um semblante natural que só as garotas vindas Sul conseguem ter. Sua beleza é espontânea, garota.

— Ela é um espetáculo, não é mesmo? — John completa me dando um tapa na bunda.

— Tenha modos garoto. — Uma senhora chama a atenção dele.

— Deixa o garoto aproveitar a juventude dele. — Dessa vez é um senhor que se manifesta.

— Esses são meus avós maternos. — John explica e em seguida aponta para uma outra mesa onde há um casal de idosos conversando com outras pessoas. — E aqueles são meus avós paternos. — Após uma breve apresentação, seguimos pelo salão em busca de Melissa, que está brincando em um pula-pula com outras crianças.

— Ei, John. — Dr. Lucas chama nossa atenção enquanto se aproxima com a filha mais nova no colo. — Você viu sua mãe por aí?

— A última vez que a vi ela estava conversando com a vovó.

— Merda! Onde essa mulher se meteu?

— Algum problema, pai? — John indaga preocupado.

— Não é nada demais, fique tranquilo. É coisa minha e dela. — Ele se aproxima um pouco mais e dá um beijo em minha bochecha. — Você está linda, Srta. Parker.

— Obrigada. — Agradeço segundos antes de ele sair andando a passos largos em busca da esposa.

— Não te falei que ia beber umas cervejinhas. — Giulia aparece segurando duas taças com uma bebida gelada.

— Isso é cerveja? — Olho atônita para a taça e minha amiga rir

vitoriosa. Volto minha atenção para o John, que apenas dá de ombros. — Você está servindo cerveja na festa de dois anos da sua filha?

— Não me olha com essa cara. Meus avós maternos e minha mãe são brasileiros de sangue quente, esse povo adora uma cerveja bem gelada. E se você observar bem, verá que estão servindo caipirinha também. Reclame com a dona Mirela.

— Para de ser careta, Hannah. — Giulia diz antes de beber mais um gole de sua cerveja. — As crianças nem vão chegar perto disso. E agora me dá licença que vou convencer o Breno a beber um pouquinho. Quero ele todo acesso essa noite. — Ela fala sem nenhum pudor e sai rebolando em direção ao Breno, que está sentado ao lado do Thiago, fazendo carinho na filha dele.

— Vem, vamos ver a Mel. — John volta a me puxar pela mão e finalmente consigo chegar até Melissa. Ao nos ver, a menina para de brincar e sorrir para mim.

— Tia. — Melissa corre até mim e abraça minha perna. Abaixo para pegar a garota no colo, sapecando um beijo em sua bochecha logo em seguida.

— Oi princesa, trouxe seu presente. Está lá na frente, soube que você gosta de pônei de brinquedo. — Sussurro como se fosse um segredo e a menina praticamente se joga dos meus braços, saindo correndo em direção aos presentes. *Isso sim que é acertar no presente.*

— Oi, Hannah. — Dona Mirela aparece com um dos gêmeos no colo. Ela está linda, nem parece uma mulher de mais de quarenta anos de idade e mãe de cinco filhos. Preciso confessar que Mirela é uma mulher muito corajosa. Deus me drible de ter tantos filhos assim. Não sei cuidar nem de mim, quem dirá de uma creche.

— Oi, dona Mirela. — Cumprimento e ela faz uma careta engraçada.

— Aí credo, Hannah, nada de dona. Me chame apenas de Mirela, por favor!

— Ok, então é apenas Mirela.

— Mãe, o papai está te procurando. — John avisa e ela apenas dá de ombros antes de dizer:

— Sei exatamente o que ele quer. Depois me entendo com aquele cabeça dura.

John e eu nos entreolhamos sem entender nada, mas optamos por continuar sem saber. Isso é coisa íntima de casal e nós não temos nada a ver com isso.

— Coitadinha da Melissa. — Mirela olha para a menina que está tentando abrir o embrulho que é maior que ela. — O que será que é aquilo?

— É o pônei que a Hannah trouxe para ela. — John esclarece, sorrindo como um bobo. Mirela me olha com uma das sobrancelhas erguidas e em seguida sorrir toda carinhosa.

— John, vá ajudar sua filha a abrir o presente e me deixa trocar uma palavrinha com a Hannah. Sim? — John e eu nos entreolhamos um pouco desconfiados, mas faço um gesto positivo e ele segue em direção à menina.

— Vem, Hannah, vamos sentar naquela mesa vazia. — Acompanho a elegante mulher até a mesa, onde sentamos lado a lado. — Eu quero te agradecer por fazer tão bem ao meu filho. — Ela fala sem rodeio. Fico confusa e ao mesmo tempo entendo o que ela quer dizer com isso. Sei do passo do John e sei o quanto já o fizeram sofrer. Ela como mãe só quer ver o filho feliz.

— Que isso, não precisa agradecer. John e eu somos bons amigos. — Digo tranquilamente e ela me olha com malícia.

— Querida, não insulte minha inteligência, sei exatamente o que está

acontecendo entre vocês. Só quero saber uma coisa.

— Pode falar. — Estou começando a suar frio com essa conversa.

— Vocês estão usando proteção, não é mesmo? Meu filho tá encapando o bicho direitinho? — *Jura que ela está me fazendo essa pergunta?*

— Oh. — Murmuro chocada. — Pode ficar tranquila. Nós estamos nos cuidando direitinho.

— Ótimo! É bom saber que meu filho aprendeu a lição e agora está usando camisinha. *Ah se ela soubesse que não usamos nada disso. Será que dona Mirela ia querer me matar?*

Após uma breve conversa com Mirela, ela sai em busca do marido e John entrega Melissa para uma das monitoras do evento. A moça leva a menina para brincar nos brinquedos do mine parque instalado no meio do salão.

— Quem é aquela moça com o Heitor? — Olho curiosa para um casal que está conversando em um canto mais reservado e vejo John mudar de cor.

— Aquela é Laura. — Ele explica enciumado. — Laura é minha irmã e eu estou planejando a melhor forma de matar o Heitor e sumir com corpo. — Sorrio do comentário idiota dele, mas John fecha ainda mais a cara para mim.

— Nossa, você é ciumento mesmo.

— Não confio no Heitor, só isso. Mas como hoje minha família está toda aqui, fico tranquilo e posso dá uma subidinha rápida contigo. Sei que Thiago ficará de olho para mim.

— Para onde você vai me levar. — Ele não responde. Apenas me arrasta para um lado vazio do salão. Seguimos por um corredor estreito e percebo que estamos nos afastando das pessoas. E, após entrarmos em uma

porta discreta, John passa a chave trancando-nos dentro do lugar apertado e logo em seguida sinto meu corpo sendo prensado contra a parede. Um John totalmente enlouquecido e cheio de desejo vem com tudo para cima de mim. Ele usa uma das mãos para puxar com força o meu cabelo e leva a outra até o bojo do meu vestido, onde aperta delicadamente um dos meus seios.

— Estamos no meio de uma festa infantil. A festa da sua filha, lembra? — Tento argumentar para voltarmos para a realidade, mas o nosso amasso está tão gostoso que nesse momento tudo o que eu queria era estar bem longe dessa festa, em um local onde pudéssemos fazer amor sem sermos pegos.

— Não estamos no meio de uma festa infantil. — Ele sussurra passando a língua por todo o meu pescoço. — Estamos em um quartinho de despensa e eu já deixei ordens para ninguém entrar aqui. Eu preciso de você, e preciso agora. — Sinto meu vestido subir e logo suas mãos já não estão mais na parte de cima do meu corpo. John puxa minha calcinha para baixo e se abaixa para tirá-la tolamente. Olho para baixo e o vejo de joelhos aos meus pés. *Isso é quente, muito quente.* Abaixo um pouco e agarro seus cabelos, dando um leve tapa em seu rosto safado.

— Adoro quando você me bate. — Ele diz com uma voz rouca.

— Você sabotou o pessoal do Buffet? — Indago sem acreditar que ele realmente tenha feito isso. John Morde o lábio inteiro e em seguida beija a lateral da minha coxa.

— Sabotei. — Confessa enquanto passa o dedo indicador sobre meu clitóris, me fazendo arfar. — Agora eu vou te chupar bem gostosinho, porque é isso que nós dois queremos nesse exato momento. — Jogo a cabeça para trás quando sinto sua língua quente e ousada brincar com minha intimidade. Puxo seu cabelo no mesmo instante que ele levanta uma das minhas pernas, jogando-a sobre o ombro.

— Ah, meu Deus! — Gemo manhosa e desejosa.

— Não querida, eu não sou Deus! Mas sou todo seu, e estou disponível para o seu desejo. — Sinto ele levar um dedo para dentro de mim enquanto sua língua domina meu clitóris. Ele sabe como fazer isso. Ele sabe exatamente como me enlouquecer.

— John. — Solto um grito estrangulado e sinto ele sorrir com o rosto colado em mim. Perco o controle e começo rebolar, esfregando minha boceta no rosto dele. John geme e sei que está gostando tanto quanto eu. Vendo que estou prestes a gozar, ele tira o dedo e fica de pé. Observo ele abrir o zíper da calça e a vejo deslizar junto com a cueca, liberando seu pau duro e pronto para mim. — Ei. — Protesto e ele sorrir segundos antes de erguer minha perna e me penetrar de uma só vez.

— Hoje você não vai gozar na minha boca, hoje você vai gozar no meu pau. Eu adoro quando você goza e aperta meu pau. — Ele investe com suas estocada firmes e certeiras. — Vou te foder contra essa parede e só vamos parar quando os dois estivermos completamente saciados. — Ele me penetra e eu gemo em seu ouvido. Ele aperta minha bunda e eu passo minhas mãos por dentro de sua camisa, arranho suas costas. Ele fala palavrões e eu puxo seu cabelo. Estamos parecendo dois loucos insanos por sexo selvagem. Sinto meu prazer me atingir e então gozo apertando o pau dele dentro de mim.

— Porra. É disso que eu estou falando, Hannah. Adoro quando você goza no meu pau. — Ele continua suas investidas, as vezes rápido e as vezes lento. Ele me beija enquanto entra e sai. John fica mais rápido e ofegante, e é aí que sinto seu líquido me inundar. Ele morde meu ombro enquanto derrama até a última gota do seu prazer dentro de mim.

— Sua mãe acha que nós estamos usando camisinha. Acho que ela vai nos matar se descobrir que não. — Comento enquanto arrumamos nossas

roupas, tentando ficar com uma imagem apresentável para voltar à festa.

— Ela só está com medo de ser avó de novo. Dona Mirela disse que é muito nova para isso.

— E é mesmo. — Concordo sem pestanejar.

— Eu também não quero ser pai de novo. Sei que você está se cuidando direitinho e por isso confio transar contigo sem preservativos. — Ele está mesmo traumatizado. Eu penso em ser mãe, mas num futuro bem distante. E como sei que John não será meu marido, não me preocupo com o fato dele não querer ser pai novamente.

— Quando eu estiver com a faculdade concluída e conseguir um cargo bom e uma casa própria para morar, pretendo me casar e ter um filho. — Confesso e o vejo me olhar confuso.

— Apenas um filho?

— É. Nada de muitas crianças. Quero apenas um filho.

— Então isso está fácil de resolver. — Ele sorriu da forma mais descarada possível. — Você pode casar comigo e ser mãe da Melissa. Simples assim. — Sorriu e dou um tapa no peito dele.

— Eu adoro sua filha, John. Mas num futuro bem distante daqui, quero ter meu próprio bebê.

— Tá certo. — Ele concorda, mas vejo que está falando da boca para fora. — Quem sabe nesse futuro distante eu não possa ser o pai do seu bebê.

— Ué, não foi você quem acabou de dizer que não quer ter mais filhos?

— E não quero. Talvez até lá eu te convença a casar comigo e adotar Melissa.

— Você é doido.

— Doido por você, querida. — Ele me beija mais uma vez e então saímos do quartinho apertado, voltando para a festa.



HANNAH PARKER

Quando voltamos para o salão Giulia e Breno já não estavam mais. Dona Mirela falou que os viu saindo de fininho e até sei que hoje será impossível vê-los novamente.

— Hannah, minha querida, vamos arrumar esse cabelo porque você está uma bagunça. — Mirela murmura enquanto passa a mão no meu cabelo.

— Ela está linda, mãe. — John sussurra e sorri para mim. Fico levemente envergonhada com o comentário seguinte de Mirela:

— Vocês parecem o Lucas e eu quando tínhamos essa idade. Quanto fogo hein, garotos? — Preferi permanecer calada, se houvesse um buraco, eu com certeza me enfiaria de cara nele. Mirela volta para a mesa onde estão seus pais e os outros filhos. Aproveito para comer algo, já que o John tirou todas as minhas energias naquele quartinho. Após mais uma hora de festa vejo o pessoal do buffet preparando a mesa do bolo e sei que é hora dos parabéns.

— Vamos cantar os parabéns! — Uma das organizadoras do evento anuncia pedindo para todos os familiares aproximar-se da mesa. Dou espaço

para o John e seus pais se organizarem próximo de Melissa e, estou preparando a câmera do meu celular para tirar uma foto, quando sinto alguém segurar meu braço.

— Você não vai tirar fotos com a Mel? — A irmã mais velha do John sorrir para mim. — Meu irmão mal-educado não nos apresentou, então farei eu mesma. Sou Laura Liviothy. — Devolvo-lhe um sorriso ameno e então me apresento.

— Prazer, sou...

— Hannah Parker, a mulher que está roubando o coração do meu irmão. — Ela completa tranquilamente. Percebo que é inútil tentar parecer que John e eu temos apenas uma amizade. Todo mundo já sabe do nosso envolvimento mesmo.

— Pois, é. — Murmuro quase num silêncio.

— Vocês são muito fofos juntos e minha sobrinha te adora. Então, seja muito bem-vinda a nossa família, cunhada.

Cunhada...?

— É... Obrigada? — Sussurro sem saber ao certo o que dizer.

— Agora vai lá tirar uma foto com minha sobrinha.

— Não, acho melhor deixar esse momento entre pai e filha.

— Tia. — Melissa aponta o dedo indicador para mim e, diante de todos os olhares curiosos, fico sem saída e acabo indo para o lado dela.

— Viu só, ela te adora — Laura murmura, enquanto me afasto.

— Obrigado. — John sussurra e o vejo soltar um suspiro de alívio assim que me posiciono ao lado de Melissa para tirar a foto. Sei que para uma criança é importante a presença feminina num momento como esse. Melissa só tem dois anos, mas a menina já entende muita coisa. Após tirar fotos com toda a família, John e seus pais juntara-se a Melissa atrás da mesa do bolo e

começamos cantar os parabéns para a pequena princesa. Comemos o bolo, que por sinal estava uma delícia e a festa ainda seguiu por quase duas horas. As pessoas foram se despedindo e aos poucos o salão ficou vazio. Os pais do John estão levando os presentes para o carro enquanto as avós e a irmã dele estão cuidando dos gêmeos e da irmã de dez anos, Nicole. Uma das tias foi embora, pois, o bebê estava muito cansado. E agora estou conversando com a outra tia.

— Foi prazer te conhecer, Hannah. — Kate se despede de mim, me dando um beijo em cada lado do rosto.

— O prazer foi todo meu. — Cumprimento-a de volta e quando me despeço do Thiago com um beijo no rosto, sinto duas mãos me empurrarem para longe.

— Quem você pensa que é para beijar meu noivo desse jeito? — Uma moça de no máximo uns dezoito anos me encara com desgosto.

— Julianne, dá um tempo e nos poupe de suas ceninhas de ciúmes bobos. — Thiago puxa a mulher pelo braço e quando tento abrir a boca para dizer algo, Gustavo se aproxima com a neta no colo.

— Ei, Hannah, ignora o que acabou de acontecer. Peço desculpas por minha nora. Julianne é um pouco...

— Bipolar. — Thiago fala um pouco mais alto que devia. John se aproxima de nós e me olha curioso, mas permanece em silêncio. Ele estava ajudando os pais a guardar os presentes e com certeza não viu a ceninha da noiva do Thiago.

— Na minha opinião esses dois já passaram da hora de se separar. — Kate murmura dando de ombros.

— A senhora está coberta de razão minha mãe. — Thiago diz e sai pisando duro. A noiva dele me dá uma última olhada e em seguida sai atrás

do rapaz. Me despeço mais uma vez dos tios de John e quando ficamos a sós o abraço apertado.

— Eu não fiz nada, não sei porque ela teve essa crise.

— Relaxa linda, Julianne é um caso sério de insegurança. Se ela não mudar essas atitudes vai acabar ficando seu o meu primo. — Fico um tempo abraçada ao John e logo nos despedimos de seus avós que vão embora aos risos e super empolgados por achar que John e eu seremos um casal eternamente feliz. Os casais de idade avançada, acham mesmo que seremos um casal para o resto da vida. Ah se eles soubessem que nosso lance é apenas algo casual.

— Melissa e os gêmeos capotaram no carro. Já estão nas cadeirinhas e os presentes estão todos no porta malas, exceto o Pônei de brinquedo. Esse meu pai levou no carro dele, pois, não cabia no porta malas. — Lucas falou tudo de uma só vez.

— Bom! Acho que é hora de ir também. — Pego meu celular e abro o aplicativo de táxi.

— O que você está fazendo? — John toma o aparelho da minha mão, me olhando com reprovação.

— Vocês estão cansados e eu também. Então, estou pedindo um táxi para me levar para casa.

— Mas nem com uma porra você vai para casa de táxi a essa hora. — John fala convicto e Lucas concorda com o filho.

— Meu filho está certo, Hannah. Está muito tarde para você ir embora sozinha, mesmo que seja de táxi.

— Gente, não precisam se incomodar. — De repente lembro-me de Giulia. Se minha amiga estivesse aqui ela com certeza diria que eles precisam sim, e que ela aceitaria a carona de bom grado. Minha amiga é muito atirada

e cara de pau.

— Hannah, minha neta e meus filhos já estão no carro. John te levará para casa no carro dele e não há a menor possibilidade de você negar. Eu criei um homem, e todo homem leva a sua garota em segurança para casa. Não é mesmo, John?

— É claro. — John envolve os braços em volta do meu pescoço e saímos abraçados até o lado de fora do salão. Sinto ele enrijecer ao meu lado e quando tento questionar o motivo, vejo seus olhos vidrados em um ponto fixo do outro lado da rua.

— Relaxa, eles são somente amigos. — Tento acalma-lo, ao ver que sua raiva momentânea é por causa do Heitor, que está cochichando algo no ouvido da Laura.

— Estou achando essa amizade muito estranha. — Ele murmura segundos antes de atravessar a rua, me levando junto. — Laura, entra no carro. — Manda todo autoritário. — Vou levar Hannah para casa e depois seguiremos para a nossa.

— Vou com o Heitor. — A garota encara o irmão como se estivesse prestes a matá-lo. — Para de neura e leve Hannah em segurança para casa. Eu já tenho carona.

— Ei, John. — Heitor dá dois tapinhas no ombro do amigo. — Relaxa, cara. Daqui a pouco sua irmã estará em casa e em segurança.

John encara os dois, e para acalma-lo um pouco passo a mão em toda a extensão do seu braço direito. Ele solta um longo suspiro e em fim concorda.

— Acho bom você está em casa quando eu chegar. — Seguimos para o meu bairro e enquanto John dirige todo concentrado, ligo o som do carro para melhorar o clima. A voz de Bryan Adams cantando — *Everything I Do*

— *I do it for you*. Invade o ambiente e fecho os olhos para apreciar uma das minhas músicas favoritas.

— Adoro essa música. — Comento jogando a cabeça para trás.

— Percebi. Foi por isso que coloquei ela na minha playlist, as antigas são as melhores.

— Você é um amorzinho. — Sussurro dando uma piscadela para ele.

— Senta no meu pau e eu te mostro o que é um amorzinho.

— Nossa, você nem sabe ser romântico. — Dou um tapa em seu ombro e o vejo sorrir de canto.

— Estou brincando amorzinho. Mas falando sério: sou romântico ao meu modo, querida. — Paramos em frente o meu prédio e antes de sair do carro me despeço de John do nosso jeito safado. Beijo sua boca com gana e desejo e ele geme em resposta a minha iniciativa.

— Você me deixa louco. — Ele sussurra enquanto morde o lóbulo da minha orelha.

— Adoro. — Mordo o lábio inferior.

— Se você for trabalhar com aqueles seus decotes profundos juro que te pego amanhã no escritório.

— Já falei que escritório é lugar para trabalhar. Então pode ir tirando seu cavalinho da chuva, nós não vamos mais transar no trabalho.

Beijamos uma última vez e, antes de sair do carro ele dá um tapa certo na minha bunda antes de dizer: — Querida, vamos transar muito naquele escritório. — Escondo um riso ao perceber que ele está certo, e que, no fundo, iremos nos pegar muito naquele escritório. Entro em casa totalmente exausta, tomo um banho demorado e em seguida caio na cama. Dormi tanto que quase perco a hora. Acordo com meu celular berrando na cabeceira da cama e, após fazer minhas higiènes matinal, sigo para a cozinha.

Para a minha surpresa encontro Giulia cabisbaixa, mexendo no celular.

— Nossa! Por onde você andou? Chegou em casa agora? — Indago enquanto preparo um café rápido.

— É... Estava com o Breno. — Ela murmura com a voz baixa e então levanta a cabeça e sorrir sem humor.

— O que foi que aconteceu? — Sento ao seu lado e a faço olhar nos meus olhos. — Você e o Breno brigaram?

— Terminei.

— Quê?

— Ele quer algo mais sério, Hannah. Eu não estou preparada para isso.

— E só por isso você terminou com o cara? Não é mais fácil sugerir que fiquem como estão até vocês decidir que tipo de sentimento rola entres os dois?

— Estou pensando em voltar para o Harry.

— Puta que pariu. — Berro tão alto que Giulia se assusta com o meu tom. — Eu não acredito que estou ouvindo isso.

— Eu não posso mandar no meu coração. Harry fez muita merda, mas sei que talvez ele possa mudar. Eu também gosto do Breno. Estou muito confusa com meus sentimentos.

— Oi? Você tá me dizendo que gosta do Breno, mas que prefere voltar para o cara que te bate na primeira oportunidade?

— Estou gostando do Breno, Hannah, mas não quero isso para mim. Então, prefiro voltar para a vida errada com o Harry.

— Me diz que você não falou isso para o Breno.

— Falei. — Ela diz dando de ombros. — Fui muito sincera com ele.

Breno é um cara legal, ele não merece ser iludido achando que estou morrendo de amores por ele.

— Olha Giulia, gosto muito de você, muito mesmo. Mas não me conformo em ver você jogar sua felicidade no lixo, por causa de um merda como o Harry, e sinceramente espero que você não acorde tarde demais.

— Então o que devo fazer?

— Tenta falar como Breno. Corrige isso, cara.

— Ele não quer me ouvir. Perguntou se eu tinha certeza do que estava fazendo, respondi que sim e ele se foi.

— Amiga, desculpe o que vou falar, mas você é uma burra. E se voltar para o Harry é mais idiota do que eu pensava. Mas em fim, a vida é sua. Não vou me meter nas suas decisões. — Levanto e saio sem tomar meu café. Estou tão fora de mim, tenho tanta raiva ao ver minha amiga agir como uma idiota que prefiro sair antes que eu fale mais algumas verdades na cara dela. Hoje definitivamente não é meu dia, coitado de quem cruzar o meu caminho com piadinhas infames ou conversa fiada.



JOHN LIVIOTHY

Chego na entrada do prédio onde passo maior parte dos meus dias e sou recebido com sorrisos e parabéns pela festa da minha filha. Como meu pai é um homem muito conhecido no mundo jurídico e por ter resolvido vários casos famosos, ele nunca consegue participar de um evento sem ser falado nas revistas.

— Sua filha é muito lindinha, Dr. Liviothy. — O segurança comenta com um pouco de insegurança na voz. Eu não entendo porque ele tem tanto medo de dirigir a palavra a mim ou ao meu pai. Nós sempre tratamos nossos funcionários com bastante carinho e empatia.

— Obrigado Raul. Como estão suas filhas? — Noto que ele fica surpreso ao me ver perguntar por sua família. Eu realmente não tenho o hábito de perguntar sobre a família dele, mas isso não significa que eu não saiba da existência deles.

— Elas estão bem, fizeram uma prova e conseguiram uma bolsa para fazer um curso de idioma totalmente gratuito. — Ele diz todo orgulhoso. Raul ficou viúvo quando a esposa faleceu no parto das gêmeas. Até onde sei

ele nunca mais se envolveu com ninguém e optou por cuidar das filhas exercendo o papel de pai e mãe.

— Que maravilha! Elas estão com quantos anos? Pensei que ainda eram muito pequenas.

— Fez doze anos semana passada, senhor.

— Que legal. Fico feliz por você e sua família, Raul.

Raul é nosso funcionário há quase cinco anos. Sempre pontual e muito responsável, e está sempre disponível. Dou um bom dia a ele e então sigo para mais um dia de trabalho. Sigo em direção ao elevador onde subo alguns andares com outras pessoas. Quando chego no meu andar, já estou sozinho e, assim que a porta se abre, sou surpreendido com Hannah e Luana tendo uma pequena discussão. Elas estão tão envolvidas em uma conversa nada amigável que nem notam minha presença.

— Vai negar que esteja dando para o filho do chefe, Hannah? Não sei porque você insiste em negar o óbvio. John não te convidaria para a festa da filha dele se vocês não estivessem trepando.

Fico parado, totalmente atônito ao ver uma mulher agir com tanta calma como Hannah está agindo nesse momento. Ela está parada, apenas ouvindo as palavras de Luana, mas pela forma como está apertando os punhos, imagino que está a um passo de explodir.

— Esse seu silêncio só confirma minha dúvida. — Luana insiste.

— Luana. — Hannah se aproxima, parecendo uma cobra prestes a dá o bote, e então assusto-me com o barulho do tapa que ela dá no meio da cara da Luana. — Da minha vida pessoal cuido eu. Saio e transo com quem eu bem entender. Pelo menos estou transando, ao contrário de você que deve tá toda enferrujada. Esse seu veneno todo é falta de sexo, querida. — E outro estalo é dado. — Arranje um homem e vá transar meu amor, garanto que seu

humor vai melhorar e eu não vou mais precisar bater nessa sua cara de puta barata.

— Sua louca, vou fazer você perder o emprego por isso. — Luana berra fora de si, alisando o local do tapa. — Vou alegar que fui agredida dentro da empresa e com certeza o Dr. Lucas vai te mandar embora por justa causa.

— Faça isso sua vadia. Eu não tenho medo você. — Vejo Hannah levantar as mãos e antes que minha recepção vire um cenário de ringue, decido intervir.

— Bom dia meninas. — Descido sair do casulo e cumprimento-as como se não soubesse de nada.

— Dr. John. — Luana me olha enquanto alisa o rosto machucado. — Preciso fazer uma reclamação formal contra a Hannah. — Olho para a minha garota, que parece não se importar muito com o que Luana está prestes a dizer.

— O que está acontecendo? — Indago com muito controle na voz.

— Hannah acabou de dar um tapa na minha cara. — Luana levanta e contorna a mesa, vindo até mim. Ela aproxima o rosto do meu e aponta para o lugar onde levou o tapa. — Olha só, veja como meu rosto está vermelho. — Olho de soslaio e vejo Hannah se controlando para não partir para cima da garota.

— E o que levou a Hannah te bater? — Volto minha atenção para Luana.

— Sei lá, ela é louca. Só pode ser isso. — Hannah revira os olhos totalmente sem paciência e quando vejo que ela está prestes a sair, saio de perto de Luana e paro ao lado da minha garota nervosa.

— O que você tem a dizer? — Murmuro só para irritá-la.

— O que tenho a dizer? Eu não tenho nada a dizer. Acho que vou procurar outro emprego para não ter que ser mandada embora por justa causa ou presa por agressão, porque vou acabar desfigurando o rosto dessa puta que o Heitor chama de secretária.

— Está vendo, Dr. John. — Luana se faz de vítima mais uma vez perco minha paciência.

— Olha Luana, eu ouvi sua conversa com a Hannah e devo dizer que você foi extremamente deselegante e infame ao insinuar que a Srta. Parker e eu estamos transando, e que é somente por isso que eu a convidei para a festa da minha filha. — Vejo Luana mudar de cor e por um momento penso que ela vai desmaiar. — Se você tem amor ao seu emprego, peço que isso não volte a se repetir. Porque se isso acontecer, quem irá sair por justa causa será você.

— Vai transar, garota. — Hannah praticamente berra no meio da recepção e dou graças a Deus por ainda estar bem cedo e a maioria dos funcionários ainda não estarem na empresa, pois, seria um escândalo digno de revista. — Já que ninguém te quer, entra no Google e pesquise sobre garotos de programas, você tá precisando gozar. Quem goza, não tem tempo para encher o saco dos outros. — Hannah diz e em seguida sai pisando duro para a sala.

— Olha, Luana. — Ela me olha assustada, na certa está achando que vou manda-la embora. Se ela soubesse que eu nem tenho esse poder. O máximo que posso fazer é tentar convencer o pai do Heitor a demiti-la, já que foi ele quem a contratou. Mas Luana não precisa saber disso, então vou foder seu psicológico. — Se eu te ver com piadas infames para cima da Srta. Parker mais uma vez, você estará no olho da rua num piscar de olhos. Você não tem nada que ficar bisbilhotando minha vida pessoal também. Convido quem eu bem entender para a festa da minha filha, e se não te convidei é porque

simplesmente não tenho nenhum motivo.

— Desculpe, senhor. — Ela sussurra cabisbaixa.

— Volte para o seu trabalho porque é para isso que você recebe salário todo mês. Você não foi contratada para ficar xeretando minha vida ou a vida da assistente do meu pai. — Deixo Luana totalmente atônita e sigo para a minha sala. Largo minha pasta e a parte de cima do meu terno em cima da mesa e saio em direção a sala da Hannah.

— Ei, John. — Heitor está vindo em minha direção, segurando um copo de café nas mãos.

— Fala aí cara. — Dou um tapinha no seu ombro.

— Amanhã não vou poder vir trabalhar, então vou adiantar uns trabalhos hoje e mais tarde deixo na sua sala para você analisar e ver se está de acordo com as normas da empresa.

— Para onde você vai? — Pergunto sem a menor cerimônia. Heitor coça a garganta e o vejo meio sem jeito.

— Vou visitar um amigo que sofreu um acidente e está internado num hospital do Kansas.

— Nossa, foi muito grave?

— Não, mas parece que quebrou alguns ossos importante.

— Pode ir tranquilo que dou conta das coisas por aqui, e melhoras para o seu amigo. — Ele me dá uma piscadela e sai em direção a sua sala. Prefiro não comentar sobre o incidente com a secretaria dele, porque acho que Luana vai dar sossego por um bom tempo. Entro na sala da Hannah e ela está tão nervosa que nem sequer me olha nos olhos.

— Eu já coloquei Luana no lugar dela. — Fecho a porta com chave e ando até ela. — Fica calma.

— Não estou assim só pela Luana. Se meu problema fosse só ela,

jogaria a vaca pela janela e estava tudo certo.

Ajudo Hannah a levantar e a sento logo em seguida em cima de sua mesa. Encaixo-me entre suas pernas e tomo sua boca em um beijo, ela está nervosa e eu nem sei exatamente o porquê. Beijo sua boca com gana e ela geme totalmente entregue.

— Nós não vamos transar. — Ela murmura quando sente minha ereção tocar sua intimidade.

— Só estou fazendo carinho em você.

— Sei muito bem, onde esses seus carinhos terminam. — Ela me empurra para longe e sai de cima da mesa. — É sério, John, hoje eu não estou bem.

— Ok senhorita, não estou bem, então você pode pelo menos me contar o que aconteceu? — Ela faz uma careta e vejo sua testa enrugar.

— Giulia deu uma de burra.

— Isso tem a ver com ela e o Breno? — Pergunto e ela assente com a cabeça. — Você sabe o que aconteceu entre sua amiga e o Breno? — Questiono ao lembrar que minha mãe comentou algo sobre meu primo estar de viagem marcada.

— Giulia deu uma de burra e falou coisas que o Breno não queria ouvir.

— Meu primo vai viajar depois de amanhã, passará um ano no Brasil. Isso tem a ver com essa burrada da Giulia?

— Oi? — Hannah arregala os olhos em espanto.

— É... Ele invocou que quer ficar isolado por um tempo. Aí meus avós ofereceram a casa deles em São Paulo para ele ficar.

— Seu primo enlouqueceu? E a faculdade dele?

— Vai trancar, disse que quando voltar, vai tentar uma vaga em Harvard.

— Eu nem sei o que dizer.

— Eu também não, mas acho que ele sabe o que tá fazendo. — Dou de ombros, não quero me meter nas decisões do meu primo. Breno está mesmo precisando de um tempo só dele. — E por falar em faculdade, retomo minhas aulas hoje. — Comento e Hannah volta a fazer uma careta.

— Eu também, acabou o sossego.

— Você estuda na Yeshiva, não é mesmo?

— Sim, consegui uma bolsa e tenho que manter minhas notas sempre acima de 8 ou perco o desconto de 70%. — Ela esclarece enquanto segue até a porta e a destranca.

— Você é muito inteligente, Hannah, notas não é problema para você. — Ela sorri de forma angelical e então caminha até mim, me dando um beijo rápido, em seguida praticamente me empurra para fora da sala.

— Meu Q.I. É normal. — Afirma enquanto me afasto.



Chego em casa em cima da hora para me arrumar e seguir para a universidade. Ao entrar em casa me deparo com Laura em pé no meio da sala, e ao seu lado uma pequena bolsa.

— Para onde você vai? — Indago curioso.

— Viajar com uma amiga.

— Viajar? Em plena segunda-feira?

— E tem dia certo para viajar? — Ela responde de forma ríspida.

Laura acabou de fazer dezoito anos e decidiu que irá para a faculdade apenas no ano que vem. Mas ela trabalha, o que me faz estranhar o fato de sua repentina viagem.

— Você não tem que trabalhar amanhã?

— Consegui um dia de folga e amanhã à tarde estou de volta.

— Filha, o táxi está lá fora. — Nossa mãe surge na sala, segurando um sanduíche na mão. — Toma, vá comendo isso até o aeroporto. Você não comeu nada.

— Táxi? — Questiono surpreso. — Deixa que eu te levo até o aeroporto.

— Não precisa. — Laura se apressa em dizer e por um momento vejo nervosismo em sua voz. — Vou de táxi. Até onde sei você tem que ir para a faculdade, e não quero te atrasar.

Só não discuti com ela porque eu realmente estava atrasado. Passo pela outra sala, onde meu pai está jogado em sua poltrona, observando as crianças brincando no tapete. Nicolle, os gêmeos e minha filha brincam à vontade e sorriem ao me ver.

— Papai. — Melissa corre para me abraçar. Pego minha filha no colo e beijo sua bochecha gorda.

— O senhor sabe para onde a Laura está indo? — Pergunto ao meu pai que volta sua atenção para mim.

— Ela falou que irá com uma amiga, fazer uma festa surpresa para outra amiga delas. — Ele explica com calma. — Não entendi direito, mas confio na minha filha e lhe dei permissão para ir.

Acho estranha essa viagem repentina da Laura, mas prefiro ficar na minha.

— Ela precisa se divertir mesmo. — Coloco Melissa no tapete. — Vou me arrumar ou chagarei atrasado na faculdade. — Quando voltei para a sala, Laura já havia saído para a tal viagem relâmpago. Me despedi das crianças e dos meus pais e segui para a faculdade. O campus está lotado

como todos os começos de semestre. Isso é temporário, daqui a pouco as pessoas vão desaparecendo, ficando apenas aquelas que realmente tem interesse em estudar.

— Oi Jhony. — Pelo cheiro de perfume doce e pela voz melosa, sei exatamente quem está tapando meus olhos. — Adivinha quem é?

— Oi para você, Janete. — Ela tira as mãos dos meus olhos e vira-se ficando de frente para mim.

— Nossa, como você é chato. Podia fingir que não sabia quem era, assim eu poderia apreciar seu perfume por mais tempo.

Janete e eu tivemos um lance no semestre passado, ficávamos sem compromisso e eu sempre fiz questão de deixar claro que não queria nada sério com ela. Rompemos nosso lance antes mesmo de sairmos de férias. Nos últimos dias de aulas ela ainda insistia para ficarmos juntos, mas fui convicto com o termino e passei as férias inteiras sem saber notícias dela.

— Desculpe, é que eu não estou com paciência para brincadeiras. Trabalhei o dia todo e tudo o que quero nesse momento e poder assistir à aula de direitos cívicos sem cochilar. — Ela se aproxima como uma gata manhosa e sussurra perto do meu ouvido:

— Vou sentar ao seu lado, pode deixar que não darei espaço para você cochilar, querido. Será como nos velhos tempos, lembra? — Quando estávamos ficando, perdi a conta das vezes que Janete me masturbou por baixo da mesa enquanto assistíamos aulas de diversos temas. Ela continua com essa intenção, mas eu não. Então decido deixar aos bem claro.

— Janete, nós já conversamos sobre isso. Agora seremos apenas amigos, lembra?

— Amigos com vantagens. — Ela leva as mãos até os dois botões da minha camisa polo e tenta abri-los.

— Não, acho que não fui muito claro quando disse que não ia rolar mais nada entre a gente. Então vou repetir, só para garantir. — Seguro seus pulsos sem usar muita força para não a machucar. — Não haverá mais nada entre a gente. Nós não vamos mais transar e você não irá tocar nesse assunto nunca mais. Fui claro agora?

— Vou te fazer mudar de ideia. — Ela insiste.

— Se for para ficar nessa paranoia então acho melhor nem sermos amigos. — Murmuro sem paciência, e ela então levanta às duas mãos em gesto de rendição.

— Ok. Eu já entendi. Somente amigos daqui para a frente. — Vejo um sorriso estranho brotar de seus lábios, mas não consigo decifrar o que quer dizer.

Bônus

LAURA E HEITOR

HEITOR MITCHELL

Dizer que não estou com medo, do que vou fazer seria muita hipocrisia da minha parte. Eu já tirei virgindade de outras garotas, Laura não será a primeira. Mas o simples fato da garota ser irmã do meu melhor amigo, está me atormentando demais.

Não gosto de crocodilagem e nem tenho vocação para amigo traíra, mas Laura gosta de mim e de alguma forma estranha eu também gosto dela. Sinto um tipo de atração que vai bem além do físico. Odeio esse tipo de sensação, pois, sempre procuro me resguardar para nunca me ver de quatro por mulher nenhuma.

Quando conheci o John, ele era exatamente assim. O cara faltava era abrir a boca para a Diana cagar, e veja o que ele ganhou em troca: Um belo par de chifres. Tive que aturar meu amigo chorando por vários meses até ele finalmente decidir seguir com sua vida. Eu definitivamente não quero passar por isso. Deus me livre de um troço desse.

Observo o táxi parar em frente o meu prédio e me apresso para ajudar Laura tirar sua pequena bolsa de dentro do veículo. Para não levantarmos

suspeitas, arrumamos desculpas para justificar nossa ausência. Laura inventou uma viagem com uma amiga e inventei que precisava visitar um amigo que sofreu um acidente. Pedi para ela vir de táxi até minha casa, pois, seria muito arriscado ir buscá-la. O Dr. Lucas, ou até mesmo o John poderiam me ver e seria complicado explicar minha presença por lá.

— Podemos ir? — Olho para Laura que entra em meu carro com um sorriso encantador. Seus lábios estão pintados de rosa e percebo que ela passou um pouco de lápis no contorno dos olhos.

— Aonde vamos, gatinho? — Ela sussurra próximo ao meu ouvido e em seguida beija minha bochecha. A garota está tentando parecer segura, quando, na verdade, está nervosa.

— É uma surpresa, mas acho que você vai gostar. — Comento enquanto coloco meu carro em movimento.

Reservei um chalé quase na saída de Nova York. Eu não sei ser romântico quando o assunto é tirar virgindade de garotas. Sou muito atencioso para não as machucar, mas fora isso não sei ser tão delicado. Quero fazer as coisas diferente dessa vez, quero que Laura lembre de sua primeira vez como um momento mágico. Sigo em direção a estrada interestadual. Laura está nervosa e chega a ser irônico, considerando que foi ela mesma quem sugeriu essa loucura entre nós. Então, para quebrar o clima tenso faço uma brincadeira.

— Preparada para se tornar uma mulher? Você sabe que ficará sem cabaço, né? — Ela explode em uma risada. A garota se dobra de rir e desvio o olhar da estrada por alguns segundos, apenas para admirar seu sorriso lindo.

— Você fala como minha vó. — Ela murmura se dobrando para colocar uma música e vejo que minha tentativa de fazê-la relaxar deu certo.

— Ouvi minha tia falando isso uma vez e não consigo esquecer. Sei

lá, achei engraçado. — Expliquei descontraído.

— Já ouvi minha vó falando sobre isso também, mas acho meio escroto esse termo. — Ela diz, mas não vejo incomodo em seu comentário. Laura está apenas expressando sua opinião. Seguimos viagem conversando sobre diversos assuntos e, quase três horas de estrada depois, finalmente chegamos ao nosso destino.

O chalé fica no topo das montanhas e para chegar até lá a empresa nos fornece um carro adaptado para subir um morro considerável. Chegamos à recepção do chalé e enquanto pego as chaves do veículo que nos levará até o quarto, peço para a recepcionista mandar champanhe, chantili e morangos até o nosso quarto, assim como um jantar leve. Laura fica vermelha como um pimentão, mas a moça da recepção finge não perceber e faz as anotações da forma mais profissional possível. Um guardador leva meu carro para uma garagem onde ele ficará guardado até voltarmos, enquanto Laura e eu entramos no veículo destinado aos clientes e seguimos rumo as montanhas. À medida que íamos subindo, percebi que Laura ficava encantada com os jardins decorados com luzes brilhantes e lustres luxuosos. Estaciono o carro de dois lugares na pequena garagem e entramos de mãos dadas.

— Nossa! Isso aqui é lindo. — Laura murmura, encantada com a beleza do chalé.

Escolhi um dos melhores quartos e pedi para decorar com flores frescas e perfumadas. Vejo que o pessoal foi atencioso ao acender à lareira antes da nossa chegada. O lugar é aconchegante e, ao mesmo tempo, romântico.

— Espera só até o amanhecer, a imagem aqui de cima é maravilhosa. Durante o dia temos uma visão completa das montanhas. — Comento enquanto tiro o meu casaco.

— Você vem sempre aqui?

— Na verdade, não. Estive aqui uma única vez, mas não foi tão agradável como será agora.

— Porque não foi tão bom?

— Vim com uns amigos e todos formaram um casal. Acabei ficando de vela e foi o fim de semana mais longo de toda a minha vida. Foi tenso.

— Nossa! Imagino, já fiquei de vela também. Uma vez fui ao cinema com minha prima e o namorado dela, e, quase morri de tédio.

Ela sorrir toda sem jeito e percebo seu nervosismo. Aproximo-me aos poucos e ela dá um passo para trás. Mordo o lábio inferior e observo ela desviar seu olhar para o chão.

— Eu não mordo, linda. — Seguro sua cintura e aperto com delicadeza enquanto aproximo nossos corpos.

— Nossa! Estou me sentindo uma idiota. — Ainda de cabeça baixa, ela sussurra.

— Porque você diz isso?

— Eu te provoquei e insisti para isso acontecer, e agora estou aqui parecendo uma criança assustada. Estou pagando o maior mico, né?

— Linda, é perfeitamente normal você se sentir assim. A primeira vez é assustadora mesmo.

Seguro em suas mãos e guio a garota até a cama. Ela senta toda desajeitada e, quando afasto seus cabelos para o lado vejo sua pele se arrepiar com o meu toque. Aproximo-me um pouco mais e depósito um beijo na curva do pescoço dela.

— Você é linda, Laura. — Ela fecha os olhos e morde o lábio inferior. — Você não está fazendo papel de boba. Está prestes a se tornar uma mulher, e isso pode ser assustador mesmo.

Seguro o rosto dela com às duas mãos e tomo seus lábios em um beijo calmo, mas ousado o suficiente para deixar um clima quente entre nós. Desço uma das mãos entre o vale dos seios dela e a vejo arfar. Mas o momento é rompido por uma batida na porta.

— Calma, é só o nosso pedido. — Esclareço ao ver sua expressão assustada. Atendo a porta e dou uma gorjeta para o rapaz de sorriso simpático. Pego nosso pedido e coloco na mesa de refeições.

— Vamos jantar? — Abro as bandejas e vejo que entregaram exatamente o que eu pedi. Jantamos e rimos de umas piadas bobas que resolvi contar, na tentativa de fazer Laura relaxar. E pela forma como ela sorri, imagino que consegui. Após nos saciarmos com um jantar leve, ela pede licença e segue para o banheiro. Mas, antes de sair a observo pegar sua bolsa de mão e levar junto. Ligo o som do quarto e a voz de Justin Timberlake invade o ambiente. Desligo as luzes deixando apenas o lustre que ilumina a cama aceso. Retiro meus sapatos, assim como minha calça e camisa, ficando apenas de cueca. Afinal, uma hora a festa tem que começar.

Ouçó a trava da porta sendo aberta e então fixo meu olhar na direção dela. Pisco várias vezes sem poder acreditar no que meus olhos estão vendo. Laura está usando uma lingerie toda trabalhada na renda de cor vinho. A calcinha é tão minúscula que é quase como se não houvesse nada ali, e o sutiã com bojo deixa os seios levemente aumentado e ainda mais lindo.

— Linda. — Sussurro e faço um gesto para ela se aproximar. Laura morde o lábio inferior e anda toda acanhada até mim. Percebo que ela está muito encabulada com minha presença. Ela evita contato visual comigo, mas percebo seu olhar disfarçado em minha cueca. Seguro em suas mãos, guiando-a até a cama. Laura senta com as pernas levemente abertas, dando-me passagem e espaço suficiente para me encaixar entre suas coxas.

Beijo seus ombros e puxo uma das alças do sutiã, expondo o seio de

bico rosado para mim. Cuidadosamente, deito a garota na cama e faço uma trilha de beijo, parando no vale entre os seios. Prendo um dos mamilos entre os dentes enquanto massajeio o outro. Laura geme e sinto seu corpo ficar cada vez mais relaxado.

— Está gostoso? — Sussurro para ela, que morde o lábio e puxa meu cabelo.

— Delicioso. — Ela murmura enquanto se oferece ainda mais para mim.

Aos poucos tenho Laura totalmente deitada na cama. Ela está entregue a mim e estou perdido de paixão por ela. Brinco com um dos mamilos enquanto exploro seu corpo com minhas mãos. Ela geme um pouco mais alto quando afasto sua calcinha para o lado e massajeio seu clítoris.

— Ah, Heitor, isso é tão bom. — Ela está se contorcendo. Fico em pé, tiro minha cueca e Laura não faz questão de disfarçar seu olhar para a minha ereção. Seguro meu membro e me masturbo para ver sua reação. Ela sorri toda sem jeito e, ao mesmo tempo, toda safada.

— É isso que você quer? — Murmuro colocando um pouco mais de pressão no meu toque.

— Posso te confessar uma coisa? — Vejo um sorriso ousado nos lábios dela. — Você é exatamente do jeito que eu sempre imaginei que fosse.

— Você já me imaginou nu?

— Todas às vezes que me masturbei pensando em você. — Fico tão chocado com a revelação de Laura que levo alguns segundos para me recuperar. Inclino-me na cama e dou um beijo na barriga lisa dela.

— Você é um demônio em forma de anjo, Laura.

— Não, gatinho, sou apenas um anjo.

— Não mesmo. Você só tem essa carinha de anjo, mas seus

pensamentos são muito promíscuos.

Desço um pouco mais e paro segundos antes do meu rosto tocar sua bocetinha por cima da calcinha, que por sinal está úmida de desejo. Seguro nos dois lados da alça da calcinha e deslizo o pequeno tecido entre suas pernas, até deixá-la apenas de sutiã. Meu pau fica ainda mais duro com a visão da bocetinha rosada e depilada de Laura. Aproximo meu rosto e fecho os olhos, embriagado pelo cheiro gostoso dela.

— O que você vai fazer? — Ela pergunta com a voz trêmula.

— Vou sentir seu gosto, e depois vou te dá o seu primeiro orgasmo com um homem. Chega de gozar com seus dedinhos, coisa linda.

— Heitor, você não precisa fazer isso.

— Mas quero fazer isso. — Passo o dedo indicador entre seus lábios vaginais e em seguida caio de boca. Laura geme e se contorce ao sentir minha língua brincar em seu ponto mais sensível. Brinco com seu clítoris e faço movimentos lentos e demorados, até sentir que ela está prestes a se perder em um orgasmo. Continuo minhas investidas e sorrio ao sentir ela puxar meus cabelos com força enquanto grita meu nome, se contorcendo e gozando na minha boca. Deixo Laura totalmente mole em cima da cama e estico meu braço até o criado mudo ao lado. Pego um pacote de camisinha e cubro meu pau, que já está doendo de tanto tesão.

— Tem certeza que é isso que você quer? — Reforço minha pergunta porque preciso ter certeza que ela está certa disso. Se Laura decidir não continuar, sou muito homem para respeitar sua decisão, mas confesso que será algo frustrante para mim. Nunca desejei tanto uma garota como estou desejando Laura nesse momento.

— Quero você. — Ela sussurra convicta e eu não consigo esperar mais. Acomodo-me melhor entre suas pernas e segundos antes de penetra-la,

faço contato visual.

— Vai doer um pouco. Se você não quiser continuar, é só falar que paro. — Ela assente e vejo sua feição mudar ao ser invadida. Preciso de muito autocontrole para não entrar de uma só vez. Laura é apertada, e saber que sou o primeiro homem a tê-la, me deixa ainda mais excitado. Ela relaxa um pouco e entro até o fundo. Mas paro e espero até ela acostumar com meu comprimento.

— Linda, vou me mexer. Tudo bem? — Ela morde o lábio em um leve desconforto enquanto concorda com a cabeça.

Faço movimentos firmes, entrando e saindo com delicadeza. Ela geme e sei que não está totalmente confortável com a situação. Então, levo uma das minhas mãos entre nós dois e acaricio seu clítoris.

— Ah... — Ela geme um pouco mais à vontade. — Continuo com meus movimentos e sou pego de surpresa quando ela diz: — Mais rápido, Heitor. — Aumento as investidas e já estou prestes a me perder em um orgasmo quando peço:

— Goza Laura, não vou conseguir segurar por muito tempo.

— Não vou conseguir agora. — Ela diz com sinceridade no olhar e na voz. — Mas quero que você goze para mim, Heitor. Quero ver você se perdendo em meus braços. — Ela morde meu ombro e em seguida lambe minha orelha. Não aguento mais e gozo dentro dela, enchendo a camisinha com meu líquido. Fico um tempo apreciando nossas respirações até decidir sair de dentro dela.

Laura geme baixinho quando saio por completo. Ao me afastar um pouco, vejo uma gota de sangue sobre o lençol da cama, assim como na camisinha. Enrolo o látex melado de sêmen e sangue, coloco no chão perto da cama. Dou um beijo na testa dela e então deito ao seu lado. Laura apoia a

cabeça sobre meu peito e acaricio seus cabelos loiros.

— Te decepcionei? — Faço uma pequena sondagem, preocupado com ela.

— Não, gostei. Só achei um pouco doloroso.

— Nas próximas vezes será melhor. — Asseguro e ela sorri.

— Tenho certeza. Porque você é maravilhoso.

Após tomarmos um banho rápido, voltamos para a cama onde caímos no sono, totalmente exaustos. Eu ainda estava com muito desejo por ela, mas optei por respeitá-la.



Ainda estou meio grogue pelo sono, mas desperto ao sentir lábios quentes em volta do meu pau. De início penso ser um sonho, mas após abrir os olhos e ouvir um gemido manhoso, inclino minha cabeça e vejo Laura totalmente concentrada em me dá um delicioso boquete matinal.

— Caralho. — É tudo o que eu consigo dizer ao ser sugado por sua boca gulosa. Laura chupa um pouco mais e em seguida ouço um "Pop." Quando ela capricha na cabeça do meu pau e larga para me olhar.

— Sempre quis fazer isso. — A safada admite, enquanto engatinha para cima de mim. Ao ver sua intenção de me montar tento alertá-la sobre a camisinha, mas a garota é mais rápida que meus próprios pensamentos.

— Ah! — Ela solta um grito estrangulado quando se senta de uma só vez em cima de mim.

— Porra! — gemo, sem saber o que fazer ou dizer.

— Ah, Heitor.

— Porra, Laura, você ainda não está preparada para isso.

— Foda-se, meu anjo. — Ela diz quase descontrolada. — Quero sentir seu pau o mais fundo que você consegue entrar.

Dou um tapa em suas nádegas e ela ri em aprovação. Laura cavalga em cima de mim como se o mundo estivesse acabando, e para a sua surpresa e a minha também, ela goza tombando a cabeça para trás e arranhando meu peito com suas unhas grandes.

A garota sai de cima mim e, toda sapeca fica de quatro, empinando a bunda para mim.

— Vem, gatinho. — Ela pede e meu pau dá um salto, orgulhoso da visão diante de mim. Pego um novo preservativo e visto na velocidade da luz. Laura ainda está empinada para mim quando entro de uma só vez.

— Você é uma safada, Laura. — Ela rebola no meu pau e perco o controle totalmente, entrando e saindo de forma bruta. Gememos e nós acabamos em um sexo matinal. Repetimos a dose debaixo da ducha e também dentro da banheira de hidromassagem. Laura termina de lavar seus cabelos enquanto eu visto uma roupa leve e peço nosso café da manhã. Minutos depois, nosso pedido chega ao quarto.

Minha garota sai do banheiro vestindo um roupão e com os cabelos molhados. Tomamos nosso café e em seguida sentamos na varanda para admirar a vista das montanhas. Sentamos juntos em uma espreguiçadeira e, quem vê a cena pode até jurar que somos um casal em lua de mel.

— Eu acho que vou me viciar em você. — Ela sussurra com a cabeça deitada no meu peito.

— E vou adorar isso. Podemos ser viciados um, no outro. — Ela afasta a cabeça e me olha com sorriso maroto.

— Vamos repetir a dose? Teremos outros momentos assim?

— É claro. Você não acha que vou renunciar a momentos assim contigo, acha?

— Eu te adoro, Heitor.

— Também gosto muito de você, gatinha.



HANNAH PARKER

— Ele vai mesmo embora — Giulia sussurra quase em um lamento. Olho para o lado e vejo que as pessoas estão curiosas enquanto observam minha amiga chorando baixinho.

Giulia passou o fim de semana com o Breno, que está irredutível e decidido a ir embora. Eles estão saindo sem compromisso, não entendi muito bem o lance dos dois, mas prefiro não me meter. Ontem à noite quando Giulia chegou em casa já passava da meia-noite e, hoje de amanhã acordamos atrasadas para o trabalho e mal nos falamos no café da manhã. Então combinamos de almoçarmos juntas, pois, ela está triste e precisando conversar um pouco.

Desde o dia que Breno anunciou sua viagem para o Brasil, Gi apenas chora e se culpa por essa decisão dele. Ela entendeu que, na verdade, não gosta do Harry. Ao que parece, minha amiga se apaixonou de verdade pelo Breno. Pena que só percebeu isso tarde demais.

— Calma amiga, de repente essa viagem será boa para vocês dois. Quem sabe estando longe ele não percebe que também te ama e volta

correndo para você. — Tento amenizar as coisas, mesmo não tendo certeza de minhas próprias palavras.

— Eu não sei, mas vou tentar impedi-lo de ir. — Minha amiga bebe um pouco de suco e me olha um tanto perdida.

— E como você pretende fazer isso?

— Combinamos de nos encontrarmos para uma última conversa. Eu ia mesmo conversa com você sobre isso. Gostaria de saber se você libera o apartamento nesse sábado? Tipo, por umas duas horas mais ou menos.

— Até parece que vocês vão conversar em apenas duas horas. Por mais que seja uma última conversa, tenho a leve impressão que o papo de vocês irá render até o amanhecer.

— É, pode ser. Mas não tenho tanta esperança assim.

— Pois, tenho a sensação que a vossa história está apenas começando.

O garçom chega com nossos pedidos e após certificar que não queremos mais nada, o rapaz sai para atender as outras mesas. Corto um pedaço de carne e levo à boca, enquanto observo Giulia mexer em sua salada com pouco interesse.

— Queria ter esse mesmo otimismo. — Ela murmura com um sorriso forçado. — Mas tudo bem, vamos deixar esse assunto para depois. Agora me conta como vão às coisas entre você e o John?

Sorriso feito uma boba, porquê toda vez que ouço o nome dele fico assim, meio zozza, como se estivesse nas nuvens. Eu sei o que isso significa, não sou uma boba e nem uma adolescente inexperiente. Sei que estou me evoluindo mais do que devia, mas no coração não se manda.

— Estou cada vez mais envolvida, adoro nossos momentos juntos. — Digo, suspirando pelos cantos. Giulia me olha desconfiada e abre um discreto sorriso antes de dizer:

— Você está apaixonada.

— Você acha?

— Tenho certeza! John já sabe dos seus sentimentos?

— Claro que não, tá doida? John deixou bem claro que não está interessado em relacionamento sério, e eu também penso como ele. Não é porque me apaixonei feito uma boba que vou estragar o nosso lance.

— Pois, eu acho que logo ele vai perceber. Seus olhos brilham quando fala o nome dele. — Ela comenta e começa comer sua refeição com um pouco mais de entusiasmo. Almoçamos e comemos uma sobremesa rápida, paguei nossa conta e voltamos para o trabalho.

Entro no prédio de advocacia com dois minutos de atraso, mas não me preocupo. Dr. Lucas não costuma pegar no pé por coisas mínimas. Por isso não vou nem comentar com ele, seguirei para a minha sala e farei meu trabalho normalmente.

Esse era o meu plano genial, mas quando o elevador abre no décimo terceiro andar do prédio comercial, me deparo com a naja de duas pernas e sei perfeitamente que ela não pensará duas vezes antes de me dedurar.

— Está atrasada queridinha. — Sinto um arrepio e, de repente uma vontade monstruosa de colocar o meu almoço para fora vem com tudo quando ouço a voz dela. — Já está se sentindo dona, é?

— Luana meu amor, você ainda não entendeu que é apenas uma empregada nessa empresa? — Respondo o mais calma que consigo.

— Assim como você, Hannah. — Ela diz em deboche, com os braços cruzados e me medindo de cima a baixo. Às vezes me pergunto se essa garota é louca ou se ganha dinheiro para atormentar os meus dias.

— É... Assim como eu. — Murmuro com desdém. — A diferença é que sei exatamente onde é o meu lugar.

— Claro. — Sua voz é ironia pura. — No colo do John, não é mesmo? — Abro minha boca para responder à altura, mas o Dr. Lucas aparece no mesmo instante.

— Algum problema aqui, garotas? — Ele nos olha um pouco desconfiado, erguendo as sobrancelhas, aguardando uma resposta.

— Não. — Luana se apressa em dizer. — Eu estava apenas dizendo para a Hannah que ela chegou atrasada, já que a hora de almoço dela acabou, há quase dez minutos. — Consigo sentir o veneno em seu tom de voz, e preciso contar até dez de trás para frente para não quebrar a cara dela, na frente do meu chefe.

Eu não posso me dá ao luxo de perder meu emprego por causa de uma puta barata como Luana, tenho aluguel e faculdade para pagar todos os meses.

— Essas coisas acontecem. — Lucas comenta descontraído, e seguro o riso ao ver o sorriso maléfico nos lábios de Luana desaparecer gradativamente. — Os restaurantes estão sempre cheios esse horário, em especial o que a Srta. Parker almoça. — Ele sorri para nós duas e então segue em direção a sua sala, mas antes de desaparecer no corredor, olha para trás e diz: — Eu até que sou um chefe bacana, não é mesmo?

Observamos Dr. Lucas desaparecer ao final do corredor e quando estou prestes a fazer o mesmo, Luana solta seu veneno mais uma vez.

— Você também está dando para o chefe, Hannah? — Ela me olha como se eu fosse da mesma laia. — Só sendo assim para eles te defenderem tanto, você deve ser uma amante quente, hein. Como é que você faz? Dá para o pai num dia e para o filho no outro?

A cabeça dela dá um giro, quando sento a mão no meio de sua cara. O estalo é tão alto que tenho quase certeza que foi possível ouvir nas salas ao

lado, mas ignoro. Luana já passou de todos os limites.

— Escuta aqui, Luana. — Aponto o dedo no meio da cara dela. — Eu preciso desse emprego, preciso mesmo, mas se você voltar a me ofender desse jeito juro que quebro sua cara em mil pedaços. Posso até sair daqui por justa causa, mas saio feliz e realizada.

— Você é uma selvagem. — Ela grita passando a mão no rosto.

— E você é uma doente que não tem o que fazer. E quer saber, vá se foder garota. — Entro em minha sala e levo um tempo até poder me concentrar e voltar a trabalhar. Já é fim de tarde e, quando vejo já até passou meu horário de ir embora. Não posso sair tarde, as aulas da faculdade voltam hoje e nem morta posso chegar atrasada. A partir de hoje volta minha rotina de andar com livros e cadernos em uma mochila social e devo confessar que até senti falta disso.

Organizo minha mesa e deixo tudo no esquema para o dia seguinte, passo na sala do John para me despedir, mas estranhamente ele já não está na empresa. John sempre me espera para nos despedirmos como manda o figurino, depois descubro o que aconteceu.

Passo pela recepção e vejo que Luana também já não está. Graças a Deus, assim não corro o risco de dar na cara dela. Entro no elevador e fico nervosa quando ele para em todos os andares, atrasando o meu lado. Quando finalmente chego ao térreo, passo pelo hall do prédio, onde me despeço dos seguranças. As portas que dão acesso à rua se abrem e, é impossível não sentir o efeito da chegada do inverno. Esse ano será bem rigoroso. Fecho meu casaco e no mesmo instante sinto mãos tocarem meu ombro. Luana está parada diante de mim, exibindo um sorriso presunçoso nos lábios pintados de vermelho. Essa garota está tentando minha paciência, só pode ser isso.

— Seu amiguinho parece que gosta de ruivas também, não é mesmo?

— Ela murmura, apontando com a cabeça para o lado de fora. Penso em pergunta se ela saiu foi do inferno para aparecer assim do nada, mas ignoro-a, e apenas sigo seu olhar. É nesse momento que vejo John conversando com uma ruiva, e os dois aparentam ser muito íntimos.

A mulher está com os braços envolvidos no ombro dele enquanto John segura sua cintura com firmeza. Percebo que ela tenta uma aproximação maior, mas ele tenta se afastar. Porém, não entendi porque ele não tira as mãos de cima dela.

— John é livre e pode sair ou conversar com quem quiser. — Digo a Luana, ao ver ela se divertindo com minha cara de taxo. Tento parecer não me importar com a cena à nossa frente, mas por dentro estou desmoronando.

— Tá certo. É por isso que ele está adorando ser abraçado pela ruiva, não é mesmo? — Luana fala com um certo prazer na voz. — Veja como estão conectados, Hannah. Que fofo. Quem sabe ela não será a próxima mãe da filhinha dele.

Estou prestes a perder a cabeça quando Luana sai rebolando para o sentido contrário da avenida. Penso em ir embora sem questionar John sobre a mulher, mas nosso acordo foi de não nos envolvermos com outras pessoas enquanto estivermos juntos. Então vou deixar isso bem claro.

— Aí coração, eu não aguentei esperar até o horário da faculdade, por isso resolvi vir te buscar para irmos juntos. — Ouço ela dizer, enquanto me aproximo dos dois. Então quer dizer que ela estuda na mesma faculdade que ele?! Isso tá ficando interessante.

Uma onda de frustração e ciúmes tomam conta de mim e, imediatamente desisto de falar com ele. Passo pelos dois torcendo para não ser vista, mas ouço meu nome enquanto me afasto.

— Hannah, espera. — Olho para trás e vejo John vindo em minha

direção. A ruiva vem logo atrás dele.

— Oi, John. Pensei que você já havia ido embora. — Minto e tento parecer tranquila, não posso perder a cabeça e fazer uma ceninha no meio da rua.

— Vamos querido, hoje eu nem vim de carro porque quero ir de carona com você até a faculdade. — A mulher ronrona com uma voz dengosa.

— Vai lá, querido, sua amiga está esperando uma carona. — Murmuro com ironia e, antes que ele possa dizer qualquer palavra. A mulher olha para mim e se finge de sonsa.

— Ai, fofa, ele não é meu amigo. Somos bem mais do que isso, se é que você me entende.

— Janete, não somos nada. — John esbraveja levemente incomodado. — Você sabe muito bem disso. Não se faça de louca. — Ele se defende, mas não me encara. Sigo meu caminho e ele vem atrás de mim.

— Hannah, espera.

— O que foi? — Sou ríspida. — Estou atrasada para a faculdade, e você está sendo mal-educado ao deixar sua amiguinha falando sozinha.

— Eu não tenho nada com a Janete!

— E também não terá mais nada comigo. — Falo um pouco mais alto do que gostaria. Ele fica chocado, enquanto abre a boca igual um peixe atrás de oxigênio.

— O... O quê? Por que você está brava comigo? Falo sério quando digo que não tenho nada com ela.

— Eu vi a forma como ela te abraçava e a forma como você deixou. Então não me venha com papo furado. Lembro que havíamos combinado de não sair com outras pessoas enquanto estivéssemos juntos.

— E estou cumprindo com a minha palavra.

— Será mesmo, John?

— Hannah, para com isso. Você está se comportando como uma criança mimada. — Meu sangue ferve ao ouvi-lo dizer isso.

— Vai se foder, John. E agora me deixa em paz que tenho mais o que fazer. — Tento falar firme, mas, na verdade, estou apenas tentando segurar minha vontade de chorar. Não vou chorar na frente dele.

— Hannah, vamos conversar.

— Já falamos. Agora vai lá com sua nova amiguinha. — Entro em um táxi que acabou de deixar um passageiro na calçada. Esse é um dos motivos pelos quais, eu amo Nova York, sempre tem um táxi a sua disposição.



JOHN LIVIOTHY

Há dias que não consigo falar com Hannah, a garota simplesmente tem me evitado. Eu poderia ir em sua sala e fazê-la conversar comigo, nem que precisasse amarrá-la ao pé da mesa. Mas para sua sorte, e para o meu azar, passei dois dias atolado em um processo fodido e, desde ontem estou enfiado em um tribunal tentando ganhar um processo trabalhista. Finalmente o juiz deu seu veredito e agora que estou de volta a empresa, quem sabe não tenha sorte e consiga conversar com minha garota ciumenta. Preciso enfiar na cabeça dela que não tenho nada com Janete. No dia que Hannah nos pegou conversando na calçada da empresa, fiquei tão puto por Janete insinuar que tínhamos algo, que acabei discutindo feio com ela. Desde então, não estamos nos falando como antes.

— Ei veadinho. — Paro no meio do corredor e coloco as mãos para trás, mostrando meu dedo do meio para a única pessoa que ousa me chamar dessa forma. Viro-me, apenas para ter certeza que é Heitor que está me sacaneando.

— Senta no meu dedo que eu te mostro quem é veadinho. —

Murmuro zombeteiro, andando até meu amigo e lhe dando um abraço. Faz dois dias que não nos vemos, mas parece que faz um tempão. Gosto muito da companhia do Heitor, meus dias de trabalho ficam mais agradáveis com ele.

— Como estão as coisas por aqui? — Ele indaga enquanto andamos em direção a minha sala.

— Tudo sob controle. E como foi sua viagem, como está o seu amigo?

Heitor se joga no sofá de canto da minha sala, com um semblante meio triste quando explica.

— O coitado tá todo quebrado, foi atropelado, quebrou o fêmur da perna e os dois braços.

— Nossa! Que horrível. — Sento de frente para o meu computador e noto um sorriso suave na face do meu amigo.

— Mas ele vai sobreviver. — Ele comenta com um ar zombeteiro, e sei que Heitor não fez essa viagem em vão.

— Você pegou uma gatinha nessa viagem! — Afirmo o que está estampado na cara dele.

— O quê? Não, é claro que não. — O cretino tenta desconversar, mas sei que ele não dá ponto sem nó.

— Não minta para mim, sei muito bem que você não dá ponto sem nó. — Então ele sorrir descontraído e dá de ombros.

— Fiquei com a prima dele.

— Eu sabia. — Aponto o dedo na cara dele de forma acusatória, acomodando-me melhor na cadeira. — E ela é gostosa?

De repente Heitor começa uma crise de tosse, e o vejo levemente incomodado com minha pergunta.

— Prefiro não falar dela, cara. — Ele muda rapidamente de assunto.
— Me conta como estão as coisas com a Hannah.

— Péssimas. — Meu humor despenca ao lembrar da minha situação com a Hannah

— Como assim péssimas? O que foi que você aprontou?

— Eu não fiz nada. Lembra da Janete?

— A garganta profunda? — Meu amigo sorriu quase de forma diabólica, levando-me junto em uma crise de riso ao ouvi-lo dizer o apelido que dei a Janete. Coloquei esse apelido desde o dia que ela me chupou dentro do quartinho de dispensa da faculdade e não deixou cair uma gota da minha porra no chão. A garota engoliu tudo, parecendo uma esfomeada.

— Ela mesma.

— Não vai me dizer que você saiu com ela e a Hannah ficou sabendo? — Heitor senta de forma ereta no sofá.

— Que nada, eu nem quero mais papo com a Janete. Mas a louca não entendeu isso, e agora fica no meu pé. Dá para acreditar que ela veio até aqui na segunda-feira me pedir carona para a faculdade? Estávamos conversando no meio da rua quando Hannah apareceu na calçada. Janete deu a entender que somos bem mais que amigos e a Hannah nem quis me ouvir, entrou no primeiro táxi que apareceu e, deste então está me evitando.

— Porquê você não tranca ela na sua sala e a obriga te ouvir? — Ele diz como se fosse a solução mais óbvia.

— Você acha que eu já não tentei nisso? Hannah está irredutível, e eu não sou homem de obrigar mulher a nada. Ela levantou um muro entre a gente, agora terei que dar um jeito de derruba-lo.

— E como você pretende chegar nela novamente?

— Meu tio Noah tem um apartamento na quinta avenida. Peguei as

chaves e hoje vou aparecer de surpresa na faculdade da Hannah e tentar convencê-la a ir comigo até lá, tenho certeza que num lugar tranquilo ela vai me ouvir.

— Hannah está gostando de você. — Heitor solta de uma só vez, e então fica de pé.

— Sei, já percebi. Mas combinamos que o que teríamos seria algo casual.

— E o que você sente por ela, John?

— Não sei te dizer com clareza, só sei que não quero ficar longe dela. Penso em Hannah quase todas as horas do dia. — Heitor me olha com uma sobrancelha erguida. — Sei o que você tá pensando, mas antes de cair de novo em um relacionamento sério, prefiro cortar os pulsos. Não quero e nem vou me apaixonar de novo.

— Pois, sinto te dizer, mas você já está em um nível bem mais avançado.

— O que você quer dizer com isso?

— Amigo, isso que você está sentindo, está longe de ser paixão. Você está amando, dá para ver nos seus olhos, dá para ver na forma como você fala dela. Dá para ver até pela forma que você fica desconcertado quando ela está por perto.

— Para de falar besteiras, você está exagerando.

Ele caminha até a porta, mas antes de sair dá um sorrisinho cafajeste e diz: — Estarei na minha sala quando você decidir admitir que está de quatro pela Srta. Parker.

Fico pensativo e, no fundo, tenho que admitir que não é apenas atração física. Sinto algo diferente pela Hannah, algo que vai muito além de sexo. Saio para almoçar e mais uma vez não, a encontro em sua sala. Hannah

sabia que eu iria até lá para convidá-la, e simplesmente deu um jeito de sumir.

Faço uma refeição rápida e quando volto para a empresa dou de cara com meu pai e um monte de papelada que terei que analisar. Isso tomou todo o meu dia. Às cinco da tarde largo o monte de processos em cima da minha mesa, pego minhas coisas para ir embora e antes de sair, passo na sala dela e, mais uma vez não, a encontro. Com um sentimento vazio, segui para a minha casa, onde tomei um banho demorado e aproveitei para jantar com minha família.

— Não *quelo*. — Minha filha faz uma careta engraçada quando tento colocar um punhado de brócolis em sua boca.

— Mas é gostoso, e você precisa comer brócolis para crescer fortinha. — Tento convencê-la.

— Eca. — Ela faz um gesto como se fosse vomitar.

— Esquece filho. — Minha mãe diz do outro lado da mesa. — Melissa não suporta brócolis. Já tentei várias maneiras de fazê-la gostar disso.

Desisto de dar o alimento para ela, e a menina sorrir quando ofereço macarrão ao molho branco. Observo meus irmãos comendo o tal brócolis com tanto gosto que tenho até vontade de comer um pouco. Melissa puxou para mim ao odiar brócolis, porque eu também detesto. Bebo um gole do suco da minha filha, no mesmo instante que Laura entra na sala de jantar. Ela está andando meio esquisita, como se tivesse um incômodo no meio das pernas.

— O que foi que aconteceu contigo? — Indago, curioso e, ao mesmo tempo, preocupado. Ela olha para os lados e depois volta seu olhar para mim.

— Você tá falando comigo?

— Não se faz de engraçadinha. O que foi que aconteceu? Por que

você tá andando como se tivesse carregando uma melancia no meio das pernas?

E de repente, uma explosão de risada invade a sala. Meus pais, minha irmã Nicole e, até mesmo os gêmeos e Melissa estão rindo.

— Eu não vou te responder como deve, só porque tem crianças na sala. — Laura bufa sem paciência e então puxa uma cadeira, juntando-se a nós.

— Ela está assim porque foi inventar de andar a cavalo, e acabou ficando dolorida. — Minha mãe esclarece.

— Cavalos? Onde você foi tinha cavalos? — Fito minha irmã com um pouco mais de curiosidade.

— Sim! E eu quis aprender a cavalgar. — Ela explica e morde um pedaço de pão. — Andei muito de cavalo, agora estou um pouco dolorida.

— E desde quando você gosta de cavalos? — Insisto, curioso até demais.

— Gosto de coisas que você nem imagina, irmãozinho. Adorei subir num cavalo e não vejo a hora de repetir a dose. — Ela diz com um semblante relaxado e decido não perguntar mais nada. O restante do jantar segue com outros assuntos.

Quando as crianças estão satisfeitas, Laura as leva para a sala de tevê e coloca a tal da *Peppa Pig*. Juro que queria matar o criador desse troço. É um desenho de uma família de porcos, onde as crianças são mimadas ao extremo e o pai não dá um prego na vida. E a musiquinha? Meu cú.

Concentro-me na comida maravilhosa que minha mãe fez questão de preparar, e está indo tudo bem, até meu pai perguntar:

— O que foi que você fez com a Hannah?

— Quê? — Paro o garfo na metade do caminho até a boca.

— Tive que colocá-la para fazer trabalhos externos porque percebi que a garota não estava querendo ficar perto de você.

— Mas...

— Porra, John, você bem que podia deixar seu amigo dentro das calças. Eu te avisei para não se envolver com aquela menina. Hanna é uma garota sem experiência de nada, ela é pura, dá para ver em seus olhos. Você tentou passar o rodo na garota, não foi?

— Eu nem sei o que dizer. — Murmuro quase sem voz. Se ele soubesse as loucuras que Hannah e eu já fizemos na cama, provavelmente não teria essa imagem de boa menina.

— Hannah não é essas garotas que você costuma levar pra cama, John. — Papai dá seu sermão. — Ela está mais, para o tipo que espera o príncipe encantado. Não iluda a garota e, principalmente, não tente sexo com ela.

— Querido. — Minha mãe entra na conversa. — Eu não acho que Hannah seja tão pura assim. Gosto dela, gosto muito, mas tenho quase certeza que ela e o John já andaram se pegando por aí. Principalmente no dia da festa da Melissa. E isso é perfeitamente normal, eles são jovens, livres e desimpedidos.

— Isso é verdade? — Meu pai estreito os olhos, sondando minha reação. — O quão longe você foi com aquela garota, John? — Engasgo um pouco e minha mãe vem ao meu socorro.

— Relaxa, Lucas, eles não devem ter passado de uns amassos. — Ela me olha com uma sobrancelha erguida. — Não é mesmo, John?

— Claro. Foi só uns beijos. — Meu pai me olha como se fosse me matar. Então estreita os olhos e ameaça sem medo.

— Se você magoar aquela menina, juro que arranco suas bolas.

— Ei, sou seu filho, lembra?

— Sei disso perfeitamente, mas não é porque você é meu filho, que passarei as mãos na sua cabeça se fizer uma garota de gato e sapato. Já pensou se fosse sua irmã? Se ela estivesse dando uns beijos com um idiota qualquer, que só quer sexo em troca de nada?

— Eu mataria o imbecil. — Respondo sem pestanejar.

— Então agora você me entendeu. — Ele diz com um sorrisinho de canto. — E agora me diz, por que você não foi para a faculdade?

— Terei apenas uma aula a qual posso pegar a matéria depois. E, além disso, tenho que resolver algo daqui a pouco.

Meus pais se entreolham, mas não questionam nada, essa é uma das razões pelas quais ainda não sai de casa para morar só. Eles me dão muita privacidade. Mamãe às vezes questiona se vou muito longe ou se vou demorar, mas sei que elas fazem isso para ter certeza que vou ficar bem.

Fico pronto por volta das dez da noite e já deixo minha mãe avisada que não voltarei até o dia seguinte.

— Você vai sair com a Hannah, não é mesmo?

— Mãe...

— Sei que vocês estão de safadezas, só o seu pai que vê ela como uma gatinha indefesa de Nova Jersey. Sabe, John. — Ela se aproxima e cochicha no meu ouvido. — Gosto muito da Hannah, ela é a garota perfeita para você. — E então ela coloca um pacote de camisinhas no bolso da minha calça. — Super apoio o envolvimento de vocês, mas não quero saber de netos por um bom tempo. Estamos conversados?

— Claro. Mais que conversados.

— Ótimo! Agora vá atrás da sua garota.

— Eu te amo. — Sapeco um beijo em sua bochecha.

— Também te amo.



Estaciono em frente à universidade onde Hannah estuda, e fico atento a cada aluno que sai do campus. Ela não tem como fugir de mim, de hoje não passa. Precisamos conversar e farei isso nem que tenha que amarra-la. Observo a movimentação de alunos e, finalmente vejo meu alvo. Meu sangue ferve ao vê-la sair abraçada com um cara todo bombado.

Espero para ver o que mais vai acontecer e, após se despedirem com um abraço demorado, o bombado segue em direção ao estacionamento e Hannah segue para o lado oposto. Essa é minha deixa para uma aproximação.

Saio do carro e sigo a passos largos em sua direção. Quando está prestes a virar a esquina, chamo seu nome. Ela olha para trás um pouco assustada e seguro o riso ao ver uma mistura de pânico e alívio em seu rosto.

— O que você tá fazendo aqui?

— Vim te buscar.

— Pois, você perdeu seu tempo, não preciso de sua carona.

— Para com isso, gatinha, vamos conversar. — Ela solta um suspiro, cruzando os braços e fazendo cara de menina mimada. Enfim, diz sem paciência:

— Você tem dois minutos, já pode começar falar.

— Não vamos conversar no meio da rua. Você vem comigo.

— E se eu não quiser?

— Sei que você quer, então para de dificultar as coisas porque estamos quase congelando. Entra no meu carro e vamos até um local mais tranquilo. — Ela dá um sorriso discreto e então joga sua bolsa sobre mim.

— Só vou com você porque estou morrendo de frio.

Não... Ela só vai comigo porque está louca para ser mimada e beijada.

Essa garota ainda vai me enlouquecer.



HANNAH PARKER

Fizemos o caminho totalmente calados. John tentou puxar assunto, mas me mantive quieta. Eu não estou com raiva dele, mas gosto de ver seu desespero para chamar minha atenção.

Após se identificar com o porteiro, que parece conhecer John muito bem, entramos em um prédio luxuoso, localizado na quinta avenida. Mesmo curiosa para perguntar de quem é o apartamento que estamos indo, fico calada, fazendo John perder a paciência.

— Prefiro quando você fala sem parar. Pode me xingar se isso te faz sentir melhor, mas, por favor, vamos parar com esse silêncio miserável. — Ele está praticamente implorando quando estaciona em uma das vagas do prédio. Saio antes mesmo que ele desligue o motor do carro. — Estou falando com você, Hannah Parker. — O garoto grita, pulando para fora do veículo e fechando a porta com força.

Cruzo os braços e sorrio sem humor, mas por dentro estou morrendo de vontade de rir da cara de desespero dele.

— Você queria falar comigo, estou aqui para te ouvir. — Desdenho

com ironia. — Pode falar meu bem.

Ele coça a cabeça sem paciência e então nos guia até o elevador. Ouço o som do alarme do carro sendo ativado à medida que nos distanciamos. Assim que as portas se fecham vejo John acionar o botão da cobertura, e seguimos sem trocar nenhuma palavra. Uma música clássica é o único som do ambiente.

Com a subida concluída as portas de aço se abrem, e logo estamos em um único andar. O luxo é tanto que até as bordas da lixeira localizada em um canto perto da porta de entrada do apartamento tem uma camada fina de ouro.

— Você precisa acreditar em mim. — Ele murmura enquanto abre a porta do apartamento, entrando logo em seguida e me levando junto. Fico parada no meio de uma enorme sala, enquanto ouço o barulho da fechadura da porta sendo fechada.

Estou boquiaberta com tanto luxo à minha frente. Só a sala já é do tamanho do meu apartamento. Os móveis são todos sofisticados, modernos e chiques. Há lustres que iluminam os cantos auxiliares, deixando tudo ainda mais bonito. Sem contar os aparelhos eletrônicos, todos de última geração.

— Esse apartamento é seu? — Deixo meu voto de silêncio de lado e encaro John, totalmente curiosa.

— Quem me dera ter um lugar desse. — Ele sorri enquanto coça a nuca. — Isso aqui é do meu tio. Mas um dia chego lá.

Ando pelo meio da sala, observando ainda mais o ambiente. Em uma das paredes, vejo um quadro onde várias pessoas estão reunidas em uma única foto, inclusive Dr. Lucas e a dona Mirela, assim como os filhos deles.

— Sua família com os amigos? — Indago curiosa.

— Não, nesse quadro está apenas a família. — Ele esclarece enquanto tira seu casaco e coloca sobre uma bancada de canto.

Volto meu olhar para a foto e fico boquiaberta, são tantas pessoas reunidas que podia jurar se tratar de uma reunião entre eles e um grupo de amigos.

— Caramba, só vocês já são o suficiente para ocupar um bairro inteiro de Nova York.

— Minha vó vive dizendo isso.

Caminho até o sofá e sento com as pernas jogada na mesinha de centro, estou me amarrando em fazer John sofrer. Ele senta no sofá de frente para mim e começa falar:

— Hannah, eu não tenho nada com a Janete.

— Mas já teve.

— Sim, mas isso está no passado.

— Pois, você precisa avisar a ruiva *putiane*, meu bem. Porque eu acho que ela ainda não percebeu que a fila andou. — Ele sorri e se aproxima na tentativa de me beijar, mas o afasto e nego com a cabeça.

— Chega pra lá, garanhão, eu não te dei permissão para me beijar.

— E o que preciso fazer para ter minha garota de volta?

— Ah meu bem, você terá que fazer muitas coisas, mas por enquanto serei boazinha e quero apenas que me sirva uma bebida.

— É pra já. — Ele levanta empolgado. John vai até à cozinha e em seguida volta com duas latinhas de Budweiser, me entregando uma e ficando com a outra.

— Quais suas exigências meu amor? Faço qualquer coisa para ter você de volta. — Sinto um misto de emoção ou ouvi-lo me chamar de "meu amor" mesmo que seja apenas por um modo carinhoso.

— Não quero mais te ver perto dessa tal Janete. — Falo de uma vez.

Ele me olha confuso e então sorri ao perceber meu tom possessivo.

— Você está com ciúmes, Hannah?

— Muito. — Confesso. John fica tenso e percebo que foi pego totalmente de surpresa. — Sei que combinamos algo casual, mas falhei e acabei me apaixonando por você. Então vou jogar a real, se quiser ficar comigo, terá que ser algo mais sério. — Nesse momento ele está tão surpreso com minhas palavras que sinto até vontade de rir ao ver sua cara de espanto.

— Sério, como assim sério? Você pode definir o sério para mim?

— Relaxa meu amor, eu não estou te pedindo em casamento, mas também não quero mais ser apenas um casinho de motel. — Esclareço.

— Você não é apenas um casinho de motel. Nunca foi. — Olho fixo em seus olhos e ele fica ainda mais desconfortável. — Eu realmente não sei o que dizer. — A confusão está estampada em seu olhar.

— Olha, John, quero apenas que você me veja como algo mais sério em sua vida. — Sei que ele não está entendendo nada, mas preciso colocar uma pressão. Porque se perceber que ele não sente nada por mim, serei obrigada a terminar essa história. Não quero sofrer por homem novamente. — Pensa John, pensa e tenta chegar a uma conclusão do que somos.

Ele se ajoelha na minha frente e então olha no fundo dos meus olhos, pegando-me de surpresa ao revelar seus sentimentos.

— Linda, eu também estou gostando de você, acho até mesmo, que pode ser amor. Mas não estou preparado para assumir um relacionamento sério nesse momento.

— Perfeito! — Fico de pé e já estou caminhando até a porta quando ele segura meu braço.

— Você vai aonde?

— Estou indo embora antes que um de nós saia machucado nessa

história.

— Não, não vá.

— Isso não vai dar certo, John, passei dos limites com meus sentimentos. O momento certo de parar é agora.

Quando tento me desvencilhar dele novamente, sou pego de surpresa ao ser empurrada contra a parede. Ele beija minha boca quase em desespero e sinto vontade de gritar o quanto estou envolvida emocionalmente com ele. John também está com o emocional abalado, noto isso na forma como me beija e me aperta. É como se através do beijo ele estivesse implorando para eu ficar. Envolver meus braços em volta do pescoço dele e, gememos juntos quando ele esfrega o quadril contra o meu, deixando-me sentir sua ereção.

— Não faz isso com a gente. — Ele sussurra quando deixa minha boca para morder o lóbulo da minha orelha. — Me dá só um tempo para organizar as coisas na minha cabeça e prometo que vamos resolver esse assunto. Eu não posso viver sem você, Hannah, será que você não entende isso? Você é minha garota. Não é só sexo, Hannah, é muito, além disso.

E mesmo ele não dizendo com todas as palavras, sei que John sente por mim, exatamente o que sinto por ele. Eu também não consigo mais me afastar, mas também não irei facilitar as coisas.

— Você tem uma semana para decidir o que quer. — Deixo claro minha imposição. Pode parecer que estou pressionando-o, mas a verdade é que estou apenas tentando preservar meu coração de mais uma decepção. Porque, se o que John sente por mim, é apenas físico, preciso cair fora desse jogo antes que seja tarde demais.

Ele abre meu casaco e em um gesto rápido tira minha blusa. Suas mãos ágeis abrem o zíper da minha calça, despindo-me e jogando minhas roupas todas em um monte qualquer do chão.

— Uma semana está ótima! Agora faz amor comigo, princesa, estou com tantas saudades. — Estamos com o mesmo nível de saudade. Porque eu também fiquei louca sem poder beijá-lo todos esses dias.

Puxo seu cabelo com força e então chupo seu pescoço. Ele deixa escapar um gemido rouco do fundo da garganta e isso me excita a um nível máximo. Tiro suas roupas e agora estamos apenas com nossas peças íntimas.

Levo minha mão até o volume eminente em sua cueca boxer branca e ele geme ainda mais. John abaixa a única peça que cobre seu corpo e então ergue uma das minhas pernas, apoiando em seu quadril. Ele volta a beijar minha boca enquanto afasta minha calcinha para o lado, me penetrando logo em seguida.

— John. — Gemo totalmente tomada pelo desejo.

— Tão gostosa, sempre tão apertadinha e molhadinha para mim. — Ele vai até o fundo e sai, só para entrar mais forte e firme.

Suas estocadas estão firmes e certeiras. Estamos com tanto tesão que não sei quem está empurrando o quadril com mais pressa, se é ele ou eu. Arranho suas costas e em seguida desço minhas mãos até sua bunda durinha. Aperto suas nádegas e ele morde meu pescoço.

— Veja como a gente se completa. — Abocanha um dos meus mamilos, chupando sem pressa. — Você nasceu pra mim, Hannah. Você entende isso meu amor?

Não respondo e nem mesmo digo algo. Minha cabeça está um misto de emoção, sinto que estamos indo muito além do gostar, e isso é tão assustador para mim quanto para ele. O clímax se aproxima e sei que em poucos segundos estarei perdida em seu corpo. Meu ventre se contrai e um orgasmo violento toma conta de mim.

— Gostosa pra caralho. Adoro quando você goza e aperta meu pau

com essa sua boceta gulosa. — Ele me penetra com mais força e sinto seu pau inchar dentro de mim. E com um gemido rouco ele derrama seu prazer, inundando-me com um orgasmo quente e grosso. — Porra, Hannah.

John apoia a cabeça no meu ombro e ficamos parados na mesma posição, aguardando os espasmos diminuir. Seu pau estar pulsando dentro de mim e isso é maravilhoso de sentir.

— Vem gatinha, vamos tomar um banho. — Gemo baixinho quando ele sai por completo, deixando uma sensação de vazio em mim. Entramos debaixo do chuveiro, onde tomamos um ganho rápido. Em seguida, John abre o armário do banheiro e pega dois roupões limpos. Enrolamos e quando voltamos para o quarto, abro a porta que dá acesso para a sacada da suíte. Ele vem logo em seguida e me abraça por trás.

— A vista é tão linda aqui de cima. — Comento aconchegada em seus braços. — Pena que está tão frio. Adoraria ficar aqui por um tempo maior, só para admirar essa vista.

— Esse prédio fica na melhor localização de Nova York. — Explica enquanto beija meu pescoço. — Dá para ver um pouco da Times Square daqui de cima. Olha lá. — Aponta para o lado direito e fico boquiaberta ao ver um pedaço de umas das principais praças de eventos de Nova York.

— É lindo.

— É sim. — John sorri todo bobo. — Sabia que nasci lá? Na noite de Réveillon, no meio do show do Bon Jovi. — Viro-me para ele e nego com a cabeça.

— Para de ser mentiroso. — Dou um tapa no peito dele.

— Não, não é mentira. Pode perguntar para o meu pai, ele vai te contar o sufoco que foi. Minha mãe é fã do Bon Jovi, e foi por isso que ganhei esse nome também.

— Que interessante. Deve ter sido bem emocionante para a sua mãe.

— Foi sim. Vem, vamos lá para dentro, prometo que trago você aqui quando estiver calor. Quer dar um mergulho na piscina?

— Tá louco.

— Ué, porquê?

— Nesse frio, John!? Não pulo naquela piscina nem fodendo.

— Querida, ela tem a opção de água quente. E é exatamente nela que vamos foder daqui a pouco. — E como dois bobos apaixonados, seguimos para a piscina. Onde começamos tudo de novo.



GIULIA

Saí mais cedo do trabalho, inventei um mal-estar e meu chefe me liberou antes do horário. Preciso deixar o apartamento limpo e organizado até às oito da noite, quando Breno chegará para termos uma última conversa. Agora, faltando meia hora para sua chegada, já está tudo organizado e o jantar está pronto. Tomo um banho sem pressa, passo óleo corporal em todo o meu corpo e em seguida lavo meus cabelos.

Visto uma roupa confortável, porém, atraente; uma saia estilo balonê e uma blusinha de alça fazem parte do look. Estamos no inverno, mas dentro de casa está quente o suficiente para que eu consiga ficar confortável com minhas roupas de verão.

Hoje será minha última tentativa de reconquistar Breno, impedindo sua ida para o Brasil, por isso não pretendo falhar na sedução.

Ele ficou muito magoado desde a nossa última conversa. Confesso que engoli bola ao falar dos meus sentimentos com relação ao Harry, mas agora está dito. A verdade é que ainda tem muita confusão na minha mente idiota, mas sei que Breno é o melhor para mim, e se ele desistir dessa viagem

idiota tenho certeza que me ajudará a esquecer meu ex, de uma vez por toda.

Termino de pentear o cabelo no mesmo instante que a campainha toca. Sei que é ele, e isso acelera meu coração. Hannah e eu vivemos em um prédio residencial popular, não temos porteiros. Dando a nossas visitas acesso direto à nossa porta. Através do espelho, dou uma última checada no visual e corro para atendê-lo.

— Oi. — Breno sorrir, mas em seu rosto tem um ar de tristeza que sei exatamente o motivo. Ele está ainda mais lindo, usando uma calça jeans, um sapatênis e uma jaqueta de couro.

— Oi. — Cumprimento o homem à minha frente com um sorriso controlado, mas a verdade é que estou me segurando para não pular no colo dele.

Dou espaço e ele entra um pouco sem jeito, confirmando que nosso último encontro deixou uma mágoa gigante em seu coração. Breno já não é mais o mesmo, de alguma forma ele mudou seu jeito menino de ser.

— Você está muito bonita. — Me elogia, dando-me uma olhada dos pés à cabeça. — Aqui dentro está quente. Posso tirar minha jaqueta?

Pode tirar a roupa toda, meu anjo... Sorrio com meus pensamentos perversos.

— É claro, fique à vontade. — O apartamento realmente está quente, deixei o aquecedor na temperatura de verão. Eu não gosto de frio e não sou obrigada a ficar num lugar gelado, já basta quando preciso sair de casa. O inverno em Nova York é de congelar o inferno.

Breno tira a jaqueta e o meu calor aumenta em quase uns trezentos graus. Meu Deus! Que homem lindo. Onde eu estava com a cabeça quando dispensei esse deus grego? Você é uma burra Giulia. Ele está usando uma camisa estilo baby look tão colada ao corpo que é possível contar os

gominhos de seu abdome definido.

— Fiz um jantar caseiro para nós. — Murmuro tentando desviar meus olhos de sua barriga.

— Não precisava se incomodar, poderíamos pedir comida de um restaurante aqui perto.

— Não, querido. Hoje você vai comer uma receita típica italiana.

— Italiana? — Ele junta as sobrancelhas um pouco curioso. — E o que você conhece da culinária italiana? — Ergo uma sobrancelha, orgulhosa de minhas origens, e muito calmamente, expliquei ao desenformado:

— Conheço muita coisa. Sou filha e neta de italianas, às duas são feras na cozinha. — Breno enruga a testa um tanto sem jeito.

— Eu sabia que você não era americana, só não lembrava seu país de origem.

— Sou italiana, meu bem. — Ele sorri todo despojado enquanto seguimos para a mesa de jantar. Sentamos à mesa e Breno indaga curioso:

— Onde estão seus pais?

— Meu pai se mudou para Savana, assim que se separou da minha mãe. E minha mãe está morando na Toscana, com minha vó.

— Toscana? — Ele questiona meio perdido.

— Itália. — Esclareço. — Toscana é uma cidadezinha pequena da Itália, fica um pouco afastada de Florença.

— Legal. — Ele analisa a comida sobre a mesa e lambe os lábios. — O cheiro está ótimo! O que você preparou?

— Risoto de Milão. — Pela forma como ele franze a testa, percebo que nunca comeu. Então resolvo explicar o prato: — É um risoto feito com cebola frita no azeite, arroz, vinho, açafrão, manteiga e parmesão.

— Hum! Já quero provar esse prato. — Sirvo a nós dois e comemos um pouco calados. Breno está tentando levar um jantar tranquilo, mas, no fundo, sei que estamos na mesma expectativa. Uma conversa que decidirá o nosso futuro daqui para frente.

— Nossa! Você devia abrir uma cantina italiana. Adorei esse risoto. — Sorrio ao ver a satisfação no rosto dele.

— Não sou tão boa assim na cozinha, é apenas alguns pratos que consigo fazer. Mas obrigada pelo elogio, fico feliz que tenha gostado.

— Gostado? Amei. Isso aqui é divino, posso comer um pouco mais? — Ele sorri feito um menino travesso. *Tão lindo...*

— Claro. Já falei para ficar à vontade.

Observo Breno devorar mais um prato de risoto e, quando finalmente estamos saciados, começo a tirar os pratos, levando-os para a pia.

— Lavo a louça. — Ele se oferece, pegando o avental da Hannah que está pendurado próximo da pia, enrolando na cintura logo em seguida.

— Não precisa, deixa aí que depois lavo.

Breno insiste e, acabamos decidindo por ele lavar os pratos enquanto seco e guardo. Abro o armário para guardar o último prato, e aí que sinto ele me abraçar por trás. Fecho os olhos ao sentir seu perfume e suas mãos grandes apertarem minha cintura.

— Sei que temos que conversar, mas desde a hora que cheguei, só pensei em te abraçar. — Sussurra com a boca quase colada ao meu ouvido. Mordo o lábio tentando conter um gemido baixo, mas é quase impossível.

Breno e eu temos uma ligação tão forte que quando estamos juntos, basta ele me tocar que uma chama avassaladora toma conta de nós. Viro-me, ficando de frente para ele, e sem deixar espaço para conversa, envolvo meus braços em volta de seu pescoço e beijo sua boca. Ele segura minha cintura

ainda mais forte e me puxa para mais perto, colando nossos corpos. Sinto sua língua em uma batalha com a minha, e ele geme quando chupo seu lábio inferior e mordo logo em seguida.

— Temos muito tempo para conversar. — Concordo quase sem fôlego.

— É isso aí lindinha. — Ele sorri enquanto suas mãos ousadas passeiam pelo meu corpo.

Tomo impulso e me jogo em seus braços com uma perna de cada lado do quadril. Breno se encaixa perfeitamente em mim e, sem deixar de me beijar, andamos até a sala, onde nós jogamos no sofá.

— Senti sua falta. — Breno confessa em um sussurro, enquanto me olha nos olhos. Vejo tristeza e esperança em seu olhar. De alguma forma sinto que essa é uma despedida, mas não é uma despedida qualquer. Sinto que sempre teremos algo que nos conecte. Algo muito além de prazer sexual ou atração física. É como se despendêssemos um do outro para sobreviver.

— Você é tão linda. — Ele sussurra enquanto abre o botão da minha saia, puxando-a para baixo com a calcinha.

Fico parada, totalmente imobilizada, observando atentamente todos os seus movimentos. Não estamos nos preparando para uma pegada de sexo casual, como foi as outras vezes. Estamos nos preparando para fazer amor.

Ergo os braços para ajudá-lo a tirar minha blusa, beijo sua boca e acaricio seu cabelo sem pressa.

— Minha vez de tirar sua roupa. — Abro o zíper de sua calça jeans e ele geme ao sentir minha mão em volta de seu membro, que está totalmente duro. Em meio a beijos e carícias nos despimos e, enquanto me beija, saboreando minha boca, Breno me penetra de forma lenta e carinhosa. Ele vai até o fundo e então para, me olhando nos olhos.

— Você só precisa dizer a palavra certa, e tudo ficará bem entre nós.

Fico confusa com suas palavras, mas no momento não sou capaz de processar qualquer mensagem que venha dele. Estamos em uma conexão tão profunda que não consigo pensar em mais nada.

— Quero mais forte, Breno.

— Sei que você quer, querida. Sei tudo sobre você e sei exatamente o que te agrada. Mas hoje serei calmo, quero te sentir sem pressa. Eu preciso disso para poder ficar longe por tanto tempo, preciso levar a lembrança do seu corpo comigo. — Neste momento meus olhos estão lacrimejando e sinto que estou prestes a chorar, quando ele pousa o dedo indicador em meus lábios. — Shh, essa noite não é de tristeza. Vamos aproveitar esse momento. — Sinto ele ir mais fundo e um pouco mais forte. Então, uso às duas mãos para empurrar seu peito e ele sai de cima de mim totalmente confuso.

— Você vai lembrar de mim por onde quer que for. Mas vai lembrar de como sou, e não de como está me deixando. — Sussurro. Ele senta no sofá e levo alguns segundos para conseguir desviar meus olhos do seu pau, que está duro e totalmente lambuzado da minha excitação. — Quero ficar no comando por essa noite. — Sento com uma perna de cada lado e nos encaixamos, gemendo em perfeita sintonia.

— Querida, você sempre estará no comando. — Estremeço ao sentir sua boca quente abocanhar o meu mamilo. Ele morde enquanto aperta minha bunda, incentivando-me a montá-lo com mais pressa. — Você sempre estará no comando da minha vida. Sinto que nunca poderei me afastar de você.

Faço movimentos rápidos, causando um atrito gostoso entre nossos sexos, sentindo sua pélvis no ponto exato do meu prazer. Breno puxa meu cabelo, fazendo minha cabeça tombar para trás, dando-lhe total acesso ao meu pescoço. Ele morde e chupa com força, sei que ali ficará marcas no dia

seguinte, mas não estou preocupada com isso.

— Ah! Isso é tão gostoso. — Ele sussurra com sua voz rouca.

— É? Você gosta quando estou no comando? Gosta quando me encaixo em seu pau dessa forma? — Minhas palavras são como estímulos para ele ficar mais selvagem. Sinto seu membro inchar ainda mais dentro de mim e então sou erguida no ar, com ele ainda dentro de mim, levando-nos para o quarto, onde caímos sobre a cama, afundando o colchão.

— Adoro você comandando o sexo e fodendo meu pau desse jeito. — Quase não consigo acreditar que é mesmo o Breno quem está dizendo essas palavras. Cadê meu gatinho tímido? Ele percebe meu olhar confuso e então esclarece: — Sei que você gosta de ouvir sacanagem durante o sexo. E para ser sincero, estou adorando isso. Você está me transformando num devasso, Giulia.

Ele aumenta suas investidas enquanto leva sua mão entre nós, acariciando meu clitóris inchado de prazer. Grito seu nome quase em desespero.

— Isso linda, mostra para mim o quanto você gosta disso.

— Breno. — Sinto meu ventre se contrair e o clímax vem de forma avassaladora, consumindo toda a minha energia. Fico mole em seus braços, mas Breno não diminui o ritmo.

— Essa noite não quero menos que três orgasmos seu, minha linda Giulia. — Ele diz enquanto volta a me excitar com suas carícias, chupando meu seio e me penetrando de forma lenta e gostosa. Após um terceiro orgasmo que quase é meu fim, Breno fica mais possessivo e passa a me foder do jeito que eu realmente gosto. Ele entra e sai, bombeando seu pau em mim, e segundos antes de perder o controle, ele entra uma última vez até o fundo, chamando meu nome quase em uma canção.

— Ah! Gi... Que delícia, Giulia. — E então sinto seu prazer me inundar, aquecendo e preenchendo-me por completa. Ainda dentro de mim, sinto seu pau pulsando quando ele olha no fundo dos meus olhos e diz baixinho: — Eu te amo, teimosinha.

Não consigo dizer nada, apenas espero ele rolar para o lado e então levanto e sigo para o banheiro, onde tomo um banho quente. Enquanto lavo meu cabelo, ouço a porta ser aberta e vejo através do box sua sombra parada diante do espelho.

Termino meu banho e sem trocar uma única palavra, passo por ele. Breno entra logo em seguida debaixo do chuveiro. Estou terminando de pentear meu cabelo quando ele sai do banheiro totalmente nu, molhado e com os cabelos pingando água por todo o carpete do quarto.

— Esqueci de deixar uma toalha para você. — Explico e jogo minha toalha para ele. Quando estamos vestidos novamente, voltamos para a sala, onde nos sentamos no sofá e ficamos abraçados sem dizer uma única palavra. Estou quase pegando no sono, quando ele murmura baixinho:

— Você está confusa, não é? Ainda não sabe exatamente o que sente, não é mesmo?

Sento e fico de frente para ele, acaricio seu rosto lindo e sorrio para o homem à minha frente.

— Você me deixa confusa.

— Você só precisa dizer a palavra certa e tudo ficará bem entre nós.
— Ele volta a repetir a mesma coisa de horas atrás.

— Eu queria muito, Breno. Mas não sei ao certo o que dizer.

— Você consegue. — Ele me incentiva, mas eu apenas choramingo como a covarde que sou. Breno me aconchega em seus braços e então acaricia meu cabelo enquanto sussurra: — Tá tudo bem, teimosinha, na hora

certa você dirá. — Estou quase dormindo quando ouço suas últimas palavras: — Eu te amo, teimosinha.

A claridade que vem da janela me faz perceber que já amanheceu. Olho para o outro lado da cama procurando por Breno, mas em seu lugar há apenas um bilhete e um botão de rosas vermelha. Sento-me de forma ereta e pego a carta para ler.

"Bom dia, teimosinha,

Você estava tão exausta que te coloquei na cama e nem percebeu. Dormimos abraçados a noite inteira. Fiz seu café, está tudo arrumado e esperando por você lá na cozinha.

Não pude esperar você acordar, tem um voo me esperando rumo ao Brasil.

Sei que a distância nos fará bem. Você precisa colocar suas ideias no lugar e acho que eu também preciso disso.

Você é uma pessoa livre, Gi, mas tenha cuidado para não cair em ciladas como o Harry outra vez. Sei que uma hora mais cedo ou mais tarde você vai perceber que ele é um atraso de vida.

Fica bem, minha linda Giulia. Vou, mas volto. Até qualquer dia desses.

Breno Diniz. "



JOHN LIVIOTHY

Eu preciso decidir o que fazer, estou perdidamente apaixonado pela Hannah, mas tenho medo de estar caindo de cabeça novamente e acabar me machucando outra vez. Sei que ela é diferente e sei que também está amarrada em mim, mas meu último relacionamento fodeu tanto comigo, que tenho medo até hoje.

— Ei, John. — Heitor entra na minha sala, segurando dois copos de Milk Shake.

— O que você quer? — Sou ríspido e ele faz um gesto de paz com as mãos.

— Calma, cara, vim em missão de paz. Trouxe um milk shake de Nutella para você. — Ele estende a mão entregando-me a bebida gelada. — Toma, você tá precisando disso para adoçar esse seu lado amargo.

Adoro Milk e Heitor sabe disso, por isso sempre lembra de mim quando sai para comprar a nossa bebida favorita. Através do canudo, chupo a bebida que está deliciosamente cremosa.

— Obrigado, está uma delícia. Agora me diz o que você realmente

veio fazer aqui? — Heitor se acomoda melhor no sofá e então cruza as pernas, enquanto bebe um gole de sua bebida.

— Vim saber se você pode me emprestar sua *Ecosport*?

— Ué, o que aconteceu com seu carro?

— Meu carro está ótimo! Mas vou acampar nesse fim de semana e, para onde vou, haverá um bom trecho de terra. Sua *Ecosport* é perfeita para isso.

— Por mim tudo bem. — Bebo um pouco mais da bebida e dou de ombros ao permitir que ele leve meu carro em uma de suas aventuras. — Aposto que tem mulher no meio desse angu. — Arqueio uma sobrancelha. — Vai levar uma gatinha para o meio do mato, né safado? — Murmuro zombeteiro.

— É, vou namorar no mato. — Ele brinca fazendo uma cara atrevida.

— E quem é a gatinha da vez? Conheço?

— Não, você nunca a viu.

— Tem fotos? Deixa-me ver o perfil da boneca. — Insisto.

— Na verdade, é a primeira vez que vamos sair, então não tenho fotos. Mas ela é bem bonita. — Ele tenta desconversar.

— Então me conta como ela é?

— Se você não se importar, prefiro não entrar em detalhes. — Enrugo a testa, confuso. Heitor sempre fez questão de mostrar a gatinha da vez. Digamos que meu amigo adora exhibir suas conquistas. Ele não é o tipo que conta detalhes do que faz com a garota. Na verdade, somos uma dupla de safados, mas não somos cretinos ao ponto de sair falando das meninas com quem tivemos algo. Os detalhes mais íntimos normalmente ficam ocultos, exceto uma coisa ou outra.

— Porquê você não me conta quem é a pegada da vez, cara? — Sou

insistente e ele mais uma vez fica desconfortável no sofá.

— Ah, você não conhece ela. É apenas uma garota da faculdade que estou conhecendo há uns dias.

— Mas como ela é?

— Muito linda, meiga, tímida e, ao mesmo tempo, bem safadinha.

— Ah, danado. Tomara que essa garota roube seu coração, você bem que está precisando ser flechado pelo cupido.

— Assim como você foi? Sei muito bem que você está de quatro pela Hannah. — Solto um longo suspiro ao perceber que meu amigo está certo.

— Hannah me colou contra a parede. Ela quer um relacionamento sério. — Revelo ao meu amigo.

— E por que você não assume a garota de uma vez por toda? Tá na cara que vocês se amam feito dois bobos apaixonados.

— Gosto da Hannah. — Confesso com a voz baixa. — Posso até dizer que é amor o que sinto, mas tenho medo.

— Vai se foder, John. — Heitor revira os olhos sem paciência. — O que é que você tá esperando? Um cara com mais coragem aparecer na vida dela e levar sua garota embora? Para de ser bundão e assume a menina de uma vez por toda.

— É, parece que estamos em clima de romance. — Comento enquanto sorrio feito um bobo. — Quer dizer, quase todo mundo. Por que nem todos estão nessa melação.

— Porquê você diz isso? — Heitor descruza as pernas e questiona curioso.

— Minha irmã terminou com o engomadinho que ela chamava de namorado. Dá para acreditar que ela está apaixonada por outro? — Heitor engasga e seu olhos enchem de lágrimas quando ele tosse sem parar. —

Preciso descobrir quem está de gracinha para cima dela. Sei que Laura já tem idade suficiente para namorar, mas preciso conhecer esse cara e deixar claro que se ele avançar o sinal com minha irmã mando um assassino de aluguel decapitar o desgraçado. — Meu amigo arregala os olhos ainda mais e chego a pensar que ele vai desmaiar. — É sério, cara, tenho que descobrir e você vai me ajudar.

— Pode contar comigo. — Sua voz sai tão baixa que quase não escuto.

— Vou dar um susto tão grande no mané, que ele só vai ter coragem de tocar na minha irmã se realmente estiver a fim de algo sério.

De repente ele cospe toda a bebida que está parada em sua boca, sujando o carpete da minha sala com vários respingos do líquido. Levanto-me rapidamente e vou ao socorro do meu amigo.

— Ei, cara, está tudo bem contigo? — Dou uns tapinhas nas costas dele, tentando ajudá-lo a se recompor.

— Está, está tudo tranquilo, eu só estou com medo desse seu lado possessivo. Você tá brincando, né?

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. É claro que não sou capaz de mandar matar o idiota, mas tenho coragem suficiente para pagar uma sessão de tortura, onde fios descascados serão conectados na cabeça do pau dele e na tomada de 220W

— Puta que pariu. — Heitor solta um berro tão alto que me assusta. Ele fecha a cara como se sentisse dor e então fecha as pernas rapidamente.

— O que te espanta tanto? — Indago curioso. — Sei que você é filho único, mas supondo que você tivesse uma irmã mais nova, o que você faria no meu lugar?

— Ah, sei lá. Acho que deixaria a garota escolher com quem deseja

sair.

— Você fala isso porque não está na minha pele. Somos homens, Heitor, você sabe muito bem as sujeiras que se passam na nossa cabeça.

Ele se remexe, inquieto na cadeira, enquanto me escuta com atenção. Conversamos mais um pouco e o tempo todo meu amigo se remexe como se estivesse sentado em cima de um formigueiro.

— Bom, eu preciso fazer umas ligações antes de ir para o fórum. — Heitor murmura, interrompendo-me abruptamente e mudando de assunto. — Tenho que acompanhar meu pai em uma audiência daqui a pouco.

— E vou atrás da Hannah, preciso conversar com minha garota. — Meu amigo e eu ficamos de pé e, enquanto seguimos para o lado de fora da minha sala, ele dá um tapinha no meu ombro.

— É assim que se fala, cara. Não deixa a gatinha escapar.

Despeço-me de Heitor e, em seguida entro na sala da Hannah, pegando-a totalmente de surpresa. Ela estava tão concentrada em seu trabalho que deu um pulo da cadeira ao me ver passar pela porta e tranca-la logo em seguida.

— Ai que susto. — Murmura com a mão no peito. — Puta que pariu, garoto. Você não podia bater na porta?

Sem dizer nada, ando até ela e dou a volta em sua mesa. Afasto a cadeira que ela está sentada e me ajoelho diante de suas pernas.

— Gatinha. — Sussurro olhando em seus olhos. Ela envolve as mãos no meu cabelo e bagunça todo meu penteado. — O que eu preciso para você ficar comigo?

— Você sabe muito bem. — Ela diz, puxando meu cabelo, fazendo minha cabeça tombar para trás.

— Gosto de você, garota. O que mais posso fazer para você acreditar

em mim?

— Basta você dizer a palavra mágica, John.

Beijo sua barriga por cima da roupa e passo o dedo pelo cóis da calça social dela. Hannah se esquiva e num movimento rápido, ela me empurra para longe, fazendo-me cair de bunda no chão. Em seguida, vem pra cima de mim e senta com uma perna de cada lado. Meu corpo reage rapidamente ao toque suave da língua dela passeando pelo meu pescoço, enquanto sua mão acaricia meu pau por cima da calça.

— Você gosta de uma safadeza no escritório, gatinho?

— Muito. — Revelo e então aperto um dos seios dela por cima da blusa. — Quer que eu te mostre, gata?

Hannah rebola e se esfrega em cima de mim, deixando-me duro louco de tesão. Tento virar seu corpo para ter mais controle da situação, mas ela levanta rapidamente me deixando jogado no chão.

— Que foi?

— Você me quer? — Ela aponta para si e então passa a língua nos lábios. — Então faça por merecer. Me conquiste.

Levanto arrumando a maldita ereção dentro da calça, estou tão duro que até dói. Observo Hannah sentar novamente em sua cadeira e quando tento uma aproximação, ela aponta para a cadeira do outro lado da mesa e ordena que eu sente.

Como sei que ela está com os nervos à flor da pele, decido não a contrariar. Mesmo que minha vontade seja de jogar seu corpo esguio sobre a mesa e pegar minha garota de jeito.

— Eu não quero mais esse lance sexo casual. — Ela está tão séria e tão determinada, que um arrepio assustador toma conta do meu corpo.

— Hannah, eu não consigo. — Mal termino de falar e ela já está de

pé, jogando sua bolsa sobre os ombros e caminhando em direção à porta. Levanto-me rapidamente e antes de deixá-la sair, seguro seu braço. — Onde você vai?

— Vou embora, e quem sabe no caminho eu encontre alguém que queira bem além do meu corpo. — Ela consegue se desvencilhar dos meus braços e então sai correndo em direção ao banheiro dos funcionários.

Sigo para a minha sala, jogando no chão todos os documentos que estão em cima da minha mesa. Estou prestes a gritar, quando ela entra e joga um miolo de chaves em cima de mim.

— Pode dar para a outra *pequete* sua, eu não quero mais fazer parte desse jogo. Quem sabe a tal Janete queira essa cópia, não é mesmo? — E então ela se vai, com os olhos carregados de lágrimas.

Pego as chaves do apartamento do meu tio Noah e fico um tempo olhando para elas. Fiz uma cópia sem ele saber, meus planos e tornar o apartamento um local só meu e da Hannah. Meu tio é muito legal, um dos meus melhores amigos. Ele não se importou quando disse que queria usar o apartamento mais vezes.

— Burro! Você é burro, John. — Esmurro minha mesa de trabalho, tentando descontar minha raiva em um pedaço de madeira.

Eu ainda não havia percebido, mas, Hannah Parker é bem mais que uma foda, e bem mais que uma simples auxiliar administrativa. Hannah sempre me respeitou e foi sincera comigo. Coisa que Amanda e Diana não foram.

Hannah é dona do meu coração, ela é a dona da porra toda.

Cresci com meu pai dizendo que na hora certa, eu saberia quem era a mulher da minha vida. Meu coroa me ensinou, que muitas mulheres iam passar por minha vida, mas que somente uma ia mexer comigo, mais uma vez

ele estava certo.

Passei correndo pela porta do meu escritório, ignorando meu pai, que está segurando algo em suas mãos, tentando me entregar a qualquer custo.

— John, eu estou falando com você. Volta aqui garoto.

— Agora não, pai. — Paro por um instante, apenas para olhar nos olhos dele. — Ela apareceu.

Ele sorri e me olha como se tivesse nascido um terceiro olho bem no meio da minha testa.

— Quem apareceu?

— A mulher da minha vida, pai. Foi ela quem apareceu. Agora entendo quando o senhor dizia que eu saberia reconhecer a garota certa.

— Hannah. — Meu pai murmurou com um sorriso maroto. Deixando claro sua satisfação. — Hannah Parker, não é mesmo?

— Ela mesma! Agora eu preciso ir atrás da minha mulher.

— Então vai logo, garoto. — Incentiva-me, dando-me um tapinha de leve no ombro. Entro no elevador e antes das portas se fecharem, meu coroa sorri mais uma vez e diz: — E, ai de você se voltar sem ela. Agora vá alcançar sua garota. — As portas se fecham, deixando em minha mente a imagem do meu pai sorrindo, feliz por mim.

A descida até o térreo é uma tortura dos infernos, parece que nunca vai chegar. Quando o elevador finalmente para, abrindo as portas. Saio correndo e, por um milésimo de segundos, consigo alcançá-la, impedindo a mulher da minha vida de ir embora para sempre. Ela está prestes a entrar em um táxi, e estou tentando não morrer de um enfarte fulminante. Sou um jovem saudável e prático esporte, mas definitivamente correr não faz parte do meu cotidiano. Eu não tenho preparo físico para isso.

— Hannah, eu te amo! — Declaro quase sem fôlego.

Estou meio curvado, com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando não morrer sem ar. Olho para os lados e vejo várias pessoas à nossa volta. Elas estão paradas, esperando para ver o pequeno espetáculo.

— Moça, você vai entrar ou vai ficar? — O taxista indaga sem paciência.

Hannah me olha com atenção e é possível ver um brilho em seu olhar. Serei o homem mais feliz do mundo se ela ficar.

Sinto meu coração parar de bater, em expectativa. Nada podia me preparar para o que ela diria logo em seguida.

— Que bom que você me ama, por que eu também te amo muito. E nosso amor é tão forte que acho que se multiplicou.

— É o quê? — Fico confuso e ela gargalha alto. — Você tá querendo dizer que está grávida? — Hannah coça a testa enquanto rir baixinho.



HANNAH PARKER

Ver a cara de espanto que John está fazendo nesse momento, dinheiro nenhum paga. Ele está tão pálido que tenho quase certeza que a qualquer momento vai desmaiar diante de meus pés.

— Me responde, Hannah. Você está grávida? — Ele volta a perguntar.

— Primeiro você se acalma e depois podemos conversar. — Explico no mesmo instante que jogo nós dois dentro do táxi.

— Para onde, moça? — O taxista pergunta antes de dar partida no veículo. Ele está levemente impaciente, mas não o culpo.

— Central Park, por favor!

Enquanto o táxi entra no meio dos outros veículos, John segura meu rosto e indaga sem paciência: — E então? Você vai me responder ou não?

— Calma gatinho, quando chegarmos ao parque teremos tempo para conversar. Ou você tem algo importante para essa tarde?

— Nada é mais importante que ficar com você. — Ele murmura e eu

quase pulo em seu colo para enche-lo de beijos. Mas me seguro, pois, estou adorando tortura-lo dessa forma. — Quero ficar com você, Hannah. Amo ficar com você, mas hoje em especial, quero ter essa conversa que está me matando. — Ele está à beira de um colapso, e estou me segurando para não rir da sua cara apavorada.

— Não sei porque você está tão desesperado. — Digo tranquilamente.

Estou com a menstruação atrasada há quase duas semanas, mas não acredito na hipótese de uma gravidez. Tenho quase certeza que tem algo a ver com meus hormônios, que ultimamente estão descontrolados. E, além disso, tomo meu anticoncepcional direitinho.

— Você está surpresa com o meu desespero? Hannah, minha filha acabou de fazer dois anos, eu não sei se tenho estrutura emocional para ser pai nesse momento.

— Não se preocupe, não vou te obrigar a nada. Se eu estiver grávida, posso tocar minha vida sozinha com meu filho. — Faço drama. É claro que eu não faria isso, nem com uma porra. Não sou o tipo de mulher que se faz de orgulhosa e arca com uma responsabilidade dessa sozinha. Se uma criança está a caminho, o pai e a mãe têm o mesmo peso na hora de criar e educar.

— Ficou louca, Hannah? — John está totalmente atônito com minhas palavras. — É claro que não vou rejeitar um filho. Só estou dizendo que não estou preparado. Mas pensando bem, tenho nove meses para a chegada, né? — Ele parece um menino assustado. Não o culpo, John passou por uma transição complicada ao se tornar pai, ainda na adolescência. É claro que o assunto o assusta mais que o normal.

O taxista para em frente o Central Park, pago a corrida e arrasto John para fora do veículo. Ele está tão em choque com a possibilidade de um bebê, que nem se deu conta que fui eu quem pagou a viagem. John gosta de bancar

o homem à moda antiga e, normalmente é ele quem paga tudo. Entramos na área de caminhada do parque, andando lado a lado. Ele me olha ofegante, parece até uma pessoa com crise de asma.

— Estou esperando, Hannah. Você está ou não, grávida? — Faço mais um suspense e ele me surpreende com suas palavras. — Quero que você saiba que se tiver, poderá contar comigo. Vou ficar com você em todos os momentos. O fato de eu não estar preparado emocionalmente nesse momento, não quer dizer que vou rejeitar um filho. Sei que vou amar da mesma forma que amo Melissa. Ela também veio no susto e hoje é minha base de vida.

— Ah, que fofo. — Paro nossa breve caminhada só para abraçá-lo. Beijo sua boca e John aproveita para me agarrar do jeito que ele gosta, apertando minha cintura e colando nossos corpos.

Quando cessamos o beijo, seguro sua mão e o arrasto até um banco vazio. Estamos sentados lado a lado e, ao ver sua expectativa por uma resposta, decido acabar com sua angústia.

— Eu não estou grávida. — John solta todo o ar que estava preso em seu pulmão e consigo ver o alívio em seu rosto. Mas ele logo fica preocupado, ao me ouvir dizer: — Pelo menos, eu acho que não.

— Acha que não? Você não tem certeza?

— Tenho quase certeza! Minha menstruação está atrasada, mas acho que é os hormônios que estão descontrolados.

— Hannah, quase certeza não é uma certeza.

— Oi? — Zombo de seu trocadilho.

— Você entendeu. — Ele revira os olhos. — Se você quiser, podemos ir a um laboratório fazer um exame. — Ele está preocupado e, ao mesmo tempo, todo atencioso comigo.

— Não precisa. Semana que vem, tenho uma consulta com meu ginecologista, ele vai esclarecer o que está acontecendo com o meu corpo.

— Ginecologista? No masculino? — Sorrio diante da cara de ciúmes dele, dou um tapa em seu ombro e ele faz uma careta como se sentisse dor.

— Não vai me dizer que você é desses homens que sentem ciúmes até do ginecologista? A vá.

— Estou brincando sua boba. — Ele sorri, mas sei que, no fundo, está com uma ponta de ciúmes. — Sei que é importante esse tipo de consulta. Mas fique sabendo que vou contigo.

— Vai sonhando.

— Não querida, vou é bem acordado.

— John... — Ele me beija, impedindo-me de continuar falando. Abro a boca dando passagem a sua língua ousada, agarro seu cabelo e puxo sem muita força. Em seguida, mordo seu lábio inferior e ele geme rouco.

— Não faz isso, linda, não estamos em um local propício para isso. Você sabe que fico louco quando me beija dessa forma. — Ele dá um leve tapa em minha coxa, e respira fundo tentando recuperar o controle da situação. — Me empresta seu celular?

— O que aconteceu com o seu? — Indago, enquanto tiro o aparelho da minha bolsa.

— Ficou na minha mesa quando saí desesperado atrás de você. — Ele explica. Fico em silêncio, enquanto ele disca para alguém. Minutos depois, percebo que está falando com dona Mirela.

— Mãe, vou levar alguém para jantar na nossa casa essa noite. — Ele avisa, sem tirar o olhar do meu. — Prepare um jantar especial. — Sua mãe questiona quem é a pessoa, mas segundos antes de encerrar a ligação, ele apenas murmura: — É uma pessoa muito especial, garanto que a senhora vai

gostar da visita. — Olho confusa para ele, que desliga o celular e me devolve.

— O que você está aprontando?

— Nada de mais, ué. Só estou levando minha namorada, para apresentar a minha família.

— Namorada? Não sabia que você tinha uma namorada. — Ele sorri, exibindo suas covinhas lindas e discreta.

— Tenho uma namorada linda, inteligente e que adora me enlouquecer com suas ousadias.

— Hum! Quem é sua namorada? — Me faço de desentendida.

Ele sorri e beija minha boca, aproximando nossos corpos mais uma vez. Seus dedos adentrando meu cabelo e, de repetente me sinto como se estivesse abraçando um urso. De tão gostoso e aconchegante que é estar nos braços dele.

— Você é minha namorada, Hannah. E hoje vou te levar para jantar com os seus sogros. — Ele se afasta um pouco, então pega na minha mão e começa a andar em direção à saída do parque. — Vem, vou te levar a um lugar.

— Não me lembro de ser pedida em namoro. E para onde estamos indo? — Pergunto curiosa.

— Quero pedir de forma correta. — Ele explica, praticamente me arrastando. — Há uma loja de joias no shopping de Manhattan, vamos comprar nossas alianças.

— Alianças? Não precisa de tudo isso, John.

Ele finge que não me ouve enquanto continua a me arrastar para a movimentada avenida. Entramos em um táxi e, minutos depois paramos em frente ao shopping.

— Eu devia ter vindo com o meu carro, mas estava tão em choque

com toda aquela conversa no meio da rua, que nem me liguei nesse assunto.
— John resmunga enquanto entramos no prédio espelhado.

Pegamos o elevador e descemos no terceiro piso, onde há a tal loja. Assim que entramos no ambiente, uma música calma toca ao fundo, enquanto uma moça muito bem vestida nos recebe com um sorriso simpático.

— Boa tarde! Sejam muito bem-vindos. Estão em busca de algo especial?

— Quero encomendar uma joia especial para selar um compromisso com a minha namorada, mas hoje vou levar uma que esteja disponível na loja e que agrade a essa moça linda. — John explica e estou parada, sem acreditar no que está acontecendo.

Eu me sinto um tanto bipolar, pois, sempre sonhei com um namorado assim, mas agora não sei o que fazer. A moça nos mostra vários pares de alianças de compromisso. Acabamos por escolher uma aliança prata, com filete de ouro branco. Onde foi gravado nossos nomes.

Antes de sairmos da loja, John encomenda um par de alianças do jeito que ele sempre quis. Ele mostra a imagem para a moça, e ela faz todas as anotações para realizar o pedido. Ao saímos da loja, ele se ajoelha diante de mim e faz o pedido à moda antiga: — Srta. Hannah Parker, você aceita namorar comigo?

— É tudo o que eu mais quero. — Trocamos as alianças, e só aí me dou conta que havia algumas pessoas nos observando.



Almoçamos juntos e em seguida John me deixou em casa e voltou para a empresa, pois, precisava buscar seu carro. Combinamos para ele vir me buscar às oito da noite.

Entro no elevador do prédio e enquanto sigo para o andar onde moro,

me pego sorrindo para a minha imagem refletida no espelho. Ainda não estou acreditando que isso realmente está acontecendo. Eu quis tanto isso, e agora estou com medo. Abro a porta do apartamento, e saio da minha nuvem ao dar de cara com Giulia, sentada no sofá, com as pernas jogadas no *puff* rosa e rodeada de chocolate. Não preciso perguntar para saber que ela está assim, pela partida de Breno. O rapaz foi embora há dois dias e eu ainda não havia falado com ela. Giulia se enfiou de cabeça nas provas da faculdade e decidiu dormir na casa de uma amiga de classe.

— Olha só, a donzela encontrou o caminho de volta para casa? — Murmuro brincalhona, mas sei que pela cara dela o momento não está para piadas. Gi ignora minha presença e continua com o olhar fixo para a tevê. Jogo minha bolsa em cima do sofá vazio e sento ao lado dela.

— Me parte o coração te ver assim, coisa fofa. Mas preciso dizer que você foi burra ao deixar o gatinho partir.

Minha amiga senta de frente para mim e sorri sem humor.

— Deixei-o ir porque sei que será importante para ele. Breno precisa viver outras coisas, precisa conhecer outros lugares e pessoas diferentes. E acima de tudo, ele precisa se descobrir.

— Entendo meu anjo. E ele falou quando volta?

— Não. Mas sei que ficará fora por um bom tempo. — Ela dá uma fungada e segura minha mão, erguendo até a altura dos seus olhos. — Uau! E essa aliança linda? Perdi alguma coisa?

Conto tudo o que houve hoje à tarde e ela me olha desconfiada ao me ouvir dizer que estou com a menstruação atrasada.

— Não me olha com essa cara. Sei que não estou grávida. — Ela dá de ombros de sorrir um pouco mais empolgada.

— Eu ia amar ser titia.

— Pois, vai ter que esperar um pouco mais. Não estou preparada para ser mãe. Talvez daqui uns dez anos.

Deixo Giulia falando sozinha na sala e sigo para o meu quarto, onde vou me arrumar para hoje à noite.



JOHN LIVIOTHY

Deixei Hannah em casa e quando voltei para o escritório, a maioria dos funcionários já haviam ido embora. Passo pelos seguranças e entro no elevador para ir até minha sala. Quando as portas de aço se abrem, dou de cara com Luana, que estava parada aguardando a subida do elevador.

Ela está com o batom retocado e os cabelos jogados de lado. Fica claro que a mulher está pronta para ir embora, mas ao me ver sair do elevador, ela dá um passo para trás e começa despejar seu veneno.

— Dr. John, que bom que o senhor voltou. Preciso te deixar ciente que a Hannah saiu na hora do almoço e não voltou mais. — Tento ignorá-la e seguir para a minha sala, mas a garota está decidida a me tirar do sério. — Olha só, John. Vai por mim, conheço a Hannah como a palma da minha mão. Se você ou seu pai deixá-la fazer esse tipo de coisa, logo ela estará pintando e bordando com vocês.

Respiro fundo, tentando controlar minha irá por ouvi-la falar da minha garota. Miro seus olhos e sem desviar um só segundo, aviso-lhe:

— Essa é a última vez que você abre sua boca para fazer fofoca,

envolvendo a Hannah. — Luana se encolhe diante de mim. — Já te falei que você não é paga para cuidar da vida dos funcionários. Preciso te lembrar para qual cargo você foi designada? Ou será que terei que partir para algo mais sério e acionar uma reunião e fazer Heitor te demitir?

— Na... não é preciso. — Luana gagueja, se esquivando um pouco assustada. — Eu só estava tentando ajudar a colocar ordem por aqui.

— Faça seu trabalho atrás de sua mesa, isso já é o suficiente. Agora você já pode ir embora, só espero não te ver fazendo fofocas por aí novamente.

Ela arruma a bolsa nos ombros e me dá uma última olhada antes de seguir a passos largos para dentro do elevador, que ainda está parado no nosso andar. Entro em minha sala, desligo o computador, pego meu celular, minha pasta e corro para o estacionamento. Enquanto desço no elevador, ouço meu celular tocar dentro do bolso da minha calça. Ao pegar o aparelho, vejo sete ligações perdidas do Heitor.

— Onde é o incêndio? — Indago brincalhão.

— Poxa, cara, você sumiu e não me entregou a chave da sua *Ecosport*. Vou viajar amanhã bem cedo. Quero aproveitar o final de semana o máximo que puder.

— Uou! Havia até esquecido. — Falo com sinceridade. — Estou indo para casa, passa lá e pega comigo.

— Você não vai para a faculdade hoje? — Heitor questiona.

— Não. Vou levar a Hannah para jantar em casa e apresentá-la formalmente como minha namorada.

— Ah, moleque. — Heitor comemora do outro lado, como se estivesse ganhado um prêmio. — É assim que se fala. Se eu não estivesse tão ocupado preparando a viagem de amanhã, iria nesse jantar também.

— Ih, qual é? E quem disse que eu ia te convidar?

— E quem disse que eu preciso de convite? — Ele rebate, zombeteiro. Heitor e eu temos uma amizade tão sincera que não fazemos cerimônia quando queremos algo. Ele tem acesso livre na minha casa, assim como tenho acesso na sua. Despedimos, mas deixamos combinado que ele irá passar em casa para pegar minha Ecosport.

Entro no meu carro e ligo o ar condicionado numa temperatura agradável. Eu definitivamente detesto o frio. Saindo do prédio comercial, entro na avenida principal e, após enfrentar um pequeno trecho de congestionamento, chego ao condomínio onde mora quase toda a minha família. Entro em casa louco por um banho, mas assim que passo pela porta, meu pai monta uma barreira impedindo minha passagem até a escada que dá acesso ao andar de cima.

— E aí, filho? Conseguiu alcançar a Hannah? — Ele ergue uma sobrancelha, tentando disfarçar um sorriso satisfeito nos lábios.

— Sim. E ela vai jantar aqui em casa essa noite.

— Sua mãe comentou que teríamos visita, imaginei ser ela mesmo. — Ele abre um sorriso largo, e sei exatamente o que está pensando. — Vocês estão se pegando há um tempão, e agora estão apaixonados, estou certo?

Passo a mão na nuca, soltando um longo suspiro ao revelar:

— Estou amando aquela garota, pai! É loucura?

— É claro que é! — Meu pai dá um passo à frente, apoiando uma mão no meu ombro. — O amor é sempre baseado na loucura, John. É maravilhoso se apaixonar e ser correspondido. A paixão explode em um nível extraordinário. — Ele bagunça meu cabelo, como sempre fez desde que eu era criança. — Mas isso você sabe, não é mesmo? Eu já presenciei a troca de olhares cheia de luxúria entre vocês.

— Pai...

— Sei tudo o que acontece naquela empresa, meu filho. E nem é através de fofocas. Eu apenas sou atento a cada movimento. — Ele se afasta, dando-me passagem.

— Pensei que o senhor soubesse através da rádio patrulha que o Heitor chama de secretária.

— Aquela lá é só uma câmara de segurança a mais. — Meu pai zomba, explodindo em uma gargalhada, me levando junto.

— Cadê todo mundo? — Indago ao notar o silêncio em casa.

— As crianças estão na casa da Kate, daqui a pouco vou buscá-las para o jantar. E sua mãe está ajudando Laura arrumar as malas. — Paro no meio da escada e então olho confuso para o meu pai.

— Malas? Para onde a Laura vai dessa vez?

— Vai passar um fim de semana com as amigas, na casa da avó de uma delas.

— O senhor não acha que a Laura está viajando demais?

— Sei o que você está pensando, mas não vejo motivo para desconfiar dela. Laura está em uma fase de divertimento. Deixa-a sair com as amigas.

Mesmo desconfiado, sigo para o meu quarto, indo direto para o banheiro, onde ligo o chuveiro na água quente. Fecho os olhos enquanto a água banha meu corpo, sorrio ao ver a imagem da Hannah vindo com tudo em minha mente.

Mas de repente, a possibilidade de haver uma gravidez em curso, faz meu corpo inteiro enrijecer. Pois, mais que ela tente passar tranquilidade, dizendo que é quase impossível, sei que há uma possibilidade, uma vez que temos uma vida sexual ativa e que nunca usamos camisinha.

Terminei o banho, liguei para ela informando que às oito em ponto

estaria em sua casa. Mas a teimosa insistiu que queria vir de táxi.

Travamos uma luta e quando ela falou que se não fosse assim não viria mais, não tive outra escolha a não ser aceitar. Dou uma última olhada no espelho e fico satisfeito com o que vejo. Optei por uma calça jeans preta, sapatênis na mesma cor e uma camisa polo na cor branca. Um look básico, que Hannah vive dizendo que adora.

Chego ao andar de baixo e Melissa corre para me abraçar. Pego minha filha no colo, sapeco um beijo em sua bochecha gordinha.

— Bonequinha do pai.

— *Plincesa*. — Ela me corrige. — Sou a *plincesa*.

— Verdade. Você é a princesa Melissa.

Caminho em direção à sala, onde meus pais e meus irmãos estão reunidos.

— Olha só. John tomou banho. — Laura murmura, zombando da minha cara. — Ficou até bonitinho.

— Muito engraçadinha você. — Fecho a cara e ela apenas dá de ombros. — Invés de ficar zombando de mim, devia contar para onde você pretende ir esse final de semana. Não acha que está saidinha demais não?

— Estou apenas vivendo minha vida. — Abro minha boca para revidar, no exato momento que o interfone toca. Minha mãe corre para atender.

— Sua Cinderela chegou, gatinho. — Vejo satisfação em seu sorriso. Minha mãe gostou da Hannah desde que a viu pela primeira vez, então não é novidade vê-la tão feliz com nossa aproximação.

Enquanto minha família me observa caminhar até a porta, passo a mão no cabelo antes de atender.

— Você está linda. — É tudo o que eu consigo dizer, assim que abro

a porta.

Hannah está usando botas cano alto, e uma calça de couro tão colada ao corpo que é possível ver cada contorno de seus quadris e coxas.

Um casaco vermelho e aveludado cobre a parte superior de seu corpo, lhe aquecendo e protegendo do frio da noite. Em seus lábios, um batom vermelho camurça. E em seus cabelos, mexas loira estão espalhadas, caindo em cascatas por seu ombro.

— Você também está muito lindo, gatinho. — Ela sussurra. Levo as mãos em seu rosto e tomo sua boca em um beijo calmo e apaixonado.

— Vai trazer a moça para dentro ou vai deixa-la congelar aí mesmo? — A voz do meu pai nos afasta rapidamente.

— Boa noite. — Minha garota cumprimenta a todos.

— Oi lindinha. — Minha mãe a recebe, toda carinhosa.

— Seja bem-vinda, Hannah. — É a vez de Laura cumprimentar.

— Bem-vinda a essa família maluca. — Nicole entrega um papel para Hannah, que agradece e pergunta curiosa:

— O que é isso?

— Um manual de como lidar com essa família sem enlouquecer.

— Nick. — Ralho sem graça.

— Ela é assim mesmo. — Minha mãe murmura, segurando o riso. A funcionária e braço direito da minha mãe, prepara a mesa e comemos em um clima agradável. Terminamos a refeição e enquanto aguardamos a sobremesa. Peço a atenção de todos.

— Quero que todos saibam que Hannah Parker é minha namorada. — Revelo, orgulhoso e muito apaixonado.

— Parabéns casal, mas quero que saibam que isso não se estende ao

trabalho. Nada de esfrega-esfrega no horário de expediente da empresa. — Meu pai baixou a regra.

— E, por favor! Nada de bebês por enquanto. — Minha mãe diz. — Seja bem-vinda, Hannah. Tenho certeza que você é a garota certa para o meu filho.

— Seja bem-vinda, cu. — Laura brinca, levantando e indo até Hannah. — Estou muito feliz que agora terei uma amiga para dividir segredos. É para isso que servem as cunhadas.

— Obrigada. Vocês são uns amores. — Hannah agradece ao carinho.

— Olha aí, Melzinha, seu pai agora tem uma namorada. — Nicole murmura.

— *Namolada*. — Melissa diz, sem dar muita importância para o que Nicole falou. Estamos envolvidos em um clima agradável quando Heitor chega em casa, fazendo suas piadas sem graça.

— Eita nos, guardaram um pouco do rango pra mim?

— Virou caipira agora, foi? — Dou um tapa em seu ombro.

— Gosto de variar o sotaque. — Noto um olhar rápido entre ele e minha irmã. Laura disfarça rapidamente, mas Heitor continuar a olhar. Corro até a mesinha onde guardo as chaves do meu carro e a entrego para Heitor.

— Boa viagem para você amanhã. Tenha um ótimo fim de semana.

— Está me expulsando, mano? — Ele enrugando a testa.

— Que modos são esses, John? — Minha mãe fecha a cara pra mim. — Deixa o garoto jantar, sobrou bastante coisa.

— Não precisa, dona Mirela. — Heitor caminha até a porta. — Já jantei, agora vou para casa. Amanhã pego estrada cedo.

— Você vai passar perto do aeroporto? — Mamãe questiona e ele

assente. — Será que você pode dar uma carona para a Laura amanhã de manhã? — Noto um sorrisinho disfarçado em minha irmã e algo se alarma dentro de mim.

— Porque o Papai não a leva? — Cruzo os braços na altura do peito.

— Porque eu faria isso se um rapaz de confiança como o Heitor, está indo para lá? — Meu pai ergue uma sobrancelha e sorri para o meu amigo. — Você faria esse favor para a gente, Heitor?

— Será um prazer, Dr. Lucas. — Heitor dá uma piscadela para Laura. — Te pego amanhã às seis em ponto. Pode ser?

— Claro. Até amanhã lindinho. — Minha irmã está quase derretendo diante de nós, e isso me incomoda muito.

— Estou de olho em vocês. — Murmuro e todos riem da minha cara.



HANNAH PARKER

— Para onde estamos indo? — Olho para o John, que está concentrado no trânsito, com uma mão no volante e a outra na minha perna. Ele desvia brevemente o olhar do trânsito tranquilo à nossa frente, sorri para mim.

— Vamos comemorar nosso início de namoro com chave de ouro. É tipo uma lua de mel para os recém-namorados.

— Você é doido. — Jogo minha cabeça para trás, fecho os olhos e relaxo.

— Doidinho por você, namorada linda.

Após o jantar e o momento ciúmes do John com Laura e Heitor, ele colocou a filha para dormir e fiquei conversando com o Dr. Lucas e a Mirela. Aqueles dois são uns fofos. Me senti muito bem acolhida por eles. Lucas deixou claro que isso não afetaria o meu trabalho, mas também disse que não quer saber de safadezas no escritório. O difícil vai ser colocar isso na cabeça do meu namorado safado.

— Porquê você é tão desconfiado quando o assunto é seu amigo e sua

irmã? — Murmuro observando John atento ao trânsito. — Você não confia neles?

— Em Laura confio de olhos fechados. — Ele responde sem olhar para mim. — Mas quando se trata de Heitor, não marco bobeira com aquele lá. Meu amigo é um tirano quando o assunto é mulher. Minha irmã é muito inocente e Heitor é muito safado. Não confio mesmo.

Eu não quis alimentar ainda mais a neura na cabeça dele, mas notei que entre Heitor e Laura está rolando um flerte. Acho que dona Mirela também notou isso, mas invés de fazer um escândalo ou alertar o filho mais velho e o marido, ela simplesmente se fez de cega.

Com a cabeça encostada no apoio do bando do passageiro, fecho os olhos, apreciando a voz de Bruno Mars no som carro.

???? Eu tenho um apartamento em Manhattan

Gatinha, o que tá rolando?

Você está toda convidada

Então vamos, vamos mandar ver.

Estoure um pro chefe

Estoure, estoure um pra mim.

Vire-se e vá até o chão para o chefe

Desça, desça para mim ????

Entrando no ritmo da música, passo a língua nos lábios, enquanto deslizo minha mão pela coxa grossa dele, parando no volume comportado de sua calça jeans.

— Você vai abusar de mim, gatinho? — Murmuro com uma voz sensual e o veja arfar, tentando manter o controle do carro.

— Querida, você não faz ideia.

No meio do caminho, John entra em uma loja de conveniência e fico no carro trocando de música, olhando para o anel em meu dedo, sorrindo ao lembrar que agora somos bem mais que um caso de sexo. Agora somos oficialmente namorados. Ele volta segurando uma sacola, jogando-as no banco traseiro.

— O que é tudo isso?

— Faz parte da nossa comemoração. — Sua mão acaricia meu queixo e ele fita meus olhos, apaixonado. — Nossa noite está apenas começando, querida.

Minutos depois, entramos no prédio residencial onde está localizado o apartamento do tio dele. O porteiro libera nossa entrada e, após guardar o carro no estacionamento, entramos no elevador. John joga as sacolas no chão, empurrando meu corpo contra a parede gelada de aço, vindo com tudo para cima de mim.

— John, esses elevadores tem câmeras. — Alerto, enquanto ele morde meu pescoço e aperta minha bunda.

— Foda-se, querida. Deixa os seguranças serem testemunhas do meu amor por você. De agora em diante quero que todos vejam o efeito que você causa em mim. — Ele me aperta, enquanto beija minha boca.

Quando finalmente chegamos ao nosso andar, entramos no apartamento parecendo dois selvagens. John volta a jogar as sacolas de qualquer jeito no meio da sala, vindo até mim, arrancando minhas roupas e eu tentando desesperadamente arrancar as dele.

Ele se afasta, morde o lábio e então puxa o zíper da calça, deslizando-a com a cueca. Passo a língua nos lábios ao ver sua ereção diante de mim. Ele está tão duro que é possível ver a lubrificação brilhando na cabeça do seu pau, duro, cheio de veias.

— Ah... — Deixo um gemido escapar da minha garganta e isso o excita ainda mais.

Sua boca reivindica a minha em um beijo ardente e cheio de desejo. Ele me empurra contra a bancada que divide a sala da cozinha América, afasta um jarro de flores que enfeita o ambiente, me senta com as pernas abertas. Em um movimento rápido ele afasta minhas coxas, encaixando-se entre elas. Sua mão passeia por cima da minha calcinha, ele sorri satisfeito ao ver que já estou pronta para recebê-lo.

De forma delicada, John puxa meu cabelo, fazendo minha cabeça tombar para trás, e morde meu pescoço, enquanto diz: — Vai ser aqui mesmo. Depois teremos tempo para um sexo fofinho lá na cama. — Minha calcinha é rasgada e, sem perder tempo, ele me penetra de uma só vez, gemendo rouco com a boca colada na minha. Envolver minhas pernas em seu quadril, aproximando nossos corpos até o limite máximo. Puxo seu cabelo com força, inclinando meu quadril para frente, tomando tudo dele para mim.

— Ah, John.

— Adoro quando você fica tão louca assim. Sua bocetinha fica ainda mais apertadinha, engolindo meu pau do jeito que eu gosto.

Ele aumenta as estocas enquanto arranha suas costas, ciente que no dia seguinte ficará uns arranhões por ali.

— Eu preciso dizer que te amo. — John murmura com a voz trêmula, entrando e saindo de mim. De repente, ele para com seu pau todo enterrado em mim, me olha nos olhos, murmura com sinceridade: — Eu te amo, Hannah. E isso não tem nada a ver com sexo, estou falando em sentimento mesmo. Eu te amo muito.

— Também te amo. — Sussurro com a voz embargada de emoção. — Embora tenha esperado essa declaração em outro momento. Algo mais

romântico, sei lá.

— Juro que te compro uma floricultura inteira da próxima vez que me declarar. Mas eu não podia esperar nem mais um segundo para dizer o quanto te amo. — E então, já não estamos fazendo sexo, e sim, amor. Ele beija minha boca e nossas línguas se envolvem em uma dança gostosa. E quando ele usa os dedos para brincar com meu mamilo, um calor toma conta de mim, descendo entre minha espinha até chega ao meu ventre. No mesmo instante, sinto seu pau inchar ainda mais, sei que ele está perto do orgasmo.

Mas John parece não se importar com seu próprio prazer, sei que ele quer me satisfazer primeiro. Tenho certeza disso, quando sua mão fica entre nós, acariciando meu clitóris inchado, e, enquanto ele faz um movimento gostoso de vai e vem, em sintonia com seu pau. Em uma explosão de sensações, geme e chama meu nome, enquanto derrama seu prazer dentro de mim. Eu o abraço apertado, colando nossos corpos o máximo que posso, indo junto nessa aventura. Nossos corpos ondulando em espasmos violento.



Após uma chuva rápida, voltamos para o quarto, onde visto uma calcinha limpa que trouxe na bolsa. Eu sempre levo uma calcinha a mais quando saio com ele, pois, sei que nossas saídas dificilmente ficam só nos beijinhos. Quando penso que iríamos repetir tudo de novo. John veste sua cueca, envolve seu corpo em um roupão, e joga outro para mim.

— Vamos para a piscina do prédio? — Ele sugere com seu olhar travesso.

— O quê? Ficou louco? Estamos em um condomínio residencial, John. Não podemos ficar de sacanagem na piscina. Podem nos ver.

Ele ergue a sobrancelha de forma diabólica, abre um sorriso sacana e murmura sem pestanejar: — Querida, são três e meia da manhã. Duvido que tenha alguém naquela piscina há essa hora.

— Mas está muito frio para piscina. — Tento argumentar, na esperança que ele mude de ideia.

— Vamos para a piscina coberta. Lá a água é quentinha e o ambiente é fechado. Vem, para de ser medrosa.

Mesmo achando uma loucura. Sigo meu namorado louco até o elevador, onde descemos rapidamente até a área de lazer do condomínio. Passamos pela área externa das piscinas adulto e infantil. Em seguida entramos em uma espécie de salão aquático. Duas piscinas cobertas e com água quente, estão totalmente à nossa disposição. Sem se importar com câmeras de segurança, John tira o roupão e se joga na água. Logo em seguida, ele tira a cueca e joga em minha direção.

— Vem, gatinha. A água está uma delícia.

Tiro meu roupão e jogo ao lado dele. Pulo rapidamente na piscina e John me agarra, fazendo nossos corpos ir até o fundo. Quando voltamos a superfície, ele prensa meu corpo contra a parede de proteção, deixando-me sentir toda sua euforia e desejo por mim.

— Eu te amo. — Ele sussurra, enquanto passa a língua na minha orelha.

— Também te amo. — Sinto sua mão ir até minha calcinha. — O que você vai fazer? — Pergunto exasperada, mesmo sabendo a resposta.

— Vou te amar aqui nessa piscina.

— Se você rasgar essa calcinha, vou... — Não tenho tempo de terminar o que ia dizer. John mergulha entre minhas pernas, levando minha calcinha para baixo. Observo ele emergir com a minha calcinha na boca. Seus olhos faiscando de desejo.

— John...

— Shh! — Ele me silencia. Erguendo meu corpo, até me deixar

sentada no beiral da piscina.

Lambendo os lábios enquanto afasta minhas coxas o máximo que pode, ele ordena: — Abre bem essas pernas, Hannah. Deixa-me chupar sua bocetinha gostosa. — E então, uma onda de prazer toma conta do meu corpo, quando ele me chupa com gana. Sedento de paixão.

— Ah.... Isso, John. — Puxo seu cabelo com tanta força que tenho quase certeza que no dia seguinte seu couro cabeludo ficará dolorido.

Ele continua me chupando com maestria, causando ondas de prazer por todo meu corpo. Sua língua explora cada pedaço do meu sexo e seu dedo me invade, fazendo movimentos lentos e extremamente gostosos dentro de mim. Mordo o lábio com força ao sentir o clímax chegar em cheio, tomando tudo de mim. Fico mole e ele lambe tudo, até não sobrar nada.

— Porra, sou um filho da mãe de muita sorte. — Seus olhos brilham e ele sorri, passando a língua nos lábios. — Tenho a namorada mais linda desse mundo. Além de muito gostosa.

Me jogo na água, envolvo minhas pernas em volta do seu quadril e mordo seu lábio ao dizer: — E tenho o namorado mais lindo e viril desse mundo. Agora chega de declaração e me come do jeito bruto e gostoso que só você sabe.

— Porra... — Ele geme quando nossos sexos se encaixam perfeitamente.

Bônus
LAURA E HEITOR

HEITOR MITCHELL

Parado dentro da Ecosport do meu amigo, observo Laura andar até o carro. O pai dela vem logo atrás, arrastando sua pequena mala de rodinhas, cor de rosa. Confesso que sinto arrepio na espinha, só de imaginar o que ele é capaz de fazer comigo se descobrir que ando de safadeza com sua filha.

— Bom dia, Heitor. — Lucas estende a mão em cumprimento, assim que saio do carro para recebê-los. Aperto sua mão e sorrio tentando parecer tranquilo.

— Bom dia, Dr. Lucas. — Desfaço o aperto de mão e dou um beijo comportado no rosto de Laura. — Bom dia, Laura.

— Bom dia, lindinho. — Ela murmura sem nenhum constrangimento.

— Hum! — Lucas coça a garganta. — Deixa de intimidade, garota. Já pensou que Heitor pode ter namorada? Ela não vai gostar de saber que outra mulher chama seu namorado de lindinho.

— Eu não tenho namorada. — Apresso-me em dizer.

— Pronto. Então não vejo nenhum problema em chamar o Heitor

assim. — Laura dá de ombros.

— Não liga para ela, garoto. — Lucas diz zombeteiro. — Laura é afobada mesmo.

— Tranquilo, Dr. Lucas.

Guardo a mala de Laura no porta malas do veículo e quando já estamos prontos para sair, Lucas dá um último recado para a filha:

— Não faça como na última viagem. Se você desligar o celular, peço para o seu tio Noah colocar o pessoal da CIA inteiro atrás de você. Estamos entendidos, dona Laura?

— Pode deixar, vou ligar assim que chegar lá. — Laura tranquiliza o pai.

Quando viajamos pela primeira vez, Laura desligou o celular e quase matou os pais de preocupação. Semana passada, quando nos encontramos escondidos para uma tarde agradável no motel. Ela me contou que levou a maior bronca dos pais.

— Dirija com cuidado, Heitor. — Lucas recomenda, enquanto engato a primeira marcha. — Aos finais de semana só tem loucos nas ruas.

— Pode deixar. — Aceno e sigo em direção a saída do condomínio. Quando estou quase chegando na portaria, John entra com seu carro. Quando ele para ao meu lado, vejo Hannah no banco do passageiro. Na certa tiveram uma noite de farra.

— Bom dia, Heitor. — Meu amigo me cumprimenta, desviando seu olhar para Laura, sentada ao meu lado.

— E aí, cara. — Aceno com a cabeça. — Bom dia para vocês. — Dou uma piscadela para Hannah, que sorri gentilmente para mim.

— Quer que eu leve a Laura ao aeroporto? Vou só trocar de roupas e deixar Hannah arrumando uma malinha da Melissa.

— Vocês vão viajar? — Franzo a festa, murmurando curioso.

— Vamos. — Meu amigo sorri. Desde que assumiu um relacionamento sério com a Hannah, John está radiante. — Vou levar minhas garotas para pegar uma praia.

— Praia? — Enrugo a testa, confuso. — Cara, estamos no meio do inverno. Está a fim de morrer e matar todo mundo congelado?

— E quem disse que vou ficar em Nova York esse fim de semana? — Enquanto tento entender a loucura do meu amigo. Hannah acena para Laura e, às duas trocam um olhar confidente. — Vou levar minhas meninas para o México. — John esclarece, passando um braço em volta do pescoço de Hannah.

— Uau! E você pretende voltar algum dia? — Zombo.

— Segunda-feira estou de volta ao batente. Será uma viagem rápida, só para sair desse iceberg que virou Nova York. E então, quer que eu leve a Laura ao aeroporto? Assim não atrapalha sua viagem.

Laura aperta minha coxa, com medo de John insistir com aquilo.

— Não vou me atrasar por deixar Laura no aeroporto. — Dou de ombros, tentando parecer tranquilo. — É meu caminho mesmo.

— Bom! Sendo assim, tenha um ótimo fim de semana. — John murmura, olhando logo em seguida para a irmã. — Cuidado nesse passeio com suas amigas, Laura.

— Pode deixar papaizinho. — Laura revira os olhos para o irmão, e sorri para a cunhada. — Até mais, Hannah. E boa sorte para você que terá que aturar esse chato o fim de semana inteiro.

— Estou falando sério, Laura. — John ralha todo amoroso. — Qualquer coisa é só me ligar. Tenha cuidado.

— Tá, pode ficar tranquilo maninho.

John e Hannah se despedem com um aceno de cabeça, enquanto seguem em direção à casa.

— Será que ele desconfiou de algo? — Pergunto a Laura, que nega com a cabeça antes de dizer:

— Se ele tivesse desconfiado te garanto que nós nem teríamos conseguido sair do condomínio.

Enquanto me concentro no trânsito, Laura liga o som do carro e pegamos a estrada em um clima gostoso. Após quase duas horas dirigindo sem parar, paramos em um posto de estrada, onde comemos um lanche rápido e, em seguida voltamos para a nossa viagem. Passava do meio-dia quando avistei a placa com indicação de onde teria que entrar para chegar ao nosso destino. Sorri quando Laura me olhou surpresa, ao notar que saímos da rodovia e entramos em uma estrada de terra.

— Para onde você está me levando? — Ela estreita os olhos, sorrindo sapeca.

— Vamos namorar no mato.

— No mato? — Laura sorri de canto, passando a língua nos lábios. — Hum... acho que vou gostar disso.

— Tenho certeza.

Entramos em uma trilha de terra, um pouco esburacada. Passamos por umas casinhas de campo e Laura suspirou alto.

— Essas casinhas são tão fofas. Parece cenário de filme.

E parece mesmo! São casinhas sem muito luxo, com varandas decoradas com flores e jarros bem trabalhados.

— Nunca tinha vindo aqui. — Confesso, quando passamos entre uma casinha e outra. — É tudo exatamente como vi no site da pousada.

Entramos estrada adentro e, após nos afastarmos literalmente da

civilização, vi a cabana que reservei para nós dois. Estaciono o carro na garagem coberta de frente para a casa de madeira, pego nossas coisas, seguimos para dentro. O frio nessa época do ano é de congelar o cérebro.

— Que lugar lindo, Heitor. Parece aquelas cabanas de filmes de romance. — Laura murmura, admirando o interior da cabana.

As paredes de madeira grossa, pintadas de preto, dão contraste com os quadros em tom de creme. As cortinas num tom caqui enfeitam as janelas. Uma lareira toma boa parte da sala, sendo amparada por dois sofás marrons, que ficam de frente para uma tevê de sessenta polegadas.

— Que bom que você gostou. Ficaremos dois dias aqui. — Seguro em sua cintura fina, puxando-a para junto de mim. — Vou acender a lareira e podemos andar pelados sem preocupação. Será somente você e eu.

— Como Adão e Eva? — Ela murmura, já abrindo os primeiros botões do casaco.

— Quase isso. Só que aqui não é o paraíso, e você não vai comer maçã. Mas deixo você comer o meu pau. — Laura explode em uma risada gostosa.

— Eu nunca gostei de maçã mesmo.

Tiro meu casaco, jogo em cima do sofá de couro. Acendo a lareira enquanto Laura anda pelos cômodos da casa. Acendo o aquecedor da cabana, deixando um ambiente agradável. E quando sento no sofá para tirar meu sapato, sou surpreendido com Laura vindo da cozinha, usando apenas uma lingerie toda branca.

— Porra. — Minha respiração acelera. Fico ainda mais eufórico quando ela se aproxima toda dengosa. Observo atentamente, Laura se abaixar diante de mim. Sem tirar os olhos dos meus, ela abre lentamente o botão da minha calça, baixando o zíper e deslizando meu jeans para baixo, com a

cueca. Afasto o quadril facilitando sua tentativa de me despir. Quando ela finalmente me deixa usando apenas uma camisa manga curta. A garota me olha com luxúria e desejosa.

— Não gosto de maçã, mas vou adorar engolir esse pau maravilhoso.

Abro minha boca para dizer algo, mas um urro animalesco escapa do fundo da minha garganta quando ela me leva a boca, me devorando.

— Ah... — Arranco o grampo que prende seus cabelos sedosos, fazendo um rabo de cavalo com minhas mãos, segurando sua cabeça enquanto ela me devora. — Essa sua boca é doloridamente gostosa, Laura. Mas não quero gozar dessa forma.

Afasto sua cabeça, fazendo ela me soltar. Arranco minha camisa e deito no sofá.

— Senta na minha cara, linda. Me deixa te chupar bem gostoso.

— Oh! — Laura geme expectativa. E sem se fazer de rogada, a garota senta com as pernas abertas em meu rosto. Passo a língua entre os lábios melados pelo prazer. — Ai, Heitor, isso é tão gostoso.

— Adoro essa sua bocetinha, Laura. — Invisto em lambidas certas, passando a ponta da língua em seu clitóris inchado. Quando ela está prestes a gozar. Aperto sua bunda com força e a tiro de cima de mim. Sento no sofá com meu pau ereto, ordeno: — Vem, Laura, senta no meu pau. — E ela senta, tão desejosa quanto eu.

Amamo-nos sem pressa, em ritmo lento e gostoso. Agarro seu seio, chupo o mamilo rosado. Laura ronrona manhosa, se desmanchando em cima de mim, lambuzando meu pau com seu próprio prazer.

Sem conseguir segurar mais, dou mais duas estocadas, derramando meu líquido em seu interior. Gemendo rouco, gozando, enchendo sua boceta com meu esperma.

— Eu te amo, Heitor. — Ela declara, olhando no fundo dos meus olhos. Fico perdido com suas palavras, sendo pego de surpresa.

— Você é linda, Laura. Você está mexendo comigo de uma forma que ninguém nunca mexeu. — Ela sorri, me beija, e o resto da noite, seguimos nos amando como se não houvesse amanhã.



Capítulo 27

JOHN LIVIOTHY

— Você vai pra onde? — Minha mãe me olha como se tivesse nascido um terceiro olho bem no meio da minha testa.

Entro em casa de mãos dadas com Hannah. Meus pais estão jogados no tapete da sala, brincando com as crianças. Como ainda é cedo, meu pai está de roupão e minha mãe usando uma camisola comportada. As crianças também estão usando pijamas.

— Sinto muito em acabar com a festa de pijamas da Melissa, mas temos um voo para pegar daqui 40 minutos

Quando sai do apartamento do meu tio, pedi para Hannah ver se havia algum voo para o México ainda hoje. Foi quando ela encontrou um para hoje de manhã.

— Vocês vão mesmo para o México? — Meu pai pergunta, enquanto minha mãe continua parada, me olhando sem entender nada. — Só para constar: vocês não estão de férias. Quero os dois, no escritório na segunda-feira sem falta.

— Pode ficar tranquilo, pai. Estaremos de volta amanhã à noite. —

Pego minha filha no colo. — Ei princesa do pai. Vamos viajar com a tia Hannah?

— Eba. — Melissa comemora, batendo palminhas.

— Não sei se é uma boa ideia você viajar com Melissa, John. — Minha mãe comenta, insegura. — Você não vai saber cuidar dela direito.

— Deixa de besteiras, Mirela. — Meu pai rebate. — John já é adulto, está na hora de aprender a cuidar da filha.

Entendo minha mãe. Afinal, ela sempre cuidou da Melissa. Na verdade, eu não entendo muito sobre crianças. Mas minha filha já está grandinha, nem fraldas usa mais. Não deve ser tão difícil assim.

— Pode deixar que ajudo o John cuidar da Melissa, dona Mirela. — Hannah se manifesta. — Não tenho muita experiência com crianças, mas já cuidei de uns priminhos quando era mais nova. Melissa ficará bem.

Minha mãe solta um longo suspiro antes de concordar.

— De qualquer jeito não poderia impedir mesmo, né? É filha dele! Vão logo antes que eu me arrependa.

Após arrumarmos as coisas da Mel, Hannah ligou para Giulia, avisando que ficaria fora até amanhã à noite. Minha mãe ficou quase meia hora dando orientações de como cuidar da Melissa, e da importância do uso de protetor solar. Chegamos ao aeroporto em cima da hora, mas conseguimos pegar o voo.

Ao chegarmos no México, fomos recebidos por uma temperatura alta. Essa época do ano faz muito calor por aqui. Saímos do aeroporto de Cancun e, mesmo sem fazer reservas, não foi difícil arrumar um quarto em um dos resorts. Peguei uma suíte com uma cama de solteiro e uma de casal. Além de uma área privativa. Antes de seguirmos para o quarto, passamos na loja do resort, onde compramos roupas de praia e brinquedos para Melissa.

— Uau! Você ficou muito fofa com esse biquíni. — Hannah elogia Melissa, que rodopia em frente ao espelho do quarto, toda sorridente.

— *Plincesa*. — Minha filha murmura.

— Isso mesmo, linda. Você é a princesa da praia. — Hannah desfila, mostrando seu biquíni igual da Melissa. — Vamos arrasar na praia, não é mesmo?

Visto uma sunga e um short por cima. Como já é hora de almoço, paramos no restaurante, almoçamos e em seguida fomos diretos ao nosso objetivo. Praia. O resort nos ofereceu um lugar reservado na praia, com direito a cadeiras e guarda-sol. Melissa tirou da bolsa os brinquedos e se jogou na areia. Enquanto Hannah e eu sentamos ao seu lado, observando minha bebê se divertir na areia.

— Ela é um amorzinho, John. — Hannah comenta, seus olhos brilhando para minha filha.

— Você gosta de crianças, não é? — Indago, mesmo sabendo sua resposta.

— Muito! Crianças são umas gracinhas.

— E se você estiver grávida?

— Eu não estou grávida, John. — Hannah ralha, desviando o olhar do meu, fingindo prestar atenção em Melissa.

— Como você sabe? Nem foi ao médico, nem fez teste. E sua menstruação ainda não desceu.

Ela volta a me olhar, e um sorriso debochado ameaça surgir em seus lábios.

— Você está mesmo antenado, não é? Sabe até sobre minha menstruação.

— Querida, sou antenado a tudo que se refere a você.

— Fica tranquilo, gatinho. Já falei que isso é apenas um descontrole hormonal.

— Só vou ficar tranquilo quando você menstruar. Mas de qualquer jeito, você já sabe minha posição em tudo isso, né? Se for bebê, vamos receber com muito carinho. Confesso que não estava em meus planos, mas se aconteceu será muito bem-vindo.

— Não viaja, John. — Percebo que ela está nervosa e nitidamente com medo. Mesmo assim se faz de durona. — Eu não estou grávida.

— Ok. — Decido colocar um fim nesse assunto, afinal não estamos no México para discutir. Mas quando voltarmos para Nova York vou insistir até conseguir ir com ela ao médico.

Aproveitamos o resto da tarde e começo de noite passeando pelo resort. Mas quando Melissa começou reclamar de cansaço, voltamos para o quarto. Hannah deu um banho nela e, após o jantar, minha filha desmaiou de sono. Em seguida, foi a vez de Hannah tomar banho. Fiz o mesmo.

Usando apenas uma sunga, arrastei minha namorada para a parte externa da suíte, onde uma piscina redonda nos aguardava. Quando contratei a suíte, essa foi umas das minhas exigências. Melissa estando conosco, seria impossível sair para curtir a noite. Mesmo o resort oferecendo serviço de babá, optei por não sair. Não confio deixar minha filha aos cuidados de pessoas que nunca vi.

— Nossa, a noite está quente, né? — Hannah murmura, fazendo um coque no cabelo e tirando a saída de praia, ficando apenas de biquíni.

— E vai esquentar ainda mais. — Ergo uma sobrancelha, sorrindo com malícia. — Aqui podemos namorar e ficar de olho na Mel ao mesmo tempo.

Se por acaso Melissa acordar, o que acho difícil, ela não poderá nos

ver fazendo nada impróprio para a sua idade. A área da piscina é bem discreta, ficando atrás de umas plantas e protegida com separador de ambiente embaçado.

Se ela acordar, tenho como ver seu vulto andando pelo quarto, assim teremos tempo hábil para nos recompor e fingir que estávamos apenas tomando banho de piscina.

— Entra na água que eu já volto. — Hannah faz o que peço.

Entro na suíte novamente, vou até o frigobar, pego uma garrafa de vinho e duas taças. Dou mais uma olhada na minha filha, que está ferrada no sono. A pequena está até roncando. Volto para a piscina, sorrio ao ver Hannah nadando de um lado para o outro.

— Hora dos adultos se divertir. — Murmuro, enchendo às duas taças. — Vamos fazer um brinde, querida. — Ela nada até a borda, recebendo sua taça.

Brindamos a nossa noite e nossa viagem. Em seguida, deixo nossos copos na beirada da piscina e, entro na água, agarrando minha garota. Tomei sua boca em um beijo calmo, sentindo o gosto do vinho. Ela fica um pouco mais ousada, beijando minha boca de forma sensual, gemendo quando aperto nossos corpos, aproximando nossos quadris e fazendo ela sentir minha ereção. No momento que puxo o laço da calcinha do biquíni, ela se afasta, me olhando assustada.

— Que foi? — Pergunto, ao mesmo tempo que arranco minha sunga.

— É perigoso, John. Melissa pode acordar a qualquer momento.

— Duvido. E se isso acontecer, ela não pode nos ver. — Esclareço. Ando até ela, que continha insegura. — Relaxa amor, está tudo sob controle. Agora vem aqui, quero namorar pelado.

Levo um tempo até deixar Hannah relaxada. Mas consigo isso no

momento que afasto sua calcinha para o lado e penetro dois dedos dentro dela, enquanto beijo sua boca.

— Ah... John... — Ela geme manhosa, fazendo meu pau latejar de tesão.

Encosto seu corpo esguio contra a parede de proteção da piscina, envolvo uma de suas pernas em volta do meu quadril e, substituindo meus dedos por meu pau. Penetro-a quase de forma bruta, tamanho meu desejo.

— Gostosa. — Sussurro em seu ouvido, causando arrepios em todo seu corpo. Ergo a outra perna dela, me encaixando perfeitamente entre suas coxas.

Hannah geme, arranha minhas costas, morde minha orelha. Ela fica louca a cada investida minha. Não demora muito, sinto seu corpo ficar mole, denunciante seu clímax. Viro ela de costas para mim, fazendo-a empinar a bunda, apoiando suas mãos na proteção da piscina.

— Você sabe o que quero agora, Hannah? — Ela nega com a cabeça, mas extremasse quando sente a cabeça do meu pau na entrada do seu ânus.

— John...

— Deixa, Hannah? Você me deixa comer esse buraquinho apertado? Faz tempo que eu não entro aqui.

Ela empina ainda mais a bunda, rebolando no meu sexo.

— Sou toda sua, amor.

— Estamos sem camisinha. Mas, porra, não consigo resistir. — Mordo suas costas, enquanto entro de vagar em seu buraquinho quente e apertado.

Ela se contrai, deixando claro que precisa de mais estímulo. Levo uma mão até o meio de suas pernas, brinco com seu clitóris, fazendo-a enlouquecer de prazer. Entro até o fundo e começo a meter sem dor. Ela

geme e rebola descontroladamente. Mordo seu ombro.

— Porra! Que delícia, Hannah.

— Ah... John. — Ela fica louca, gemendo e falando palavras desconexas.

— Ah, garota. Vou encher o seu cuzinho com a minha porra. — Provoco, só porque sei que ela adora ouvir palavras sujas na hora do sexo.

Meus dedos trabalham em seu clitóris inchado, enquanto entro e saio dela. Urro feito um animal descontrolado, gozando forte dentro dela. Enquanto recuperamos o fôlego, ficamos abraçados dentro da água. E, acariciando os cabelos sedosos dela, sussurro:

— Eu te amo, Hannah. Você é tudo o que eu sempre quis.

— Só porque dei a porta dos fundos? — Ela zomba, fazendo-me rir.

— Por isso também. — Beijo sua testa em um beijo casto. — Você sabe muito bem que é muito mais que sexo, não é garota? Você ganhou meu coração e não há a menor chance de te deixar ir embora.

— Que bom amor. Porque eu te amo muito, e não tenho pretensão de sair da sua vida, muito menos da vida da Melissa. Aquela garotinha ganhou boa parte do meu coração.

— Namorada linda. — Sussurro com a boca quase colada na dela.

— Namorado lindo.



HANNAH PARKER

O fim de semana em Cancun foi incrível. Melissa ficou toda dengosa comigo, e amei encher suas bochechas gordas de beijos. John mimou a nós duas com presentinhos comprados na praia, ou com passeios pela ilha. Voltamos para Nova York domingo à noite e, já cheguei com vontade de voltar para o calor gostoso do México.

A semana seguinte foi tudo tranquilo no escritório de advocacia. John fez questão que todos os funcionários soubessem que somos namorados e deixou bem claro que não queria saber de piadinhas para o meu lado.

Luana quase se mordeu de raiva, ela não conseguiu esconder a inveja corroendo seu interior, e quando tentou fazer um comentário infame, meu namorado deixou claro que se ela abrisse a boca para falar de mim, seria demissão na certa.

— Como foi o passeio no México? — Giulia indaga, ao entrar na cozinha pisando em seus saltos supérrimos.

Desde que cheguei, ainda não tivemos tempo para conversar sobre a viagem. Gi foi promovida a gerente e quase não para em casa. Só vem

mesmo para dormir.

— Foi maravilhosa! Já quero ir de novo. — Levanto para colocar meu copo na pia. Acho que levantei rápido demais, pois, sinto uma tontura, como se a cozinha toda estivesse girando.

— Você ainda está com essas tonturas? Quando pretende ir ao médico? — Minha amiga me olha com reprovação. Giulia, está a um tempão tentando me convencer a procurar um médico.

— Hoje à tarde tenho consulta com meu ginecologista. — Explico, enquanto arrumo meu cabelo para o lado.

— Que bom. Porque você precisa mesmo de uma avaliação.

— E você tem falado com o Breno? — Indago, tentando mudar de assunto. Minha amiga solta um longo suspiro antes de dizer:

— Falo com ele todos os dias pelo WhatsApp. Mas evitamos falar de nós dois. Estamos tentando ser amigos.

— Vocês ainda serão bem mais que isso.

Giulia sorri sem humor, pegando-me totalmente de surpresa ao dizer: — Provavelmente sim! Afinal, acho que teremos um elo pelo resto da vida.

— Do que você está falando?

— Acho que estou grávida, Hannah.

— Puta que pariu, Giulia. Não fode. — Tento levar na brincadeira. — Você não sabe cuidar de um bichinho virtual.

— Pois, é. Acho que terei que aprender a cuidar de um bebê.

— Você está falando sério? — Concentro-me em suas mãos, que estão abrindo e fechando, demonstrando seu nervosismo.

— Tenho quase certeza que estou grávida.

— Calma, não vamos nos desesperar. Hoje à tarde você vai comigo

ao ginecologista e saberemos.

— Hoje eu não posso, Hannah. Teremos visitas importante lá na loja. Não posso sair antes das 18:00.

— Então trarei um teste de gravidez e você fará aqui em casa hoje à noite. — Ela apenas assente.

Seguimos conversando até a saída do nosso prédio, onde nos despedimos para irmos trabalhar. Mas antes de nos afastarmos, ela segura meu braço.

— Não conta para o John. Por favor!

— Fica tranquila, isso é assunto de meninas. Só você e eu saberemos disso por enquanto.

Segui para a empresa com a cabeça a mil, Giulia não tem preparo algum para ser mãe. Mas se tiver, terei que saber conduzir essa situação para ajudar minha amiga.

— Bom dia, Hannah. — A recepcionista biscate do Heitor me cumprimenta assim que saio do elevador.

— Oi. — Respondo de forma seca, seguindo em direção a minha sala. Mas sou obrigada a parar, quando Luana chama minha atenção antes que eu consiga virar no corredor.

— Parabéns pelo namoro! Espero que você não seja ciumenta. A ex do seu namorado está agora mesmo tendo uma conversa com ele. — Viro no exato momento que ela exhibe um sorriso maléfico.

— Não fode, garota. — Reviro os olhos sem paciência. — John não tem mais contato com nenhuma de suas ex.

Luana encosta no balcão da recepção e cruza os braços, sacudindo os ombros.

— Ah, você sabe de quem estou falando! — Ela libera seu veneno. —

Aquela ruiva bonitona que esteve aqui na frente da empresa um tempo atrás. Lembra dela, Hannah? Acho que são colegas de classe na faculdade também.

É claro que eu me lembro daquela garota! Mas não sou idiota a ponto de me deixar ser enrolada pelo veneno de Luana. Então resolvo fingir indiferença, mesmo morrendo de ciúmes.

— Não sou neurótica, Luana. Se é colega de faculdade, na certa tem algo importante para tratar com ele.

— Certo! Então você não precisa se incomodar por saber que ela cumprimenta seu namoradinho com beijo no canto da boca, né?

Luana sempre infernizou minha vida na empresa. Sei quando ela está blefando ou contando uma fofoca forte. Está nítido que ela viu algo íntimo entre John e a tal ex., porém, prefiro fingir não dar importância e fazer pouco caso.

Mas como não sou de pedra, deixo Luana expelindo seu veneno sozinha e ando a passos largos em direção a sala do meu namorado. paro diante da porta, decidindo se devo ou não bater.

Ouçoo um ruído vindo do lado de dentro e isso é o bastante para deixar a educação de lado e entrar sem bater. Meu coração perde uma ou duas batidas e preciso piscar algumas vezes, até finalmente meu cérebro processar o que meus olhos estão vendo.

— Você é um filho da puta, John. — Ralho enquanto jogo minha pasta de documentos em cima dele e da mulher.

John está sentado em sua cadeira atrás da mesa, enquanto a vadia ruiva se esfrega em seu colo. Ao notar minha presença, ele joga a mulher com tanta força para longe, que a faz cair de bunda no chão.

— Hannah. — Ele me olha assustado.

— Fique aí. — Ordeno, assim que ele faz um gesto de levantar. —

Não quero ouvir você, porque sei que nada do que disser irá me convencer do contrário. Eu vi o que já devia estar acostumada. Você é só mais um traidor para a minha lista.

Olho de canto de olho para a mulher, que ainda está jogada no chão, rindo discretamente da minha cara. A humilhação me engolfa e sinto vontade de chorar, mas nem fodendo darei esse gostinho a eles.

— Amor... eu... posso explicar. — John tenta argumentar.

— Eu te odeio, John. Odeio por ter acreditado em você e em suas palavras de amor. — Grito, segurando as lágrimas que ameaçam banhar meus olhos. — Odeio por ter sido tão idiota a ponto de achar que você era um cara diferente.

Saio correndo da sala, deixando o casazinho a sós. Passo por Luana, que diz algo, mas não me dou o trabalho de ouvir. Opto por descer de escada, tentando chegar o mais rápido possível ao térreo. Enquanto desço os degraus de dois em dois, sinto meu estomago embrulhar, obrigando-me a parar.

Seguro no corrimão quando minhas vistas escurecem, uma tontura toma conta de mim, obrigando-me a sentar no degrau. Após alguns segundos, sentindo-me um pouco melhor, continuo minha descida. Passo pelos seguranças e, quando estou prestes a sair do prédio, sinto alguém segurar meu braço.

— Hannah, por favor! — John implora minha atenção. Respiro fundo antes de olhar em seus olhos.

— Você mentiu para mim. — Não consigo segurar e acabo chorando diante dele.

— Não! Eu não menti. Eu te amo, Hannah. — Seus dedos tocam minhas lágrimas. — Por favor, gatinha.

— Se esfregando com sua colega de faculdade? É assim que você me

ama?

— Não! Eu não tive culpa, ela se jogou no meu colo. Estávamos conversando e do nada ela se jogou no meu colo e tentou me beijar.

— Vocês homens são todos iguais. Até na hora de mentir é a mesma ladainha. Então foi para isso que você me pediu em namoro? Pra me humilhar e poder dizer aos amigos que tem uma namorada, mas que pega todas as outras mulheres? Aposto que você pega até a Luana vadia.

— Que merda você tá dizendo? — Ralha, puxando os cabelos. — É claro que não estou te traindo.

— Me deixa ir, John. Por favor! — Tento me desvencilhar de suas mãos fortes.

— Por favor, gatinha. Vamos conversar.

— Agora não. — Olho ao redor e vejo nossa pequena plateia de seguranças. Não estou nada a fim de um vexame no saguão da empresa. Tenho certeza que o Dr. Lucas não ficará nada satisfeito com isso.

— Que horas? Que horas podemos conversar? — É a primeira vez que vejo John tão desesperado. — Que horas posso te procurar?

— No final da tarde. — Murmuro cabisbaixa. — Agora eu não tenho cabeça para isso.

Mesmo contra a vontade ele solta meu braço, deixando-me livre para ir embora. Passo pelos seguranças sem me despedir, entro no primeiro táxi que vejo. Enquanto observo as ruas da cidade de Nova York passando por meus olhos. Decido ligar para a minha mãe.

— *Filha...* — Ela atende ao primeiro toque.

— Oi, mãe!

— *O que houve? Está tudo bem?*

— Estou com saudades. — Murmuro baixinho.

— *Você não está bem!* — Após um longo suspiro, ela continua a falar: — *Brigou com o namorado, não foi?*

Minha mãe me conhece melhor do que ninguém. Talvez seja por isso que sempre fomos melhores amigas.

— Odeio os homens, mãe.

— *Seja bem-vinda ao clube, meu amor.* — Ela murmura zombeteiro. — *O que o cafajeste te fez?*

— Mãe, posso ir para a sua casa? — Indago entre uma lágrima e outra.

— *Nossa casa, Hannah.* — Ela me corrige. — *Aqui sempre será a sua casa. Só o que me preocupa é o seu trabalho.*

— *Estou com horas acumulada na empresa. Falarei com o Dr. Lucas e tenho certeza que não irá se opor a me dar uns dias de folga.* — Explico, pouco antes de desligar.

E foi exatamente isso que aconteceu quando liguei para o meu chefe e pedi uma semana de folga. Dr. Lucas me liberou no mesmo instante. Ele perguntou se tinha algo a ver com o John, mas preferi não entrar em detalhes. Porém, Lucas não é bobo, no fundo, sabe que me desentendi com o filho safado dele.

Arrumei minhas coisas e deixei um bilhete para a Giulia, avisando sobre minha ausência. Não quis entrar em detalhes, minha amiga já tem seus próprios problemas. Na volta contarei a ela o que houve. Liguei para o consultório e desmarquei minha consulta. Depois vejo isso também.

Cheguei ao aeroporto e comprei uma passagem de última hora. Minha cabeça estava a ponto de explodir, então resolvi tomar um remédio. O que me fez dormir a viagem inteira. Acordei com uma aeromoça tocando meu braço,

avisando que precisaria colocar o sinto de segurança, pois, estávamos prestes a pousar no Tennessee.

Ao sair da aeronave pude sentir a diferença de temperatura. Nova York estava um gelo quando sai. No Tennessee está uma noite agradável de calor e muito vento.

— Hannah. — Sou recebida por minha mãe com um abraço apertado assim que desço do táxi, em frente nossa casa. Pago o taxista, enquanto mamãe arrasta minha pequena mala pelos degraus de entrada. Ao entrar em casa, sinto o cheiro gostoso das flores vindo do jardim. Trazendo lembranças boas da época que vivi aqui.

— Senti tanta saudade. — Sussurro ao ser abraçada por minha mãe.

— Vamos sair para comer algo e beber uma cerveja. Quero saber detalhes do que aquele filho de uma chocadeira fez com você. Espero não ter que ficar cara a cara com esse tal de John, pois, sou capaz de chutar as bolas dele, até o mauricinho nunca mais poder sentar na vida. Quem esse cara pensa que é para te fazer chorar? Ninguém faz meu bebê chorar.

Essa é minha mãe. A mulher que me deu a vida, e que é capaz de matar qualquer um para me defender.



JOHN LIVIOTHY

Hoje, definitivamente, não é meu dia. Cheguei no escritório e para minha surpresa, Janete estava me aguardando na recepção. Após me cumprimentar com um beijo no canto da boca, a garota me convenceu que a conversa iria ser breve. Acabei aceitando, pois, seria uma ótima oportunidade para colocar Janete em seu lugar, e fazê-la entender que agora sou um homem comprometido.

Levei-a até minha sala e, estávamos no meio da conversa, quando seu celular liberou um aviso sonoro, avisando a chegada de uma nova mensagem. Janete leu a mensagem e antes mesmo que eu pudesse entender o que estava acontecendo, ela simplesmente se jogou no meu colo.

A mulher tentava me beijar, ao mesmo tempo que tentava abrir os botões da minha camisa. Enquanto eu tentava afastá-la para longe sem ter que machucá-la, senti algo acertar minha cabeça com muita força.

Entendi que era Hannah, quando ela gritou em alto e bom som que me odiava. Foi um inferno tentar convencê-la que não tinha culpa. Hannah não quis me ouvir, mas disse que aceitaria conversar comigo no final do dia.

Deixei minha garota ir embora e voltei para ter uma conversa final com Janete. Precisei ser grosso e até mesmo agressivo com minhas palavras, até ela finalmente entender que entre nós dois não haveria mais nada.

— O que você fez com a Hannah? — Meu pai entra em minha sala, praticamente me fuzilando com seu olhar. — A garota pediu uns dias de folga, sei que isso tem algo a ver com você.

— Uns dias? — Indago surpreso. — Ela não voltará para a empresa amanhã?

— John. — Meu pai senta na poltrona de frente para mim, rangendo os dentes. — O que foi que aconteceu? Anda garoto, desembucha.

Conto por cima sobre o ocorrido com Janete e em questão de segundos, ele se levanta, apenas para me dar dois tapas certos no meio da cabeça.

— Aí, pai. — Reclamo. — Qual foi a parte que o senhor não entendeu que eu não tive culpa?

— Teve culpa sim. — Ele se curva diante da minha mesa, apontando o dedo na minha cara de forma acusadora. — Você tinha que ter deixado claro a essa garota que agora é um homem comprometido.

— Mas fiz isso.

— Quando ela já estava se esfregando no seu colo? Ouça filho. — Ele senta novamente. — Cometi esse mesmo erro no passado e sua mãe quase perdeu a vida por isso.

Lembrei-me da história da tal louca que dizia amar meu pai e não aceitava seu relacionamento com minha mãe. Na época da confusão com a Amanda e sua mãe psicopata, meus pais me contaram sobre o atentado que minha mãe sofreu.

— Deixei claro para a Janete, creio que ela não fará isso novamente.

— Afirmo, um tanto incerto. — Agora minha preocupação maior será convencer a Hannah que não estava dando ousadia para a Janete.

Antes de sair da minha sala, ele me olhou meio desconfiado, talvez por eu não ter sido tão Romeu de uns tempos pra cá. Mas o que meu pai não sabe, é que estou de quatro pela Hannah. E, isso é o suficiente para eu não ter olhos para outras mulheres.

O restante do dia se arrastou. Tive que participar de uma reunião com um cliente novo e foi quase impossível me concentrar no que ele dizia. Minha cabeça estava totalmente em Hannah. Ao final da tarde, quase no fim do expediente, tive que me reunir com meu pai e os sócios em sua sala. Ao saber que Hannah foi embora chateada comigo, deixando para trás um monte de papelada a se resolver, ele quase me bateu na frente dos homens e do meu amigo Heitor.

Quando finalmente fui liberado para ir embora, sai do estacionamento do prédio cantando pneu e segui direto para o apartamento da minha garota. Pego um pouco de trânsito, mas consigo chegar até o prédio onde ela vive, trinta e dois minutos após sair do escritório.

— A Srta. Parker viajou hoje à tarde. — O porteiro explica rapidamente.

— Como assim viajou?

— Ué! Viajando. — Ele murmura como se fosse óbvio.

— Sabe me dizer se a Giulia está no apartamento? — O homem me olha desconfiado, mas após um breve silêncio, faz que sim com a cabeça. — Posso subir um segundo para falar com ela? — O sujeito interfona para o apartamento e me olha de canto de olho quando libera o acesso.

Deixo meu carro parado na frente do prédio, sem me importar com a placa de proibido estacionar. Passo pelo portão de visitantes e sigo a passos

largos até o elevador. O prédio onde ela vive é simples, mas conta com um sistema de segurança bem bacana. Tem porteiros vinte e quatro horas e isso já me deixa tranquilo.

— O que foi que você fez para a minha amiga? — Sou recebido por uma Giulia possessa, tomada pela raiva.

— Posso entrar? Juro que vim em missão de paz. — Ergo as mãos e sorrio de forma angelical. Ela estreita as sobrancelhas um pouco ante de me da passagem. Entro no apartamento e o cheiro do perfume de Hannah ainda está forte. Sinto vontade de chorar.

— Vamos, John. Conta de uma vez o que você fez para a minha amiga?

Faço um resumo de tudo o que aconteceu, Giulia apenas me escuta sem falar nada. Mas assim que termino a história, sou atacado por tapas certos no meu peito e na altura do rosto.

— Aí... — Protesto, protegendo-me com as mãos.

— Você é um burro garoto. Hannah devia ter arrancado suas bolas só para você deixar de ser otário.

— Porque você diz isso? — Questiono e ela revira os olhos.

— Tá na cara que a vadia, sabia da aproximação da Hannah e se jogou de propósito em seu colo.

— Você acha?

— Puta que pariu. — Ela ralha socando o ar. — Cara, vocês homens parecem que são feitos sem cérebro. Você disse que ela olhou uma mensagem segundos antes, não foi? — Aceno com a cabeça. — Então meu filho, alguém avisou a ela sobre a chegada da Hannah. E acho até que sei quem foi?

— Quem?

— A secretaria fodida do seu amigo.

— Luana?

— A própria.

— Merda.

— É... Muita merda.

— Preciso resolver as coisas com a Hannah e depois resolvo essa questão com a Luana e a Janete.

— E como você pretende fazer isso?

— Indo até ela. — Olho para Giulia, que leva alguns segundos até entender minha intenção. Descobrir o paradeiro da minha namorada.

— Nem fodendo. — A garota se agita. — Me deixa fora dessa merda, eu não vou te ajudar a achar a Hannah.

— Por favor, Gi. — Faço cara de coitado. — Me diz onde ela está.

— Eu não sei.

— Sabe sim!

— Tá, sei! Mas não vou dizer.

— Por favor. — Insisto.

— Ela não está em Nova York.

— Então, onde ela está?

— Não vou dizer. — Giulia se mantém firme, até eu me ajoelhar em seus pés e fingir um choro desesperado. Essas coisas funcionam com as garotas.

— Qual é, levanta daí.

— Por favor! — Imploro.

— Tá, ela foi para a casa da mãe. — Não falei que mulher é fraca diante de um homem que chora? Elas sempre ficam com pena da gente. Mais

um pouquinho e arranco tudo.

— Me dá o endereço.

— Eu não sei.

— Você está mentindo. — A garota revira os olhos, enquanto caminha até a mesinha para pegar um pedaço de papel e uma caneta.

Ah... Eu devia ser ator hollywoodiano, devia ganhar um prêmio pelo meu poder de persuasão.

Observo Giulia anotar o endereço, e um sorriso ameaça surgir em meus lábios. Me controlo, pois, preciso continuar a atuação de homem sofredor e desesperado se assim quiser chegar até minha namorada. Giulia me entrega a anotação, mas antes quase me fuzila com os olhos.

— Só vou te dar o endereço porque acho injusto, vocês estarem brigados por culpa da secretaria vadia e da sua amiga puta.

Fico tão feliz que ergo Giulia, rodopiando com ela no meio da sala.

— Você é foda, garota. Muito obrigado! — Coloco ela no chão novamente e a vejo mudar de cor. — Você está bem?

— Estou! Foi apenas uma tontura. — Tenho a impressão que ela está prestes a vomitar nos meus pés, então me afasto um pouco.

— E você tem falado com o meu primo?

— Sim. — Ela suspira antes de dizer: — Agora somos amigos.

— Hum! Espero que vocês se entendam num futuro próximo. Breno gosta muito de você. — Ela sorri meio sem jeito. — Está tudo bem?

— Sim, estou ótima! — Giulia praticamente me empurra para fora do apartamento. — Agora vá e traga minha amiga de volta.

Entro no meu carro e dirijo feito um louco até minha casa. Entro na sala e sou recebido por meu pai e minha mãe, ambos me olhando com cara de

poucos amigos.

— Nem me olhem assim. — Murmuro enquanto caminho em direção a escada de acesso para o andar de cima da casa. — Já sei que vacilei. Mas vacilei porque sou um burro. Estou indo agora mesmo buscar minha garota.

Meu pai me dá uma piscadela e segue para o outro cômodo da casa. Mas minha mãe faz o contrário e resolve me seguir até o meu quarto.

— O que exatamente você fez para a Hannah querer sumir do planeta? — Ela indaga, se jogando na minha cama. Retiro minha camisa e meus sapatos, e enquanto busco uma toalha limpa para tomar banho. Sou bombardeado por conselhos de dona Mirela. — Ouça, filho. Já está na hora de você agir como homem. Você não pode simplesmente sair se esfregando com todas as mulheres que ver pela frente.

— Mãe! — Coço a nuca, totalmente sem paciência. — Meu pai já deve ter resumido o ocorrido, mas faço questão de explicar para a senhora.

Após conseguir tranquilizar minha mãe e afirmar que trarei Hannah de volta e feliz. Dona Mirela me enche de beijos e me libera para ir atrás da minha garota. Despeço-me dos meus pais, meus irmãos e minha filha, peguei um táxi até o aeroporto, onde embarco no início da noite.

O clima no Tennessee é bem mais agradável nessa época do ano. Ao sair do aeroporto, sou recebido por uma brisa gostosa. O dia ainda está nascendo, mas já é possível sentir um mormaço quente.

Entro em um táxi e sigo em direção à casa da mãe da Hannah. Durante o trajeto, aproveito para prestigiar as ruas e casas do lugar.

— É aqui. — O taxista avisa, parando diante de uma casa cor de rosa, cheia de flores e duas estátuas de Buda na frente.

— Obrigado. — Agradeço assim que realizo o pagamento da corrida. Observo o táxi sumir no final da rua e após um longo suspiro, crio coragem

para subir os degraus da varanda e bater na porta de madeira. Ainda é cedo, mas não vou conseguir esperar para falar com Hannah. Preciso fazê-la entender que não tive culpa de nada.

— Quem é você? — Uma mulher de estatura mediana, cabelos e olhos castanho, me recebe com uma cara nada amigável.

Talvez seja pelo horário. Considerando que ainda é muito cedo, e que ela está enrolada em um roupão e com a cara inchada. Presumo que acabo de atrapalhar seu sono matinal.

— A senhora é a mãe da Hannah?

— Hum! — Ela me olha de forma estranha, rangendo os dentes. — Então você é o inseto que fez minha menina chorar.

Acho que não sou bem recebido. E a julgar pela forma como a mulher está me olhando, presumo que terei que me esforçar um pouco para não ser morto.

— Amo sua filha. — Vou direto ao ponto. — Hannah é a garota que eu sempre sonhei em ter na minha vida. Juro que o que houve não passou de um mal-entendido.

— Uma mulher sentada em seu colo e beijando sua boca, é um mal-entendido? — Ela indaga com às duas mãos na cintura.

— Senhora, juro que não tive culpa. Só preciso de uma oportunidade para explicar isso a sua filha.

A mulher me olha dos pés à cabeça, range os dentes mais uma vez. Então pensa por alguns segundos antes de dizer: — Entra aí garoto. — Ela se afasta e entro um pouco receoso. — Minha filha está dormindo, mas logo ela acorda. Senta aí e espera. Torça para ela não te expulsar a pontapés, porque se isso acontecer, farei questão de ajudar.

Se eu estava assustado por ter que encarar a Hannah com sua fúria,

agora estou completamente apavorado com essa mãe possessa que ela tem.
Minha namorada teve a quem puxar nesse lado brava.

Estou fodido...



JOHN LIVIOTHY

Nunca fui de sentir medo, principalmente de uma mulher. Só minha mãe tem esse poder sobre mim. Mas nesse momento estou apavorado pela forma como a mãe da Hannah está me olhando. É como se ela estivesse prestes a me engolir. Deixo minha mochila no sofá da sala e sigo a mulher até a cozinha, onde ela puxa uma cadeira e praticamente me obriga a sentar. Observo-a preparar o café da manhã, enquanto aguardo ansioso para falar com a Hannah.

— Senhora... — Chamo e a mulher virou a cabeça em minha direção mais rápido que a garota do exorcista nos momentos de crise.

— Ah, lindinho. Senhora está no céu! Sou Ariel Parker. — Adverte.
— Apenas Ariel.

— Certo! Eu gostaria de esclarecer que não fiz nada de errado. Desde o momento que me envolvi com a sua filha eu nunca mais olhei para outra mulher. — Explico e ela sorri de uma forma meio diabólica.

— Ouça garoto, eu não quero saber de suas desculpas. Se você convencer minha filha serei sua amiga. Mas se você fizer minha garota chorar

mais uma vez, juro por Deus que você ganhará uma inimiga.

Encolho-me próximo da mesa, é melhor não tentar convencê-la a mais nada. Vou economizar minhas desculpas para a Hannah, que é o mais importante para mim nesse momento.

— Toma. — A mulher me entrega uma xícara de café, em seguida puxa uma cadeira e senta ao meu lado. Estamos tomando café, olhando atentamente um para o outro, quando Hannah entra na cozinha. Usando apenas uma calcinha e uma blusa *babylook*, ela está linda demais. Seus cabelos estão presos em um coque meio solto, e ela está meio perdida enquanto me olha atônita.

— O que você faz aqui? Como descobriu o endereço da minha mãe?

— Linda, precisamos conversar. Você preci...

— Cai fora da minha casa, John. — Me expulsa antes mesmo que eu possa concluir.

— Vamos conversar, Hannah.

— Não quero te ouvir. Pode voltar para a sua amiga puta.

— Eu não fiz nada! — Exclamo. — Ela que me atacou e...

— Fora daqui, John. — Hannah pega na gola da minha camisa enquanto tenta me expulsar de sua casa. Mas sou mais forte e nem me mexo.

— Não saio daqui antes que você me ouça. — Assusto-me ao ver a mãe dela vir para cima de mim com uma vassoura na mão.

— Cai fora moleque. — A mulher me fuzila com os olhos. Olho exasperado para às duas à minha frente e, é impossível não reparar na semelhança das duas. E não estou falando de semelhança física, que é bem fraca, mas sim de personalidade.

Levanto-me rapidamente e ando até a sala. Pego minha mochila, ando até a porta. Mas antes de sair, olho para a minha garota e murmuro:

— Vou ficar lá fora até você resolver me ouvir. Só volto para casa acompanhado por ti.

Sem esperar resposta, saio pela porta da frente, atravesso a rua e sento no meio fio da casa em frente. No início não me incomodo com o calor, mas à medida que o dia se arrasta começo suar feito um porco indo para o abate. Abro meu celular e busco um hotel próximo. Quando finalmente encontro um lugar bacana, vejo a mãe dela vir em minha direção. A mulher está com uma feição mais amena, sorri sentando ao meu lado.

— Ei garoto, você está com fome?

— O quê?

— Quero saber se você está com fome e o que você gosta de comer.

A mulher só pode ser bipolar. Ela está mesmo preocupada com meu estomago? Agora a pouco estava praticamente me agredindo com uma maldita vassoura e agora simplesmente está preocupada se estou ou não com fome? Essa é mais louca que minha mãe.

— Estou bem. Vou para um hotel e volto mais tarde para conversar com a sua filha. — Esclareço sem olhar para ela.

— Ouça, garoto. — Tenta uma aproximação. — Dá para você olhar pra mim quando eu estiver falando. — Olho para ela, que sorri um pouco sem graça. — Percebi que você realmente ama a minha filha.

— Legal. — Dou de ombros, sem muita importância com sua bipolaridade.

— Sei que fui rude com você e estou aqui para pedir desculpas. — Murmura sem jeito. — Hannah só está descontrolada de ciúmes.

— E o que te fez perceber isso?

— Giulia me ligou e contou tudo o que aconteceu. Eu já sabia da história porque minha filha me contou assim que chegou aqui. O que eu não

sabia era sobre a existência de uma colega de trabalho que não gosta dela. Soube que essa garota pode ter contribuído para esse mal-entendido entre vocês.

— Então a senhora vai me ajudar? — Indaguei esperançoso.

— Só se você prometer que vai cuidar da minha filha quando a levar embora novamente.

— Quanto a isso a senhora pode ficar tranquila. Vou cuidar e amar muito a sua filha. — Levanto rapidamente e quando tento me afastar, a mulher segura meu braço.

— Onde você vai?

— Arranjei um hotel aqui perto. Vou tomar um banho e comer algo, volto mais tarde para ver a Hannah.

— Tem uma edícula no fundo da minha casa. Vem, você pode ficar lá. — Oferece enquanto tenta me levar com ela.

— Agradeço, mas prefiro ficar no hotel.

— Tudo bem! Volte mais tarde. Vou tentar convencer minha filha a te escutar. Aquela garota tem uma personalidade muito forte.

— Com todo respeito, mas ela tem sua personalidade. — Ela sorri ao concordar com a cabeça. — Mas sei que logo vou reconquistá-la. — Murmuro esperançoso. — Amo muito a sua filha, dona Ariel.

— Já deu para perceber isso. — Ela sussurra um pouco emocionada. — Está na cara que você é um bom rapaz. Farei o que estiver no meu alcance para vocês se entenderem.

— Obrigado! — Agradeço e sigo para o final da rua, onde paro um táxi e peço uma corrida até o hotel. O endereço não é muito longe da casa da mãe da Hannah, mas não dá para ir andando. Peguei um quarto no sexto andar do prédio de classe média e, após um banho demorado e um almoço

leve. Estou pronto para ir à luta e conquistar minha namorada de novo.

O hotel oferece serviço de aluguel de carro, o que é ótimo! Assim fica mais fácil me locomover. Dirigi em direção a casa da Hannah, e foi ao chegar perto que meu coração falhou algumas batidas. Hannah está saindo de casa, acompanhada de um rapaz que aparentemente tem a mesma idade dela. Os dois estão rindo de algo enquanto ele sobe em uma moto e minha garota sobe em sua garupa. Meu ciúme dobra, ao vê-la vestida apenas em uma minissaia jeans e uma blusa frente única. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo e seus pés estão bem acomodados em rasteirinha.

Mesmo a saia sendo minúscula, ela senta com uma perna de cada lado na garupa da moto e sinto que vou enfartar. Ao perceber que estão prestes a sair, acelero o carro e paro na frente da moto.

— Ei... — O homem protesta ao ter que frear bruscamente. Saio do carro e Hannah quase me fuzila com os olhos. — Qual é a sua, cara? — O rapaz me encara.

— Pensei que você já tinha ido embora. — Hannah murmura.

— Só vou voltar quando você me ouvir. E você pode me dizer quem é esse cara? — Indago sem poder controlar o meu ciúme.

— Que foi? Só você pode ter amigas? — Minha namorada ciumenta questiona, erguendo às duas sobrancelhas em deboche. Tento manter o controle da situação. Se quero conquista-la novamente terei que pisar no ovo.

— Só quero saber.

— Você é o namorado babaca da minha prima? — O rapaz me encara.

— Prima? Vocês são primos? — Pergunto, segurando a vontade de arrebentar a cara dele. Estou nem aí que são primos, sinto ciúmes do mesmo jeito.

— Vamos Pietro, temos uma tarde agradável com nossos amigos. — Hannah incentiva e o tal primo liga a moto. Ela me olha decidida ao dizer: — Não ouse me seguir.

O caralho que não vou seguir. Entro no carro novamente e, mesmo a moto indo acima do limite da via, consegui acompanhar os dois. Ela nota minha presença dentro do bar. Ignoro. Sento em uma mesa distante, enquanto observo minha garota sentada em uma mesa redonda, acompanhada do primo e mais dois casais de amigos.

Após mais de uma hora e algumas rodadas de cerveja, percebo que não vai adiantar ficar fazendo ceninha de homem ciumento. Então, pago minha conta, entro no carro e sigo em direção à casa dela. Fico parado dentro do carro por um bom tempo, e quando vejo o sol se pôr, saio do veículo e sento no primeiro degrau que dá acesso à casa.

Já está começando a escurecer quando o tal primo para a moto e se despede dela, fingindo não notar minha presença.

— Hannah, eu te amo. Volta pra mim. — Choramigo jogado nos degraus.

— Você está bêbado, John?

— Quem? — Aponto o dedo indicador em direção ao meu peito. — Eu?

— Quem mais?

— Estou suave. Só bebi uma latinha.

— Não foi isso que eu vi lá no bar.

— Então você notou minha presença, gatinha?

— E como não notar, se você ficou boa parte do tempo olhando fixamente para meus amigos e eu?

— Só estava prestigiando sua beleza de longe.

— Pensei que você já havia ido embora! — Ela murmura, mudando de assunto.

— Vou! Mas só faço isso depois de conversar contigo. — Hannah revira os olhos, nitidamente sem paciência. Então, após um longo suspiro, responde:

— Ok. Mas seja breve, ainda vou sair com o meu primo.

Penso em retrucar por ela está me causando ciúmes com o tal primo, mas recuo. Em outro momento deixarei claro meu desagrado por essa amizade tão íntima. Primo? Que se foda... Podia ser irmão, mesmo assim me morderia de ciúmes. Ainda mais sendo primos, que obviamente não teriam nenhuma dificuldade em se pegar.

— Vem comigo até o hotel onde estou hospedado?

— Acho melhor não.

— Porra, Hannah. Será só uma conversa rápida. — Minto. Conheço minha garota e sei como seu corpo reage ao meu quando estamos sozinhos. Ela morde o lábio inferior e sei que já estou com metade da guerra ganha. Observo ela subir o restante dos degraus até parar diante da porta e praticamente gritar:

— Mãe! Vou dar uma volta com o John e já volto. Quando o Pietro aparecer diga que não vou demorar. — A mulher aparece na porta, usando um pijama curto e uma espécie de lama no rosto. — Passando esses cremes gosmentos de novo, mãe? — Hannah indaga e seguro o riso.

A mulher está parecendo a versão paraguaia da Fiona.

— Você devia fazer o mesmo. — Ariel rebate. — Olha para o seu rostinho lindo. Se você não fizer isso, logo estará cheia de rugas. E pode ir lá com o seu namorado. Direi ao Pietro que a saída, de vocês está cancelada.

— Não faça isso. Eu já falei que será uma conversa breve.

— Certo! Então vá logo. — Ariel murmura e discretamente manda uma piscadela para mim. Ela sabe que a filha já está no papo. Todo galanteador, abro a porta do carona e dou espaço para Hannah sentar. Após certificar que ela está segura e presa no cinto de segurança. Dou a volta e me acomodo atrás do volante.

Ligo o som do rádio e uma música calma invade o ambiente. Durante todo o percurso até o hotel, não trocamos nenhuma palavra. Estaciono o carro na primeira vaga avulso que vejo no subterrâneo do prédio e guio minha garota até o hall de entrada, onde pego o cartão de acesso à suíte.

No elevador, o silêncio permanece até chegarmos ao quarto.

— É um hotel simples, mas gostei muito. — Explico, ao ver seu olhar admirando cada canto da suíte.

— Simples? — Ela revira os olhos, cruzando os braços na altura do peito. — Nota-se que você nunca teve contato com o simples. — Permaneci calado e ela foi logo ao ponto: — Estou aqui, vai me dizer o que tem a falar?

Tiro a camisa, noto sua boca abrir e fechar discretamente. Adoro esse efeito que causo nela. Quando levo a mão até o cós da calça, ela estende a mão e diz:

— Pode parar. Você não vai me levar no papo fazendo exibicionismo.

— Ué! Mas eu não estou fazendo nada. — Murmuro na maior cara de pau. — Estou apenas ficando à vontade.

— Que seja! Então anda logo. — Ela bate o pé no chão, demonstrando impaciência.

— Sente-se e eu te explico tudo. Se no final não quiser saber mais de mim, irei embora sem olhar para trás.



HANNAH PARKER

Estou tentando a todo custo me concentrar na explicação do meu namorado bobo, mas o fato de ele estar usando apenas uma cueca boxer branca, onde marca cada detalhe do seu maravilhoso pau, está fodendo meus neurónios.

Tenho vontade de subir em ciam dele e morder cada pedaço do seu corpo. Eu não estou com muita raiva e nem muito menos pensando em terminar o nosso namoro, longe disso. Mas quero vê-lo se esforçando um pouco, só para sentir o mesmo que senti ao ver a cadela em seu colo.

Senti medo de perder o meu gatinho. Sei que ele também me ama, mas por alguma razão senti insegurança. Por isso, resolvi dar esse pequeno susto nele. John precisa entender que não tolero nenhum deslize. Prefiro deixar isso bem claro, a ter que romper o nosso romance por um passo errado dele.

— Você entendeu agora? — Ele me olha em expectativa, mas tudo o que vejo são seus músculos bem definidos de homem gostoso.

— Eu sempre soube que você não provocou aquela cena ridícula. —

Confesso e ele estreita os olhos.

— Então por que você fugiu de mim?

— Não fugi de você! — Esclareço. — Eu simplesmente precisava ficar um tempo longe, precisava ter certeza que você realmente me ama.

Ele dá um passo em minha direção e meu coração acelera a cada olhada sua. Seus olhos são luxúria e desejo, incendiando meu corpo inteiro.

— Consegui te convencer? — Indaga, mordendo levemente o lábio inferior.

— Quase.

— Quase? — Sinto vontade de sorrir ao ver sua cara de desagrado a minha resposta. — Largar tudo e vir até aqui atrás de você não é prova suficiente?

— É uma prova muito válida. Mas preciso sentir que você é todo meu. Meu e de mais ninguém.

Ele sorri e me olha de um jeito que faz meu corpo inteiro estremecer. Seus olhos famintos seguem minhas mãos quando as levo até o zíper da minha saia e abro lentamente. Ouço um gemido baixo vindo de sua garganta, à medida que minha saia vai parar no chão. Tiro minha blusa e fico maravilhada ao ver sua ereção dando o ar da graça. Quando ele se aproxima um pouco mais e tenta me agarrar, faço um gesto com as mãos, impedindo uma aproximação maior.

— Deita naquela cama, John. — Ordeno.

— O que você pretende? — Sua voz é um pouco receosa.

— Faça o que estou mandando, garoto.

Ele sorri enquanto bagunça o cabelo. *Tão lindo, tão meu.* Observo meu namorado deitar todo esparramado na cama. Olho em volta e, como não encontro o que preciso para prendê-lo na cama. Tiro minha calcinha e ele

solta um palavrão.

— Porra!

Tiro meu sutiã, pego a calcinha e, muito calmamente caminho em direção a cama, onde engatinho e sento com uma perna de cada lado sobre seu abdômen.

— Você foi um garoto muito malvado. — Sussurro após dar uma mordida em sua orelha.

— E você vai me castigar por isso? — Sua voz sai rouca, quase sufocada.

— Com certeza, querido. — Sorrio de forma diabólica. — Me dê suas mãos. — Mesmo desconfiado, ele junta as mãos e eu rapidamente amarro seus punhos com minha calcinha fio dental.

Para improvisar ainda mais, saio da cama e pego sua camisa jogada no chão, volto para ele e uso a peça de roupa para prender seus punhos na cabeceira da cama.

— Hannah.

— Shh, estou no controle. Faço e você observa.

— Mas... Aí... — Reclama quando dou um tapa leve em seu rosto.

— Quietinho, querido.

— Você está me assustando. — Pela forma como ele tenta disfarçar o sorriso, percebo que está mentindo.

— Own... O bebê está assustado? Relaxa meu amor. Prometo que no final tanto você quanto eu estaremos mortinhos de tanto gozar.

— Hum! — Seus olhos são luxúria pura. — Adorei essa parte.

Beijo sua boca, enquanto esfrego meu sexo próximo do volume eminente em sua cueca. Em seguida, faço uma trilha de beijos entre o

pescoço e abdômen. Paro diante do volume maravilhoso de seu membro. Puxo a cueca e minha boca saliva com a imagem perfeita do pau robusto, de cabeça rosada, pesado e cheio de veias.

— Amor... — Ele geme quando sente minha mão em volta do seu membro.

Faço movimentos de vai e vem, enquanto passo a ponta do dedo sob a cabeça rosada. Ele está tão duro que o pau está babando em minhas mãos. Enquanto miro seus olhos esfomeados por mim, abocanho o pau, tomando tudo pra mim e arrancando um urro animalesco do fundo de sua garganta.

— Caralho, linda. — Chupo com vontade enquanto ele se contorce descontrolado embaixo de mim. — Ah, isso Hannah. — Chupo um pouco mais forte, massageando as bolas pesadas e, quando sinto ele inchar ainda mais, sei que está prestes a gozar. — Linda, estou quase lá.

Ótimo! Era só isso que eu precisava ouvir. Dou uma última chupada, tirando seu pau da minha boca, fazendo um "Pop"

— Porra, Hannah. Se concentra aí embaixo, estou quase lá. — Protesta, quase chorando.

— Sem pressa gatinho. Hoje você só vai gozar quando eu decidir. — Murmuro e saio de cima da cama sob seu olhar atônito

— Onde você vai? — Sua voz é desespero total.

Ignoro sua pergunta e sigo até o aparelho de som do quarto. Procuro uma música tranquila na playlist e a voz de Lady Gaga toma conta do ambiente, ao som de *"Always Remember Us This Way"*; sigo até o frigobar, pego uma garrafa de vinho e volto para a cama.

— Vamos brincar, gatinho?

— Você é uma garota muito má. — Reclama, fazendo um bico manhoso. — Meu pau está doendo com essa cortada que você me deu.

Tombo a cabeça para trás ao gargalhar com vontade.

— Quer que eu vá embora?

— Eu quero é que você volte aqui e chupe meu pau até eu gozar bem gostoso nessa sua boquinha.

— Se você se comportar, talvez, eu deixe isso acontecer.

Tento abrir a garrafa de vinho, mas sempre fui péssima nisso. É então que ele faz mais uma tentativa de acordo.

— Se você me soltar posso abrir facilmente essa garrafa.

— Vai sonhando. — Murmuro enquanto tento miseravelmente abrir a porra da garrafa. Quando finalmente consigo, volto para a cama e derramo um pouco do líquido avermelhado por todo o corpo dele. Meu namorado vai à loucura quando uso minha língua para limpar todo o conteúdo sobre ele.

— Senta no meu pau gatinha. — Praticamente implora.

— Agora não.

— Então traz essa bocetinha pra eu chupar até te enlouquecer.

Meu corpo vibra somente com suas palavras. Mordo o lábio com força enquanto subo até altura do seu rosto e abro bem as pernas, dando-lhe total acesso ao meu sexo.

— Ah... — Gemo alto quando sinto sua língua quente e molhada me invadir sem a menor cerimônia.

— Rebola gatinha. Mexe essa bocetinha na minha boca, deixa eu te foder com a minha língua.

— John... — Choramigo e ele aumenta o ritmo.

Seguro-me forte na cabeceira da cama enquanto fecho as pernas em volta da cabeça dele.

— Me solta gatinha, deixa eu te foder do jeito que você adora.

Queria poder tortura-lo um pouco mais. Mas meu corpo vira gelatina quando estamos em nossos momentos, e não consigo me segurar por muito tempo. Desço até a altura do seu quadril e sem pestanejar, sento em seu pau, levando-o até o fundo do meu sexo.

— Porra... Porra! — Xinga palavras desconexas enquanto cavalgo afoita sobre ele.

Estamos envolvidos em um sexo quente e meu corpo exigente quer mais. Muito mais. Saio rapidamente de cima dele, solto suas mãos e, como imaginava ele me pega de forma selvagem.

— Vem aqui gatinha. Agora fico no comando.

Sem nenhum esforço, sou jogada na cama e ele vem com tudo, encaixando-se no meio das minhas pernas, me penetrando forte e bruto.

— Gostosa do meu caralho. — Murmura satisfeito. Mas sua feição muda quando dou um tapa certo do lado direito do seu rosto. — Agora tá toda violenta, é?

— Isso é pouco! Queria te dar uma surra só para você entender que sou ciumenta e que não aceito aproximação de baranga nenhuma.

Ele me penetra, comendo-me gostoso.

— Sou todo seu, amor. Faço questão de deixar isso claro. Vamos jantar fora essa noite e eu te explico melhor.

— Quero só ver.

Ele investe de forma gostosa dentro de mim e, quando abocanha um dos meus mamilos, é o meu fim. Gozo, me contorcendo debaixo dele, sentindo meu corpo ondular em espasmos. John também não consegue segurar e grita meu nome enquanto se perde em um orgasmo violento. Enchendo-me com seu esperma denso e quente.

— Eu te amo, Hannah Parker. Te amo mais do que você possa

imaginar.

— É bom mesmo! Porque eu não pretendo ficar longe de você e da nossa Melissa.

Seus olhos brilham quando ele pergunta: — Nossa Melissa?

— Aquela garotinha já faz parte da minha vida, John. Agora ela também é minha. Ela é nossa princesa.

— Eu te amo demais, garota. Mal posso esperar para o nosso jantar. Tenho uma surpresa para você.



JOHN LIVIOTHY

— Você vai o que? — Ariel me olha estupefata e seguro à vontade rir ao ver sua cara de espanto.

— Vou pedir sua filha em casamento! — Repito mais uma vez. Porém, dessa vez miro bem os seus olhos, só para ela ver que não estou brincando.

Saímos do hotel e trouxe Hannah direito para sua casa. Neste exato momento, ela está se arrumar para o nosso jantar de hoje à noite. Aproveitando que ela está no preparo, liguei para um restaurante tranquilo, onde fiz reserva para dois. Agora estou tentando convencer sua mãe a me ajudar com os preparos para uma pequena festinha em sua casa.

Meu objetivo é reunir os amigos mais próximos da Hannah, inclusive o tal primo. Assim, quando voltarmos do restaurante podemos virar a noite em comemoração.

— Você tem certeza de que é isso mesmo o quer? — A mulher indaga com um fio de desconfiança.

— É tudo o que eu mais quero, Ariel. Meu coração é todo da sua

filha.

— Ai que lindo! — Ela suspira apaixonada. — Então vá em frente. Faça o pedido e sejam felizes.

— Farei isso essa noite.

— Espera um pouco.

— O que foi? — Fico inseguro só com a possibilidade de ela ir contra os meus planos.

— Se entendi bem, será um jantar de noivado. Estou certa?

— Exatamente.

— E você já parou para pensar que seus pais gostariam de participar disso também, garoto?

— Com certeza! Principalmente minha mãe. Por isso, quando eu voltar para Nova York farei um evento de noivado do jeito que a Hannah merece. Assim meus pais podem participar.

A mulher me olha de cima a abaixo e quando penso que seu lado bipolar vai começar me xingar de tudo quanto é nome. Ela simplesmente me abraça e chora com a cabeça apoiada no meu ombro.

— Tá tudo bem com a senhora?

— Tudo tranquilo! — Ela se afasta, enxugando as lágrimas em suas bochechas. — Só estou emocionada e feliz por minha filha.

— O que vocês estão cochichando? — Afasto-me da minha sogra e preciso de alguns segundos para me recompor diante da beleza da Hannah. Passamos a tarde inteira nos amando e bagunçando os lençóis, mesmo assim sinto uma necessidade sub-humana de tê-la em meus braços novamente.

Minha namorada, que logo será minha noiva e futuramente, esposa. Está usando um vestido vermelho tão ousado que sinto ciúmes até dos meus

olhos. A peça tem um decote em V tão profundo que dá para ver perfeitamente seus seios arredondados. O comprimento chega até a metade da coxa, e o fato de ela está usando uma sandália de salto agulha deixa seu corpo ainda mais ereto, deixando o vestido muito justo.

— Você está linda meu amor! Mas devo confessar que terei um conflito com meu lado racional para não quebrar a cara de todos os homens que te secarem no restaurante.

— Deixa de exagero! — Ela anda até mim. Sapeca um beijo estradado nos meus lábios. — Aposto que haverá mulheres bem mais bonitas do que eu por lá.

— Quanto a isso devo discordar. — Ariel contesta. — Tá pra nascer uma flor mais linda que a minha.

— Toca aqui, sogra. — Batemos as mãos em concordância. — Também acho difícil existir mulher mais linda que a sua filha.

— Ah, nossa! Vocês dois juntos é fim de carreira. — Hannah murmura, entrelaçando os dedos nos meus. E, enquanto praticamente me arrasta para fora, dá um último recado à mãe: — Não precisa nos esperar, hoje não voltamos para casa.

— Não ouça sua filha, voltaremos por volta das dez da noite. — Consigo gritar um pouco antes da porta fechar.

— Porque você falou aquilo? Pensei que íamos aproveitar a noite até o amanhecer. — Minha namorada linda indaga um pouco perdida.

Abro a porta do carro, espero ela se acomodar no banco do passageiro, dou a volta e, enquanto coloco o veículo em movimento, esclareço:

— Vamos aproveitar a noite meu amor. Essa noite haverá muitas surpresas.

— Adoro surpresas. — Sorri sapeca.

— Então não se preocupe com nada! Apenas aproveite a noite.

Abro o teto solar do carro, pois, a noite está maravilhosa, com ventos frescos. Deixo o som em um volume agradável e, assim seguimos para o nosso destino. Chegamos ao restaurante e de cara fomos recebidos pelo chefe de cozinha. Esse é o lado bom de ter dinheiro e poder levar minha futura esposa nos melhores lugares. Ele nos leva até uma mesa reservada para dois, onde uma garrafa de champanhe dentro de um balde com gelo está a nossa espera.

— Boa noite, posso apresentar o menu? — O homem de sorriso elegante nos apresenta o cardápio completo, com direito a vinho da melhor qualidade.

Escolho logo de cara o que desejo. Hannah, no entanto, dá um pouco mais de trabalho ao perguntar praticamente sobre os ingredientes de tudo o que estava disponível. O chefe fez questão de explicar e tirar todas as dúvidas dela e, finalmente fizemos nossos pedidos.

— Você está tão linda! Tem um brilho especial nos seus olhos. — Comento, segurando suas mãos, olhando em seus olhos.

— Não viaja, John. Sou a mesma de sempre.

— Não é, não! Tenho quase certeza que você está grávida! — Afirmo. Ela revira os olhos enquanto tomba a cabeça para trás, rindo com vontade.

— Eu não acredito que você ainda está com essa história na cabeça.

— É uma possibilidade grande, Hannah.

— Tenho certeza que não estou grávida.

— E como você pode ter tanta certeza?

— Porque é do meu corpo que estamos falando. Acho que saberia se

tivesse algo assim acontecendo.

— Só vou acreditar que não seremos pais quando você for ao médico.
— Deixo claro minha opinião.

— Assim que voltarmos para Nova York marcarei outra consulta, já que a minha foi cancelada no dia que vim para cá.

— Irei com você. Mas agora vamos mudar de assunto? Tenho algo bem mais importante para perguntar.

— Sou toda ouvidos, gatinho.

— Primeiro, vamos jantar.

É estranho, mas nesse momento estou morrendo de medo de ser descartado. Mesmo tendo quase certeza de que ela vai aceitar meu pedido. Fizemos nossa refeição em um silêncio estranho. Estou nervoso e Hannah percebeu isso. Tanto é, que está calada, só esperando para ver o que tenho a dizer. Finalizamos o jantar e, enquanto aguardamos a sobremesa pedi licença e fui ao banheiro. Precisava lavar meu rosto e tentar me acalmar um pouco.

Pedir a garota em namoro foi moleza, mas pedir em casamento não está sendo nada fácil.

— Como você demorou não resisti e comecei comer meu doce sozinha. — Ela murmura assim que volto para a mesa.

— Tudo bem amor. — Volto para a minha cadeira, sorrio tentando passar tranquilidade. Mas pela forma como ela está me olhando, sei que falhei.

— Você está bem, amor? Estou te sentindo tão nervoso. — Hannah comenta e segura minha mão. — Você está suando frio. Que porra está acontecendo, John?

— Calma, vou te explicar.

— É bom mesmo.

— Olha, em outro momento farei uma reunião íntima com nossa família presente e farei esse pedido novamente. Mas, por hora vai ser assim mesmo. — Seguro suas mãos e, olhando no fundo dos seus olhos, pergunto meio trêmulo: — Hannah Parker, minha querida e doce Hannah. Você aceita se casar comigo? — A garota abre e fecha a boca algumas vezes, mas não diz nada. Então, continuo a falar: — Sei que não sou um galã de cinema, nem muito menos a porra de um bombado cheio de tatuagens. Sei também que ainda teremos que terminar nossa faculdade, mas por favor, diga que aceita ser minha noiva e futuramente minha mulher?

Ela demora um tempo para responder, provavelmente tentando acreditar em minhas palavras. Abro a boca para continuar tentando convencê-la, mas Hannah finalmente quebra o silêncio: — Você está mesmo me pedindo em casamento?

— E você tem dúvidas?

— Tem certeza que é isso mesmo o que você quer? Olha, como diz minha mãe: eu não sou flor que se cheire. Sou ciumenta e extremamente egoísta com o que é meu! Saiba que não admirei em hipótese alguma dividir você com ninguém. A começar por amigas galinhas como aquela sem vergonha que estava se esfregando no teu colo.

— Já disse que sou todo seu! — Sorrio feito bobo. — Então: você aceita se casar comigo? — Tiro uma aliança de plástico do meu bolso, só para descontrair e ver sua reação. Hannah joga a cabeça para trás, explodindo em uma risada sem freio.

— Sério que você está me pedindo em casamento com uma aliança de plástico?

— O que importa é o amor que sinto por ti. — Finjo-me de ofendido e ela sorri ainda mais. Hannah me conhece suficiente para saber que estou

apenas de trolagem com ela.

— Não seria você se não fizesse uma piada no meio de um pedido de casamento, não é mesmo?

— Está vendo só, é por isso que fomos feitos um para o outro. Você me conhece tão bem, quanto conheço você. E então, você aceita casar comigo?

— Só se você me garantir orgasmos maravilhosos até ficarmos bem velhinhos.

— Querida, orgasmos não vão faltar.

— Então eu aceito ser sua mulher.

— Fala sério?

— Quer que eu prove? — Exclama com um olhar maquiavélico.

— Como? — Nem termino de perguntar e já me arrependo ao perceber sua intenção louca.

Hannah finge que algo caiu debaixo da mesa e então se abaixa para pegar. Engatinhando, ela some debaixo da toalha da mesa e sinto suas mãos pequenas indo direto para o zíper da minha calça. Tenho vontade de gritar para ela parar, mas isso chamaria a atenção dos clientes das mesas ao lado.

— Queri... — Travo antes de começar a falar, quando tenho meu pau em suas mãos, sendo engolido por sua boca logo em seguida. — Porra.

Tento manter uma feição tranquila, mas a forma como ela me chupa, engolindo meu pau e massageando minhas bolas não me deixam outra alternativa a não ser morder o lábio com força para não soltar um gemido alto. Meu pau fica tão duro que chega a doer. Fecho os olhos com força enquanto ela me engole, fazendo meu membro babar dentro de sua boca gulosa.

Agarro a toalha da mesa com força e, após um tempo tentando me

controlar, Gozo na boca dela, esporrando meu sêmen no fundo, de sua garganta, sentindo meu pau latejar dentro de sua boca quente e esfomeada.

Abro os olhos e graças a Deus noto que ninguém está percebendo nossa travessura. Ela guarda meu pau dentro da cueca como se fosse algo precioso, fecha o zíper da minha calça e ainda dá uma apertadinha de leve.

Fecho os olhos novamente e só abro quando sinto sua presença de volta à mesa. Olho atônito quando ela pega o guardanapo e limpa o canto da boca.

— Se não fosse deselegante diria ao chefe de cozinha que essa sobremesa é bem mais saborosa que qualquer doce disponível nesse restaurante.

— Você é foda, garota. — Sussurro ainda ofegante. — Sério mesmo que você me chupou debaixo de uma mesa de restaurante?

— Já quero uma lua de mel em um lugar bem movimentado onde eu possa fazer essas e outras loucuras contigo meu amor. — Revela toda travessa.

Ainda com as pernas trêmulas, aproximo nossas cadeiras e tomo sua boca em um beijo nada discreto. Nossas línguas estão em uma dança gostosa, deixando-me duro novamente. E, quando Hannah geme manhosa dentro da minha boca, faço um gesto para o garçom trazer a conta. Afasto nossos lábios e miro seus olhos.

— Eu te amo, Hannah. Amo muito.

— Também te amo, bebê.

Quando saímos do restaurante parei o carro na esquina da rua dela, onde reivindiquei seu corpo para mim e transamos gostoso no banco traseiro do veículo. Em seguida, nos limpamos com papel higiênico e fomos para a casa da Ariel, onde fomos recebidos por seus amigos e o tal primo, em uma

festinha discreta. E, mais uma vez fiz o pedido. Passamos o resto da noite rindo e bebendo até amanhecer.



HANNAH PARKER

— Eu ainda acho que você está se preocupando à toa. Minha menstruação resolveu tirar férias por um descontrole hormonal, só isso.

— Isso o médico irá nos dizer daqui a pouco.

Uma semana após voltarmos do Tennessee consegui um encaixe e vou passar com o meu ginecologista. John está sentado ao meu lado na sala de espera, onde há duas mulheres grávidas de frente para nós e isso está me dando nos nervos.

— Dá para você parar de roer as unhas?! — Exijo, segurando a vontade de meter a mão na cara dele.

Por que estou tão nervosa? Talvez seja o medo de estar grávida. Juro que não vou rejeitar um filho, mas porra, também não estou preparada para isso. Não agora, não quando estou na metade do meu curso.

— Srta. Parker. — Uma enfermeira vem até nós, nos guiando até a sala do meu médico, que está sentado do outro lado de sua mesa nos aguardando com um sorriso amistoso.

— Srta. Parker. — Dr. Roger fica de pé, estendendo a mão em cumprimento. Aperto sua mão e, em seguida apresento meu namorado neurótico.

— Bom dia, Dr. Esse é meu namorado, John Liviothy.

— Prazer! Farei apenas uma correção rápida. Sou noivo da Hannah.
— John murmura enquanto aperta a mão do médico.

— Uau! Na última consulta você nem tinha namorado. Agora é até noiva? — Dr. Roger comenta com ironia. Desde que cheguei a Nova York ele tem sido meu médico particular. Às vezes acho que Dr. Roger sabe mais sobre minha vida do que eu mesma.

— E se depender de mim, na próxima consulta ela será a Sra. Hannah Parker Liviothy — John fala, todo cheio de si.

— É isso aí cara, segura essa mulher porque está cheio de marmanjo solto por aí só à espera do momento certo para dar o bote. — Murmura com desdém, fazendo um gesto, apontando para sentarmos nas cadeiras à frente de sua mesa. Ele senta de forma confortável e então volta a falar: — Sei que é consulta de rotina, mas pode me dizer se tem algo diferente ocorrendo com o seu corpo, Hannah?

— A menstruação dela está atrasada, Dr. — John toma a frente ao responder por mim, e ainda emenda suas dúvidas: — Ela pode estar grávida? Aliás, tenho quase certeza que minha noiva está grávida.

Olho feio para o meu namorado, que apenas dá um sorrisinho de canto enquanto desato a falar:

— Você não tem jeito mesmo, né John? Depois teremos uma conversa bem séria. Agora posso contar ao meu médico o que estou sentindo? — Ironizo e ele me olha como se tivesse certeza do meu diagnóstico. Viro-me para o Dr. Roger, que está coçando a testa sem disfarçar um riso. Ele deve

estar nos comparando a um casal de loucos. — Como meu querido noivo comentou, eu realmente estou sem menstruação.

— Há quanto tempo?

— Quase um mês de atraso.

— Hum. — O médico me avalia por um instante e, quando abre a boca para dizer algo, John é mais rápido.

— Está vendo só, doutor? Tenho certeza que minha noiva está esperando um bebê.

— Calma. Deixa a Hannah dizer se está sentindo alguma coisa. — Ele vira para mim, indaga: — Tem sentido enjoos, aversão a alimentos?

— Não.

— Seios inchados ou doloridos?

— Não.

— Dor de cabeça ou inchaço pelo corpo?

— Dor de cabeça não! Mas percebi meu corpo inchado. Tipo uma retenção de líquidos.

— Notou o aumento de pelos pelo corpo?

— Sim! — Respondo com sinceridade. — Estou com tantos pelos que aumentei as idas ao salão de beleza. Faço depilação com frequência.

— Certo! Vou te dar uma guia para fazer exames de sangue e urina. Agora faremos um ultrassom transvaginal.

Concordo de imediato. Então, viro para o meu namorado fofo e, quando penso em pedi-lo para aguardar do lado de fora, ele é mais rápido ao dizer:

— Não saio daqui.

— Tem certeza? — Argumento. — Vou ficar em uma posição nada

agradável e serei invadida por um aparelho esquisito aos seus olhos. Tenho quase certeza que você não está acostumado a ver esse tipo de situação.

— Querida, nota-se que você ainda não me conhece como devia. Você é minha garota e vou estar junto a ti em todo ou qualquer momento de sua vida. Não interessa se será um momento constrangedor ou momento fofo. Sempre estarei lá segurando sua mão.

— Ah, que fofo! — Aperto suas bochechas, beijo seus lábios.

— É lindo vocês dois, mas temos um exame para fazer. — Dr. Roger nos chama a atenção enquanto prepara o aparelho. — Tire a parte de baixo de suas vestes e deite aqui. — Ele orienta e faço rapidamente.

John observa enquanto tiro minha calça e calcinha. Em seguida, deito com as pernas abertas e meu namorado se coloca ao meu lado, segurando minha mão com força. Para descontraír o momento tenso, ele aproxima a boca do meu ouvido e cochicha em deboche:

— Amor, você tá parecendo aqueles frangos de padaria. Toda aberta.

— Vá se foder. — Resmungo e ele beija minha testa.

— Brincadeirinha amor, você sabe que eu te amo.

O médico observa nossa pequena discussão. Sorri negando com a cabeça, ao mesmo tempo que veste uma camisinha no tubo branco.

— Sério que precisa disso mesmo? — John indaga curioso, assustado, e, ao mesmo tempo, tomado pelo ciúme. É estranho pra cacete vê-lo com ciúmes de um aparelho. Ou seria ciúme do médico?

— Você pode aguardar lá fora se quiser. — Faço uma última tentativa.

— Não! Ficarei aqui.

— Certo! Sendo assim, vou começar o exame. — O médico avisa, penetrando o aparelho em mim logo em seguida. Sinto um leve desconforto,

mas é sempre assim quando preciso fazer esse exame.

O ginecologista desliza o aparelho dentro de mim, enquanto analisa a imagem no monitor. Seus olhos estão atentos a cada imagem. John e eu nos concentramos na tevê de quase quarenta polegadas a nossa frente, observando as imagens que mais parecem borrões. Eu particularmente não entendo nada.

— Olha aqui o motivo para a ausência de sua menstruação. — Roger comenta tranquilamente. — Tá vendo esses pontinhos pretos em volta dos seus ovários? — Assinto com a cabeça, mas, na verdade, não estou vendo nada. Para ser sincera, nem sei qual dos borrões são meus ovários.

— Isso é muito grave, doutor? — John pergunta com preocupação na voz.

— Não. A Hannah tem SOP.

— SOP? — É minha vez de perguntar.

— Síndrome de ovários policísticos. — Ele explica, enquanto faz as medições do meu útero e ovários. Então tira o aparelho de dentro de mim, descarta a camisinha, tira as luvas, lavando as mãos e voltando para trás de sua mesa logo em seguida. — São cistos benignos que estão em volta dos seus ovários. São eles que estão te impedindo de ovular e conseqüentemente de menstruar.

— Cacete. — John ralha atônito. Olho para ele e tento tranquiliza-lo.

— Amor, eu não estou morrendo.

— Eu sei. Mas é que eu podia jurar que havia um bebezinho a caminho. — Nesse momento percebo uma leve tristeza no seu olhar. John ficou desapontado por eu não estar grávida e isso me deixou muito confusa.

— Você quer mesmo ter outro filho, né? — Pergunto enquanto visto minha roupa novamente.

— Você já é pai? — Meu médico desvia o olhar do monitor, onde

está fazendo o laudo do exame e encara meu namorado.

— Tenho uma menina de dois anos. — John esclarece com o peito estufado de orgulho.

— Que maravilha! Tenho uma menina de quase seis anos. Filhos são uma benção.

— É. São, sim.

— Não fica assim rapaz. Vocês estão noivos, terão tempo para ter um bebê. — Roger o consola, e então me olha curioso. — Você pretende se mãe, Hanna?

— Claro. Mas, não agora. — Respondo mais rápido do que devia.

— Ótimo! Assim terá tempo para fazer um bom tratamento e quando decidir conceber uma nova vida estará pronta. — Sento-me na cadeira ao lado do John e entrelaçamos os dedos enquanto ouvimos as orientações do médico: — Vou mudar a receita do seu anticoncepcional para um mais forte, assim esses cistos serão banidos rapidamente do seu organismo. Se mesmo assim não resolver, na próxima consulta mudamos para um remédio mais específico. Mas tenho certeza que o anticoncepcional será o suficiente.

Após mais algumas orientações, saímos do consultório e seguimos direto para a empresa. Durante o caminho, John parou em uma floricultura e comprou um arranjo de flores com uma maravilhosa caixa de chocolate para mim.

— Não precisa me mimar desse jeito. Eu estou bem. — Afirmo e ele desvia o olhar do trânsito, fitando-me um tanto sério.

— Isso nem chega perto dos mimos que tenho para você. Hoje depois da reunião vou te levar para dar uma volta e escolher nosso anel de noivado. Minha mãe está organizando um jantar de noivado para sábado a noite, quando todos ficarão sabendo dos nossos planos. Sua mãe chega amanhã no

final da tarde. — Fala tudo de uma só vez e eu fico meio perdida com tanta informação.

— Minha mãe está vindo para Nova York?

— Não podemos fazer um jantar de noivado sem a minha sogrinha.
— Ele faz uma pausa, seguida de uma careta. — Aquele seu primo também está vindo.

— Uau! — É tudo o que consigo dizer.

— Foi isso que o Heitor falou quando comentei que seu primo também está a caminho.

John cismou que meu primo está interessado em mim. Mesmo eu afirmando com todas as letras que somos apenas melhores amigos desde que nos entendemos por gente.

— E quem mais está nessa lista de convidados?

— Todos os nossos amigos e familiares, só não convidei o seu pai porque sei que vocês estão distantes emocionalmente. Mas acho que seria interessante chamá-lo para o casamento.

Olho para o lado de fora do carro, pensando em meu pai e em sua ausência e indiferença comigo depois que se mudou para o Arizona.

— Por mim tanto faz. De qualquer forma sei que ele não vem mesmo.
— Dou de ombros, fingindo uma indiferença que não existe. A verdade é que tenho muita mágoa do meu pai. Se pudesse apagaria sua existência da minha memória.

John não diz mais nada e seguimos o restante do caminho até a empresa num total silêncio. Quando passamos pelo hall de entrada do prédio e entramos no elevador decido perguntar sobre a tal reunião: — Você ainda não me contou o motivo da reunião.

— Corte de funcionários.

— Haverá cortes na empresa?

— Extremamente! Luana será um deles. O nome dela é o primeiro da ata de demissão.

— Juro que não queria prejudicá-la.

— E você não fez. A própria Luana se prejudicou ao tentar nos separar. — Por mais que ele esteja certo em seu raciocínio, sinto-me mal por saber que a cobra ficará sem emprego, mas foi ela mesma quem cavou a própria cova.

Depois que voltamos do Tennessee John não falou com Luana, nem muito menos com a tal amiga da faculdade. Cheguei a pensar que ele ia deixar passar a trapaça das duas, mas agora vejo que estava enganada. Eu também não criei caso com Luana, sabia que o que era dela estava guardado. Confesso que ainda morro de vontade de desfigurar a cara da vadia. Talvez eu faça isso quando ela já não fizer mais parte dos funcionários.

O elevador abre as portas no nosso andar. Aos chegarmos na recepção, Luana nos olha com cara de poucos amigos e eu tenho vontade de dizer que logo ela terá um motivo maior para nos odiar, mas fico calada.

Passamos por ela sem a cumprimentar. John segue direto para a sala de reuniões e eu vou até minha sala, pegar alguns papéis que serão necessários. Entro na sala, onde todos os sócios e agregados estão sentados em volta de uma mesa gigante. Heitor está ao lado do pai, assim como John está ao lado do Dr. Lucas.

— Agora que estamos todos aqui, podemos começar a reunião? — George Mitchell dá início.

Anoto todas as observações e motivos das demissões. Grande parte é para reduzir custos na empresa. Todos os funcionários serão devidamente indenizados, exceto, Luana que será mandada embora por justa causa. E,

quando todos os funcionários da lista de corte chegam a sala para receber seus avisos, Luana é a única que se exalta.

— Justa causa? É sério isso?

— E você queria o quê? Ganhar um cargo de gerente? — John fala sério, sem tirar o olhar dela.

— Mas o que foi que eu fiz? — A vaca se faz de desentendida e o Dr. Lucas esclarece:

— Você vem fazendo fofocas quando, na verdade, tinha que está recebendo e atendendo os clientes na recepção.

— Isso é mentira. — A naja se altera ainda mais. Então, aponta o dedo para mim. — Aposto que foi essa garota que fez minha caveira.

— Não. — John entra na discussão mais uma vez. — Você mesma fez isso. E o seu pior erro foi se unir a uma estranha para tentar me separar da minha noiva.

— Noiva? — Luana quase engasga.

John levanta e vem até mim. Estou sentada em uma das pontas da mesa quando ele puxa para os seus braços, me beija com paixão. Após um pigarro do Dr. Lucas. Nós separamos e John pede a atenção de todos na sala.

— Quero que vocês saibam que Hannah Parker e eu estamos noivos e muito em breve iremos nos casar.

Todos nos parabenizam, menos Luana, que sai pisando duro em seu salto. Após a reunião, John e eu saímos da empresa direto para a joalheria, aonde iremos encomendar nossas alianças. Se isso for um sonho nem faço questão de acordar.



HANNAH PARKER

— Você vai mesmo embora? — Olho para a minha melhor amiga, sentada na mesa de restaurante enquanto almoçamos juntas.

— Não é para sempre. — Giulia sorri sem humor, tentando disfarçar a tristeza. — Vou passar um tempo na Itália. Ficar um pouco com minha mãe e minha Vó.

— Porque será que tenho a impressão que você está me escondendo algo?

— Não viaja, Hannah. Não estou escondendo nada. Só estou precisando ficar um tempo longe de Nova York.

— Poxa Giulia, você não está grávida e o Breno já está longe. Porque você sente tanta necessidade assim de ir embora?

Assim que cheguei da casa da minha mãe, Giulia contou que seu exame de gravidez deu negativo. Confesso que fiquei meio desconfiada, ela não me pareceu sincera ao passar essa informação. Por um momento cheguei a pensar na possibilidade de ela estar mentindo, escondendo isso de mim. Mas, somos melhores amigas, acho que ela não teria motivos para fazer algo

assim.

— Você tem certeza que não está grávida? — Insisto em minha dúvida e ela desvia o olhar rapidamente. Toco suas mãos sobre a mesa e insisto na pergunta: — Amiga, você pode confiar em mim. O que está acontecendo contigo? Tem certeza que você não está grávida mesmo?

Após um longo suspiro, ela volta seu olhar triste para mim, murmura com firmeza:

— Certeza. Não estou grávida! Estou apenas precisando ficar um tempo longe.

— Se isso te fará bem, então só me resta aceitar. Mas você vai participar do meu noivado, né?

— Claro. — Ela sorri meio sem jeito. Terminamos nosso almoço, pagamos a conta e, enquanto nos despedimos na calçada do restaurante. Ouço uma voz seca chamar meu nome. É Luana, logo atrás de mim. Ela está arrumada toda vestida de roupas social, como se tivesse acabado de sair de uma entrevista de emprego.

— Oi Hannah, pensou que ia me ver na merda, não é mesmo? Olha para mim, já estou em outro emprego. Um bem melhor que o seu. — Sinto vontade de rir da cara dela. Mas dou uma de educada e apenas digo:

— Que bom para você, querida. Agora tenha cuidado para não sair abrindo a boca apenas para cuidar da vida dos outros. Foca no seu trabalho, e quem sabe você consiga algo melhor dentro do seu novo emprego.

Desde o dia que ela saiu da L&M'lawyer não tive mais notícias da vaca. No dia que ela foi à empresa para fazer o desligamento, graças a Deus eu estava acompanhando o Dr. Lucas em uma reunião e tive o prazer de não topor com ela.

— Claro. — Luana sorri com deboche. — Farei como você. Vou

seduzir um dos chefes e terei tudo o que eu quiser. Não foi isso que você fez? Vendeu seu corpo em troca de status na empresa. Abriu as pernas para ganhar um cargo?

Giulia e eu nos entreolhamos rapidamente e, quando volto minha atenção para a vaca à minha frente, vejo sua mão vindo direto para o meu rosto. Não consigo me esquivar e levei um tapa do lado direito do rosto.

Juro que tentei agir com indiferença quando Luana saiu da empresa igual um cachorrinho abandonado. Juro que sempre me esquivei de qualquer ato violento. Até aqui. Luana passou dos limites e eu não sou a porra de uma estátua que não sente nada. Minha vontade é de esfregar a cara dela, no asfalto até não sobrar nada.

— Eu tentei ser civilizada com você. — Rosno furiosa. — Mas agora você foi longe demais, garota.

Dei um tapa certeiro no meio da fuça dela, e em um movimento rápido, jogo a cadela no chão. Com uma mão seguro seus cabelos bem escovados e com a outra estapeio seu rosto, enquanto Luana grita debaixo de mim me chamando de louca. Giulia me incentiva a continuar.

— Isso amiga, arrebenta a cara dessa vaca ordinária.

Continuo meu ato de selvageria e só paro quando um dos seguranças do restaurante se mete entre nós. Involuntariamente dou um soco no meio da cara dele. Bem feito. Quem manda se meter onde não é chamado. O homem me segura com uma mão enquanto aperta o nariz com a outra, impedindo a saída de sangue. Nem havia percebido que tinha batido tão forte.

— Me solta que eu ainda não terminei com essa vagabunda. — Tento me desvencilhar.

Luana tenta vir para cima de mim, mas Giulia a pega pelos cabelos e, surpreendendo a todos nós, dá uma porrada de mão fechada bem na altura do

estômago dela. A vaca se dobra de dor enquanto tenta recuperar o fôlego. O segurança se apavora quando as duas se atracam no meio da rua, parecendo duas lutadoras de MMA.

— Porra. — O cara xinga. Outro segurança entra no meio das duas e finalmente a situação é controlada. Luana arruma o cabelo, joga a bolsa nos ombros e diz:

— Vocês são umas vacas. Só não vou comprar uma briga maior porque sou uma dama. — E ela sai pisando duro. Giulia grita:

— Só se for a primeira dama do puteiro. Sua vadia barata.

— Moça, chega de briga. — O cara que está segurando minha amiga pede com a voz paciente. — Ela já foi embora.

— Me solta. — Giulia se desvencilha do cara e noto que ficou meio zozona. Peço ao outro segurança e ele me solta. Corro até minha amiga.

— Gi, você está bem?

— Estou legal. Foi só uma tontura.

— Você devia ir ao médico. — Oriento. — De repente está com uma virose ou algo mais sério.

— É... pode ser. — Ela dá de ombros. — Juro que farei isso. Agora tenho que voltar para a senzala. — Despeço-me da minha amiga e seguimos em direções opostas. Nosso horário de almoço chegou ao fim e agora estamos voltando para o batente. Passo pelos seguranças e entro no elevador com mais um grupo de pessoas que também estão voltando do almoço.

Ao chegar ao meu andar, desço e passo pela nova recepcionista do Heitor, uma mulher de mais ou menos uns trinta anos. Bonita e muito educada. Faço um cumprimento rápido e então sigo para a minha sala.

— Oi amor. — Assusto-me ao passar pela porta e ter meu corpo prensado contra ela. John está com uma das mãos apertando meu quadril,

enquanto a outra segura meus braços acima da minha cabeça. — Quero minha sobremesa. — Ele diz, então sua boca vem com tudo. Nossas línguas duelam em um beijo quente, molhado e muito erótico.

Sinto sua ereção forte na altura do meu umbigo e quando ele abaixa um pouco, encaixando nossos sexos no ponto certo. Gemo em sua boca. Encerramos o beijo, mas sua boca continua a me devorar, com mordidas e chupadas em locais estratégicos. Mas, é quando ele chega ao meu pescoço que nota algo.

— Que arranhão é esse? — Indaga ao me olhar confuso.

— Digamos que eu tive uma conversa com uma vaca ordinária.

— Você brigou? Com quem?

— Luana. Mas não quero falar sobre isso agora.

John me olha desconfiado, mas decide deixar o assunto para outro momento. Sei disso, no momento exato que sua mão desce até o zíper da minha calça, abrindo e deslizando com a calcinha até a altura da minha coxa.

— Você está certa. Depois falamos disso. Agora eu quero minha sobremesa favorita. — Seu dedo indicador desliza entre meus lábios vaginais e eu mordo o lábio com força. Ele desliza minha calça e calcinha até chegar aos meus pés. Tira meus sapatos, em seguida volta a ficar de pé. Tomo impulso e encaixo minhas pernas em volta dos seus quadris. Meu namorado nos leva até a mesa, onde joga toda a papelada no chão. Sentando-me com as pernas abertas.

— Fica assim, coisa linda. — Ordena e então vai até à porta. Passa a chave e volta para mim, já abrindo o zíper de sua calça social, tirando o pau para fora.

— Você é tão safado. — Desdenho, mordendo o lábio em expectativa. Ele se ajoelha entre minhas pernas e me dá seu olhar ousado.

— Sou um garoto em fase de crescimento, preciso dessa sua bocetinha suculenta para me alimentar.

Explodo em uma crise de riso, mas logo mudo as risadas para gemidos abafados quando sinto sua língua brincar com meu clítoris, enquanto seu dedo indicador entra em mim.

— John.... — Mordo o lábio com força para controlar um gemido. Com às duas mãos, puxo seus cabelos e preno sua cabeça entre minhas coxas. — Ah, isso amor.

Ele faz umas coisas com sua língua e eu não consigo segurar. Estou prestes a gozar. Mas John tem outros planos quando afasta a boca, fica de pé e penetra seu membro duro dentro de mim.

— Vamos gozar juntos meu amor. — Murmura, fazendo movimentos de vai-e-vem. Suas estocas são fortes e certeiras. — Será uma rapidinha porque tenho uma audiência daqui a pouco. Mas quero ir sentindo sua pulsação dentro de mim. Quero estar no meio da audiência lembrando dessa sua boceta engolindo o meu pau.

— Cretino. — Puxo seus cabelos, arranho suas nádegas.

— E você vai ficar desfilando por aí com minha porra dentro de ti.

— Marcando território, meu bem?

— Com toda certeza, amor. — Ele beija minha boca e, enquanto nos devoramos entre língua e estocadas. Gozamos juntos. John apoia a cabeça no meu ombro e ficamos parados em busca de ar para controlar a respiração. — Te amo coisa linda. — Sussurra ainda ofegante.

— Também te amo.

Após nos recompormos e usarmos o banheiro social. Nós limpamos. Conto ao John sobre o encontro desagradável com Luana e ele zomba:

— Minha namorada é uma cangaceira?

— Não mesmo. Porém, não sou de ferro meu bem.

— Você está certa! Luana é muito folgada. — Arrumo sua gravata e ele passa a mão no cabelo, tentando não deixar transparecer que acabou de sair de uma transa. — É uma pena essa reunião. Queria te levar para relaxar em na hidromassagem de um motel.

— Podemos fazer isso hoje à noite. — Sugiro com um sorriso sapeca.

— Amanhã é nosso noivado. Pensei que você quisesse relaxar.

— E tem lugar melhor para relaxar, que uma hidromassagem com você fazendo uma massagem gostosinha em mim?

— Hum. — Ele sapeca um beijo rápido nos meus lábios. — Me espere aqui na empresa. Assim que eu voltar da audiência sairemos daqui direto para o melhor motel dessa cidade.



HANNAH PARKER

— Gostosa.

— Pietro Parker, se você realmente tem amor à sua vida, acho melhor se comportar. — Aviso ao meu primo brincalhão. Estamos no meio da minha festa de noivado e, enquanto John conversa com alguns amigos, Pietro aproveita para fazer suas gracinhas.

— Seu noivo é um bobo. Eu jamais olharia para você com tesão. Qual é, Hannah. Você é minha irmãzinha.

— Diz isso a ele.

— E de que ia adiantar? Aquele cara é louco de ciúmes.

— Você está certo! Uma hora ele vai perceber que somos apenas bons amigos. — Afirmo e ele sorri zombeteiro.

— Vai mesmo. E essa hora será agora. — Meu primo aponta para Giulia, que está sentada em uma cadeira perto da piscina, com uma carinha triste e, ao mesmo tempo, perdida. Em outro momento irei conversar e tentar entender o que realmente está acontecendo. Ainda não engoli essa história de

passar um tempo na Itália por pura saudade de sua mãe e avó. Minha amiga está me escondendo algo, mas tem feito jogo duro para tentar disfarçar.

— Pode ir tirando seu cavalinho da chuva, meu querido. Aquela ali está em outra. — Dou um tapa no ombro do meu primo. — Giulia está na *bad* e tenho certeza que não está disponível para outras pessoas.

— Que pena. Ela é uma gata. — Pietro murmura, olhando em volta. — Mas já vi que tem muitas gatinhas por aqui. Acho que não será difícil arranjar uma pegada essa noite.

— É assim que se fala cachorrão.

Observo meu primo caminhar todo galanteador em direção a um grupo de garotas que estão conversando com a prima do John.

Em seguida, dou uma olhada rápida por todo o ambiente, onde a grande maioria são os parentes do meu noivo.

Meu pai foi convidado, mas como já era esperado, não apareceu. Então minha mãe e meu primo é minha única porcentagem na família que está reunida essa noite. Distraio-me olhando minha mãe conversar com minha sogra e as tias do John, quando sinto dois bracinhos abraçarem minhas pernas.

— Tia. — Olho para baixo e Melissa está sorrindo para mim. Linda, parecendo um anjo. Abaixo-me para ficar na altura dela.

— Oi princesa.

— *Plincesa*. — Ela repete, dando uma rodadinha diante de mim, exibindo seu vestido florido com lacinhas na lateral.

— Cadê seus amiguinhos? — Pergunto e ela aponta para o jardim da casa. Quando decidimos fazer a festa de noivado na residência dos Liviothy, pensamos em todos os detalhes. Um cantinho com brinquedos e monitoras para acompanhar as crianças foi um deles. Pego Melissa no colo, que

prontamente me abraça de forma carinhosa.

— Mel, você virou um grude com a Hanna. — Kate murmura ao me ver passar com a menina. Melissa me abraça ainda mais apertado, toda carinhosa.

— E eu adoro esse grude. — Falo para a mulher. Kate é um amor de pessoa, assim como todas as tias do John. — Melissa é meu chicletinho favorito.

— Você está linda, Hannah. — Kate elogia, olhando-me de forma carinhosa. — Com certeza será uma noiva muito linda no dia do casamento.

— Obrigada, Kate.

— Eu que agradeço por você fazer parte da nossa família, querida. — Ela sapeca um beijo em minha bochecha e tenta pegar Melissa. Mas a garotinha nega com a cabeça e me abraça ainda mais apertado. — Você ganhou mesmo essa sapequinha, hein? — Comenta com um brilho no olhar.

— Nós duas ganhamos. Apreendi a amar essa princesinha linda.

— Fico feliz. Meu sobrinho é mesmo um homem de muita sorte. — Trocamos mais algumas palavras até o momento que ela pede licença e segue para o outro cômodo da casa. Continuo passeando com Melissa no colo e paro perto da mesa onde está meu noivo, meus sogros e minha mãe.

— Olha que coisa mais linda. — Minha mãe comenta enquanto se aproxima para beijar a bochecha de Melissa. — Você é a garotinha mais linda que meus olhos já viram. Uma princesa.

Melissa bate palminhas empolgada e feliz com o comentário.

— *Plincesa*. — Repete as palavras de minha mãe. Ela agora ser chamada assim. John corre para nos abraçar e todo mundo acha fofo a forma como Melissa abraça a nós dois.

— Eu preciso tirar uma foto de vocês três juntinhos. — Mirela volta

sua atenção para nós. Ela está levemente emocionada. Mesmo tendo um fotógrafo registrando nosso noivado, minha sogra tira o celular da bolsa e faz sua foto. Após o clique ela analisa a imagem no aparelho e sorri encantada. — Meus bebês. Vocês três são à imagem perfeita de uma família feliz.

A festa está ótima, mas o momento mais importante acontece quando John pede a atenção de todos. Ele entrega uma caixinha de veludo vermelho para a Melissa e pede para a garota ficar entre nós dois, enquanto se ajoelha e faz o pedido:

— Hannah Parker, eu só quero olhar o seu sorriso todos os dias ao acordar, quero estar com você quando encontrar tudo o que precisa. Quero que possamos caminhar e evoluir juntos, sempre cuidando um do outro, sempre cuidando para que a nossa felicidade continue por toda vida. Você cuidando de mim e eu cuidando de você e da nossa Melissa! Eu te amo e quero passar o resto da minha vida ao seu lado. Você aceita ser minha companheira para toda a vida? Minha companheira para o que der e vier? Hannah, você aceita se casar comigo?

Enxugo as lágrimas que invadem meu rosto, olho para nossa família que está atenta ao pedido romântico de John. Então volto minha atenção para o homem e a garotinha a minha frente. John continha de joelhos e Melissa ainda está parada ao seu lado. Abaixo-me e fico na altura dos dois.

— É claro que eu aceito. Vocês dois são minha vida.

Melissa entrega a caixinha ao pai, que abre e tira um par de alianças de ouro branco feito sob nossas medidas. Ele segura minha mão esquerda e, com muito carinho coloca o anel em meu dedo anular. Quando chega a minha vez, entrego a aliança dele, nas mãos de Melissa, que toda empolgada coloca o brilhante no dedo do pai. Enquanto todos comemoram, observo minha amiga meio triste em um canto. Giulia está tentando disfarçar, fingir que está tudo bem. Mas eu sei que não está nada bem.

Após o pedido todos os convidados voltaram sua atenção para a abertura do jantar. Aproveito e peço licença aos meus convidados, saio praticamente arrastando minha amiga até uma área mais isolada.

— Desembucha, Gi. — Ela me olha e sorri como se estivesse tudo bem. — Não me vem com esse sorrisinho amarelo. Sei muito bem que tem algo errado acontecendo.

Finalmente após um longo suspiro ela decide falar: — Só estou triste pela ausência do Breno. — Confessa cabisbaixa. Fico triste por ela. — Eu me apaixonei por ele e agora estou totalmente perdida com meus sentimentos, Hannah. Não sei o que fazer.

— Não fica assim amiga. Logo ele estará de volta e vocês poderão se entender novamente.

— Eu não estarei aqui quando ele voltar. — Sua voz sai quase em um sussurro.

— Você continua com essa ideia de ir embora? Acha mesmo que ir embora vai resolver algo?

— Já comprei minha passagem. Viajo amanhã à tarde. — Ela está decidida, deixando-me de mãos atadas.

— Confesso que tinha esperança de você desistir.

— Nada me fará desistir, Hannah.

— E a faculdade?

— Continuarei meu curso em Milão.

— Sentirei saudades.

— Eu também, mas prometo vir te visitar. E quando terminar a faculdade, talvez até volte a morar aqui em Nova York.

— Às vezes, eu acho que você está me escondendo algo. — Revelo e

ela engasga.

— Impressão sua. — Minha amiga me abraça e beija meu rosto. — Agora vamos voltar para a sua festa de noivado. Hoje é dia de comemoração. — Mesmo sentindo tristeza por vê-la dessa forma. Nós juntamos aos demais convidados novamente.



No dia seguinte levo Giulia ao aeroporto e com o coração apertado nos despedimos. Volto para casa, o apartamento de repente ficou enorme. Um vazio e silêncio tomou conta do lugar. Minha amiga sempre foi bagunceira e gostou de barulhos. Agora tudo parece meio monótono.

É final de tarde de um domingo. Minha mãe ainda está na cidade, mas saiu com Mirela, Manuela e Kate. Então, resolvo fazer um bolo de chocolate. John ficou de passar por aqui com Melissa e quero fazer um lanche da tarde para os meus amores. Uma batida na porta anuncia a chegada deles. Melissa pula em meus braços assim que me ver.

— Tia!

— Oi bonequinha. — Encho suas bochechas de beijos. John solta um pigarro.

— E eu não ganho beijos? — Melissa entra em casa correndo, indo direto para a sala. Olho para o meu noivo, sorrio ao ver seu biquinho manhoso. Beijo sua boca, envolvendo os braços em seu pescoço. Após um beijo rápido, mordo o lóbulo de sua orelha, sussurro:

— Mais tarde você terá muito mais que beijos, gatinho.

O restante da nossa tarde foi perfeito. Observamos Melissa dançar no meio da sala, comemos pipoca, bolo e refrigerante. A festa ficou ainda melhor quando minha mãe chegou e se juntou a nós. Melissa adorou o jeito extravagante da minha mãe. Às duas se divertiram tanto que acabaram

dormindo agarradas no sofá da sala.

— Pena que amanhã é segunda. Queria poder dormir aqui sem ter hora para acordar. — John sussurra, mordiscando minha orelha.

— Quando estivermos casados, teremos todas as noites só para nós.

Namoramos na varanda do apartamento, observando a rua quase vazia de um domingo à noite. Não moro em um bairro boêmio, logo não é de se estranhar a calma.

— Eu não vejo a hora de dormir e acordar todos os dias ao seu lado.

— Será perfeito!



HANNAH PARKER

Três anos mais tarde...

Cancun definitivamente é um paraíso na terra. Há quem prefira outros lugares para rotular como paraíso. Ilhas Maldivas é uma delas, por exemplo. Mas para mim e para o John, Cancun é o melhor lugar na terra. Foi por isso que escolhemos esse paraíso para celebrar o nosso casamento.

Minha mãe, minha sogra e as tias do John dedicaram vários dias organizando e trabalhando cada detalhe com o buffet e equipe de decoração cerimonial. Elas, assim como eu, queríamos tudo perfeito. Um cenário lindo ao ar livre e de frente para o mar.

Nossa família está toda reunida e, como já era de se esperar, meu pai arrumou uma desculpa esfarrapada e não veio. Isso não será problema, já que Lucas Liviothy irá me levar até o altar. De uns anos para cá ele tem sido como um pai para mim, indo muito além de um sogro. Lucas tem sido um amigo. Da janela do resort observo toda a decoração, localizado no centro da praia. Estou pronta, somente aguardando meu sogro vir me buscar para o grande momento. Minha mãe e minha sogra estavam aqui até agora a pouco,

me ajudando a elogiando cada detalhe da minha maquiagem.

Agora estou diante do espelho, admirando minha imagem refletida. Confesso que minha ficha ainda não caiu. É emocionante saber que daqui a pouco serei uma mulher casada. Observo meu reflexo sem conseguir piscar. Sinto vontade de chorar de emoção, mas nem morta farei isso. Minha maquiagem está perfeita demais para estragar. Estou certa do passo que darei, estou feliz e muito ansiosa para começar uma vida junto ao John e Melissa.

Há um ano e meio atrás resolvemos morar juntos. Mas nossa vida foi uma correria total, já que a faculdade exigia muito de nós. Terminei meu curso ano passado e John concluiu o dele, no final desse ano. Agora sim teremos tempo para curtir uma vida a três, sem ter que estar o tempo inteiro com o pé no acelerador.

Melissa está prestes a completar cinco anos e, sem ninguém exigir, ela simplesmente passou a me chamar de mãe. Sou apaixonada na garotinha e nada nesse mundo me deixou mais feliz que a ouvir me chamar assim.

— Tem uma noiva linda por aí? — Saio dos meus devaneios ao ouvir a porta do quarto se abrir e minha melhor amiga entrar por ela.

— Gi... — Praticamente me joga em seus braços.

Há três anos Giulia se mudou de vez para a Itália, vez ou outra ela vai à Nova York me fazer uma visita. Mas isso acontece tão raramente que sempre estou com saudades.

— Você está linda! — Ela sussurra segurando uma lágrima.

— Você veio. — Comento baixinho, ainda abraçada a minha melhor amiga. Giulia se afasta e me observa por um momento enquanto seca as lágrimas que banham seu rosto.

— E eu por acaso ia perder o casamento da minha melhor amiga? Você acha mesmo que ia abrir mão desse momento? — Comenta com sorriso

fraco.

— Eu te amo miga. Mesmo que você tenha me abandonado. — Faço drama.

— Também te amo. E pode parar de drama, não te abandonei coisa nenhuma.

— Como você está? — Indago enquanto caminhamos até a janela para apreciar a paisagem e o movimento dos convidados.

— Estou bem.

— Confesso que é difícil de acreditar. — Comento sem olhar para ela. — Cada vez que te vejo noto você mais distante. Sei lá, é como se você estivesse fugindo ou escondendo algo.

— Não viaja Hannah. — Ela suspira e continuamos olhando para nossos amigos na praia.

Nossos amigos estão reunidos próximos do local da cerimônia. Observo o olhar de Giulia em uma única direção. Sigo em direção ao que ela tanto observa, e é aí que entendo tudo. Breno está parado próximo de um barco, conversando com o Thiago e mais dois rapazes. Ele está usando um traje despojado, porém, um pouco diferente do que costumava usar. Breno mudou nos últimos anos. Está mais maduro e menos tímido. A família está orgulhosa por ele ter conseguido entrar em Harvard. O curso começará no próximo semestre, por isso Breno está voltando de vez para os Estados Unidos.

— Já falou com ele? — Pergunto e ela entende logo de cara sobre o que estou falando. Minha amiga desvia o olhar e me olha um tanto perdida.

— Nós cumprimentamos e ele até sorriu meio sem jeito quando me viu chegar.

— E como está esse coração? — Ela dá de ombros ao dizer:

— Está indo. Estou até adaptada a viver com ele pela metade.

— Eu ainda acho que vocês deviam conversar e tentar mais uma vez.

— Esquece isso amiga. — Giulia se afasta da janela e muda de assunto: — Eu vi o John. Seu noivo está um gato.

— Percebeu se ele está nervoso?

— Muito. — Ela sorri negando com a cabeça. — Ele parece um menino perdido. Minha amiga e eu estávamos envolvidos em uma conversa tão agradável que se não fosse meu sogro chamar do outro lado da porta, avisando que já estava na hora, teria me perdido no tempo.

Ao chegarmos à praia todos já estavam apostos em seus lugares. As crianças e os padrinhos entraram e finalmente chegou o meu momento. Um longo tapete vermelho com pétalas de rosas esparramadas em seu caminho, faz uma trilha entre as cadeiras dos convidados, até o altar onde o sacerdote irá nos casar.

Lucas estende o braço para mim e, ao som da marcha nupcial entramos de braços dados. Minha mãe, meus amigos, minha sogra e o restante da família de John concentram seus olhares a mim. John está lindo, todo produzido próximo do altar. Vestindo um smoking e exibindo um sorriso largo, ele está tão nervoso quanto eu.

— Cuida bem dela, garoto. — Lucas avisa ao filho que assente com a cabeça.

— Cuidarei até o fim da minha vida. — John beija minha mão direita enquanto sorri apaixonado.

Após a cerimônia que durou pouco mais de trinta minutos. Seguimos para o outro lado da praia, onde será a nossa festa. O ambiente está todo decorado ao estilo havaiano. Mas é quando anoitece que formamos um lindo luau.

— Eu não vejo a hora de ficarmos a sós e poder desvendar o que você está escondendo debaixo desse vestido. — Meu marido sussurra ao meu ouvido, enquanto observamos nossos amigos dançar e se divertir na areia da praia.

— Posso te garantir que você vai adorar. — Mordo o lábio inferior e ele aperta minha coxa. — Caprichei em tudo. Está do jeito que você adora.

— Porra. Vamos bater um papinho ali atrás daquelas pedras. O que você acha?

— Deixa de ser safado. Na hora certa você verá como valeu a pena a espera. — Ele morde meu pescoço, causando arrepios em todo o meu corpo.

— Acho que vocês já podem ir para a lua de mel. Estão quase se comendo na frente do pessoal. — Breno murmura zombeteiro. — Ah, qual é? Eu sou mito inocente para ficar aqui assistindo isso. — John e os primos riem, enquanto provocam Breno.

— Se fosse em outra época eu até acreditaria. — Thiago zomba. Você de inocente não tem mais nada.

— Que porra o Heitor e a Laura fazem andando de mãos dadas? — John ralha furioso, mudando o assunto.

Voltamos nosso olhar para o lado oposto da praia e vemos o que está fazendo John entrar em parafusos. Sua irmã e seu melhor amigo acabam de sair de trás de uma pedra gigante. Laura e Heitor estão de mãos dadas enquanto andam em nossa direção trocando olhares apaixonados.

— Oi pessoal. — Heitor nos cumprimenta.

— Oi? Você pode explicar onde estava com minha a minha irmã e, porque estão de mãos dadas?

— Não está claro para você, maninho? — Laura enche o peito em desafio ao irmão. — Heitor é meu namorado.

— É o quê? — John está atônito.

— Isso que você ouviu, estou namorando sua irmã e estou apaixonado por ela. — Heitor revela apertando Laura ainda mais ao seu corpo.

— O que está acontecendo aqui? — Lucas e Mirela aparecem do nada. Dona Mirela está com os cabelos bagunçados e ambos estão com a pele corada. Deixando claro que estavam em um momento íntimo em algum lugar da praia.

— Eu perguntei o que está acontecendo aqui? — Lucas questiona mais uma vez.

— Que bom que você chegou, pai. — John corre ao encontro do pai. — Você precisa saber que a sua filha está de safadeza com o Heitor.

— Você nem parece que vive nesse século. — Laura murmura com desdém. — Fala como se Heitor e eu estivéssemos cometendo algum crime.

— Eu já havia percebido isso há muito tempo. — Mirela revela, surpreendendo a todos nós.

— A senhora sabia disso? — John pergunta boquiaberto.

— Não tinha certeza. Mas desconfiava que algo a mais estava rolando entre eles. E quer saber, eu super apoio essa relação. Heitor é um bom garoto e saberá cuidar da minha filha como ela merece.

— É sério isso? — Meu marido está tão chocado que chega ser engraçado. — Então é isso? Todo mundo tá achando fofo o cara mais safado de toda Nova York estar de romance com a minha irmãzinha inexperiente?

Laura gargalha alto e então corre até o irmão, onde sapeca um beijo em sua bochecha.

— Para de ser ciumento. — Ela diz apertando as bochechas dele. — Eu cresci, maninho. Já sou uma mulher capaz de fazer minhas próprias escolhas. Não sou tão inocente quanto você pensa.

— Você ouviu isso pai? — John murmura e Lucas coça a testa enquanto rir de nervoso.

— Eu gostaria de saber porque diabos os filhos crescem. — Reclama e ganha um abraço da esposa. — Parece que foi ontem que sugeri que tivéssemos um filho. Agora estou casando um e tendo que aceitar o namoro do outro.

— Heitor é um bom rapaz. — Mirela tenta suavizar a situação. — Laura está em boas mãos.

Após vários murmúrios e John tentar convencer a todos que Laura ainda é muito nova para namorar. Finalmente a família entrou num acordo e Lucas, e Mirela deram autorização para Heitor namorar a filha deles.

— E você meu amigo, me dá seu consentimento para namorar sua irmã? — Heitor indaga ao John que mesmo a contra gosto, concorda.

— Fique sabendo que vou ficar de olho em todos os seus passos. E nem pense que vai sair colocando as mãos na minha irmã como se ela fosse uma qualquer. Laura tem família e não é menina para usar e depois dar perdido.

— Eu estou apaixonado pela sua irmã, cara. — Heitor admite com a voz levemente emocionado. — Agora me dá, um abraço, porque somos cunhados, porra.

Finalmente com tudo resolvido, podemos aproveitar o restante da noite. Onde dançamos ao ar livre até o amanhecer.



HANNAH PARKER

Às vezes, as coisas nem sempre saem como planejamos. Eu, por exemplo: planejei engravidar logo após o meu casamento. Mas não foi extremamente isso que aconteceu e, após longos doze meses tentando ter um bebê para fazer uma surpresa ao John, simplesmente resolvi desencanar e deixar as coisas acontecerem quando tiver que ser.

Desde o dia que dissemos sim, não houve um só dia de estresse entre a gente. Posso dizer que estamos indo muito bem como uma família. Melissa se adaptou ao nosso jeito louco de ser e claramente é uma criança plena e feliz.

Hoje amanheceu esquisito para mim, não sei explicar o que está havendo com meu corpo, mas sei dizer que é uma sensação estranha, como se algo novo estivesse acontecendo em meu interior. Como não sou de superstições, decido ignorar qualquer sinal que meu corpo esteja tentando me enviar.

— Você está tão linda hoje. — Meu marido sussurra ao meu ouvido, causando-me um arrepio gostoso. Estamos abraçados diante do espelho,

quase prontos para sair para trabalhar. John está diferente de um ano atrás, está mais maduro e agora vive deixando a barba por fazer. Ele diz que isso o deixa mais bonito e com cara de pai e marido.

— Estou igual a todos os dias.

— Exatamente! Está linda como todos os dias. Mas hoje você está mais radiante.

— E você galanteador como sempre. — Viro-me ficando de frente para ele, envolvo meus braços em volta de seu pescoço e em troca banho um beijo de tirar o fôlego.

— Sempre farei questão de te elogiar. Qual é a parte que você não entendeu que é o amor da minha vida?

— Você também é meu amor, para vida toda. — Volto a beijá-lo e como já estamos em cima da hora para sair, decido mudar o foco da conversa ou acabaríamos presos no quarto por muito mais tempo. — Amanhã iremos almoçar na casa dos seus pais. Não esqueça que temos que ir ao shopping para comprar o presente de aniversário da sua irmã.

— Deus me livre esquecer esse detalhe. — Ele se afasta para terminar a nó de sua gravata. — Nicolle é tão irritante que iria me encher o saco o almoço inteirinho.

A irmã de John fez aniversário no começo da semana e como comemoração, meus sogros resolveram fazer um almoço em família para cantarmos parabéns para a garota que acaba de completar onze anos.

— Papai. — A voz de Melissa vem da cozinha e eu sei bem o que ela quer. O chocolate quente que o John faz com canela.

— Vamos tomar café e na hora do almoço sairemos juntos para comprar o presente da pirralha. — Ele diz após um breve selinho.

Descemos abraçados e com nossa filha tomamos um café da manhã

gostoso, mas um pouco apressado. Deixamos Melissa na escola e como fazemos todos os dias, entramos no hall do prédio de advocacia, abraçados e deixando claro a quem tiver interesse o quanto somos felizes.

O dia está perfeito! Estamos na melhor estação do ano, com ventos e temperaturas agradáveis. Tinha tudo para ser um dia sem contratempos, até a porta do elevador abrir e, pegarmos o momento exato onde Heitor e Laura se beijam nada discreto no meio da recepção.

— Que porra! — John berra tão alto que até mesmo a recepcionista se assusta. — Ter que aceitar o namoro de vocês já é muito para a minha cabeça. Não sou obrigado a ver tamanha sem-vergonhice e ter que fingir indiferença. — Ele anda a passos largos até irmã e o amigo. — Olha aqui, Heitor, eu exijo um pouco mais de consideração.

— Ah, como você é chato. — Laura ralha revirando os olhos. — Heitor e eu estamos acostumados a fazer coisas bem mais atrevidas que um simples beijo. Para de me tratar como se eu tivesse cinco anos.

— É, cara. Deixa sua irmã ser feliz.

— Quer saber de uma coisa. — Meu marido bagunça o cabelo, nitidamente incomodado. — Podem fazer o que quiser, desde que estejam bem longe dos meus olhos. Estou renunciando a vocês. Ainda tenho minhas irmãzinhas mais novas e minha filha para cuidar. Não vou enlouquecer antes da hora.

— É assim que se fala. — Laura segura o rosto do irmão com às duas mãos e então sapeca um beijo em sua bochecha. — Eu já sou uma mulher, mas sempre serei sua irmã. Para de ciúmes bobos, todos nós seguimos um rumo em nossas vidas quando crescemos. Você precisa estar preparado para quando for a vez da Melissa te apresentar um namorado.

É engraçado a forma como John fuzila a irmã com o olhar. Ciúmes

excessivo é um problema que meu marido precisa aprender a controlar.



Na hora do almoço foi impossível sair com meu marido como havíamos planejado. Então deixamos para o final do dia. E, após mais um dia de trabalho, saímos para comprar o presente da Nicole.

Foi passando pela loja de cosméticos, ao ver absorventes na prateleira que lembrei de um detalhe: Minha menstruação está há quase dez dias atrasada. Enquanto John se distraía com acessórios masculinos, corri até a farmácia ao lado e comprei três testes de gravidez de marcas diferentes.

E, agora que meu marido e nossa filha estão distraídos, assistindo um filme. Estou trancada no banheiro, com o olhar concentrado nos três testes em cima do mármore da pia.

À medida que às duas listras ficam forte em dois dos testes e o terceiro aparece a palavra "*Grávida*" indicando que há uma gravidez em percurso. Um misto de sentimentos e pânico tomam conta de mim.

Medo, ansiedade e felicidade me definem nesse momento. Eu nunca havia parado para pensar como seria quando me tornasse mãe, até o dia em que Melissa passou a morar comigo e o com o John. Só nós três na mesma casa. Naquele dia eu soube que não seria uma mãe tão ruim. Mas agora, o fato de saber que estou grávida e que serei responsável por uma nova vida, me assusta muito.

Como não gosto de suspense, nem muito menos de enrolação. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e saio a passos largos em direção a sala.

John e Melissa estão agarrados no sofá, concentrados na tevê. O conteúdo está tão bom que ambos nem notam a minha presença.

— Ei, você desligou bem na hora da melhor cena. — Melissa protesta quando desligo a tevê e paro feito uma estátua na frente deles.

— Acho que o que tenho a dizer é bem mais importante que o seu filme.

A menina ergue uma sobrancelha, demonstrando interesse no assunto. John me olha curioso e, ao mesmo tempo, preocupado.

— Aconteceu alguma coisa meu amor? — Ele me estuda por um momento e, somente quando seu olhar desce até a minha mão, o vejo ficar nervoso. — O que é isso, Hannah? O que você fez?

— Corrigindo: O que nós fizemos. — Balanço o teste no ar e sem fazer rodeio, revelo: — Estou grávida.

— É sério? — Ele me olha ainda um pouco desconfiado. Mas quando ver que não estou brincando, sorri feito um bobo. — Olha só, Melissa, você terá um irmãozinho.

— Hannah terá um bebê? — Melissa murmura e então se joga nos meus braços. — Vamos ter um bebê aqui em casa?

— Isso mesmo, meu amor. — Sapeco um beijo em sua bochecha e ela me abraça com força.

— Você não poderia me dar notícia e presente melhor. — Meu marido sussurra emocionado enquanto nos abraça.

— Jura que você está feliz?

— É claro que estou! Hoje sou um homem bem mais preparado para receber um filho, Hanna. Esse bebê era exatamente o que estava faltando para completar a nossa família.

— Eu vou ser irmã mais velha. — Melissa comemora, batendo palminhas, toda empolada. — Vou cuidar e trocar as fraldinhas do bebê.

— Você será a melhor irmã do mundo meu amor. — John murmura com a voz embargada pela emoção do momento. E, abraçados finalizamos nossa noite em família. Porque invés de três, agora somos quatro.



O sábado amanheceu ensolarado e com temperaturas amenas, nem muito frio e, nem muito calor. Um dia perfeito para um almoço em família e também anunciar a chegada de mais um integrante. Eu pretendia fazer isso após o almoço e após cantarmos parabéns a Nicolle. Porém, Melissa não controlou a ansiedade e já entrou na casa dos avós gritando a todos os pulmões: — Minha mãe tem um bebê na barriga. Serei irmã mais velha.

Mirela nos olha ainda um pouco sem acreditar, mas quando aceno com a cabeça, confirmando a informação de Melissa. Minha sogra abre um sorriso largo e corre para nos abraçar.

— Eu não acredito. Que notícia maravilhosa, serei a avó de novo.

— Parabéns meu filho. — Lucas cumprimenta o filho mais velho com dois tapinhas nas costas. — Tenho muito orgulho do homem que você se tornou.

— Obrigado, pai.

— E quem diria que o fedelho fugitivo de Las Vegas, viraria homem de família. — Uma das tias dele caçoa enquanto vem me abraçar.

Manuela é a tia que sempre pegou no pé do John. Ele me contou as milhares de vezes que ela lhe deu conselhos, para seguir no caminho certo. Por essa razão, ela se tornou sua tia favorita.

— Também estou orgulhosa de você, garoto. — Kate comenta com sinceridade.

— Se a vovó estivesse aqui, diria que vocês estão querendo povoar o mudo sozinhos. — Laura murmura zombeteira. — Estou muito feliz que serei titia novamente.

E nesse clima gostoso, vamos aumentando a família e nos unindo cada vez mais. Eu poderia dizer que está faltando algo nessa cena. Talvez

minha mãe, que mora em outro estado. Ou talvez minha melhor amiga, que do nada decidiu se mudar para a Itália, mas nesse momento estou tão feliz com o rumo que o destino me reservou, que nada abala minha felicidade. O resto eu sei que uma hora vai acabar se encaixando.

— Eu te amo. Para todo sempre. — John sussurra ao meu ouvido, enquanto passa a mão sobre meu ventre liso. — Também já amo muito essa pequena vida, que está sendo gerada.

— Nós também te amamos muito, papai babão.

FIM.

Índice

PRÓLOGO	6
CAPÍTULO 1	9
CAPÍTULO 2	16
CAPÍTULO 3	25
CAPÍTULO 4	35
CAPÍTULO 5	44
CAPÍTULO 6	53
CAPÍTULO 7	64
CAPÍTULO 8	74
CAPÍTULO 9	85
CAPÍTULO 10	94
CAPÍTULO 11	102
CAPÍTULO 12	112
BÔNUS – BRENO E GIULIA	120
CAPÍTULO 13	130
CAPÍTULO 14	139
CAPÍTULO 15	149
CAPÍTULO 16	160
BÔNUS – LAURA E HEITOR	170
CAPÍTULO 17	181
CAPÍTULO 18	191
CAPÍTULO 19	199
BÔNUS – LAURA E HEITOR	209
CAPÍTULO 20	220
CAPÍTULO 21	228

CAPÍTULO 22	238
BÔNUS – BRENO E GIULIA	246
CAPÍTULO 23	255
CAPÍTULO 24	264
CAPÍTULO 25	272
CAPÍTULO 26	280
BÔNUS – LAURA E HEITOR	287
CAPÍTULO 27	294
CAPÍTULO 28	301
CAPÍTULO 29	309
CAPÍTULO 30	318
CAPÍTULO 31	326
CAPÍTULO 32	333
CAPÍTULO 33	342
CAPÍTULO 34	351
CAPÍTULO 36	365
EPÍLOGO	372